



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ICLES RODRIGUES

**O DIA QUE NÃO TERMINA: A MITIFICAÇÃO DO DIA D NOS ESTADOS
UNIDOS, 1944-2005**

FLORIANÓPOLIS
2023

ICLES RODRIGUES

**O DIA QUE NÃO TERMINA: A MITIFICAÇÃO DO DIA D NOS ESTADOS
UNIDOS, 1944-2005**

Tese apresentada como requisito à
obtenção do título de Doutor em História
com área de concentração em História
Global pela Universidade Federal de
Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Roberto
Voigt.

FLORIANÓPOLIS
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Rodrigues, Icles

O dia que não termina: a mitificação do Dia D nos
Estados Unidos, 1944-2005 / Icles Rodrigues; orientador,
Márcio Roberto Voigt, 2023.
266 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina,
Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-
Graduação em História, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. História. 2. Segunda Guerra Mundial. 3. Dia D. 4.
Estados Unidos. 5. Memória. I. Voigt, Márcio Roberto.
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de
Pós Graduação em História. III. Título.

Icles Rodrigues

O dia que não termina: a mitificação do Dia D nos Estados Unidos, 1944-2005

O presente trabalho em nível de Doutorado foi avaliado e aprovado, em 04 de abril de 2023, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Francisco César Alves Ferraz (UEL)

Prof. Dr. Sidnei José Munhoz (UFSC)

Prof. Dr. Delmo de Oliveira Torres Arguelhes (NEA-INEST, UFF)

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Doutor em História Global



Documento assinado digitalmente
Fabio Augusto Morales Soares
Data: 05/06/2023 16:28:15-0300
CPF: ***.305.688-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em História



Documento assinado digitalmente
Marcio Roberto Voigt
Data: 05/06/2023 18:12:58-0300
CPF: ***.645.999-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Dr. Márcio Roberto Voigt

Florianópolis, 2023

A guerra sempre me interessou: não no sentido das manobras dos grandes generais—minha imaginação se recusava a seguir movimentos tão imensos, eu não os entendia—mas a realidade da guerra, a matança real. Eu estava mais interessado em saber de que maneira e sob a influência de qual sentimento um soldado mata outro do que saber como os exércitos estavam organizados em Austerlitz e Borodino.

Liev Tolstói

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a meus pais, Cidnei Furtado Rodrigues e Marlene V. A. Rodrigues pelo apoio irrestrito durante toda minha trajetória acadêmica, sem o qual não teria chegado onde cheguei e não teria realizado minhas principais conquistas na vida.

Agradeço ao Hadouken, o cachorro que me salvou da depressão e se tornou meu melhor amigo.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina, que sempre me recebeu com muita presteza diante das dúvidas e problemas e tiveram toda a paciência diante das minhas questões de saúde mental que foram responsáveis pelo atraso da conclusão desta obra.

Agradeço também à CAPES cujo fomento está diretamente relacionado com os eventuais méritos desse trabalho.

Há muitos amigos a quem devo profundos agradecimentos, mas alguns deles seriam: Vinicius Aleixo Fedel, Rodrigo Prates de Andrade, Juan Garces, Luiz Felipe Zimmermann e Thiago Elias, amigos dos tempos de graduação que a vida permitiu que continuassem ao meu lado, ainda que majoritariamente por meios virtuais durante todos esses anos. Mariane Pisani, alguém com quem sempre pude contar; Luiz Fernando Toledo, que me ajudou muito em um momento decisivo da escrita da tese me dando acesso a uma importante fonte que utilizei; Luíza Carolina, Matheus Gomes Coelho, Nina Rebolini Ferretti, Leon Daros, Neandro Marques, Guilherme Pacheco, Gabriella Frasson, Bruno e Rafaela Sordi, Ricardo Duwe... A lista é enorme, mas eles sabem quem são.

A muitos dos meus professores, que nos meus momentos de dificuldade se ofereceram para ajudar no que fosse possível dando dicas, conselhos e o que fosse necessário, mesmo que minhas questões tivessem que ser resolvidas individualmente.

Ao meu orientador, Márcio Roberto Voigt, que é um exemplo de profissional e em cuja dedicação, bondade e profissionalismo espero me inspirar caso um dia venha a exercer a docência em uma instituição, independente de qual seja.

E, por fim, não posso deixar de agradecer às milhares de pessoas que acompanham meu trabalho de divulgação histórica nas redes. Vocês mudaram minha vida para sempre e serei eternamente grato por tudo.

Garopaba, 08 de fevereiro de 2023.

RESUMO

O presente trabalho busca traçar uma genealogia da mitificação do desembarque das tropas aliadas na Normandia em 6 de junho de 1944, abrindo o tão esperado segundo front contra a Alemanha Nazista. Defendemos neste trabalho a ideia de que, embora ela nunca tenha deixado de receber atenção e tenha sempre sido considerada como uma batalha importante, é apenas a partir dos anos 1980 em diante que a invasão da Normandia começa a ser transformada em um evento mitológico que salvou a Europa, o mundo e a democracia, tendo essa mitificação se consolidado entre os anos 1990 até meados de 2005. Ao ser imbuído do status de batalha salvadora do mundo por presidentes, escritores, cineastas, jornalistas e empresas produtoras de jogos eletrônicos—só para citar alguns exemplos—, o Dia D acaba ofuscando na memória coletiva a nível praticamente global batalhas mais decisivas e contribuições mais importantes para a derrota da Alemanha Nazista. Dessa forma ele passa a ser usado como instrumento de manutenção dos laços estabelecidos pela Organização do Tratado do Atlântico Norte e serve de inspiração para a adesão de jovens a novas empreitadas belicistas estadunidenses, especialmente as que ocorreram após os atentados de 11 de setembro de 2001, alimentando o louvor sobre o papel dos “soldados-messias” em uma religião civil calcada em uma memória nacional que, por sua vez, está fundamentada em uma suposta excepcionalidade estadunidense.

Palavras-chave: Dia D, Estados Unidos, Segunda Guerra Mundial, Memória, Religião Civil.

ABSTRACT

This present thesis seeks to trace a genealogy of the mythification of the Allied troops' landings on Normandy on June 6th, 1944, opening the long-awaited second front against Nazi Germany. This work defends the idea that, although it has never ceased to receive attention and has always been considered an important battle, it is only from the 1980's onwards that Normandy's invasion began to be transformed into a mythological event that saved Europe, the world and democracy, with its status being consolidated between the 1990's and mid-2005. When presidents, writers, filmmakers, journalists, and electronic game companies—just to name a few—imbued it with the meaning of a world-saving battle, D-day ends up overshadowing more important contributions for the defeat of Nazi Germany virtually at a global level. Due to this, it started to be used as an instrument for maintaining ties established by the North Atlantic Treaty Organization and serves as the inspiration for adhesion of young people to new U.S. warmongering endeavors, especially those that occurred after the attacks of September 11, 2001, fueling the fervor for the role of “G.I. Messiah” in a civil religion based on a national memory that, in turn, is based on a supposed American exceptionality.

Keywords: D-Day, United States, World War II, Memory, Civil Religion.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Pôster de recrutamento usando a imagem de Doris Miller.....	63
Figura 2 - Pôster de uma campanha de prevenção contra infecções sexualmente transmissíveis. No pôster está escrito: "Ela pode ser um saco de problemas: Sífilis - Gonorreia"	88
Figura 3 - Manuscrito de Dwight E. Eisenhower para o caso de fracasso na Operação Overlord.....	96
Figura 4 - Ordem do dia 6 de junho de 1944, escrita por Dwight D. Eisenhower	98
Figura 5 - Fiéis lotam a Igreja de São Vicente de Paulo, em Manhattan, para orar pelos soldados que desembarcaram naquela data na Normandia	100
Figura 6 - Comemoração de dez anos do Dia D na Normandia.....	106
Figura 7 - Dwight D. Eisenhower e Walter Cronkite na Normandia	112
Figura 8 - Jimmy Carter e o presidente francês Valéry Giscard d'Estaing na Normandia	114
Figura 9 - Dwight D. Eisenhower conversa com os paraquedistas da 101ª Divisão Aerotransportada antes de eles embarcarem nos aviões para o início da Operação Overlord. A frente dos demais paraquedistas está Wally Strobel	128
Figura 10 - Ronald Reagan discursa em Pointe du Hoc no aniversário de quarenta anos da invasão da Normandia	132
Figura 11 - Participantes das cerimônias dos cinquenta anos do Dia D, incluindo ex-combatentes	160
Figura 12 - Memorial Nacional do Dia D em Bedford, Virginia	172
Figura 13 - Uma das telas de transição de Call of Duty, simulando o diário do personagem controlado pelo jogador	233
Figura 14 - Missão de Call of Duty onde o jogador precisa destruir peças de artilharia entre trincheiras	234
Figura 15 - Rangers escalando o penhasco de Pointe du Hoc	235
Figura 16 - Invasão da Praia de Omaha em Medal of Honor: Allied Assault, de 2002	243
Figura 17 - Invasão da Praia de Omaha em Call of Duty: WW2, de 2017	243

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1	
O “SOLDADO-MESSIAS” E A SACRALIZAÇÃO DO SACRIFÍCIO	20
1.1 Religião civil e os “soldados-messias”	20
1.2 As origens da sacralização.....	27
1.3 Os soldados-messias estadunidenses	35
1.4 A reabilitação do soldado pós-Vietnã e o ‘apoio às tropas’	41
CAPÍTULO 2	
O MITO DA “BOA GUERRA”	47
2.1 Os Estados Unidos queriam a guerra.....	48
2.2 Empresas estadunidenses e a Alemanha Nazista.....	52
2.3 Os estadunidenses diante do antissemitismo e do Holocausto	54
2.4 Deterioração das relações EUA x Alemanha	58
2.5 “Por que lutamos?”	60
CAPÍTULO 3	
O SOLDADO REAL.....	66
3.1 A tragédia por excelência	66
3.2 A “merda de galinha”	70
3.3 Camaradagem e violência.....	72
3.4 As carências do front	81
3.5 Os soldados e as mulheres	84
3.6 Memória	89
CAPÍTULO 4	
O DIA D APÓS O 6 DE JUNHO	94
4.1 Um dia através dos anos	94
4.2 O mais longo dos dias.....	107
4.3 Antes de Reagan: os presidentes e o Dia D	110
CAPÍTULO 5	
RANGERS, REAGAN E RELIGIÃO CIVIL.....	115
5.1 Novo presidente, velhas alianças	115
5.2 “Discurso sobre esplendor”: Reagan, Noonan e os rapazes de Pointe du Hoc ..	126
5.3 “A história para encerrar todas as histórias”. O discurso na Praia de Omaha....	140
CAPÍTULO 6	
A MAIOR DAS MITIFICAÇÕES	149

6.1 Stephen E. Ambrose, “o principal historiador de nosso tempo”	149
6.2 Bill Clinton e os “salvadores do mundo”	155
6.3 Tom Brokaw e “a maior das gerações”	166
6.4 George W. Bush e o aniversário ofuscado	171
CAPÍTULO 7	
DIA D BLOCKBUSTER	181
7.1 Steven Spielberg, “o cara dos <i>blockbusters</i> ”	182
7.2 O resgate do soldado Ryan	192
7.3 Band of Brothers.....	209
CAPÍTULO 8	
DIA D INTERATIVO	218
8.1 Honrar soldados, educar jovens.....	219
8.2 Medal of Honor	224
8.3 Call of Duty	230
8.4 Guerra imersiva: romantismo e propaganda.....	236
CONCLUSÃO.....	245
REFERÊNCIAS	250

INTRODUÇÃO

Na madrugada de 6 de junho de 1944, os C-47 que levavam dezenas de milhares de paraquedistas, de diferentes nacionalidades, decolaram do solo inglês para dar início a operação que viria a culminar na maior invasão anfíbia da história. Em um dos aviões estava Dick Winters, paraquedista da 101ª Divisão Aerotransportada dos Estados Unidos, integrante do 506º Regimento de Infantaria paraquedista e, até então, comandante de um pelotão. Lutando contra a sonolência das pílulas para enjoo tomadas antes da decolagem, Winters e os seus companheiros de voo tentaram, sem sucesso, entoar canções que os mantivessem acordados e alertas, lutando contra o ensurdecido barulho dos potentes motores do C-47 que atravessava a faixa oceânica que separa a Grã-Bretanha do norte da França. Na impossibilidade de aproveitar o canto, Winters rezava.

Faltando pouco para o pulo, Winters pôde observar a imensidão de embarcações que partiam para a invasão, que os adversários alemães juravam que ocorreria em Pas-de-Calais, o ponto mais próximo entre os dois países, haja vista que os Aliados foram muito bem-sucedidos em enganar a nação adversária. Winters pôde observar, conforme o C-47 ia adentrando terras francesas, a queda de aviões Aliados, os holofotes alemães buscando visualizar a ameaça que vinha do céu, as explosões das baterias antiaéreas, e conforme o avião avançava, o perigo aumentava. A luz vermelha se acende faltando dez minutos para o momento previsto de pulo, indicando a necessidade de preparo. A cauda do avião foi atingida, mesmo com o avião voando a cerca de 240 km/h, e pouco depois a luz verde ligou, indicando o momento de pular, ainda que faltassem oito minutos para o momento previsto de salto. Não haveria mais tempo.

Com armas faltando por conta da perda do saco de perna contendo a maioria do seu armamento—saco esse que não foi usado no treinamento e Winters nunca entendeu o porquê—o comandante do pelotão e centenas de outros paraquedistas estavam em solo francês. O dia D havia começado.¹

Da extensa obra *Von Kriege*, de Carl von Clausewitz, se popularizou a máxima de que a guerra seria a extensão da política por outros meios². A despeito dos esforços hercúleos de John Keegan em tentar provar que a reflexão clausewitziana sobre a natureza

¹ WINTERS, Dick; KINGSEED, Cole. **Beyond Band of Brothers**: the war memoirs of Major Dick Winters. Nova York: Penguin, 2006, E-book.

² CLAUSEWITZ, Carl von. **Da Guerra**. 3ª Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

da guerra não é sustentável para todos os contextos e lugares,³ nos parece seguro afirmar que a famosa máxima do militar prussiano continua suficientemente firme para garantir sua sobrevivência nos debates acerca do tema. E a natureza inerentemente política da guerra se reafirma não apenas no decorrimento dos embates, mas também nos milhares de estudos existentes sobre as mais diversas guerras na história da humanidade, nas produções artísticas e culturais decorrentes delas e, principalmente, nas memórias e discursos políticos que bebem do passado para fins políticos do presente.

Estas memórias, discursos e produções se alimentam de eventos reais, mesmo quando são romanceadas ou distorcidas. Logo, eventos considerados cruciais na história militar de uma nação acabam sendo os eventos ideais para esse tipo de apropriação, e nas últimas décadas o dia 6 de junho de 1944—também conhecido como Dia D—foi bastante aproveitado como esse exemplo ideal de bravura e sacrifício, que simbolizariam as virtudes civis dos estadunidenses em tempo de guerra, e representariam os valores atrelados à nação como um todo.

O termo “Dia D” não foi cunhado para designar especificamente a invasão da Normandia em 6 de junho de 1944. Além de ter sido usado para se referir às datas de início de quase todas as ofensivas estadunidenses na Segunda Guerra Mundial, originalmente o termo teria sido usado pela primeira vez durante a Primeira Guerra Mundial para se referir ao ataque que seria realizado na Batalha de Saint-Mihiel em 12 de setembro de 1918. A letra “D” era uma abreviação de “day” (dia, em inglês), o que na prática faz com que ela signifique “Dia-dia”, significando o dia de um ataque. Contudo, ao final da Segunda Guerra Mundial, o termo acabou se estabelecendo como referente apenas ao dia em que a Operação Overlord resultou no desembarque de centenas de milhares de soldados aliados no norte da França.⁴

Além de se tornar um evento militar significativo, a invasão da Normandia se tornou o principal evento histórico de exaltação militar por parte da cultura da mídia⁵ dos EUA. E a experiência de Winters, já conhecida ao menos genericamente pelos

³ KEEGAN, John. **Uma história da guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

⁴ BRINKLEY, Douglas. **The boys of Pointe Du Hoc**: Ronald Reagan, D-Day and the U.S. Army 2nd Ranger Battalion. Nova York: Harper Perennial, 2005, p. 4.

⁵ O filósofo estadunidense Douglas Kellner cunhou o termo “cultura da mídia” como uma alternativa a conceitos anteriores como ‘cultura de massa’. De acordo com o autor, “A expressão ‘cultura da mídia’ também tem a vantagem de dizer que a nossa é uma cultura da mídia, que a mídia colonizou a cultura, que ela constitui o principal veículo de distribuição e disseminação da cultura, que os meios de comunicação de massa suplantaram os modos anteriores de cultura como o livro ou a palavra falada, que vivemos num mundo no qual a mídia domina o lazer e a cultura. Ela é, portanto, a forma dominante e o lugar da cultura nas sociedades contemporâneas.”

aficionados em Segunda Guerra Mundial, tornou-se mundialmente conhecida após o estrondoso sucesso de *Band of Brothers*. Estreando no canal HBO no dia 9 de setembro de 2001 (coincidentemente menos de 48 horas antes dos atentados terroristas de 11 de setembro nos EUA), a série com dez episódios produzida por Steven Spielberg e Tom Hanks acendeu em novas gerações o interesse por histórias e memórias da Segunda Guerra Mundial.

Esse interesse não era exatamente uma novidade, uma vez que ele já era perceptível nos anos 1980 a partir da agressiva apropriação que o governo de Ronald Reagan fez do Dia D, em discursos que, apoiados por uma intensa cobertura midiática, cravaram a memória coletiva do 6 de junho de 1944 nos corações e mentes dos Estados Unidos. As mudanças políticas bruscas ocorridas na Europa nos anos seguintes que vão desde a queda dos regimes socialistas do leste à reunificação da Alemanha contribuíram ainda mais para a hegemonia da perspectiva estadunidense sobre sua autoproclamada excepcionalidade. E do ponto de vista do entretenimento, o ápice noventista dessa exaltação foi o lançamento, em 1998, de *O resgate do Soldado Ryan*, dirigido por Spielberg e protagonizado por Tom Hanks—os mesmos que produziram *Band of Brothers* logo depois.

O mesmo Spielberg ajudaria a produzir o primeiro produto de um outro fenômeno da primeira década do século XXI: o surgimento em massa de jogos eletrônicos com temática de Segunda Guerra Mundial, e esse ‘movimento’ seria capitaneado pelos jogos de tiro em primeira-pessoa, ou *first-person shooters* (mais conhecidos como FPS). O conhecido diretor participou do desenvolvimento do jogo *Medal of Honor*, que daria origem à franquia *Call of Duty*. Em uma das fases do jogo *Medal of Honor: Frontline* para consoles e em uma fase do jogo *Medal of Honor: Allied Assault* para computadores, o jogador tinha a oportunidade de jogar na pele de um soldado que invadia a praia de Omaha no Dia D, e essa experiência virtual foi paradigmática em termos de passar a sensação de simulação das experiências reais de ex-combatentes na guerra, ao menos para aqueles que nunca estiveram em um conflito real. Se hoje ela soa tremendamente datada por seus gráficos que envelheceram mal, recursos limitados dos *hardwares* da época e limites da inteligência artificial, no momento de seu lançamento ela foi tratada como revolucionária para a indústria de *games*.

A tese que buscamos defender neste trabalho é a de que, embora o Dia D tivesse recebido alguma atenção durante as quatro décadas posteriores à operação, foi entre o aniversário de quarenta anos da Operação Overlord em 1984 e meados dos anos 2005 que

o Dia D se consolidou como uma data mítica das memórias da Segunda Guerra Mundial nos Estados Unidos. É nesse período de pouco mais de duas décadas que o Dia D se torna a epítome de uma memória socialmente e politicamente construída em torno da ideia de uma geração de notáveis—*a maior das gerações*, como foi apelidada por Tom Brokaw—dispostos aos maiores sacrifícios em outro continente para a manutenção da paz e das “quatro liberdades” pontuadas por Franklin Delano Roosevelt: liberdade de expressão, religiosa, de viver sem penúria e de viver sem medo.

Uma das chaves para o entendimento da mitificação do Dia D são os discursos presidenciais na Normandia, tradição essa iniciada por Ronald Reagan em 1984 no aniversário de quarenta anos do evento.

Em momentos de guerra, é normal que presidentes e comandantes usem táticas retóricas que possam unificar os estadunidenses no esforço de guerra. Contudo, em tempos de paz, nem sempre é fácil encontrar um inimigo em comum que se torne o ponto de rejeição em comum para a fabricação da unidade nacional. Nesse caso, os presidentes tendem a valorizar locações de batalhas e eventos solidificados na memória nacional para revigorar um *ethos* nacional e certas atitudes em relação a algum desafio, ressaltando a excepcionalidade de seu povo a partir de um senso de identidade coletiva superior à soma das partes. Contudo, apesar desse reconhecimento da coletividade, a “comunidade imaginada”, como classifica Benedict Anderson, é formada por uma cultura política tanto de excepcionalidade coletiva quanto individual, ancoradas em princípios cívicos com um verniz quase religioso,⁶ o que costuma ser classificado como “religião civil”.

Entre o fim do século XX e começo do XXI, presidentes vêm usando locais de batalhas—especialmente a Normandia—como souvenirs, ancorando a memória nacional na materialidade, um lugar que oferece um senso de identidade coletiva e subsídio para o senso de excepcionalidade. E é exatamente o que acontece continuamente com o eterno retorno ao Dia D, transformado em mito como se fosse algum tipo de bússola moral em relação ao que os estadunidenses deveriam ser e fazer, como se fosse um dia interminável.

Entendemos a noção de mito como um tipo de história que coloca os indivíduos e grupos sociais—ou mesmo toda uma nação—em um estado psicológico adequado para determinada ação. Segundo a antropóloga Karen Armstrong, a mitologia teria sido “criada para auxiliar-nos a lidar com as dificuldades humanas mais problemáticas. Ela

⁶ HARLOW, Rachel M. Souvenir Battlefields: how presidents use rhetoric of place to shape the American ethos. *American Communication Journal*, Odessa, v. 18, n. 1, p. 45-62. 2016, p. 46.

ajudou as pessoas a encontrarem seu lugar no mundo e sua verdadeira orientação”⁷ e, portanto, “é uma forma de arte que aponta para além da história, aponta para o que é atemporal na existência humana, e nos ajuda a superar o fluxo caótico de eventos aleatórios vislumbrando o âmago da realidade.”⁸

O mito não tem a necessidade de ser verdadeiro no que concerne a referências factuais, desde que seja eficaz para permitir aos sujeitos uma visão de mundo que lhes ajude a dar esperanças, moldar corações e mentes e guiá-los para uma determinada maneira de viver. Para aqueles com quem o mito não dialoga, “ele seguirá sendo tão incompreensível e remoto quanto as regras de um jogo de tabuleiro, que frequentemente parecem confusas e cansativas até o momento em que começamos a jogar.”⁹ Em outras palavras, o mito é uma narrativa que se refere ao passado, mas que conserva um valor explicativo no presente conforme esclarece e justifica algo.

O historiador francês Raoul Girardet reforça a ideia do mito como uma narrativa cuja funcionalidade é essencialmente explicativa, e de tal maneira, pode possuir um caráter mobilizador.

O mito político é fabulação, deformação ou interpretação objetivamente recusável do real. Mas, narrativa legendária, é verdade que ele exerce também uma função explicativa, fornecendo certo número de chaves para a compreensão do presente, constituindo uma criptografia através da qual pode parecer ordenar-se o caos desconcertante dos fatos e dos acontecimentos. É verdade ainda que esse papel de explicação se desdobra em um papel de mobilização: por tudo o que veicula de dinamismo profético, o mito ocupa um lugar muito importante nas origens das cruzadas e também das revoluções. De fato, é em cada um desses planos que se desenvolve toda mitologia política, é em função dessas três dimensões que ela se estrutura e se afirma...¹⁰

Girardet faz referência a quatro “grandes conjuntos” mitológicos, que seriam a Conspiração, a Idade do Ouro, o Salvador e a Unidade. Desses, o Dia D dialoga diretamente com dois: um deles, o de uma Idade do Ouro, onde os homens eram bravos e resilientes diante de um mundo engolfado pela tirania e pela ameaça às liberdades; o outro, o salvador, que no caso da invasão da Normandia seria o soldado-messias que se sacrifica para salvar os europeus e pelas “verdades autoevidentes” afirmadas por Thomas

⁷ ARMSTRONG, Karen. **Breve história do mito**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 9.

⁸ Ibid., p. 12.

⁹ Ibid., p. 15.

¹⁰ GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 13.

Jefferson na Declaração de Independência dos Estados Unidos das quais tanto ele—o cidadão estadunidense—quanto os habitantes do território estrangeiro a ser libertado deveriam usufruir: a vida, a liberdade e a busca pela felicidade.

O mito carrega, contudo, uma contradição: ele “só pode ser compreendido se é intimamente vivido, mas vivê-lo impede dar-se conta dele objetivamente”.¹¹ Quando estudado de maneira objetiva, ele se esvazia de seu conteúdo emocional, que é essencial para seu entendimento. Esse é um dos motivos pelos quais entendemos que um olhar estrangeiro sobre a mitificação do Dia D, a sacralização do sacrifício dos soldados e a religião civil estadunidense em torno da guerra e da ideia de defesa de liberdades pode trazer ao debate uma análise mais desprendida de comprometimentos nacionalistas ou patrióticos e, dessa forma, contribuir de maneira original para os estudos da história militar cultural dos Estados Unidos.

Temos completa ciência de que muito já foi publicado sobre o Dia D em si. Há diversos livros sobre o assunto tanto em língua portuguesa quanto—e principalmente—em inglês. Pensando apenas nos livros trazidos para o Brasil destacam-se *O dia D*, de Antony Beevor, *Band of Brothers* e *O dia D* de Stephen E. Ambrose e *O mais longo dos dias* de Cornelius Ryan, isso sem contar os diversos livros gerais sobre Segunda Guerra Mundial que tratam sobre o assunto, uma vez que o seis de junho de 1944 não pode ser deixado de lado por nenhuma obra que se pretenda geral sobre o conflito. Entre eles podemos citar *A Segunda Guerra Mundial* de Antony Beevor, *A Segunda Guerra Mundial* de Martin Gilbert, *Inferno: o mundo em guerra* de Max Hastings, *A Segunda Guerra Mundial* de Philippe Masson, *Segunda Guerra Mundial* de Francisco Cesar Ferraz e *Para entender a Segunda Guerra Mundial*, de Dennison de Oliveira. Fora esses, ainda há uma miríade de livros publicados em inglês, de autores como John Keegan, Will Fowler, Ralph W. Thompson, Tudor Edwards, Luran Payne, Jonathan Mayo, Richard Holmes, entre outros.

Logo, uma vez que a historiografia sobre o Dia D é vasta e acessível, entendemos que seria redundante recontar a história factual da invasão da Normandia em 6 de junho de 1944. Ao invés disso, este trabalho busca fazer algo diferente. Nosso objetivo é entender como ocorre a mitificação de um evento histórico que ganhou uma magnitude muito maior a partir do seu aniversário de quarenta anos, e isso através da atuação política de diferentes governos, da indústria cultural, do mercado editorial, das memórias de ex-

¹¹ Ibid., p. 23.

combatentes e da memória coletiva. Entendemos que, ao buscar responder a essa questão e confluir diversos tipos de fontes—filmes, séries, jogos eletrônicos, jogos de tabuleiro, memórias de ex-combatentes, discursos presidenciais e outras mais—, estamos oferecendo também uma contribuição original, ainda que modesta, aos debates sobre memórias da Segunda Guerra Mundial.

No capítulo 1 traçamos um histórico da sacralização do soldado como figura que se sacrifica por valores civis e nacionais, os quais recebem um verniz quase religioso, fazendo a conexão dessa trajetória com os conceitos de “religião civil” a partir do seminal trabalho de Robert N. Bellah, e o de “soldado-messias” de Jonathan Ebel. Já no capítulo 2 trazemos a discussão sobre o “mito da boa guerra” que se tornou senso-comum nos Estados Unidos, questionada por diversos estudiosos que são trazidos para a discussão.

No capítulo 3, buscando dar subsídios para a crítica da sacralização desumanizadora dos soldados, discutimos sobre o cotidiano destes na guerra, seus medos, relações de camaradagem, postura diante da violência e em relação às mulheres, para na sequência, e no capítulo 4 analisaremos a atenção que o Dia D recebeu nos Estados Unidos por presidentes e pelo cinema—representado pelo filme *O mais longo dos dias*—para entendermos o caminho rumo ao aniversário de quarenta anos da invasão. Este aniversário é o tema do capítulo 5, onde discutimos como a administração Ronald Reagan deu o pontapé inicial para o esforço sistemático de mitificação do Dia D com os discursos proferidos pelo presidente estadunidense em Pointe du Hoc e na Praia de Omaha.

No capítulo 6, buscamos demonstrar como foi nos anos 1990 que essa mitificação se consolidou a partir dos esforços de figuras como o historiador Stephen E. Ambrose, o jornalista e âncora de TV Tom Brokaw e o presidente Bill Clinton, e em uma escala muito menor, George W. Bush, enquanto no capítulo 7 levamos o foco para a indústria do entretenimento, analisando como certas produções ajudaram na consolidação da mitificação do Dia D e a tornaram global, a maioria delas tributárias do trabalho do cineasta Steven Spielberg: *O resgate do soldado Ryan*, *Band of Brothers* e no capítulo 8 discutimos a influência alguns jogos das franquias *Medal of Honor* e *Call of Duty* sobre a construção do mito do Dia D ‘salvador do mundo’.

As principais fontes deste trabalho são discursos presidenciais, focando especialmente em Ronald Reagan, Bill Clinton e George W. Bush, ainda que os de outros presidentes sejam mencionados, como Abraham Lincoln, Franklin D. Roosevelt e Jimmy Carter; obras e falas públicas do historiador Stephen E. Ambrose e do jornalista e âncora televisivo Tom Brokaw sobre o Dia D, que cravaram a mitificação do Dia D no mercado

editorial; os filmes *O mais longo dos dias* e *O resgate do soldado Ryan*, por serem os filmes mais significativos onde o Dia D ganha centralidade; a série de TV *Band of Brothers*, uma das mais aclamadas da história e onde o 6 de junho tem um papel entre os primeiros episódios; jogos das franquias *Medal of Honor* e *Call of Duty*, que embarcaram na onda da “maior das gerações” e trabalharam na mitificação do Dia D oferecendo experiências imersivas aos seus jogadores, além de levar o louvor ao 6 de junho para o resto do mundo, como os filmes e a série *Band of Brothers* fizeram; memórias de ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial, especialmente de veteranos do Dia D; artigos de revistas e jornais em suas versões impressas ou online, especialmente os que nos ajudam a entender a recepção das obras audiovisuais aqui presentes; por fim, utilizamos também alguns documentos digitalizados e fontes imagéticas.

Neste trabalho o gentílico *estadunidense* será utilizado no decorrer do texto, exceto em casos de citação direta, onde o gentílico original da fonte será mantido.

CAPÍTULO 1

O “SOLDADO-MESSIAS” E A SACRALIZAÇÃO DO SACRIFÍCIO

“Nosso governo não faz sentido a menos que esteja fundamentado em uma fé religiosa profundamente sentida—e eu não me importo qual seja [...]”

Dwight Eisenhower¹²

Para entender a força das odes aos soldados estadunidenses—especialmente aos que pereceram—e o louvor do Dia D como não apenas uma batalha regular, mas como uma demonstração excepcional de coragem, é necessário entender o que dá sustentação a essa espécie de culto e suas raízes históricas.

1.1 Religião civil e os “soldados-messias”

Uma das chaves de entendimento da futura mitificação do Dia D parte de dois conceitos em particular: o conceito de religião civil de Robert N. Bellah e o de soldado-messias, de Jonathan H. Ebel, este último sendo um desdobramento direto do primeiro conceito.

O conceito de religião civil não é de forma alguma novo, embora não possa ser comparável ao que se entende por religião cívica na antiguidade, como no caso grego onde as cidades tinham seus próprios deuses, aos quais pediam auspícios. Seus primórdios, ao menos da forma como entendemos hoje, podem ser encontrados em Rousseau, que escreve no capítulo oito do quarto livro d’*O contrato social*:

Há, pois, uma profissão de fé meramente civil, cujos artigos o soberano deve fixar, não exatamente como dogmas de religião, mas como sentimentos de sociabilidade, sem os quais é impossível ser bom cidadão ou súdito fiel. Sem poder obrigar ninguém a acreditar neles, pode banir do Estado quem quer que não creia neles; pode bani-los, não como ímpios, mas como insociáveis, como incapazes de amar

¹² BELLAH, Robert N. Civil religion in America. **Robert N. Bellah**. 2013. Disponível em: <http://www.robertbellah.com/articles_5.htm>. Acesso em: 29 jun. 2020. No original: “Our government makes no sense unless it is founded in a deeply felt religious faith-and I don't care what it is [...]”.

sinceramente as leis, a justiça, e de imolar, em caso de necessidade, sua vida ao dever.¹³

A forma como Rousseau trata a ideia de religião civil não possui um caráter de exclusivismo impositivo em relação a outras formas de culto religioso ou cívico. Ao invés disso, ela seria apenas “o testemunho simbólico de sua adesão ao contrato social”.¹⁴

A forma como lidamos com o conceito, no entanto, deriva de formulações mais recentes, mais precisamente do conhecido artigo *Civil Religion in America*, do sociólogo Robert N. Bellah. Neste artigo, publicado originalmente na revista *Daedalus, Journal of the American Academy of Arts and Sciences* em 1967, mas disponível em um site dedicado ao autor, Bellah argumenta que nos Estados Unidos a separação entre a Igreja e o Estado não excluiu certa dimensão religiosa ao universo político, e que a despeito das crenças religiosas serem consideradas assuntos privados, há certos elementos de orientação religiosa em comum que orientam a maioria dos estadunidenses. Mais do que isso, esses elementos teriam um papel crucial no desenvolvimento das instituições no país e continuariam dando uma dimensão religiosa para os mais diversos aspectos da vida nos Estados Unidos, incluindo aí a esfera política. Essa dimensão religiosa pública definida em um conjunto de crenças, símbolos e rituais é que o Robert N. Bellah chamaria, em suas próprias palavras, de uma “religião civil americana”.¹⁵

Alguns dos elementos da história dos Estados Unidos que são vistos como pedras angulares não apenas de sua fundação, mas da forma como a nação enxerga a si mesma, seriam a constituição, a Declaração de Independência e a Declaração dos Direitos dos Estados Unidos. De acordo com o sociólogo Anthony Squiers, elas seriam elementos integrantes do que ele chama de “políticas do sagrado”. Esse conceito seria definido por Squiers como

a tentativa de definir e ditar o que está de acordo com o religioso sagrado civil e o que não está. É uma batalha para definir o que pode e o que não pode ser e o que deveria ou não deveria ser tolerado e aceito na comunidade, baseado na sua relação com aquilo que é sagrado para aquela comunidade.¹⁶

¹³ ROUSSEAU, J. J. **O contrato social**: princípios do direito político. 3 ed. Martins Fontes: São Paulo, 1999, p. 165-166.

¹⁴ GIRARDET, op. cit., p. 147.

¹⁵ BELLAH, op. cit.

¹⁶ SQUIERS, Anthony. **The politics of the sacred in America**: the role of civil religion in political practice. New York: Springer, 2018, p. 20 (tradução nossa). No original: “the attempt to define and dictate what is

Voltando ao trabalho de Bellah, um vislumbre do papel da religião civil para o sociólogo pode ser encontrado na resposta que este formulou ao ser acusado por críticos de apoiar uma forma de autoídiolatria nacional estadunidense. Bellah afirmou que concebia a tradição de uma religião civil nacional

não como uma forma de autoídiolatria nacional, mas como a subordinação da nação a princípios éticos que a transcendem em termos nos quais deve ser julgada. Estou convencido de que toda nação e todo povo chegam a alguma forma ou auto-entendimento religioso, quer os críticos gostem ou não. Em vez de simplesmente denunciar o que parece inevitável, parece mais responsável buscar dentro da tradição religiosa civil os princípios críticos que minam o perigo sempre presente da autoídiolatria nacional.¹⁷

Fica claro no trabalho do sociólogo de que, mais do que defender as práticas de autoídiolatria civis com trânsito entre o laico e o religioso, Bellah busca a compreensão desse fenômeno.

O que temos, então, desde os primeiros anos da república, é uma coleção de crenças, símbolos e rituais com respeito a coisas sagradas e institucionalizadas em uma coletividade. Essa religião—não parece haver outra palavra para ela—embora não seja antitética e, de fato, compartilhe muito em comum com o cristianismo, não era nem sectária, nem especificamente cristã. Em vez disso, a religião civil expressou o que aqueles que criaram seus precedentes consideravam apropriado sob as circunstâncias. Ela refletia suas visões privadas e públicas. A religião civil também não era simplesmente “religião em geral”. Enquanto a generalidade foi indubitavelmente vista como uma virtude por alguns [...], a religião civil era suficientemente específica quando se tratava do tópico da América. Precisamente por causa dessa especificidade, a religião civil foi salva do formalismo vazio e serviu como um genuíno veículo de auto-entendimento religioso nacional.¹⁸

in accord with the civil religious sacred and what is not. It is a battle to define what can and cannot be and what should and should not be tolerated and accepted in the community, based on its relation to that which is sacred for that community”.

¹⁷ BELLAH, op. cit. (tradução nossa). No original: “not as a form of national self-worship but as the subordination of the nation to ethical principles that transcend it in terms of which it should be judged. I am convinced that every nation and every people come to some form or religious self-understanding whether the critics like it or not. Rather than simply denounce what seems in any case inevitable, it seems more responsible to seek within the civil religious tradition for those critical principles which undercut the everpresent danger of national self-idolization”.

¹⁸ BELLAH, op. cit. (tradução nossa). No original: “What we have, then, from the earliest years of the republic is a collection of beliefs, symbols, and rituals with respect to sacred things and institutionalized in a collectivity. This religion—there seems no other word for it—while not antithetical to and indeed sharing much in common with Christianity, was neither sectarian nor in any specific sense Christian. [...] Rather, the civil religion expressed what those who set the precedents felt was appropriate under the circumstances. It reflected their private as well as public views. Nor was the civil religion simply ‘religion in general.’

Um dos motivos pelos quais a religião civil apresenta sucesso é sua natureza ampla e elástica. Seu hibridismo entre religião tradicional e nacionalismo dá a ela uma flexibilidade ideológica que se assenta em situações diversas, sejam elas parte do passado ou do presente.

E embora os principais elementos que materializam as mentalidades em torno da religião civil estejam diretamente relacionados ao processo de independência dos Estados Unidos—comumente presente em textos de autores estadunidenses como ‘Revolução Americana’, e Bellah não é uma exceção—, é na Guerra de Secessão que a religião civil ganha novos patamares.

Até a Guerra Civil, a religião civil americana concentrava-se acima de tudo no evento da Revolução, que era visto como o ato final do êxodo das antigas terras através das águas. A Declaração da Independência e a Constituição eram as escrituras sagradas e Washington, o Moisés divinamente nomeado, que levou seu povo das mãos da tirania. A Guerra Civil [...] foi o segundo grande evento que envolveu o auto-entendimento nacional tão profundamente que exigiu expressão na religião civil.¹⁹

A Guerra de Secessão deu à religião civil novos temas de morte, sacrifício e ressurreição, simbolizados inicialmente em tons quase messiânicos com a morte do presidente Abraham Lincoln. E desse momento surge um novo texto—ao qual Bellah se refere como uma espécie de “novo testamento”—na forma do discurso de Lincoln em Gettysburg, palco de uma das mais sangrentas batalhas da guerra em questão. Ocorrida entre os três primeiros dias de julho de 1863, a Batalha de Gettysburg foi palco de aproximadamente cinquenta mil baixas, entre mortos, feridos e desaparecidos. Discursando no local em 19 de novembro de 1863, Lincoln afirmou que

Vimos para dedicar uma parte desse campo como um local de descanso final para aqueles que aqui deram suas vidas, para que essa

While generality was undoubtedly seen as a virtue by some, as in the quotation from Franklin above, the civil religion was specific enough when it came to the topic of America. Precisely because of this specificity, the civil religion was saved from empty formalism and served as a genuine vehicle of national religious self-understanding”.

¹⁹ BELLAH, op. cit. (tradução nossa). No original: “Until the Civil War, the American civil religion focused above all on the event of the Revolution, which was seen as the final act of the Exodus from the old lands across the waters. The Declaration of Independence and the Constitution were the sacred scriptures and Washington the divinely appointed Moses who led his people out of the hands of tyranny. The Civil War [...] was the second great event that involved the national self-understanding so deeply as to require expression in civil religion.”

nação possa viver. É totalmente adequado e apropriado que façamos isso. Mas, em um sentido mais amplo, não podemos dedicar, não podemos consagrar—não podemos santificar—esse terreno. Os homens valentes, vivos e mortos, que lutaram aqui, o consagraram muito acima do nosso parco poder de acrescentar ou depreciar. O mundo notará pouco, nem lembrará por muito tempo o que dizemos aqui, mas nunca poderá esquecer o que eles fizeram aqui. [...]. É melhor que estejamos aqui dedicados à grande tarefa que nos resta—que, dentre esses mortos honrados, recebamos uma crescente devoção àquela causa pela qual eles aqui prestaram o derradeiro e mais elevado ato de devoção—que aqui resolvemos com veemência que esses mortos não morreram em vão—que esta nação, sob Deus, terá um novo nascimento de liberdade, e que o governo do povo, pelo povo, para o povo, não desapareça da terra.²⁰

A Guerra de Secessão foi a guerra mais brutal na qual os Estados Unidos se envolveram; seu número de mortos varia dependendo das estatísticas e metodologias utilizadas. Em estimativas mais modestas, o número de mortos é quase tão grande quanto a soma de todos os mortos de todas as outras guerras nas quais o país se envolveu *combinadas*.²¹ Suas consequências são fortemente sentidas até hoje, e é compreensível que um evento traumático dessa magnitude deixaria marcas no país e na própria noção de nacionalidade e pertencimento, seja ela nacional ou regional. Nesse momento, se solidifica na religião civil estadunidense a noção de que a morte pela nação—ou por ideais, laicos ou não, que a representam—é um componente de consagração. Se ela não era exatamente nova—uma vez que o mesmo discurso permeava as guerras revolucionárias francesas e está diretamente ligado aos mitos fundadores dos Estados Unidos—, a Guerra de Secessão consolida esse discurso.

Se a consolidação ocorre no século XIX, é no século XX que ela se consagra. Diante das duas maiores guerras da história da humanidade, os Estados Unidos enviam

²⁰ LINCOLN, A. The Gettysburg Address. **Cornell University**. 2013. Disponível em: <https://rmc.library.cornell.edu/gettysburg/good_cause/transcript.htm#:~:text=President%20Lincoln%20delivered%20the%20272,all%20men%20are%20created%20equal>. Acesso em: 29 Jun. 2020. (tradução nossa). No original: “We have come to dedicate a portion of that field, as a final resting-place for those who here gave their lives, that that nation might live. It is altogether fitting and proper that we should do this. But, in a larger sense, we cannot dedicate, we cannot consecrate—we cannot hallow—this ground. The brave men, living and dead, who struggled here, have consecrated it far above our poor power to add or detract. The world will little note, nor long remember what we say here, but it can never forget what they did here. [...] It is rather for us to be here dedicated to the great task remaining before us—that from these honored dead we take increased devotion to that cause for which they here gave the last full measure of devotion—that we here highly resolve that these dead shall not have died in vain—that this nation, under God, shall have a new birth of freedom, and that government of the people, by the people, for the people, shall not perish from the Earth”.

²¹ AMERICAN Battlefield Trust. American Battlefield Trust. Civil War Casualties. **American Battlefield Trust**. s.d. Disponível em: <<https://www.battlefields.org/learn/articles/civil-war-casualties>>. Acesso em: 12 Nov. 2020.

seus soldados-cidadãos para lutar nos campos na Europa sob discursos de luta pela liberdade, consagrados pela indústria do entretenimento através de filmes, séries, músicas, livros de ficção, quadrinhos, entre outras produções. Cemitérios são erigidos em homenagem aos soldados caídos, com planejamentos arquitetônicos e visuais específicos para fomentar sentimentos naqueles que visitam seus entes caídos, ou mesmo para aqueles que, de alguma maneira, identificam no sacrifício dos soldados um vínculo de pertencimento a algo maior do que si mesmos.

De acordo com Raymond Haberski Jr., a Segunda Guerra Mundial foi responsável por “refazer o senso de moralidade nacional americano”.²² E nesse contexto onde se via como moralmente superior após um conflito de tamanhas proporções, o presidente Harry Truman e os líderes militares acreditavam que era necessário ao país ter a possibilidade de mobilizar e coordenar um esforço nacional de grande porte para defender a nação no contexto da Guerra Fria e evitar um conflito armado derivado dela.²³ Nesse contexto, a religião civil é instrumental na criação de uma espécie de idolatria sobre a imagem de soldados como os homens de prontidão para defender a nação, mesmo que para tal estes precisem sacrificar suas vidas.

Dando seguimento aos estudos de Bellah, Jonathan Ebel faz um recorte mais específico do conceito de religião civil aplicado a guerra. Em *G.I. Messiahs: soldiering, war and American civil religion*, Ebel usa o termo “soldados-messias” (*G.I. Messiahs*)²⁴ para se referir a forma arquetípica como a população estadunidense é levada a ver seus combatentes: como um soldado salvador. Para Ebel, a religião civil estadunidense é extremamente ligada a ideia dos soldados que sofrem e se sacrificam pelo seu país, ou ao menos se colocam como dispostos a tal ao se alistarem e efetivamente irem para o campo de batalha, e há um esforço contínuo de encorajamento dessa visão entre a população comum, apartada dos negócios militares. O “soldado-messias” defende a nação como entidade geopolítica ao derrotar seus inimigos globais, supostamente impedindo que estes cheguem ao território dos Estados Unidos, evocando a ideia amplamente circulante no léxico do cidadão estadunidense comum de que “a liberdade não vem de graça”.²⁵

²² HABERSKI Jr, Raymond. **God and War: American civil religion since 1945**. New Brunswick, New Jersey e Londres: Rutgers University Press, 2012, p. 11 (tradução nossa). No original: “remade the American sense of national morality”.

²³ Ibid., p. 12.

²⁴ G.I. é uma sigla usada especificamente para se referir a militares dos Estados Unidos. Por uma questão didática, traduziremos a sigla para ‘soldado’, que não apenas é uma tradução correta, como também é um termo mais facilmente identificável pelo público geral.

²⁵ EBEL, Jonathan H. **G.I. Messiahs: soldiering, war and American civil religion**. New Haven: Yale University Press, 2015, p. 7.

E essa máxima dá a Washington a legitimidade necessária diante da opinião pública para empreender guerras e a manutenção de seu sistema imperial. Para Raoul Girardet:

Todo poder pode, em última análise, aparecer como legítimo quando, para a grande massa da opinião e no segredo dos espíritos e dos corações, a manutenção das instituições estabelecidas é reconhecida como uma evidência factual, escapando a toda contestação, ao abrigo de todo questionamento.²⁶

O soldado que se sacrifica é um mártir, e narrativas de martírio são muito valorizadas culturalmente e religiosamente no ocidente. No mundo cristão, a ideia do guerreiro mártir dialoga diretamente com o martírio das figuras sagradas, como Inácio de Antióquia, São Sebastião, São Bartolomeu e o próprio Jesus Cristo, possivelmente o mártir mais conhecido da história. Para Yuval Harari:

Essas várias narrativas e imagens, e sobretudo a imagem de Cristo na Cruz, eram os objetos mais importantes de devoção religiosa e meditação. O final da Idade Média testemunhou uma crescente devoção ao sofrimento corporal de Cristo, uma tendência que foi formulada pelo catolicismo moderno nos cultos do Sagrado Coração, das Cinco Chagas e da Via Sacra, e popularizada através das peças da Paixão e das imagens da Pietá.²⁷

Segundo Keith Lowe em seu livro *Prisoners of History: what monuments tell us about our history and ourselves*, os estadunidenses “às vezes parecem considerar seus heróis de guerra como se não fossem humanos, mas figuras de lendas, ou mesmo santos.”²⁸ O autor, que eventualmente oferece palestras sobre a Segunda Guerra Mundial em diferentes países, nota que quando elas ocorrem na Europa, os estudantes acham engraçadas certas crenças da população estadunidense.

²⁶ GIRARDET, op. cit., p. 88.

²⁷ HARARI, Yuval N. **The ultimate experience**: battlefield revelations and the making of modern war culture, 1450-2000. Nova York: Palgrave Macmillan, 2008, p. 29 (tradução nossa). No original: “These various narratives and images, and above all the image of Christ on the Cross, were the most important objects of religious devotion and meditation. The late Middle Ages witnessed an increasing devotion to Christ’s bodily suffering, a tendency which was formulated by early modern Catholicism in the cults of the Sacred Heart, the Five Wounds, and the Stations of the Cross, and popularized through Passion plays and Pietà images”.

²⁸ LOWE, Keith. **Prisoners of History**: what monuments to the Second World War tell us about our history and ourselves. Londres: William Collins, 2020. Ebook, n.p. (tradução nossa). No original: “Americans sometimes seem to regard their war heroes as if they were not human at all, but figures from legend, or even saints”.

Os europeus muitas vezes zombam da visão insular dos Estados Unidos do mundo, mas eles mesmos são muitas vezes igualmente ignorantes sobre os Estados Unidos. Eles não querem ser desrespeitosos; eles simplesmente não conseguem acreditar que alguém está falando sério quando falam sobre seus veteranos de guerra dessa maneira. Mas os americanos levam isso muito a sério. Na consciência americana, o papel que seus soldados desempenharam durante a Segunda Guerra Mundial passou a representar tudo o que há de melhor em seu país.²⁹

Os monumentos na Europa e nos Estados Unidos são também diferentes; enquanto os europeus são mais melancólicos, os estadunidenses são mais heróicos e idealistas. Para Lowe, isso acontece porque os estadunidenses não compreendem a perspectiva europeia pois seu país não sofreu nem de longe os enormes danos que grande parte da Europa sofreu durante a guerra, tendo apenas noções muito básicas a partir de fotos e vídeos. Já os europeus têm dificuldade de entender que os sentimentos que pautam as narrativas nos Estados Unidos vêm não de um senso de história, mas de identidade; a guerra era uma tela onde os cidadãos projetavam seus ideais e emoções.³⁰ Um contexto perfeito para a sacralização dos soldados.

Até aqui expomos as definições de alguns conceitos fundamentais para o cerne deste trabalho. No entanto, é preciso termos em mente o contexto e o processo histórico da criação e do desenvolvimento do modelo de exército contemporâneo e da consequente sacralização do sacrifício do soldado através de mais de dois séculos de mudanças substanciais na forma como a sociedade civil enxerga os combatentes. Apenas dessa maneira é possível compreender de maneira mais efetiva os antecedentes históricos do ‘soldado-messias’.

1.2 As origens da sacralização

Iniciado em meados do fim do século XVIII nos tempos da Revolução Francesa, o modelo de exército contemporâneo desenvolveu-se no século XIX com a explosão dos nacionalismos—especialmente na Europa—e teve seu grande momento de virada na

²⁹ Ibid. n.p. (tradução nossa). No original: “Europeans often make fun of America’s insular view of the world, but they themselves are often equally ignorant of America. They don’t mean to be disrespectful; they simply can’t quite believe that anyone is serious when they speak about their war veterans in this way. But Americans are deadly serious. In the American consciousness, the role that their soldiers played during the Second World War has come to represent everything that is best about their country”.

³⁰ Ibid.

Primeira Guerra Mundial. Para George L. Mosse, autor de *Fallen soldiers: reshaping the memory of the World Wars*, é nesse momento que surge o que o autor chama de “mito da experiência de guerra”.

A realidade da experiência de guerra foi transformada no que poderia ser chamada de *mito da experiência de guerra*, que lembrou a guerra como um evento significativo e sagrado. A visão sobre a guerra se desenvolvendo, acima de tudo, embora não exclusivamente, nas nações derrotadas, onde ela era tão urgentemente necessária. O mito da experiência de guerra foi designado para mascarar a guerra e legitimar sua experiência; foi concebido para deslocar a realidade da guerra. A memória da guerra foi moldada em uma experiência sagrada que proporcionou à nação uma nova profundidade de sentimento religioso, colocando à sua disposição santos e mártires sempre presentes, locais de culto e uma herança a imitar. A imagem do soldado caído nos braços de Cristo, tão comum durante e depois da Primeira Guerra Mundial, projetou a crença tradicional no martírio e ressurreição para a nação como uma religião civil abrangente. O culto do soldado caído se tornou uma peça central na religião do nacionalismo após a Guerra, tendo seus maiores impactos políticos em nações como a Alemanha, que perdeu a Guerra e foi levada à beira do caos pela transição da guerra para a paz. (Grifo nosso).³¹

Até a Revolução Francesa, a maioria dos exércitos no ocidente era formada por mercenários e sujeitos que eram pagos para lutar por reis, imperadores, famílias, dinastias, e a opinião pública da maior parte da população em relação a estes era de desconfiança. Não se tratavam de “exércitos nacionais”, haja vista que a noção moderna de nação é oriunda desse mesmo contexto do fim do século XVIII; desde os exércitos das províncias italianas durante a era moderna aos exércitos britânicos lutando para suprimir os colonos que viriam formar os Estados Unidos da América, os exércitos eram pagos para tal fim. O *esprit militaire* sempre fora valorizado no campo das ideias, mas no campo da materialidade, eram comuns as deserções e a disciplina militar era comumente ignorada.

³¹ MOSSE, George L. **Fallen soldiers: reshaping the memory of the World Wars**. Nova York: Oxford University Press, 1991, p. 7 (tradução nossa). No original: “The reality of the war experience came to be transformed into what one might call the Myth of the War Experience, which looked back upon the war as a meaningful and even sacred event. This vision of the war developed, above all, though not exclusively, in the defeated nations, where it was so urgently needed. The Myth of the War Experience was designed to mask war and to legitimize the war experience; it was meant to displace the reality of war. The memory of the war was fashioned into a sacred experience which provided the nation with a new depth of religious feeling, putting at its disposal ever-present saints and martyrs, places of worship, and heritage to emulate. The picture of the fallen soldier in the arms of Christ, so common during and after the First World War, projected the traditional belief in martyrdom and resurrection onto the nation as an all-encompassing civic religion. The cult of the fallen soldier became a centerpiece of the religion of nationalism after the war, heaving its greatest political impact in nations like Germany which had lost the war and had been brought to the edge of chaos by the transition from war to peace”.

Ainda assim, de acordo com George Mosse, não havia grande interesse em empreender esforços para encorajar os soldados a se identificar com as causas das guerras que lutavam.³²

Isso, contudo, veio a mudar. Para Mosse, a mudança de status social deixou de ser a única razão pela qual indivíduos tornavam-se soldados, e o marco que o autor coloca como ponto de virada rumo a um novo paradigma é a Revolução Francesa. As guerras que se seguiram à revolução não eram guerras dinásticas, direcionadas para a manutenção do poder de monarcas e sem conexão com os anseios das classes despossuídas, e o exército formado pelos *sans-cullotes*—grupo esse formado por patriotas revolucionários—seria o exemplo mais emblemático.³³ Os *sans-cullottes* defendiam e acreditavam na unidade patriótica do povo, nos ideais de fraternidade da revolução e seu caráter de hostilidade em relação a ricos e nobres, sendo um movimento democrático baseado na ideia de “povo”, imbuídos da noção de igualdade. Sob a bandeira tricolor e a *Marseillaise*, estes soldados eram vistos como heróis e louvados pela República, e agora tinham um papel muito importante nos festivais da Revolução, festividades necessárias para a criação de uma representação dessa nova nação. Mosse afirma:

Uma proposta feita por uma comissão oficial para redesenhar o cemitério central em Paris em 1792 enfatizava este ponto: todos os caminhos, traçados por túmulos, deveriam levar a uma praça central. Lá, dentro de uma pirâmide, as cinzas dos soldados caídos em serviço da pátria deveriam ser misturadas às cinzas dos grandes homens franceses. O soldado entrou no panteão da nação. Esse foi, de fato, o começo do culto do soldado caído, que se tornou central no mito da experiência de guerra.³⁴

A chegada de Napoleão ao poder na França e a ascensão de uma consciência nacional contribuíram ainda mais para transformar o ofício do soldado em uma profissão respeitável. O soldado deixava para trás o estereótipo de mercenário, vagabundo, oportunista e um sujeito não confiável; agora ele era um soldados-cidadão, sendo a maioria desses guerreiros oriunda das classes mais pobres—a despeito do mito de uma

³² Ibid., p. 17-18.

³³ Ibid., p. 18.

³⁴ Ibid., p. 18 (tradução nossa). No original: “A proposal made by an official commission for the redesign of the central cemetery in Paris in 1792 emphasized this point: all paths, lined by graves, should lead to a central square. There, inside a pyramid, the ashes of soldiers fallen in the service of the fatherland were to be mixed with those of France’s great men. The soldier had entered the nation’s pantheon. This was indeed the start of the cult of the fallen soldier, which was to become central to the Myth of the War Experience.”

maioria de voluntários de classe média, haja vista a desproporção de relatos, diários, livros e afins publicados por ex-combatentes de classes mais abastadas em detrimento da produção por parte de soldados com condições de vida menos favorecidas. Com essa mudança, criam-se mitos e símbolos “que escondiam a dura realidade da morte e da batalha”.³⁵

E assim como a Revolução Francesa e o desenvolvimento da ideia moderna de Estado-nação foram determinantes para transformar a imagem pública do soldado e sua valorização como agente social e político, a forma como os próprios soldados entendiam a experiência de guerra também mudou.

Em *The ultimate experience: battlefield revelations and the making of modern war culture* do historiador israelense Yuval N. Harari, encontramos a afirmação de que as histórias ocidentais modernas sobre experiências de guerra carregam a ideia de que elas são experiências de revelação, onde o soldado supostamente aprende a verdade sobre si mesmo e sobre o mundo, tendo uma experiência que nenhuma pessoa que não compartilhou da mesma experiência que ele jamais seria capaz de compreender.³⁶ No entanto, ao analisar um enorme número de memórias de ex-combatentes desde a véspera do começo do período que hoje chamamos de Idade Moderna até o ano 2000, Harari conclui que estas narrativas de revelação diante da guerra e da morte em campo de batalha passam a existir e se consolidam entre 1740 e 1865. O autor afirma que a aparente inexistência de relatos desse tipo no século XVII não significa que combatentes não tivessem momentos de desilusão ou suposta revelação em campo de batalha. O mais plausível é afirmar que este tipo de foco narrativo não era social e culturalmente relevante para os ex-combatentes a ponto de entrar nas memórias existentes até aquele século.³⁷

Para Harari, é na segunda metade do século XVIII e através do século XIX que os soldados começam a ver a guerra como um agente de revelação, por influência do Iluminismo, da cultura da sensibilidade e do Romantismo, especialmente a ideia romântica do ‘sublime’. “O romantismo destacava as experiências ‘sublimes’ como fontes privilegiadas de conhecimento e autoridade, e a experiência da guerra encaixava-se perfeitamente na definição romântica do sublime.”³⁸

³⁵ Ibid., p. 18-19.

³⁶ HARARI, op. cit., p. 1.

³⁷ Ibid., p. 21.

³⁸ Ibid., p. 22 (tradução nossa). No original: “Romanticism highlighted ‘sublime’ experiences as privileged sources for knowledge and authority, and war experience fitted perfectly to the Romantic definition of the sublime”.

Não por acaso, este intervalo de tempo selecionado por Harari é o momento histórico em que ocorre na Europa a gradativa consolidação do Estado-nação. A autobiografia militar moderna se desenvolveu originalmente ao redor do Estado centralizador e era majoritariamente escrita por uma elite militar a serviço de uma monarquia, sendo modeladas principalmente a partir da influência de figuras como Júlio César em seu relato sobre a conquista da Gália. Já era comum e bastante consolidada entre os soldados da era moderna a composição de 'relatos de serviços prestados' para seus empregadores e memórias militares escritas por generais, nobres e oficiais militares como histórias de campanhas em que participaram, mas nessas memórias a profundidade da experiência pessoal e o sentimento de revelação estavam ausentes. “As memórias militares foram escritas com pouco sentido de que a experiência pessoal da guerra pudesse, por si só, ser digna de registro para uma audiência pública.”³⁹

A mudança começa gradativamente no século XVII, impulsionada por eventos como a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) e a Guerra Civil Inglesa (1642-51), onde a maioria dos textos escritos por nobres e aristocratas é pontuada por alguns escritos de oficiais subalternos e soldados comuns, e no século XVIII este soldado sem patentes elevadas e títulos de nobreza passa a finalmente ganhar destaque. A Guerra de Independência Estadunidense (1775-1783), as Guerras Revolucionárias Francesas e as Guerras Napoleônicas que se seguiram (1792-1815) deram a essas memórias um ímpeto jamais visto.⁴⁰ O desenvolvimento da ideia de nação dá a estes sujeitos um senso de pertencimento, identidade e objetivo comuns que alguns conflitos do passado não tinham condições de fornecer, ao menos não com tamanha intensidade.

A escolha de Harari pelo ano de 1865 como momento de consolidação, segundo o próprio, se dá porque este foi o ano de publicação de *Guerra e Paz*, de Liev Tolstói, e que essa publicação teria consolidado o mito da experiência reveladora da guerra como algo canônico na literatura de guerra ocidental.⁴¹

Com o fim da Primeira Guerra Mundial, as memórias atingiram novos patamares, uma vez que o número de soldados com educação formal era maior que em guerras

³⁹ RAMSAY, Neil. “A lively school of writing”: George Gleig, Moyle Sherer and the romantic military memoir. In: DWYER, Philip. G. (ed). **War Stories: The war memoir in History and Literature**. Nova York e Oxford: Berghahn Books, 2017. Ebook, n.p. (tradução nossa). No original: “Military memoirs were written with little sense at all that the personal experience of war could, in itself, be worthy of recording for a public audience”.

⁴⁰ DWYER, Philip. Making sense of the muddle: war memoirs and the culture of remembering. In: _____. **War Stories: The war memoir in History and Literature**. Nova York e Oxford: Berghahn Books, 2017. Ebook.

⁴¹ HARARI, op. cit., p. 25.

anteriores e, dessa forma, mais combatentes estavam aptos para escrever sobre o que passaram. Um enorme número de memórias, diários e coleções de cartas foi publicado após esta guerra, e de acordo com Philip Dwyer, estes trabalhos tinham um vigor literário que as obras de soldados de guerras anteriores não possuíam.⁴²

Para Michael R. Dolski, a noção de comemoração da guerra no ocidente surge após a batalha das Termópilas em 480 a.E.C., enquanto o louvor ao sacrifício surge com a ascensão das memórias de guerra. A cultura da cristandade medieval daria contornos religiosos a ele, e séculos depois, após a Primeira Guerra Mundial, o ideal do soldado heróico que se sacrifica pelo bem comum entra em um caminho sem volta. De acordo com Dolski,

muitos desses projetos [...] encontraram sustentação em um culto contemporâneo do medievalismo, ele próprio descendente do romantismo vitoriano. Assim, tendo experimentado recentemente um século de nacionalismo laico vitoriano, que substituiu o culto a Deus pelo culto do Estado, e tendo agora convocado o corpo do cidadão a serviço daquele Estado, americanos e europeus assimilaram a morte e destruição da Primeira Guerra Mundial na experiência nacional através da ideia de sacrifício.⁴³

Já na Segunda Guerra Mundial, Dwyer identifica uma diferença substancial na forma destas memórias em relação à Primeira Guerra: um estilo menos literário em prol de uma abordagem mais direta. No caso de obras de ex-combatentes estadunidenses, essa abordagem era mais nítida nas memórias de veteranos do Pacífico, onde o componente do racismo e um maior número de atrocidades cometidas entre combatentes criava um ambiente menos propenso a romantismos e floreios literários.⁴⁴

Mas como esta mentalidade acerca dos soldados, da morte em combate e do autossacrifício teria chegado e/ou se desenvolvido nos Estados Unidos? Em grande parte, por conta das memórias do processo de independência e dos mitos acerca dessas que se seguiram.

⁴² DWYER, op. cit.

⁴³ DOLSKI, Michael R.; EDWARDS, Sam; BUCKLEY, John. Introduction. In: _____ (ed). **D-Day in History and Memory: The Normandy landings in international remembrance and commemoration**. Denton: University of North Texas Press, 2014. Ebook, n.p. (tradução nossa). No original: “many of these projects actually found sustenance in a contemporary cult of medievalism, itself a descendent of Victorian Romanticism. Thus, having recently experienced a century of Victorian secular nationalism, which replaced the worship of God with the worship of the state, and having now called on the citizen’s body in the service of that State, Americans and Europeans assimilated the death and destruction of the First World War into the national experience through the idea of sacrifice”.

⁴⁴ DWYER, op. cit.

Ao focar no caso europeu, Mosse deixa em aberto a historicidade do culto ao sacrifício dos soldados em outros locais do mundo, como o continente americano. Ocorre que este também foi intensamente afetado pela ascensão dos nacionalismos e dos discursos românticos que os seguiam. No caso dos Estados Unidos, o discurso nacionalista ressoou com facilidade, haja vista a efervescência de mitos relacionados ao processo de independência dos Estados Unidos. Segundo Ray Raphael, autor de *Mitos sobre a fundação dos Estados Unidos*:

A adoração de heróis que se fez passar por história no início do século XIX serviu aos interesses de um nacionalismo em formação. Contar a história tinha por si só importância histórica: as histórias compartilhadas da Revolução ajudaram as pessoas a se sentirem como “americanos”.⁴⁵

A luta pela emancipação das treze colônias envolveu a participação de diversos cidadãos tornados soldados pelas circunstâncias. Ainda que a máxima “dai-me a liberdade ou dai-me a morte”, supostamente proferida por Patrick Henry em 23 de março de 1775 em Richmond, tenha sido inventada na primeira metade do século XIX,⁴⁶ é válido supor que a disposição ao sacrifício quando da luta pelas independências locais em relação à coroa britânica é um precedente bastante válido, especialmente quando colocamos esse evento lado a lado da Revolução Francesa. Ambos são fruto de contextos semelhantes, ainda que repletos de distinções e particularidades.

O resultado desses processos em ambos os casos, contudo, deu-se de forma diferente. Na Europa, dado seu longo histórico de conflitos internos, disputas de poder e a ameaça constante de que conflitos em grande escala pudessem continuar a ocorrer—as Guerras Napoleônicas provaram que o receio era plenamente justificado—, o contexto propiciou a formação de exércitos regulares, exigindo treinamento e preparo contínuos. Lado a lado no campo de batalha estavam o cidadão chamado às armas e o soldado profissional, considerado uma necessidade diante da nação em seu modelo moderno.

Uma das consequências da guerra de independência dos Estados Unidos foi a consolidação de um ideal de exército-cidadão, formado no calor da necessidade, em oposição a um exército permanente, que era visto por algumas das cabeças proeminentes

⁴⁵ RAPHAEL, Ray. **Mitos sobre a fundação dos Estados Unidos**: a verdadeira história da independência norte-americana. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 298.

⁴⁶ Como explica o capítulo 8 da obra de Raphael. Ibid., p. 165-168.

das treze colônias como algo indesejado. George Washington, no seu discurso de despedida da presidência em 17 de setembro de 1796, afirmou que “A regra essencial de conduta que temos de seguir no tocante às nações estrangeiras é estender nosso intercâmbio comercial mantendo, ao mesmo tempo, o mínimo de relações políticas”.⁴⁷ No mesmo discurso, Washington faz uma crítica às organizações militares permanentes: “Organizações militares grandes demais são, em qualquer forma de governo, um mau presságio para a liberdade e devem ser vistas como particularmente hostis às liberdades republicanas”.⁴⁸

James Madison, um dos arquitetos da Constituição dos Estados Unidos, faz um comentário ainda mais contundente sobre a questão dos exércitos e da guerra:

De todos os inimigos da liberdade pública, a guerra é o mais temível, porque compreende e nutre o germe de todos os demais. A guerra gera os exércitos; deles procedem as dívidas e os impostos; e guerras, dívidas e impostos são os instrumentos que colocam a maioria sob o domínio de uns poucos.⁴⁹

Já Thomas Jefferson ressaltava em correspondência a James Monroe, em 1813, a necessidade “de obrigar cada cidadão a ser um soldado. Esse era o caso dos gregos e romanos e deve ser o de qualquer Estado livre”.⁵⁰ A ideia, no entanto, é corretamente tomada como equivocada por Adrian Lewis, que compreende a partir de uma visão pragmática o fato de a configuração geopolítica contemporânea ser diferente do início do século XIX.

Os Estados Unidos têm estado pouco preocupados com sua habilidade de produzir soldados, pressupondo que todos os homens americanos podem servir igualmente bem. Essa, no entanto, é uma falácia perigosa. Nem todos os homens podem servir efetivamente como soldados em combate, um fato que é contrário aos princípios culturais americanos sobre masculinidade, igualdade e serviço militar—princípios que tiveram sua origem no período de formação da história nacional, quando se acreditava que a milícia formada por cidadãos possuía os

⁴⁷ JOHNSON, Chalmers. **As aflições do império**. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 57.

⁴⁸ Ibid., p. 51.

⁴⁹ Ibid., p. 57

⁵⁰ Thomas Jefferson. “Thomas Jefferson to James Monroe, 19 June 1813.” **Founders Online**. Disponível em: <<https://founders.archives.gov/documents/Jefferson/03-06-02-0188>>. Acesso em: 3 Jul. 2018. (tradução nossa). No original: “[...] of obliging every citizen to be a soldier. This was the case with the Greeks & Romans and must be that of every free state.”

meios de lutar e vencer guerras contra soldados regulares franceses e britânicos.⁵¹

Apesar das diferenças evidentes entre os contextos da Europa central e dos Estados Unidos, é possível dizer que ambos compartilham da ideia de soldados não como vagabundos e indesejáveis, mas um pilar fundamental da sobrevivência e prosperidade nacionais, sejam esses soldados regulares ou mobilizados em tempos emergenciais, por uma questão pragmática de sobrevivência estrutural dos Estados-nação modernos.

E é necessário a uma nação o entendimento dos seus princípios, divisões e dinâmicas de sua cultura, haja vista que ele é fundamental para maximizar a eficiência do processo de engajamento relativo à guerra. Além desses elementos variarem de nação para nação, o espírito marcial, a disposição para o engajamento militar e o autossacrifício não são constantes, podendo variar drasticamente de um momento para o outro, por conta de diversos fatores. A frequência com a qual as guerras ocorrem, fatores geográficos, geopolíticos, econômicos e históricos estão diretamente relacionados à forma como esses fatores ganham ou perdem espaço em uma sociedade, e enquanto for necessário o engajamento humano nos conflitos armados, o espírito marcial será absolutamente necessário para a sobrevivência de qualquer Estado-nação. Entender a própria habilidade de gerar combatentes torna-se, portanto, fundamental para maximizar suas estratégias e doutrinas de guerra.⁵²

1.3 Os soldados-messias estadunidenses

Quando levamos em consideração o fato de que todos os principais conflitos nos quais os EUA se envolveram foram precedidos de uma intensa retórica de autodefesa, esse princípio torna-se ainda mais evidente. Na guerra conhecida como “Guerra Hispano-Americana”, a entrada dos EUA no conflito deu-se após o afundamento do navio Maine. Na Primeira Guerra Mundial, cerca de dois anos após o afundamento do Lusitânia, os

⁵¹ LEWIS, Adrian. **The American culture of war: the history of U.S. Military Force from World War II to Operation Iraqi Freedom**. Nova York: Routledge, 2007, p. 11 (tradução nossa). No original: “The United States has been little concerned with its ability to produce combat soldiers, assuming that all American men could serve equally well. This, however, is a dangerous fallacy. All men cannot serve effectively as soldiers in combat, a fact that is contrary to the American cultural tenets about manhood, equality, and military service—tenets that had their origins in the formative period of the nation’s history, when it was believed that the citizen militia possessed the wherewithal to fight and win wars against French and British regular soldiers.”

⁵² Ibid., p. 9.

esforços do Comitê de Informação Pública, conhecido como “Comissão Creel” conseguiram em apenas seis meses “transformar uma população pacifista em histéricos beligerantes, determinados a destruir tudo o que fosse germânico, esquarterar alemães, ir à guerra e salvar o mundo”.⁵³ Na Segunda Guerra Mundial, o ataque japonês a Pearl Harbor arrastou o país à guerra rapidamente, enquanto os conflitos que se seguiram, durante a Guerra Fria, eram justificados pela necessidade de deter o avanço do comunismo. A partir desse último momento citado, algumas mudanças passaram a ocorrer na cultura de guerra estadunidense.

A escalada de eventos durante a Guerra do Vietnã e a crescente divisão interna a respeito da validade do conflito levaram a administração Nixon a encerrar o alistamento obrigatório, enterrando a ideia de um exército de cidadãos prontos para o combate que faziam referência direta aos *minutemen*⁵⁴ do período de independência. O Vietnã era uma situação de guerra limitada, e tudo o que concerne a justificativa para o conflito era mais frágil. “Na guerra limitada, os americanos acham difícil justificar o retorno do seu investimento. A relação direta entre segurança nacional e os sacrifícios exigidos na guerra não era evidente”⁵⁵, afirma Lewis. Enquanto as promessas de uma vitória rápida e fulminante com a ajuda do dinheiro e da tecnologia convenceram a maioria da população, foi possível manter uma atitude positiva diante do conflito. Conforme ele se arrastou e sua natureza foi ficando cada vez mais evidente à opinião pública, um fato se tornava cada dia mais incômodo:

A natureza destrutiva da guerra, a dor e o sofrimento que ela causa, o ato hediondo de matar e a resposta emocional à morte e à carnificina, fazem as pessoas dos dois lados do campo de batalha acreditarem que elas não são as agressoras, mas as agredidas; faz com que elas projetem qualidades únicas e desumanizantes no inimigo; e faz com que elas busquem remédios em deuses, armas milagrosas, “tecnologias invencíveis”, leis de guerra, corpos internacionais, “doutrinas invencíveis” e homens extraordinários. As crenças culturais americanas sobre homens e guerra, e a fé na ciência e na tecnologia os ilude a respeito da real natureza da guerra, fazendo-os constantemente se prepararem para a guerra errada e para subestimar a vontade, tenacidade e as capacidades dos povos de estados-nação em desenvolvimento. Na realidade, mesmo os maiores impérios, os maiores líderes, os exércitos

⁵³ CHOMSKY, Noam. **Controle da mídia**: os espetaculares feitos da propaganda. Rio de Janeiro: Graphia, 2003, p. 11.

⁵⁴ *Minutemen* era o nome dado aos colonos das treze colônias que se organizavam em milícias para lutar contra os soldados britânicos durante o processo de independência dos Estados Unidos.

⁵⁵ LEWIS, op. cit., p. 21 (tradução nossa). No original: “In limited war, Americans found it hard to justify the return on their investment. The direct relationship between national security and the sacrifices required in war were not evident”.

mais bem sucedidos, as armas mais avançadas e as doutrinas mais efetivas caíram sob o peso do tempo através da guerra.⁵⁶

Ora, se as consequências da Guerra do Vietnã de alguma forma teriam abalado a percepção pública a respeito da relevância da guerra para a sobrevivência da nação, por que nos parece que não é o caso no longo prazo?

Entendemos que o ‘soldado-messias’ é fundamental para a permanência desse *ethos* estadunidense. Essa valorização dos indivíduos que se sacrificam pela salvação da nação e daqueles que deveriam eternamente agradecer pelo sacrifício em questão, segundo Jonathan Ebel, é potente e atemporal porque sobrevive a partir de uma premissa em particular: as guerras mudam, os armamentos e veículos mudam,

mas o soldado—sempre jovem, forte, corajoso e até muito recentemente sempre masculino—parece resistir aos efeitos corrosivos da história. O corpo militar estabiliza o que está constantemente mudando na memória de guerra; miniaturiza, simplifica e personaliza o que há de grandioso e complexo na política externa americana; torna tangíveis, visíveis e aparentemente atemporais as virtudes da honra, coragem e sacrifício.⁵⁷

A noção de heroísmo atrelada à guerra se dá de maneiras diferentes, dependendo da sobrevivência ou não do soldado. Segundo Ebel,

o herói se torna o herói através do encontro direto com a morte em combate. Tendo suportado o ritual da Guerra, os soldados-símbolo vivos atestam seu poder redentor. Tendo dado suas vidas na guerra, os

⁵⁶ Ibid., p. 16-17 (tradução nossa). No original: “The destructive nature of war, the pain and suffering it causes, the heinous act of killing, and the emotional response to death and carnage, causes people on both sides of the battlefield to believe and feel they are not the aggressor but the aggrieved; causes people to project unique, dehumanizing qualities onto their enemy; and causes people to seek remedies in gods, miracle weapons, “invincible technologies,” laws of war, international bodies, “undefeatable doctrines,” and extraordinary men. American cultural beliefs about men and war, and faith in science and technology delude them about the true nature of war, causing them to consistently prepare to fight the wrong war and to underestimate the will, tenacity, and capabilities of people in developing nation-states. In reality, even the greatest empires, the greatest leaders, the most successful armies, the most advanced weapons, and the most effective doctrines have fallen under the weight of time through war”.

⁵⁷ EBEL, op. cit., p. 7 (tradução nossa). No original: “but the soldier—always young, strong, brave, and until very recently always male—appears to resist history’s corrosive effects. The soldierly body stabilizes that which is constantly shifting in war memory; it miniaturizes, simplifies, and personalizes that which is grand and complex in American foreign policy; it makes tangible, visible, and apparently timeless the virtues of honor, courage, and sacrifice”.

soldados-símbolo caídos, embora sem voz, atestam a santidade da nação e da causa.⁵⁸

A mitificação do Dia D aparece tanto como resposta à necessidade de trazer sentido à carnificina quanto como modelo ideal do caráter e da resiliência do soldado-messias como um homem providencial, que vai até às últimas consequências para fazer o que seria considerado certo pelos seus pares. A administração do governo Ronald Reagan, que viria a fazer um importante discurso em 1984 no aniversário do Dia D—sobre o qual falaremos adiante—, sabia que os estadunidenses desejavam algo grandioso recebendo o foco da memória nacional que apagasse, entre outras coisas, as imagens da evacuação de Saigon e dos cinquenta e três funcionários da embaixada dos Estados Unidos no Irã feitos reféns pelo governo provisório daquele país, ou como afirma Douglas Brinkley:

Os Estados Unidos *queriam* ser libertadores como no Dia D novamente no Vietnã, mas dessa vez, por inúmeras razões geopolíticas obscuras, as forças dos EUA se tornaram invasores indesejados. É por isso que Reagan foi especial—para promover seu Novo Patriotismo durante um ano eleitoral. Era muito difícil vender o triunfalismo do Vietnã. Mas o Dia D? Essa foi uma história completamente diferente.⁵⁹

E como modelo, a mitificação de seus atos é evocada nos diferentes momentos históricos onde atores políticos julgam ser necessário incentivar seus contemporâneos a empreenderem sacrifícios. Para Raoul Girardet, este homem providencial

aparece sempre como um lutador, um combatente. Sempre ameaçado, sempre resistindo à beira do precipício, recusa submeter-se ao destino. Quer restaure a ordem estabelecida ou a subverta, quer organize ou anuncie aquela que está por vir, é sempre, por outro lado, sobre uma linha de ruptura dos tempos que se situa seu personagem. É na manifestação do presente imediato—presente de decadência, de

⁵⁸ Ibid., p. 7 (tradução nossa). No original: “the hero becomes the hero through a direct encounter with death in combat. Having endured the ritual of war, living soldier-symbols testify to its redemptive power. Having given their lives in war, fallen soldier-symbols, though voiceless, testify to the sanctity of the nation and the cause”.

⁵⁹ BRINKLEY, Douglas. **The boys of Pointe Du Hoc**: Ronald Reagan, D-Day and the U.S. Army 2nd Ranger Battalion. Nova York: Harper Perennial, 2005, p. 148 (tradução nossa). No original: “The United States had *wanted* to be D-Day-like liberators again in Vietnam, but that time around, for numerous murky geopolitical reasons, U.S. forces had become unwelcome invaders. That is why Reagan went all the way back to World War II—and Normandy in particular—to promote his New Patriotism during an election year. It was too hard to sell Vietnam triumphalism. But D-Day? That was a different story entirely”.

confusão ou de trevas—que ele se afirma e se define; com ele, graças a ele, o “depois” não será mais como o “antes”.⁶⁰

E se a transformação de uma batalha e os sacrifícios empreendidos nela em mito funciona, é porque ela se assenta parcialmente na materialidade histórica. “O mito jamais deixa [...] de enraizar-se em uma certa forma de realidade histórica”.⁶¹ O mito é, portanto, “uma espécie de revelador ideológico, o reflexo de um sistema de valores ou de um tipo de mentalidade.”⁶²

A sobrevivência desse arquétipo—que tanto se origina dessa religião civil quanto se alimenta dela—se dá através de cemitérios, monumentos e cerimônias públicas, como vemos nos casos dos discursos presidenciais e cerimônias comemorativas em torno do Dia D. Mas não podemos esquecer que a indústria cultural também tem um papel crucial na sobrevivência desse arquétipo. Essa indústria também se alimenta desses elementos de religião civil estadunidense ao mesmo tempo que a alimenta, dando ao público produções que reforçam estes valores e crenças. Como argumenta Paul Atwood:

A televisão comercial, a música pop e Hollywood substituíram amplamente a leitura como fonte de 'informação' e aqueles que controlam esses canais garantem que o menu de escolha envolve muito pouco que possa explicar aos espectadores o mundo que herdaram, muito menos fornecer qualquer análise ou discussão sobre quais alternativas podem ser possíveis.⁶³

Produções midiáticas ou artísticas—sejam elas ligadas a quaisquer tipos de oficialidade ou não—solidificam arquétipos, tipo ideais de moralidade, masculinidade, comportamento, identidade, desejo e crença. Nesse ponto entramos em concordância com Douglas Kellner, quando este afirma:

Há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade. O rádio, a

⁶⁰ GIRARDET, op. cit., p. 80-81.

⁶¹ Ibid., p. 81.

⁶² Ibid., p. 83.

⁶³ ATWOOD, Paul L. **War and Empire: the American Way of Life**. Londres: Pluto Press, 2010, p. XII (tradução nossa). No original: “Commercial television, pop music and Hollywood have widely replaced reading as a source of ‘information’ and those who control such channels ensure that the menu of choice involves very little that can explicate for viewers the world they have inherited, much less provide any analysis or discussion about what alternatives might be possible”.

televisão, o cinema e os outros produtos da indústria cultural fornecem os modelos daquilo que significa ser homem ou mulher, bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou impotente. A cultura da mídia também fornece o material com que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de “nós” e “eles”. Ajuda a modelar a visão prevalecente de mundo e os valores mais profundos: define o que é considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral. As narrativas e as imagens veiculadas pela mídia fornecem os símbolos, os mitos e os recursos que ajudam a constituir uma cultura comum para a maioria dos indivíduos em muitas regiões do mundo de hoje. A cultura veiculada pela mídia fornece o material que cria as identidades pelas quais os indivíduos se inserem nas sociedades tecnocapitalistas contemporâneas, produzindo uma nova forma de cultura global.⁶⁴

Para além do senso de autopreservação inerente a qualquer agressão exterior—seja ela real ou fruto de propaganda política—, há de se levar em consideração que, no que tange ao contexto militarista, cada nação tem uma série de princípios culturais. Enquanto um Estado é uma entidade política, uma nação é, principalmente, uma entidade cultural, e o Estado-nação moderno combina estas duas formas de organização em uma entidade única e sólida. Segundo Adrian Lewis:

A cultura torna o mundo objetivo compreensível inculcando estruturas e construtos. Ela influencia o comportamento dando aos agentes sociais estratégias e estabelecendo limites entre o normal e o anormal, entre o permissível e o não permitido. Torna possível uma comunicação mais completa do que seria possível apenas com a linguagem. Comportamento, disposição, expressões faciais, vestimenta e outras formas não-verbais de comunicação são culturalmente aprendidas, e muitas vezes comunicam mais do que palavras. A cultura cria coesão entre povos, e barreiras entre outras culturas, outras comunidades, tribos e nações. A cultura, em parte, cria a disposição mental que permite a algumas pessoas se sacrificarem pelo bem da unidade cultural maior—tribo, nação ou serviço.⁶⁵

⁶⁴ KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001, p. 9.

⁶⁵ LEWIS, op. cit., p. 5-6 (tradução nossa). No original: “Culture makes the objective world comprehensible by inculcating structures and constructs. It influences behavior by providing agents with strategies and establishing boundaries between the normal and the abnormal, between the permissible and the impermissible. It makes possible more complete communication than is possible with language alone. Demeanor, disposition, facial expressions, dress, and other nonverbal forms of communications are culturally learned, and often communicate more than words. Culture creates cohesion between people, and barriers between other cultures, other communities, tribes, and nations. Culture, in part, creates the mental disposition that enables some people to sacrifice for the good of the larger cultural unit—tribe, nation, or service.”.

Dado tudo o que foi exposto no debate acima, entendemos que há toda uma articulação que perpassa diferentes segmentos da cultura da mídia que permitem que a valorização do ‘soldado-messias’ dentro de um contexto de religião civil. Nessa articulação estão presentes os discursos oficiais de autoridades, as memórias de ex-combatentes, os discursos veiculados nas diferentes formas de mídia jornalística, nas memórias de ex-combatentes, nos filmes, séries, músicas, jogos eletrônicos e nas mais diversas manifestações da sociedade civil, incluindo aí todas as instâncias onde a dissidência de um discurso assertivo—porém difuso—de ‘apoio às tropas’ resulta em repúdio popular, uma vez que a expressão ‘eu apoio as nossas tropas’ se tornou com o tempo praticamente um dogma dessa religião civil estadunidense.

De acordo com Edward T. Linenthal, autor de *Sacred ground: the Americans and their battlefields*:

Essas formas de veneração são tanto uma articulação da ortodoxia patriótica quanto uma defesa simbólica contra várias formas de contaminação ideológica (heresia) e contaminação física. A retórica patriótica adverte persistentemente que o perigo de se afastar dos ideais dos heróis culturais que morreram em batalha está sempre presente, e o enfraquecimento da determinação patriótica, claramente aparente em qualquer relutância em obedecer ao chamado da nação às armas, é considerado uma evidência clara de indiferença ou hostilidade para com o bem-estar da nação. Inevitavelmente, adverte a retórica patriótica, tais atitudes são heréticas: tornam sem sentido o sacrifício de sangue de gerações passadas de guerreiros americanos. Aqueles preocupados em manter a pureza do ambiente sagrado lutam contra outras formas de contaminação enquanto trabalham para proteger os locais contra a inautenticidade em exposições de museus e shopping centers, por exemplo—que ameaçam penetrar os limites e alterar permanentemente (portanto, profanar) o solo sagrado. Para alguns, a tentativa de redefinir o significado da batalha é percebida como um ato de heresia.⁶⁶

1.4 A reabilitação do soldado pós-Vietnã e o ‘apoio às tropas’

⁶⁶ LINENTHAL, Edward T. **Sacred ground**: the Americans and their battlefields. Chicago: University of Illinois Press, 1993, p. 5 (tradução nossa). No original: “These forms of veneration are both an articulation of patriotic orthodoxy and a symbolic defense against various forms of ideological defilement (heresy) and physical defilement. Patriotic rhetoric persistently warns that the danger of falling away from the ideals of the culture heroes who died in battle is always present, and the weakening of patriotic resolve, clearly apparent in any unwillingness to obey the nation's summons to arms, is considered clear evidence of indifference to or hostility towards the welfare of the nation. Inevitably, patriotic rhetoric warns, such attitudes are heretical: they make the blood sacrifice of past generations of American warriors meaningless. Those concerned with maintaining the purity of the sacred environment struggle against other forms of contamination as they work to protect sites against inauthenticity in museum displays and gift shopping centers, for example - that threaten to penetrate the boundaries and permanently alter (hence defile) the sacred ground. For some, the attempt to redefine the meaning of the battle is itself perceived as an act of heresy”.

Ainda sobre o argumento do ‘soldado-messias’ e do ‘apoio às tropas’, não podemos nos esquecer de um momento histórico que ajudou nessa reabilitação: a Guerra do Golfo.

Em 1990 o Iraque, governado à época por Saddam Hussein, invadiu o Kuwait, o que permitiria ao invasor adquirir as reservas petrolíferas do adversário invadido e um acesso mais eficiente ao mar, o que melhoraria o escoamento do petróleo iraquiano pelo Oceano Índico. Imediatamente os Estados Unidos se posicionaram contra a invasão, e não levou muito tempo para que se desenhasse uma imensa pressão midiática com o objetivo de solidificar na mentalidade estadunidense a ideia de que Hussein era um monstro sedento de poder que ameaçava uma suposta estabilidade no Oriente Médio ao atacar um país pequeno e indefeso. Assim que a invasão ocorreu,

o governo americano começou imediatamente a criar consenso para a intervenção armada e, depois, a fazer propaganda da solução militar para a crise, no que a grande mídia agiu como cúmplice dócil. Quando o governo Bush enviou um grande contingente para a região, a grande mídia aplaudiu e transformou-se em canal de mobilização de apoio para a ação norte-americana.⁶⁷

Ao contrário do que a mídia estadunidense informava—e as mídias de outros lugares do globo influenciados por ela—Saddam Hussein percebeu o problema de uma represália por parte dos Estados Unidos e decidiu tentar resolver a questão diplomaticamente. O Iraque prometeu livrar-se de suas armas, com a condição de que os demais países do Oriente Médio fizessem o mesmo. Para Washington, essa condição era inadmissível, uma vez que colocaria Israel—seu aliado de longa data e único país possuidor de armas nucleares da região—em uma situação delicada diante dos seus vizinhos, com os quais o país teve uma série de conflitos e rusgas durante a segunda metade do século XX (ainda que Israel não admita oficialmente ter armas nucleares).⁶⁸

Nesse contexto, portanto, a propaganda teve um papel fundamental para convencer corações e mentes da ameaça iraquiana e ocultando o interesse iraquiano em resolver a situação diplomaticamente afirmando, entre outras coisas, que o mesmo desejava invadir a Arábia Saudita. A situação chegou a um ponto em que se iniciou uma

⁶⁷ KELLNER, op. cit., p. 256.

⁶⁸ CHOMSKY, Noam. **O que o Tio Sam realmente quer**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999, p. 81-83.

‘autocensura’ dentro dos veículos midiáticos que resultou na demissão de diversos repórteres que expuseram opiniões críticas à atuação estadunidense diante da situação,⁶⁹ algo que fere os próprios princípios de liberdade de expressão tão defendidos pelas autoridades do país e a maioria de sua população—quando convém, é claro.

No entanto, como ocorre em qualquer guerra onde um país invade o outro, houve manifestações e vozes discordantes entre a própria população dos Estados Unidos. Logo a mídia local passou a apresentar estas pessoas em justaposição com manifestantes árabes queimando a bandeira estadunidense, de forma a demonstrá-las como antipatrióticas.

Os manifestantes americanos eram retratados como uma turba indisciplinada, marginais cabeludos; seu discurso raramente era citado, e a reportagem focalizava mais a repetição de *slogans*, ou imagens de passeatas, cujos contexto e interpretação eram fornecidos pela fala do repórter. Os principais jornais e revistas também deixaram de cobrir o novo e fervilhante movimento antibélico. Portanto, assim como a mídia construiu simbolicamente uma imagem negativa dos manifestantes antibélicos dos anos 1960, mostrando-os como irracionais, antiamericanos e anarquistas, também as redes de TV apresentaram o movimento antibélico que surgia nos anos 1990 com uma aparência predominantemente negativa.⁷⁰

Nesse contexto, o governo de George H. W. Bush ajudou a emplacar a ideia de que os veteranos da Guerra do Vietnã, ao voltarem da guerra, foram recebidos com hostilidade pelo movimento anti-guerra, a ponto de receberem cusparadas dos mesmos, tema sobre o qual o sociólogo e veterano do Vietnã Jerry Lembcke se debruçou em *The spitting image: myth, memory, and the legacy of Vietnam*. Nessa obra, Lembcke afirma que embora a narrativa dos veteranos rejeitados não fosse exatamente nova, uma vez que a administração Nixon já havia emplacado uma forte propaganda contra o movimento antiguerra, é na administração Bush durante o esforço de demonização do movimento antiguerra contrário à Guerra do Golfo que a imagem dos veteranos cuspidos pelos cidadãos antagônicos à guerra supostamente antipatrióticos se transforma em senso comum.

A imagem do veterano do Vietnã cuspidos tinha uma qualidade mítica que dependia da crença de que os veteranos que eram solidários com o movimento antiguerra não eram reais. Veteranos “reais” do Vietnã teriam sido rejeitados, não abraçados, pelo movimento antiguerra. Eles

⁶⁹ KARNAL, Leandro et al. **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 271.

⁷⁰ KELLNER, op. cit., p. 268.

teriam sido tratados com hostilidade pelo movimento, até cuspidos. A existência desses veteranos patrióticos e pró-guerra foi “provada” pelo “fato” de que ativistas antiguerra estavam cuspidos em alguém. Em quem, senão em veteranos pró-guerra, eles estavam cuspidos? A imagem do veterano do Vietnã cuspidos, então, serviu a uma função de conjuração. Isso trouxe à mente a imagem do “bom” veterano pró-guerra como contrapeso à imagem do “mau” veterano antiguerra.⁷¹

Ao tentar encontrar evidências dos incidentes reais de veteranos recebendo cusparadas de manifestantes, o autor encontrou um cenário mais complexo do que uma primeira impressão nos demonstra.

Houve relatos na imprensa, por exemplo, de atos de cusparada ocorridos em comícios antiguerra. Conforme relatado, o cuspe quase sempre voou de direitistas pró-guerra para ativistas antiguerra. Mas, fora do contexto, esses relatos poderiam ter sido invertidos e transformados em histórias sobre o oposto. Também houve incidentes reais de veteranos do Vietnã sendo tratados de forma abusiva, mas em todos os casos documentados foram pessoas pró-guerra que cometeram os abusos.⁷²

A propaganda do governo Bush em torno dos veteranos cuspidos teve apoio dos próprios veteranos que se colocavam como vítimas de cusparadas e desprezo dos manifestantes antiguerra. Sobre eles, Lembcke afirma:

Quase todos esses relatos vieram anos depois que os incidentes teriam ocorrido, enquanto no período real em que os homens voltaram do Vietnã não existem tais relatos. Quando alguém tenta validar as histórias por meio de pesquisas, muitas dessas reivindicações se

⁷¹ LEMBCKE, Jerry. **The spitting image: myth, memory, and the legacy of Vietnam**. Nova York e Londres: New York University Press, 1998, p. 3 (tradução nossa). No original: “The image of the spat-upon Vietnam veteran had a mythic quality to it that hinged on the belief that veterans who were in solidarity with the anti-war movement were not the real thing. “Real” Vietnam veterans would have been rejected, not embraced, by the anti-war movement. They would have been treated with hostility by the movement, even spat upon. The existence of these patriotic, pro-war veterans was “proven” by the “fact” that anti-war activists were spitting on someone. Who, if not pro-war veterans, were they spitting on? The image of the spat-upon Vietnam veteran, then, served a conjuring function. It called to mind the image of the “good” pro-war veteran as a counterbalance to the image of the “bad” anti-war veteran”.

⁷² Ibid., p. 6 (tradução nossa). No original: “There were press reports, for example, of acts of spitting that took place at anti-war rallies. As reported, the spit almost always flew from pro-war-right-wingers on anti-war activists. But taken out of context, these reports could have gotten inverted and turned into stories about the opposite having occurred. There were also actual incidents of Vietnam veterans being treated abusively, but in all the documentable cases it was pro-war people who were the abusers”.

dissolvem rapidamente e, em outras, encontram-se detalhes que denunciam a falta de autenticidade.⁷³

Para Lembcke, o cinema foi o principal responsável por criar o ambiente onde o esforço de difamação do governo Bush pareceu fazer sentido à população, com filmes como *Amargo Regresso*, *Rambo: Programado para Matar* e o primeiro filme a mostrar animosidade entre os veteranos e manifestantes antiguerra, lançado logo após a guerra: *Tracks*, de 1976. Segundo Lembcke, este filme “contém a primeira inferência clara de que ativistas anti-guerra cuspiram em veteranos do Vietnã.”⁷⁴ O fato é que, na maior parte dos filmes sobre a Guerra do Vietnã, mesmo nos mais críticos à guerra, os veteranos são sempre vistos como vítimas, seja da guerra, seja dos civis críticos à guerra ou de ambos.

E aí voltamos ao ponto do ‘apoio às tropas’ e o verniz de santidade civil dos soldados, que é usado como blindagem às críticas feitas ao esforço de guerra, uma vez que a própria guerra e os soldados a ela enviados são mesclados de maneira que os discursos críticos tenham dificuldade em desassociá-los. “Os efeitos da guerra sobre as famílias americanas foi um tema constante; o patriotismo e o apoio às tropas eram um refrão permanente dos comentadores”,⁷⁵ aponta Kellner. Já Noam Chomsky vai mais além:

Slogans de relações públicas como “apoie nossas tropas” não significam nada. Significam tanto quanto saber se você apoia as pessoas de Iowa. É claro que existe uma questão por trás disso que é a seguinte: você apoia nossa política? Mas essa é uma pergunta que não pode ser feita porque você não quer que a população reflita sobre isso. [...] Portanto você mantém as pessoas ocupadas discutindo sobre o apoio às nossas tropas. Quem seria capaz de dizer: “É claro que eu não apoio as nossas tropas?”⁷⁶

Todo esse processo de construção do soldado-messias que chega ao seu ápice na Segunda Guerra Mundial fez com que a cultura e a identidade nacional passassem a girar em torno da ideia dos patriotas extraordinários que protegem a nação por um senso de

⁷³ Ibid., p. 6 (tradução nossa). No original: “Almost all such reports came years after the incidents were alleged to have occurred, while in the actual time frame in which men came home from Vietnam there are no such reports. When one attempts to validate the stories through follow-up research, many such claims dissolve rather quickly, and in others one finds details that betray a lack of authenticity”.

⁷⁴ Ibid., p. 9 (tradução nossa). No original: “contains the first clear inference that anti-war activists spat on Vietnam veterans”.

⁷⁵ KELLNER, op. cit., p. 270.

⁷⁶ CHOMSKY, 2003, p. 23.

honra, amor e dever. Os atos de matar e morrer tornam-se exemplos absolutos de bravura e parte integrante de uma memória coletiva, e o arquétipo do soldado-messias se assenta tanto nas narrativas heróicas quanto nas de perda e remorso.⁷⁷

E nada solidifica mais na cabeça do grande público a ideia do soldado mártir messiânico do que seu sacrifício, que é considerado necessário toda vez que o país precisa entrar em uma nova guerra. É essa necessidade presentista que dá os alicerces ao processo de mitificação. O mito

não pode deixar, por outro lado, de depender ele próprio, em sua forma como em seu conteúdo, das circunstâncias, historicamente delimitadas, nas quais é elaborado. Todo processo de heroificação implica, em outras palavras, uma certa adequação entre a personalidade do salvador virtual e as necessidades de uma sociedade em um dado momento de sua história. O mito tende, assim, a definir-se em relação à função maior que se acha episodicamente atribuída no herói, como uma resposta a uma certa forma de expectativa, a um certo tipo de exigência.⁷⁸

Os Estados Unidos se envolveram em diversas guerras em sua história, com diferentes graus de apoio popular, o que faz com que algumas sejam mais convenientes de serem lembradas do que outras no que concerne a buscar no passado eventos a ser mitificados com o intuito de instrumentaliza-los politicamente. E nenhuma é mais relevante para o messianismo militar atrelado à religião civil do que a Segunda Guerra Mundial, a ‘boa guerra’ lutada contra os males do nazifascismo e do genocídio. Mas ela foi mesmo uma ‘boa’ guerra?

⁷⁷ BODNAR, John. **The “good war” in American Memory**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2010, p. 8.

⁷⁸ GIRARDET, op. cit., p. 82.

CAPÍTULO 2

O MITO DA “BOA GUERRA”

“[...] a morte não é uma aventura para aqueles que se deram face a face com ela.”

Erich Maria Remarque⁷⁹

As justificativas de caráter moral, como vimos até aqui, existem desde a própria guerra e permanecem de pé até hoje. Contudo, temos autores diversos que rejeitam ou ao menos relativizam essa ideia, tanto de um ponto de vista político e macroscópico quanto do ponto de vista dos indivíduos que lutaram, se arriscaram e morreram na guerra, bem como aqueles que não atravessaram o oceano e perderam seus entes queridos.

O senso comum de que os Estados Unidos lutaram em uma “boa guerra” quando se trata da Segunda Guerra Mundial é um tema sobre o qual diferentes autores se debruçaram, com mais ou menos ênfase dependendo de cada obra.⁸⁰ A premissa de que os Estados Unidos são moralmente superiores, pacíficos e heróicos, tendo entrado em guerra apenas para lutar contra os males do nazifascismo e o violento imperialismo japonês que atacara o país gratuitamente, sem nenhuma provocação, permeia praticamente todas as narrativas a respeito desse conflito no imaginário estadunidense. Tudo isso, claro, enquanto o país e seus guerreiros defendiam as “quatro liberdades”. Os estadunidenses seriam salvadores ao derrotar os alemães para libertar os judeus do jugo alemão e para esmagar o fascismo por sua ameaça como ideologia, abrindo um segundo front assim que foi possível para ajudar os aliados soviéticos, salvando a Europa. Seu povo estaria engajado e fundamentalmente unido para a vitória, tanto no front interno quanto no campo de batalha, onde o soldado-cidadão luta com bravura sem abandonar seus princípios morais cristãos e tipicamente estadunidenses. Quaisquer condutas condenáveis, casos de covardia, desinteresse ou qualquer coisa perceptível como falha de caráter eram apenas casos isolados.

Abaixo tentaremos explicar por que estas alegações quase mitológicas sobre a excepcionalidade dos Estados Unidos e seus cidadãos na guerra não condizem com a

⁷⁹ REMARQUE, Erich Maria. **Nada de novo no front**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2004. Ebook.

⁸⁰ Cf. ATWOOD, op. cit.; PAULWELS, Jacques R. **The myth of the good war**: America in the Second World War. 2 ed. Toronto: James Lorimer & Company LTD., 2015; ROSE, Kenneth D. **Myth and the Greatest Generation**: a social history of Americans in World War II. Nova York: Routledge, 2008; BODNAR, op. cit.

realidade, quando entendemos a geopolítica por trás do conflito, os interesses dos beligerantes e o comportamento dos soldados reais—não os idealizados pela mitificação do soldado-messias. A ideia aqui não é realizar um esforço de demonização superficial de um importante ator nacional durante esta guerra, mas sim demonstrar ao leitor que guerras não são eventos românticos de definição de caráter nacional; elas são, essencialmente, a realização de interesses políticos através da força quando a política tradicional e a diplomacia falham, e é à partir da ótica dos interesses nacionais que essa questão deve ser analisada, não através da memória e do romantismo.

2.1 Os Estados Unidos queriam a guerra

Se por um lado Pearl Harbor deu um verniz de moralidade para a entrada do país na guerra, alguns autores apontam para uma participação mais ativa dos Estados Unidos nesse assunto. Para eles, o país é diretamente responsável por criar as condições que precipitaram o ataque japonês, especialmente quando levamos em conta a ameaça que o Império do Japão oferecia à hegemonia estadunidense no Pacífico e, principalmente, ameaçava tomar conta de mercados estratégicos para a potência americana.

Em 1938, no ano seguinte à invasão da China por parte do Império Japonês e as atrocidades cometidas contra a população civil, o governo de FDR foi gradativamente fechando o cerco contra os japoneses. Entre suas ações estavam um embargo sobre o Japão referente ao petróleo e ao aço, além do congelamento de ativos nipônicos nos bancos estadunidenses. O ultimato de Roosevelt era claro: os japoneses deveriam se retirar da China e da Indochina. No entanto, não se tratava de mera preocupação humanitária com as milhões de pessoas que sofreram diante das atrocidades cometidas pelas forças armadas japonesas—uma vez que as potências imperiais europeias eram culpadas de práticas brutais em suas colônias pelo mundo sem que os Estados Unidos dessem importância, e os próprios tinham na sua própria conta atrocidades cometidas contra os povos originários de seu território. O grande problema para a administração de Washington era o impacto que o expansionismo imperialista japonês tinha nos seus planos econômicos no Pacífico.

A ascensão do Japão após a abertura para o ocidente foi meteórica, algo que os japoneses viam como necessário pelo medo de conquista e subordinação diante das potências ocidentais, incluindo os EUA. Após a vitória inquestionável e humilhante dos japoneses sobre os russos em 1905, os oficiais da marinha dos EUA ficaram temerosos

do que isso poderia significar no futuro para as relações nipo-estadunidenses, e isso levou ao reforço de bases militares no Havaí e nas Filipinas, o que deixava os japoneses temerosos. Após a Primeira Guerra, as aquisições de ilhas no Pacífico por parte do Japão foram limitadas, e o país foi forçado a aceitar possuir uma força naval inferior. Essa situação, vista pelos japoneses como humilhante, contribuiu para a ascensão do ideário de inspiração fascista no governo, e entre 1931 e 1932, o Japão invadiu e anexou a Manchúria, retirou-se da Liga das Nações e em 1937 invadiu novamente a costa da China, empreendendo uma conquista extremamente violenta. Em 1941 o Japão invadiu a Indochina Francesa, afirmando o objetivo de criar uma “Doutrina Monroe para a Ásia” e foi aí que as tensões entre Japão e Estados Unidos efetivamente se chocaram.⁸¹

O mercado chinês era muito visado comercialmente pelos Estados Unidos e o avanço japonês significava perdê-lo. Como afirmava um editorial da revista *Fortune* da época: “Com uma população de mais de 400 milhões, a China é o maior mercado potencial do mundo. Uma China forte, capaz e disposta a proteger o princípio do mercado aberto no Extremo Oriente, valeria bilhões de dólares para os Estados Unidos.”⁸²

Além do mais, havia um profundo componente racista na equação. As elites estadunidenses em geral desprezavam a ‘raça amarela’ que consideravam inferior, e os prospectos de perda do lucrativo mercado asiático para os ‘japas’—“*japs*”, em inglês—era inaceitável. O racismo mútuo entre estadunidenses e japoneses, que viam uns aos outros como inferiores tanto do ponto de vista racial quanto cultural, permeou toda a guerra no Pacífico e abriu brechas para algumas das maiores atrocidades cometidas na guerra entre soldados de nações rivais.⁸³

No entanto, os Estados Unidos não poderiam iniciar a guerra contra o Japão. Dado o número de isolacionistas no congresso e o desinteresse público no envolvimento com a guerra em andamento, o país precisava de um pretexto, uma agressão japonesa. Entre os estratégias para esse fim estavam o envio de navios para as proximidades das águas japonesas, por vezes até ultrapassando essa fronteira, possivelmente na esperança de que uma situação fosse criada. Mas o que viria a funcionar foram as sanções econômicas e congelamento de ativos já descritos aqui. Os embargos contaram ainda com a colaboração

⁸¹ ATWOOD, op. cit., p. 139.

⁸² Ibid., p. 143 (tradução nossa). No original: “With a population of more than 400 million China is the biggest single potential market in the world. A strong China, able and willing to protect the principle of the open market in the Far East, would be worth billions of dollars to the United States”.

⁸³ Sobre o papel do racismo na guerra no Pacífico, Cf: DOWER, John. W. **War without Mercy: race and power in the Pacific War**. Nova York: Pantheon Books, 1986.

do Reino Unido e dos Países Baixos, estes últimos detentores das ricas reservas de petróleo da Indonésia, que se tornaram objeto de cobiça por parte do Japão na sua expansão para o Pacífico Sul.⁸⁴

A situação se deteriorou de vez no outono de 1941,

já que Washington também desafiou Tóquio em relação à sua política exclusivista na China, exigindo uma “porta aberta” para os negócios americanos naquele país. Tóquio respondeu oferecendo-se para aplicar na China o princípio de relações comerciais não discriminatórias com a condição de que os americanos fizessem o mesmo em sua própria esfera de influência na América Latina. No entanto, Washington queria reciprocidade apenas na esfera de influência de outras potências imperialistas, e não em seu próprio quintal. A oferta japonesa foi rejeitada.⁸⁵

Para os japoneses, recuar não era uma opção pois isso seria visto como uma enorme humilhação e criaria as condições ideais para um golpe militar no país. Washington sabia disso, o que indica interesse por parte dos Estados Unidos de que os japoneses reagissem.⁸⁶

No seu ‘Discurso Sobre o Estado da União’ de 6 de janeiro de 1941, quase um ano antes do ataque japonês, o presidente estadunidense já indicava a aproximação do momento em que seria necessário ao país entrar em combate para a defesa das liberdades individuais, enquanto pedia autorização ao congresso para aumentar a produção do que pudesse ser necessário para os países agredidos. Esse pedido daria origem ao programa de *Lend-Lease*, assinado em março daquele ano com o objetivo de ajudar os aliados estadunidenses com armamentos, veículos, munições e demais suprimentos, enfatizando

⁸⁴ PAULWELS, Jacques R. **The myth of the good war: America in the Second World War**. 2 ed. Toronto: James Lorimer & Company LTD., 2015, p. 82.

⁸⁵ Ibid., p. 82-83 (tradução Nossa). No original: “since Washington also challenged Tokyo with respect to its exclusivist policy in China, demanding an “open door” for American business in that country. Tokyo responded by offering to apply in China the principle of non-discriminatory trade relations on the condition that the Americans did the same in their own sphere of influence in Latin America. However, Washington wanted reciprocity only in the sphere of influence of other imperialist powers, and not in its own backyard. The Japanese offer was rejected”.

⁸⁶ ATWOOD, op. cit., p. 126-127. Sobre as atrocidades japonesas na Ásia, Cf: HARRIS, Sheldon H. **Factories of Death: Japanese Biological Warfare, 1932-1945, and the American Cover-Up**. 2. Ed. Nova York e Londres: Routledge, 2002; YOSHIKI, Yoshimi. **Comfort Women: Sexual Slavery in the Japanese Military During World War II**. 2. Ed. Nova York: Columbia University Press, 2002; CHANG, Iris. **The Rape of Nanking: The Forgotten Holocaust of World War II**. Nova York: Basic Books, 2011; NORMA, Caroline. **The Japanese Comfort Women and Sexual Slavery during the China and Pacific Wars**. Londres: Bloomsbury Academic, 2016; TANAKA, Yuki. **Japan's Comfort Women: Sexual Slavery and Prostitution during World War II and the US Occupation**. Nova York e Londres: Routledge, 2002.

que todos eles deveriam pagar pelo que fosse fornecido, ainda que houvesse alguma tolerância em relação ao pagamento por conta da situação de guerra. E nesse mesmo discurso onde o presidente explicava quais eram as quatro liberdades pelas quais lutar, ele afirmava, como em uma preparação para uma guerra vindoura:

Assim como os homens não vivem só de pão, não lutam só de armamentos. Aqueles que armam nossas defesas e aqueles por trás deles que constroem nossas defesas devem ter o vigor e a coragem que vêm da crença inabalável no modo de vida que estão defendendo. A ação poderosa que estamos pedindo não pode ser baseada em uma desconsideração de todas as coisas pelas quais vale a pena lutar.⁸⁷

Paul L. Atwood em seu livro *War and empire* questiona, de maneira sagaz:

Roosevelt teria escolhido a guerra, como certamente fez, se acreditasse que a maioria de nossas cidades estaria em ruínas? De todos os beligerantes, os Estados Unidos perderam, de longe, o menor número de vidas. Os tomadores de decisão estariam dispostos a aceitar baixas civis em uma escala como Dresden, Tóquio, Hiroshima ou mesmo Londres durante a Blitz? O objetivo estratégico das elites americanas na Segunda Guerra Mundial era expandir seu poder e alcance global, aproveitando a ruína e o declínio que todos os outros combatentes sofreriam, inimigos e aliados. Os EUA travaram a guerra de forma a subir na hierarquia global, não a afundar, e chegaram ao topo.⁸⁸

Como vimos até aqui, a despeito de condenarmos veementemente a atuação do Japão Imperial na Segunda Guerra Mundial, não é possível afirmar sob nenhuma circunstância que o ataque ocorreu sem qualquer provocação prévia. No entanto, a guerra não se resumiu ao enfrentamento contra o Japão. Interesses econômicos estavam em jogo também em ajudar os rivais da Alemanha e, posteriormente, enfrentá-la pela força das armas.

Para explicar o caminho até a declaração de guerra alemã contra os Estados Unidos, que precipitou o começo oficial das hostilidades entre ambos, é necessário

⁸⁷ ROOSEVELT, Franklin D. The Four Freedoms. **American Rethoric**, 2021. Disponível em: <<https://www.americanrhetoric.com/speeches/fdrthefourfreedoms.htm>>. Acesso em: 06 out. 2022.

⁸⁸ ATWOOD, op. cit., p. 1 (tradução nossa). No original: “would Roosevelt have chosen war, as he surely did, had he believed that a majority of our cities would lie in ruins? Of all belligerents the United States lost the fewest lives by far. Would decision-makers have been willing to accept civilian casualties on a scale like Dresden, Tokyo, Hiroshima, or even London during the Blitz? The strategic goal of American elites in World War II was to expand their global power and reach, taking advantage of the ruin and decline all the other combatants would suffer, enemies and allies alike. The US waged war in such a way as to rise in the global hierarchy, not to sink, and it rose to the top”.

entender o caminho que começou em um isolacionismo desinteressado por parte do povo e os interesses de empresas estadunidenses na Alemanha Nazista, e terminou em guerra declarada.

2.2 Empresas estadunidenses e a Alemanha Nazista

Inicialmente, tanto as elites conservadoras dos EUA quanto da Alemanha viam Hitler com maus olhos: um plebeu rude cuja ideologia recebia o nome de *nacional-socialismo*, que falava sobre uma mudança ‘revolucionária’ e cujo partido se colocava como sendo dos trabalhadores alemães. Mas não demorou muito para que ambas as elites percebessem que esse tipo específico de fascismo, como todas as suas outras variantes, era conservador e, em alguns pontos, explicitamente reacionário. Após um apoio financeiro e político massivo por parte do establishment alemão, as elites internacionais—incluindo aí as dos EUA—passaram a apoiar o novo regime, entendendo que alguma perda de força política em detrimento da ascensão de Hitler era um bom negócio.⁸⁹

Algumas empresas estadunidenses já estavam presentes na Alemanha desde a década de 1920 através de subsidiárias ou empresas parceiras, mas as relações com o novo regime eram interessantes. Entre elas estavam a fábrica de garrafas da Coca-Cola em Essen, a fábrica de automóveis Opel da General Motors em Rüsselsheim, a Ford-Werke da Ford em Colônia, a IBM em Berlim e a IG Farben, parceira da Standard Oil que muito lucraria com o esforço de guerra, tanto através da verba estatal como através do trabalho escravo de prisioneiros de campos de concentração.⁹⁰ E embora os industriais estadunidenses e alemães não fossem em sua maioria nazistas convictos e apaixonados, eles entenderam que seria muito lucrativo endossar os nazistas diante de suas promessas de destruir as esquerdas alemãs a partir de uma nova legislação, que congelava as remunerações e salários aos níveis do verão de 1933 e deixava os ajustes futuros nas mãos de avaliadores regionais do trabalho, que tinham respaldo a partir da Lei de Regulamentação do Trabalho Nacional, de 20 de janeiro de 1934. O resultado disso foi

⁸⁹ PAULWELS, op. cit., p. 31.

⁹⁰ Ibid., p. 32.

que os níveis nominais dos salários a partir de 1933 eram muito mais baixos que os de 1929.⁹¹

É verdade que, embora os salários nominais tivessem diminuído em relação a 1929, o mesmo aconteceu com os preços, e a depressão acabou não aliviando muito o custo real dos salários para os empresários como se esperava. O que de fato fez essa desoneração possível para as elites alemãs foram as demissões em massa e a manutenção dos trabalhadores que restaram sob regime temporário. Somando isso ao congelamento dos salários, a destruição dos sindicatos trabalhistas e a vista grossa à cartelização das empresas, a perspectiva de lucro sob o jugo de Hitler era muito atrativa.⁹²

E o que talvez seja mais importante é que o regime de Hitler prometia libertar as empresas alemãs da gestão de seus assuntos internos, ao livrá-las da supervisão de sindicatos trabalhistas independentes. No futuro, aparentemente, os salários seriam determinados pelos objetivos de produtividade dos empregadores e não pelos ditames da negociação coletiva.⁹³

Assim como as elites na Itália Fascista cerca de uma década antes, as elites alemãs e mesmo as estadunidenses viam no nazismo uma vantagem inestimável: seu antagonismo feroz contra o comunismo—ou qualquer coisa que fosse julgada como tal. Para os industriais, o comunismo era uma ameaça muito maior do que quaisquer problemas que os fascismos carregavam, e eles não tiveram grandes pudores em abraçar o fascismo para exorcizar a “ameaça vermelha”. As atitudes das elites em relação ao fascismo só podem ser entendidas de maneira mais plena quando entendemos as atitudes delas para com o comunismo.⁹⁴

E lucro essas empresas tiveram. Em uma cotação de câmbio de 2.5 *reichsmarks* para um dólar,⁹⁵ não apenas as empresas alemãs se beneficiaram dos programas de obras e rearmamento do Estado alemão, mas também as estrangeiras. A subsidiária da Coca-Cola aumentou suas vendas de 243.000 fardos em 1934 para 4.5 milhões em 1939, com o impulso do Estado para o consumo de refrigerantes cafeinados por parte dos trabalhadores alemães, de modo a substituir a cerveja por algo não-alcoólico e que

⁹¹ TOOZE, Adam. **O preço da destruição: construção e ruína da economia alemã**. Rio de Janeiro: Record, 2013, p. 135.

⁹² Ibid., p. 135.

⁹³ Ibid., p. 136.

⁹⁴ PAULWELS, op. cit., p. 32.

⁹⁵ Ibid., p. 33.

permitisse aos trabalhadores um melhor rendimento. Já a Ford-Werke, subsidiária da Ford, viu seus lucros anuais escalarem vertiginosamente após uma queda no início dos anos 1930, de 63 mil *reichsmarks* em 1935 para 1.287.800 *reichsmarks*. Isso se deu tanto pelos contratos com o governo no contexto do rearmamento, como também pela eliminação dos sindicatos e partidos efetivamente operários, cortando os custos trabalhistas de 15 por cento do volume dos negócios em 1933 para apenas 11 por cento em 1938. Além disso, seus ativos foram de 25.8 milhões de *reichsmarks* em 1933 para 60.4 milhões em 1939. A Opel, subsidiária da General Motors, aumentou sua participação no mercado alemão de 35 por cento em 1933 para 50 por cento em 1935. Em 1938 o lucro da empresa era de 35 milhões de *reichsmarks*, e um ano depois o valor da Opel foi estimado em 86,7 milhões de dólares, mais que o dobro do que os 33.3 milhões que a General Motors investiu na empresa uma década antes. A Opel e a Ford juntas passaram a controlar 70 por cento do mercado automotivo e supriam o exército alemão com todo tipo de equipamento que podiam oferecer para o vindouro esforço de guerra.⁹⁶

Por fim, é relevante apontar que a IBM, importante indústria da área de tecnologia, deu aos nazistas através de sua subsidiária Dehomag os recursos tecnológicos de automação de produção na Alemanha, que depois viriam a ser usados para facilitar a execução do Holocausto.⁹⁷

2.3 Os estadunidenses diante do antissemitismo e do Holocausto

Para além das relações comerciais entre a iniciativa privada estadunidense e o Estado alemão, entrava na equação um desdém popular para com as questões raciais levantadas pelo Terceiro Reich. Pesquisas da época indicavam que os cidadãos dos Estados Unidos tinham afinidade pelas ideias de hierarquia racial germânicas. O antissemitismo de Hitler também não era visto como um grande problema, uma vez que esse sentimento era relativamente popular nos anos 1930 não apenas na Alemanha, mas em vários outros países. Empresários antissemitas acusavam o *New Deal* de Roosevelt de ser um esquema judeu socialista para interferir na economia, e inclusive o chamavam de “*Jew Deal*”. O próprio presidente era tratado como um ‘criptocomunista’, e banqueiros

⁹⁶ Ibid., p. 32-33.

⁹⁷ Sobre o papel da IBM no Holocausto, Cf: BLACK, Edwin. **IBM and the Holocaust: the strategic alliance between Nazi Germany and America's most powerful corporation**. Nova York: Crown Publishers, 2001.

estadunidenses visitando a Alemanha em 1934 reclamaram ao embaixador do seu país em Berlim que a administração Roosevelt era “cheia de judeus”.⁹⁸

Essa tolerância—e até certo ponto adesão—ao racismo institucional germânico faz bastante sentido se entendermos o contexto de discriminação racial institucionalizada nos Estados Unidos com as infames “leis Jim Crow” vigentes na época. Mas também há de se levar em conta que uma parte significativa da população estadunidense era formada por descendentes de origem europeia que trouxeram com eles, além da força de trabalho e a busca por uma vida melhor, seu antissemitismo culturalmente entranhado em vários lugares do seu continente natal. Os escritórios do Departamento de Estado eram cheios de integrantes de famílias de classe média alta de origem anglo-saxã que acreditavam nas ideias de superioridade racial dos ‘nórdicos’, com muitos de seus oficiais ativamente bloqueando propostas de ajuda ou resgate.⁹⁹

Um caso particularmente infame foi o da embarcação SS St. Louis. Em 1939 a embarcação, que contava com judeus vindos da Alemanha, chegou na costa de Cuba para o desembarque dos refugiados. De acordo com a *Enciclopédia do Holocausto*, a embarcação contava com 937 passageiros, em sua maioria judeus que teriam recebido documentos governamentais de Cuba que permitiriam seu desembarque.¹⁰⁰ Contudo, o país—na época um protetorado dos Estados Unidos—se recusou a aceitá-los, contrariando o que havia sido combinado previamente. Eles tentaram conseguir autorização para desembarcar na Flórida, mas esta também foi recusada, e eles acabaram tendo que voltar para a Alemanha. Eventualmente receberam permissão para desembarque na Antuérpia, e seus passageiros judeus receberam asilo na Bélgica, Países Baixos, França e Grã-Bretanha.¹⁰¹ De acordo com Paul Atwood, pesquisas subsequentes apontam que desses judeus, a maioria morreu nos campos de extermínio, incluindo trezentas crianças.¹⁰²

No final da guerra, as notícias sobre os campos de extermínio nazistas foram recebidas com enorme desconfiança, ainda que desde 1942 o Congresso Mundial dos Judeus já tivesse denunciado que cerca de um milhão deles haviam sido mortos pelo Terceiro Reich. No entanto,

⁹⁸ PAULWELS, op. cit., p. 37-38.

⁹⁹ ATWOOD, op. cit., p. 144.

¹⁰⁰ ENCICLOPÉDIA do Holocausto. United States Holocaust Memorial Museum. A viagem do “St. Louis”. **Enciclopédia do Holocausto**. Disponível em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/voyage-of-the-st-louis-1>>. Acesso em: 10 out. 2022.

¹⁰¹ PAULWELS, op. cit., p. 39.

¹⁰² ATWOOD, op. cit., p. 144.

os americanos acharam difícil aceitar relatos de um grande número de mortes em campos de extermínio. Robert H. Abzug acredita que há duas razões para isso. Primeiro, muitos americanos se lembraram dos excessos de propaganda da Primeira Guerra Mundial e suspeitaram que o número de mortes citadas para os campos foi inflado para fins de propaganda. Ainda em janeiro de 1945, a [revista] Collier's concluiu que "muitos americanos simplesmente não acreditam nas histórias de execuções em massa nazistas..." [...] A segunda razão pela qual os americanos tiveram problemas em lidar com as revelações do campo de extermínio foi, como Abzug coloca, "relatos de genocídio nazista levaram a imaginação ao limite." A escala deste evento foi tão vasta, tão inacreditável, tão incompreensível. Os soldados tinham um ouvido especialmente apurado para [identificar] uma peça de propaganda, mas ver os campos por si mesmos os fez acreditar neles. Um sargento americano admitiu: "Antes disso, você teria dito que essas histórias eram propaganda, mas agora você sabe que não eram. Lá estão os corpos e todos aqueles caras estão mortos. Eu nunca tive tanta certeza antes de exatamente pelo que eu estava lutando."¹⁰³

Diante dos relatos e registros do Holocausto, desenvolveu-se uma memória de uma das maiores prioridades dos Estados Unidos na invasão da Europa era eliminar os nazistas com o intuito de salvar os judeus do seu extermínio sistemático. Ocorre que o governo Roosevelt já sabia há muito tempo sobre o que acontecia e deliberadamente tentou esconder do público a escala do horror.

Apesar das crenças populares de que os campos de extermínio de Hitler eram desconhecidos até os últimos estágios da guerra, a administração FDR sabia deles já em 1942. Apesar das súplicas dos líderes judeus americanos, FDR se recusou a resgatar judeus da Europa ocupada pelos nazistas ou bombardear os campos de extermínio e crematórios para frustrar a 'solução final' de Hitler. Há também a questão terrivelmente feia da cumplicidade corporativa americana na ascensão dos nazistas antes da guerra e o emprego moralmente pior de criminosos de guerra

¹⁰³ ROSE, Kenneth D. **Myth and the Greatest Generation**: a social history of Americans in World War II. Nova York: Routledge, 2008, n.p. (tradução nossa). No original: "Americans found it difficult to accept reports of huge numbers of death camp exterminations. Robert H. Abzug believes that there are two reasons for this. First, many Americans remembered the propaganda excesses of the First World War and suspected that the number of fatalities cited for the camps were inflated for propaganda purposes. As late as January 1945, Collier's concluded that "a lot of Americans simply do not believe the stories of Nazi mass executions... [...] The second reason that Americans had problems dealing with the death camp revelations was, as Abzug puts it, "reports of Nazi genocide pushed one's imagination to the very brink." The scale of this event was so vast, so unbelievable, so incomprehensible. Soldiers had an especially keen ear for the propaganda piece, but seeing the camps for themselves made believers of them. One American sergeant admitted, "Before this, you would have said those stories were propaganda, but now you know they weren't. There are the bodies and all those guys are dead. I never was so sure before of exactly what I was fighting for".

nazistas e japoneses após a vitória para seu uso na nova Guerra Fria contra os soviéticos.¹⁰⁴

Sobre a possibilidade de bombardeio nos campos nazistas:

Foram feitas propostas para bombardear os campos de extermínio argumentando que, como os presos morreriam de qualquer maneira, a destruição das ferrovias que levam aos campos, as câmaras de gás e os crematórios provavelmente resultariam em mais vidas salvas do que perdidas. Oficiais militares alegaram que as aeronaves não poderiam ser poupadas de objetivos militares, mas muitas campanhas de bombardeio foram realizadas contra refinarias de petróleo e outros alvos perto dos campos mais infames, especialmente Auschwitz, mas nenhuma bomba foi poupada para destruir as câmaras de gás. Não foi até o último ano da guerra que o governo dos EUA fez qualquer movimento que resultou na salvação de judeus.¹⁰⁵

Mesmo depois da libertação desses prisioneiros, não se pode dizer que estes foram libertados do inferno dos campos, ainda que a administração Aliada não tivesse políticas de tortura e extermínio. Muitos deles foram mantidos nos campos, sendo sistematicamente negligenciados. Apenas quando o presidente Harry Truman admitiu em 1946 que alguns daqueles judeus foram tratados “da mesma forma que os nazistas os trataram” é que eles passaram a ter suas situações resolvidas.¹⁰⁶

Mas apesar das relações entre industriais estadunidenses com a nazismo e o antissemitismo e tolerância com o racismo germânico institucionalizado, as relações entre Estados Unidos e Alemanha foram se deteriorando até que uma guerra contra a Alemanha fosse interessante para a administração FDR.

¹⁰⁴ ATWOOD, op. cit., p. 125 (tradução nossa). No original: “Despite popular beliefs that Hitler’s death camps were unknown until the last stages of the war, the FDR Administration knew of them as early as 1942. Despite entreaties by American Jewish leaders, FDR refused either to ransom Jews from Nazi occupied Europe, or to bomb the death camps and crematoria in order to thwart Hitler’s ‘final solution’. There is also the terribly ugly matter of American corporate complicity in the rise of the Nazis before the war and the morally worse employment of Nazi and Japanese war criminals after victory for their use in the new Cold War against the Soviets”.

¹⁰⁵ Ibid., p. 144 (tradução nossa). No original: “Proposals were made to bomb the death camps arguing that since inmates would die anyway, the destruction of the railways leading to camps, the gas chambers and crematoria would probably result in more lives saved than lost. Military officials claimed that aircraft could not be spared from military objectives but many bombing campaigns were conducted against oil refineries and other targets near the more infamous camps, especially Auschwitz, yet no bombs were spared to destroy gas chambers. It was not until the last year of the war that the US government made any moves that resulted in saving Jews”.

¹⁰⁶ PAULWELS, op. cit., p. 39.

2.4 Deterioração das relações EUA x Alemanha

Um dos fatores agravantes da Grande Depressão foi o fato de que os Estados Unidos produziam muito mais do que o público era capaz de absorver, obrigando que o excedente fosse exportado. E na década de trinta o que tínhamos em formação era um bloco multipolar com grandes mercados de difícil inserção comercial, atrapalhando os anseios dos Estados Unidos quanto à fórmula “liberalismo para vocês, protecionismo para mim” que costuma condenar certas nações à dependência econômica de outras mais poderosas. Caso os Estados Unidos não conseguissem reordenar o sistema mundial para atender às suas necessidades, corria-se o risco de um contexto favorável a manifestações e sublevações populares.¹⁰⁷

Em 1934 a Alemanha adotou uma política comercial que restringia as importações para se tentar obter autossuficiência, política essa dirigida especialmente aos Estados Unidos, Grã-Bretanha e, em menor grau, a França. A dívida germânica para com os Estados Unidos, sozinha, consumia “600 milhões de *reichsmarks* além do grande déficit bilateral, que, em 1929, montava em quase 800 milhões de *reichsmarks*”.¹⁰⁸ O déficit caiu para 230 milhões entre 1933 e 1934, mas “ao ritmo de 800 milhões de *reichsmarks* por ano, o total do rombo no balanço de pagamentos da Alemanha, por conta das obrigações para com os Estados Unidos no serviço da dívida e nas importações líquidas, era claramente insustentável”.¹⁰⁹

A Alemanha passou a trabalhar ativamente para desvincular sua economia da dos Estados Unidos criando relações comerciais bilaterais com diferentes nações, algo que batia de frente com a estratégia de multilateralismo econômico impulsionada por Washington. Como o valor do dólar finalmente tinha parado de cair, os Estados Unidos criaram a Lei de Acordos Comerciais Recíprocos de 1934, que “procurava pôr em prática reduções seletivas nas tarifas norte-americanas como forma de abrir o empacado sistema internacional de comércio”.¹¹⁰ Os acordos comerciais com a Alemanha se deterioraram ainda mais, fazendo esta mudar seu foco comercial para o leste europeu e para a América Latina, em busca daquilo que não seria mais possível obter dos Estados Unidos. Entre

¹⁰⁷ ATWOOD, op. cit., p. 137.

¹⁰⁸ TOOZE, op. cit., p. 119.

¹⁰⁹ Ibid., p. 119.

¹¹⁰ Ibid., p. 121.

outras coisas, os alemães conseguiram do Chile o acesso a salitre e cobre. Do Brasil, conseguiram café e algodão.¹¹¹

Graças a isso, entre 1933 e 1938, as exportações estadunidenses para a Alemanha despencaram, indo de 8.4 para 3.4 por cento; em 1938 o valor dessas exportações foi de 406 milhões de dólares, muito menos do que os cerca de 2 bilhões de dez anos antes. Para as corporações com a vantagem de possuir subsidiárias na Alemanha o impacto dessas mudanças não foi grande—e como vimos, algumas se beneficiaram de tudo isso—, mas as corporações sem esta vantagem e os políticos que acreditavam ser a prosperidade dos Estados Unidos dependente do comércio exterior ficaram extremamente incomodados com o andar da carruagem.¹¹²

Por conta de todas essas questões econômicas nas quais a Alemanha aparecia como uma pedra no sapato, mesmo antes de entrar oficialmente na guerra contra a Alemanha os Estados Unidos já estavam aliados à Grã-Bretanha no esforço de guerra no Atlântico Norte, inclusive ordenando à marinha que atirasse em qualquer submarino alemão avistado no intuito de ajudar as embarcações britânicas, possivelmente na esperança de algum ataque que serviria de pretexto para declarar guerra à Alemanha. Segundo Paul Atwood:

Embora os submarinos nazistas disparassem contra navios americanos, matando militares americanos, logo foi revelado que os americanos haviam disparado primeiro, e isso produziu uma reação daqueles que eram contra a entrada na guerra. Este estratagema desonesto falhou. Apenas o ataque total dos japoneses ao Havaí derrubou a oposição americana à entrada na guerra. Este 'Dia da Infâmia' foi certamente uma surpresa para o público, mas o ataque foi antecipado na Washington oficial.¹¹³

Em 11 de dezembro de 1941, poucos dias após o ataque a Pearl Harbor, o governo alemão se viu obrigado a declarar guerra contra os Estados Unidos por conta de sua aliança com o Japão. Washington finalmente estava em guerra contra as duas potências que mais ameaçavam sua hegemonia econômica no mundo.

¹¹¹ Ibid., p. 122.

¹¹² PAULWELS, op. cit., p. 59.

¹¹³ ATWOOD, op. cit., p. 137 (tradução nossa). No original: “Though Nazi submarines did fire on American vessels, killing American servicemen, it was soon revealed that Americans had fired first, and this produced a backlash from those against entering the war. This dishonest stratagem failed. Only the all-out Japanese attack on Hawaii overturned American opposition to entering the war. This ‘Day of Infamy’ was certainly a surprise to the public, but the attack was anticipated in official Washington”.

Creemos que o que foi exposto até aqui explica de maneira minimamente satisfatória os problemas dos argumentos supostamente morais dos Estados Unidos para classificar a Segunda Guerra Mundial como uma “boa guerra”, ao menos de um ponto de vista político e de um ponto de vista mais macroscópico. Mas é necessário também levantar questionamentos sobre esse mito na mentalidade popular e o engajamento da população para com esta guerra.

2.5 “Por que lutamos?”

Nos anos em que a guerra ocorria, a população estadunidense apresentava dúvidas com relação aos motivos de se engajar nela, mesmo após o ataque à Pearl Harbor. Isso não significa que milhões de cidadãos não entendessem a gravidade da situação e a necessidade de se derrotar o fascismo, mas “tais perspectivas eram apenas parte de uma vasta discussão pública sobre como entender o que estava acontecendo e como enquadrar a turbulência sem precedentes no mundo que a guerra trouxe.”¹¹⁴ A maioria dos cidadãos não queria ir para a guerra em 1941, e entre os que queriam, normalmente os motivos giravam em torno do sentimento de revanchismo precipitado pelo ataque a Pearl Harbor, não pelo idealismo propagandeado pela Casa Branca. Mesmo em 1944, quando a guerra já estava em andamento há cerca de três anos, uma pesquisa demonstrou que quarenta por cento dos estadunidenses afirmavam não ter certeza pelo que eles estavam lutando.¹¹⁵ O *Office of War Information* (OWI) descobriu em 1942 que um terço dos estadunidenses gostariam que seu país negociasse uma paz em separado com a Alemanha.¹¹⁶

Quando a guerra de fato começou para os estadunidenses, as opiniões e sentimentos a respeito dela se tornaram mais complexos. Por um lado, a guerra trouxe muitos novos empregos, muito desejados depois de uma década de crise econômica; por outro, defensores da segregação racial tinham receio das transformações na moral e nas relações raciais causadas pelas demandas da guerra no mercado de trabalho.¹¹⁷

Para Jacques Paulwels, a maioria dos civis estadunidenses nem sequer sabia direito qual o sentido da guerra. Uma pesquisa feita em 1942 entre os civis mostrou que quarenta por cento deles não faziam ideia do motivo do seu país estar envolvido na guerra

¹¹⁴ BODNAR, op. cit., p. 1.

¹¹⁵ Ibid., p. 10.

¹¹⁶ Ibid., p. 14.

¹¹⁷ Ibid., p. 10.

e sete por cento sabia nomear ao menos uma das “Quatro Liberdades”. “Para o povo americano, a guerra não foi uma cruzada pela liberdade e pela democracia, mas simplesmente, como escreveu a revista *Fortune*, “uma necessidade dolorosa”—um infortúnio deplorável, mas inevitável.”¹¹⁸

A conclusão de uma pesquisa por parte da Divisão de Informação e Educação do exército concluiu que “além da aceitação da guerra como uma necessidade imposta aos Estados Unidos por um agressor, houve pouco apoio às tentativas de dar significado à guerra em termos de princípios e causas envolvidas, e pouco desejo aparente por tais formulações.”¹¹⁹ Arthur Miller, trabalhador de um estaleiro durante a guerra, observou “a quase ausência entre os homens com quem trabalhei... de qualquer compreensão do que o nazismo significava—estávamos lutando contra a Alemanha essencialmente porque ela se aliou com os japoneses que nos atacaram em Pearl Harbor.”¹²⁰ Mais de sessenta por cento dos combatentes veteranos em atividade, quando questionados sobre se alguma vez eles já tinham tido a sensação de que não valia à pena lutar naquela guerra, responderam que sim, e a pesquisa concluiu que “quanto mais de perto os homens se aproximavam do verdadeiro negócio da guerra, mais provável era que questionassem seu valor”.¹²¹

Já os soldados, a despeito do revanchismo por Pearl Harbor, não viam a guerra como algo desejável, parte de uma cruzada por liberdade, justiça e democracia. Eles “lutaram para sobreviver, para vencer a guerra para acabar com ela, para poder deixar o exército, para poder voltar para casa. Quando ouviam uma racionalização idealista para a guerra, geralmente respondiam com um enérgico ‘Besteira!’”¹²²

Samuel Stouffer, que ajudou a dirigir uma das maiores pesquisas entre os soldados, concluiu ao fim do processo que havia uma “unanimidade básica” de que a guerra era inescapável, mas parecia haver certa dificuldade na sintetização de um sentido para ela. Em uma pesquisa de 1942 realizada com cerca de seis mil tropas, Stouffer

¹¹⁸ PAULWELS, op. cit., p. 22-23 (tradução nossa). No original: “For the American people the war was not a crusade for freedom and democracy but simply, as *Fortune* magazine wrote, “a painful necessity”—a deplorable but inescapable misfortune”.

¹¹⁹ ROSE, op. cit., n.p. (tradução nossa). No original: “beyond acceptance of the war as a necessity forced upon the United States by an aggressor, there was little support of attempts to give the war meaning in terms of principles and causes involved, and little apparent desire for such formulations”.

¹²⁰ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “the near absence among the men I worked with... of any comprehension of what Nazism meant—we were fighting Germany essentially because she had allied herself with the Japanese who had attacked us at Pearl Harbor”.

¹²¹ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “the more closely men approached the real business of war, the more likely they were to question its worthwhileness”.

¹²² PAULWELS, op. cit., p. 22 (tradução nossa). No original: “they fought to survive, to win the war in order to end it, in order to be able to leave the army, in order to be able to go home. When they heard an idealistic rationalization for the war, they usually responded with a pithy ‘Bull shit!’”.

percebeu que noventa e um por cento concordavam com a afirmação de que “nós temos que lutar agora se quisermos sobreviver”. Em 1943 ele descobriu que cerca de treze por cento dos homens em combate conseguiam nomear ao menos três das “Quatro Liberdades”, e cerca de um terço falharam em dar qualquer resposta sobre por que os Estados Unidos estavam em guerra. Um quarto dos grupos analisados em 1943 afirmavam estar lutando para defender a nação, mas de um ponto de vista político apenas dezesseis por cento afirmavam estar lutando por “liberdade” ou “democracia”, e cerca de quinze por cento afirmavam a necessidade de livrar o mundo do fascismo.¹²³

Essas idealizações faziam até menos sentido prático quando se tratam de soldados de grupos minoritários, especialmente negros. A mesma sociedade que os discriminava e onde eram toleradas políticas de segregação racial com o aval de Washington chamava estes soldados para a guerra, em um esforço conjunto para que os inimigos fossem derrotados, ainda que eles fizessem parte de unidades segregadas até mesmo no front de batalha.

Ficaram especialmente famosos três casos envolvendo integrantes negros nas Forças Armadas. O primeiro deles foi o de Doris Miller, um taifeiro que trabalhava no USS West Virginia. Quando os japoneses atacaram, Miller ajudou a socorrer vários feridos e, em um determinado ponto, se posicionou em uma metralhadora antiaérea calibre 50, atirando até a munição acabar. Miller receberia a Cruz da Marinha em 27 de maio de 1942, deixou o front por alguns meses para fazer campanha de propaganda de títulos de guerra, e sua imagem foi usada em um pôster de recrutamento, possivelmente na esperança de atrair voluntários de descendência africana, mas infelizmente não sobreviveu à guerra, tendo morrido no afundamento do USS Liscome Bay em 1943.¹²⁴

Outros dois casos foram a 92ª Divisão de Infantaria que atuou a partir de 1944 que ficou conhecida pelo apelido de *Buffalo Soldiers*, originalmente pertencente ao 10º Regimento de Cavalaria dos Estados Unidos formado em 1866, e os *Tuskegee Airmen*, que faziam parte do 477º Grupo de Bombardeio e o 332º Grupo de Caça, cujos pilotos eram conhecidos como *Red Tails* por conta da pintura vermelha na cauda e no nariz dos seus aviões de caça.

¹²³ BODNAR, op. cit, p. 26.

¹²⁴ GALANTE, Alexandre. US Navy nomeia porta-aviões em homenagem a Doris Miller, herói da Segunda Guerra Mundial. **Poder Naval**, 2020. Disponível em: <<https://www.naval.com.br/blog/2020/01/21/us-navy-nomeia-porta-avioes-em-homenagem-a-doris-miller-heroi-da-segunda-guerra-mundial/>>. Acesso em: 13 out. 2022.

Figura 1 - Pôster de recrutamento usando a imagem de Doris Miller



Fonte: Poder Naval, 1942.

No entanto, havia muita desconfiança entre a população negra a respeito das autoridades. Como afirma John Bodnar:

Aqueles consignados a formas de cidadania de segunda classe, no entanto, se perguntavam como poderiam lutar por ideais liberais no exterior quando lhes foi negado tratamento justo em seu próprio país. Muito antes de Pearl Harbor, eles já haviam encontrado inúmeras

razões para suspeitar das autoridades e questionar descrições virtuosas da nação que habitavam.¹²⁵

Havia também um total descrédito para com a população negra por parte das Forças Armadas. Os grupos de soldados negros costumavam ter notas baixas em exames de inteligência do exército, em geral por fazerem parte de estratos sociais com menor acesso à educação, e isso fazia com que as lideranças do exército alimentassem suas próprias crenças de inferioridade racial, num ciclo vicioso. Por conta disso a maioria dos negros alistados eram considerados inaptos para o combate e colocados para fazer serviços de trabalho braçal. Só a partir de 1944 grupos como os anteriormente citados *Buffalo Soldiers* e *Red Tails*, além de outros como o 761º Batalhão de Tanques foram gradativamente ganhando a oportunidade de entrar em combate, ainda que em grupos segregados.¹²⁶

No futuro, as experiências dos soldados negros na guerra passaram a ser usadas como argumento para a conquista de mais direitos por parte dos seus pares, instrumentalizadas nessa memória de valorização dos soldados-messias, sobre as quais dissertamos anteriormente. Essa instrumentalização

reforçou histórias tradicionais que viam todos os americanos como corajosos e naturalmente patrióticos. No final do século XX, a história das minorias na Segunda Guerra Mundial acabou sendo principalmente um conto de como mesmo cidadãos maltratados se apegaram ao amor pela nação e estavam dispostos a lutar por sua sobrevivência. O legado de sua vitimização e maus-tratos permaneceu, mas estava ficando mais difícil de encontrar, pois agora eles ocupavam seu lugar em uma lendária comunidade de heróis.¹²⁷

A partir dos dados aqui colocados, é possível ter uma noção de como estes soldados pensavam sobre as razões para que a guerra ocorresse. Mas como era o

¹²⁵ BODNAR, op. cit., p. 166 (tradução nossa). No original: “Those consigned to forms of second-class citizenship, however, wondered how they could be expected to fight for liberal ideals abroad when they were denied fair treatment in their own country. Long before Pearl Harbor they had already found numerous reasons to be suspicious of authorities and to question righteous descriptions of the nation they inhabited”.

¹²⁶ McMANUS, John. **The Deadly Brotherhood**: The American combat soldier in World War II. Nova York: Ballantine Books, 2003. Ebook.

¹²⁷ BODNAR, op. cit., p. 199 (tradução nossa). No original: “reinforced traditional stories that saw all Americans as brave and innately patriotic. By the end of the twentieth century, the story of minorities in World War II turned out to be mostly a tale of how even mistreated citizens held fast to their love of the nation and were willing to fight for her survival. The legacy of their victimization and mistreatment remained but was getting more difficult to find as they now took their place in a fabled community of heroes”.

comportamento desses soldados no campo de batalha? Certamente mais humano—e consequentemente falho—do que os discursos heróicos tentam vender ao grande público.

CAPÍTULO 3

O SOLDADO REAL

“O medo mais profundo nos meus anos de guerra, um que ainda está comigo, é de que esses acontecimentos não tenham tido propósito.”

J. Glenn Gray¹²⁸

A vida dos soldados no campo de batalha é complexa demais para ser suficientemente contemplada em poucas páginas de uma maneira que toda essa complexidade possa ser tratada com o devido aprofundamento. Não é à toa que muitos livros já foram lançados com a finalidade de trazer luz a esse assunto. Contudo, pensamos que trazer alguns elementos da vida dos combatentes durante a guerra pode ajudar, no mínimo, a evaporar noções românticas de heroísmo e tratar as contradições humanas de maneira justa.

3.1 A tragédia por excelência

Para Paul Fussel, autor de *Wartime: understanding and behavior in the Second World War*, o soldado de infantaria não era mais do que bucha de canhão, ainda que a empolgação dos jovens recrutas e voluntários não os permitissem perceber isso antes que fosse tarde demais.

A guerra deve depender dos jovens, pois só eles têm as duas coisas que a luta exige: resistência física e inocência sobre sua própria mortalidade. Os jovens se orgulham de seu atletismo e, como seu senso de honra ainda não foi comprometido, eles são o material mais útil para guarnecer o lado mais difícil da guerra. O conhecimento virá depois de alguns meses, e então eles serão usados e como soldados virtualmente inúteis—assustados, cínicos, debilitados, relutantes. Representando uma paródia infantil de uma sociedade adulta assassina, meninos que nunca haviam se barbeado metralhavam outros meninos se aproximando com *Panzerfausts* em suas mãos adolescentes. Entre os horivelmente feridos, o grito mais comum era “Mãe!”¹²⁹

¹²⁸ GRAY, J. Glenn. **The Warriors:** reflections of men in battle. Lincoln e Londres: University of Nevada Press, 1998. Ebook., p. 24 (tradução nossa). No original: “The deepest fear of my war years, one still with me, is that these happenings had no real purpose”.

¹²⁹ FUSSEL, Paul. **Wartime:** understanding and behavior in the Second World War. Nova York: Oxford University Press, 1989, E-book, n.p. (tradução nossa). No original: “War must rely on the young, for only

Paul Fussell, além de ter se consagrado como um importante estudioso sobre as guerras mundiais, lutou na Segunda Guerra Mundial. E este fato o tornou um cínico confesso, uma vez que não apenas ele, mas muitos dos seus colegas, percebiam o quanto os indivíduos ordinários eram descartáveis. Além do mais, ele pôde perceber *in loco* que, para ser capaz de chegar a um estado de animação diante de um ataque, era necessário suprimir noções básicas de simpatia humana. Olhando para que o a guerra fazia consigo, Fussell desenvolveu um profundo desprezo pelos seus colegas que cometiam atrocidades.¹³⁰

E havia um esforço considerável em esconder do grande público tanto os horrores da guerra que afligiam seus soldados quanto os que foram cometidos por eles. A partir de omissões e dados falsos, os civis em casa eram levados a desenvolver falsas suposições sobre aspectos do comportamento humano e ao olhar binário a respeito de um “bem” e um “mal”. Além disso, os aspectos mais terríveis da guerra eram suprimidos. E narrativas como a do “soldado-messias” e toda a mitificação em torno do sacrifício dos soldados—como se vê em peso nos louvores em torno do Dia D—funciona em uma chave de uniformização do comportamento humano. Os Aliados atacam, todos de maneira heróica; os alemães se defendem, todos na mesma intensidade; “nenhum homem vira as costas e foge, nenhum se atira ao chão para simular a morte, ou para fulminado diante do indescritível horror de tudo aquilo.”¹³¹

Os combatentes tinham plena noção de que a guerra não era um local de heroísmo patriótico, mas sim o local da tragédia por excelência. Walter Slatoff, da 78ª Divisão de Infantaria em um texto escrito para seu filho, exemplifica de maneira eloquente a natureza da guerra.

Meu filho: A guerra é uma coisa mais terrível do que todas as palavras do homem podem dizer; mais terrível do que a mente de um homem pode compreender. É o cadáver de um amigo, até um momento atrás

they have the two things fighting requires: physical stamina and innocence about their own mortality. The young are proud of their athleticism, and because their sense of honor has not yet suffered compromise, they make the most useful material for manning the sharp end of war. Knowledge will come after a few months, and then they'll be used up and as soldiers virtually useless—scared, cynical, debilitated, unwilling. Enacting a child's parody of a murderous adult society, boys who had never shaved machine-gunned other boys creeping up with Panzerfausts in their adolescent hands. Among the horribly wounded the most common cry was 'Mother!'. *Sharp end* é uma gíria usada para se referir à parte mais difícil de uma atividade ou trabalho, onde possivelmente mais problemas são encontrados. Optamos então por traduzir *sharp end of war* como “o lado mais difícil da guerra”.

¹³⁰ BODNAR, op. cit., p. 56.

¹³¹ KEEGAN, John. **A face da batalha**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2000, p. 51.

um ser humano vivo com pensamentos, esperanças e um futuro exatamente como você—agora nada. São os gemidos e a dor dos feridos, e as expressões em seus rostos. É o som de novos soldados chorando antes da batalha; o som mais alto de seu silêncio depois. É a sujeira, a coceira e a fome; o desconforto corporal sem fim; sentindo-se como um animal; o cansaço tão profundo que morrer seria bom. É o conhecimento maligno e risonho de que mais cedo ou mais tarde a lei das médias alcançará cada soldado, e a terrível esperança de que isso tome a forma de um ferimento, não mutilação ou morte. Lembre-se do que estamos falando. Não palavras, não soldados, mas seres humanos exatamente como você.¹³²

Havia um esforço ativo para se esconder os aspectos mais agressivos dos olhos dos civis. Podemos citar como exemplo as imagens dos combatentes mortos ou mutilados, que não eram levadas ao grande público através de fotos e vídeos. Para Fussell, a guerra moderna causava um número muito maior de mutilações do que as guerras do passado sem o uso de armas de pólvora. Contudo, as sensibilidades das sociedades modernas transformaram esse tipo de incidente em algo muito menos digerível, o que faz com que a propaganda de guerra precise trabalhar mais para evitar que imagens que derrubem o moral dos cidadãos circulem. E isso gerava um distanciamento ainda maior entre os civis que ficaram nos Estados Unidos e aqueles que foram para o combate. Afirma Fussell:

O que irritou as tropas e aumentou sua atitude sardônica e desdenhosa para com aqueles que as viam de longe foi em grande parte essa inocência pública sobre os danos bizarros sofridos pelo corpo humano na guerra moderna. As tropas não podiam contemplar sem raiva a falta de conhecimento público do formulário de Registro de Túmulos usado pelo Corpo de Intendentes do Exército dos EUA com seu espaço para indicar “Membros desaparecidos”. Você esperaria que os soldados da linha de frente fossem atingidos e feridos por balas e fragmentos de granadas, mas tal é o isolamento popular dos fatos que você não

¹³² McMANUS, op. cit., n.p. (tradução nossa). No original: “My Son: War is a more terrible thing than all the words of man can say; more terrible than a man’s mind can comprehend. It is the corpse of a friend, one moment ago a living human being with thoughts, hopes and a future just exactly like yourself—now nothing. It is the groans and the pain of the wounded, and the expressions on their faces. It is the sound of new soldiers crying before battle; the louder sound of their silence afterwards. It is the filth and itching and hunger; the endless body discomfort; feeling like an animal; the fatigue so deep that to die would be good. It is the evil, snickering knowledge that sooner or later the law of averages will catch up with each soldier, and the horrible hope that it will take the form of a wound, not maiming or death. Remember what we are talking about. Not words, not soldiers, but human beings just exactly like yourself”.

esperaria que eles fossem feridos, às vezes mortos, por serem atingidos por partes do corpo de seus amigos violentamente separadas.¹³³

Kenneth Rose complementa:

O material censurado incluía fotografias que mostravam idosos, jovens ou mulheres vítimas de bombas e balas americanas. Fotografias mostrando aqueles que foram atropelados por soldados americanos em acidentes de trânsito também foram suprimidas, assim como fotografias de soldados coletando partes de corpos como souvenirs. Também foram extirpadas fotografias mostrando médicos americanos prestando assistência médica a prisioneiros (isso para evitar despertar qualquer simpatia do público pelo inimigo) e fotos de tropas negras misturando-se com mulheres brancas. Finalmente, qualquer evidência fotográfica do que a guerra realmente faz com o corpo humano, incluindo “decapitação, desmembramento... membros torcidos ou congelados em posições não naturais” e, em um caso, “fotografias de um campo cheio de pedaços de carne humana” não apareciam diante de um público melindroso. “Destruir o moral” e a evidência da sombria realidade desse conflito eram a mesma coisa, e a censura era uma ferramenta usada pelo governo para convencer um público complacente da bondade da guerra.¹³⁴

Para além das dificuldades inerentes do combate, ainda existiam questões fora do combate que contribuíam para tornar a vida dos soldados ainda mais miserável. Um exemplo era aquilo que os soldados chamavam de *chickenshit*, o que se traduz para “merda de galinha”.

¹³³ FUSSEL, op. cit., n.p. (tradução nossa). No original: “What annoyed the troops and augmented their sardonic, contemptuous attitude toward those who viewed them from afar was in large part this public innocence about the bizarre damage suffered by the human body in modern war. The troops could not contemplate without anger the lack of public knowledge of the Graves Registration form used by the U.S. Army Quartermaster Corps with its space for indicating “Members Missing.” You would expect front-line soldiers to be struck and hurt by bullets and shell fragments, but such is the popular insulation from the facts that you would not expect them to be hurt, sometimes killed, by being struck by parts of their friends’ bodies violently detached”.

¹³⁴ ROSE, op. cit., n.p. (tradução nossa). No original: “Censored material included photographs that showed elderly, young, or female victims of American bombs and bullets. Photographs showing those who had been run over by American soldiers in traffic accidents were also suppressed, as were photographs of soldiers collecting body parts for souvenirs. Also excised were photographs showing American doctors giving medical aid to prisoners (this to avoid exciting any public sympathy for the enemy) and pictures of black troops mixing with white women. Finally, any photographic evidence of what warfare actually did to the human body, including “decapitation, dismemberment ... limbs twisted or frozen into unnatural positions,” and, in one case, “photographs of a field littered with bits of human flesh” did not appear before a squeamish public. “Undermining morale” and evidence of the grim reality of this conflict were one and the same, and censorship was one tool used by the government to convince a complacent public of war’s goodness”.

3.2 A “merda de galinha”

Chickenshit não se refere às dificuldades da vida cotidiana no meio militar, como a falta de privacidade, o tédio dos treinamentos disciplinares, privação de traços de personalidade próprios, comida repetitiva e pouco apetitosa, entre outras. Para definir o termo, Fussel argumenta o seguinte:

Merda de galinha refere-se [...] a comportamentos que tornam a vida militar pior do que precisa ser: assédio mesquinho aos fracos pelos fortes; luta aberta por poder, autoridade e prestígio; sadismo disfarçado como disciplina necessária [...]; e insistência na letra da lei e não no espírito das ordenanças. Merda de galinha é assim chamada—em vez de merda de cavalo, touro ou elefante—porque é mesquinho e ignóbil e leva o trivial a sério. A merda de galinha pode ser reconhecida instantaneamente porque nunca tem nada a ver com vencer a guerra.¹³⁵

John Bodnar aponta que os oficiais tinham uma tendência de fazer os soldados realizarem uma série de tarefas inúteis ou trabalhos irrelevantes para o esforço de guerra, sendo apenas uma maneira dos mais fortes—em termos de hierarquia e poder—assediarem os mais fracos.¹³⁶

De forma resumida: *chickenshit* se refere aos abusos de autoridade, atividades cansativas e sem utilidade como treinamento aplicadas com o mero intuito de demonstrar poder ou humilhar os soldados, exigências do cumprimento de formalidades burocráticas inúteis contrárias ao bom senso em situações específicas, entre outras coisas semelhantes.

Um exemplo emblemático de *chickenshit* pode ser encontrado em *Beyond Band of Brothers*, do major Dick Winters, líder da Companhia Easy que protagonizou *Band of Brothers*, de Stephen E. Ambrose. E o responsável pela ‘merda de galinha’ era o capitão Herbert Sobel. “Sobel não era apenas injusto; ele era simplesmente mau”,¹³⁷ afirma o ex-combatente. Mais adiante Winters desenvolve seu argumento:

¹³⁵ FUSSEL, op. cit., n.p. (tradução nossa). No original: “Chickenshit refers rather to behavior that makes military life worse than it need be: petty harassment of the weak by the strong; open scrimmage for power and authority and prestige; sadism thinly disguised as necessary discipline [...]; and insistence on the letter rather than the spirit of ordinances. Chickenshit is so called—instead of horse-or bull- or elephant shit—because it is small-minded and ignoble and takes the trivial seriously. Chickenshit can be recognized instantly because it never has anything to do with winning the war.”.

¹³⁶ BODNAR, op. cit., p. 28.

¹³⁷ WINTERS, Dick; KINGSEED, Cole. **Beyond Band of Brothers: the war memoirs of Major Dick Winters**. Nova York: Penguin, 2006, E-book, n.p. (tradução nossa). No original: “Sobel was not just unfair; he was plain mean”.

Uma disciplina de ferro os oficiais podiam tolerar, mas armado com a autoridade máxima para destituir qualquer homem da companhia, Sobel ultrapassou os limites da conduta aceitável ao lidar com soldados-cidadãos. Se infrações de disciplina não fossem encontradas durante as inspeções, ele fabricava deficiências para provar um ponto ou para enfatizar sua autoridade como comandante de companhia.¹³⁸

Outro membro da Easy Company, David Kenyon Webster, descreveu uma situação específica de ‘merda de galinha’ em suas memórias que seriam transformadas em livro décadas depois de seu desaparecimento no mar—e provável morte—em 1962, *Parachute Infantry: An American paratrooper's memoir of D-Day and the fall of the Third Reich*. O paraquedista relata uma situação durante a Operação Market Garden em que ele e seus camaradas descansavam em um *foxhole*¹³⁹ próximo a Veghel e da autoestrada entre Eindhoven e Arnhem, nos Países Baixos. Quando estava quase dormindo, Webster foi abordado pelo tenente Thomas Peacock o chamando para acompanhá-lo a uma casa de três andares, um alojamento de oficiais: “olhei em volta com inveja, pois suas camas, cobertores, lençóis e água corrente quente e fria estavam além de qualquer coisa que eu pudesse esperar alcançar.”¹⁴⁰ O tenente, então, apontou para uma vassoura encostada em uma parede e ordenou que Webster varresse o local.

Escrevendo anos depois sobre o incidente, Webster fez questão de expressar sua fúria:

Eu serei um batedor e seguirei em frente e em guarda de flanco e correrei pelos campos abertos sem cobertura, porque essas coisas são esperadas de qualquer soldado. Eu vou saudar quando for preciso e ficar em posição de sentido e dizer: “Sim, senhor”, não importa o quão errado o oficial possa estar, porque isso também é o Exército e todos nós temos que ser disciplinados, pois sem disciplina não se pode lutar. Mas quando um oficial que está dormindo dentro de uma casa entre lençóis

¹³⁸ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “Iron discipline the officers could tolerate, but armed with the ultimate authority to dismiss any man in the company, Sobel exceeded the boundaries of acceptable conduct in dealing with citizen-soldiers. If infractions of discipline were not found during inspections, he manufactured deficiencies to prove a point or to emphasize his authority as company commander”.

¹³⁹ *Foxhole* é, literalmente, “buraco de raposa” ou “toca de raposa”, um buraco cavado no chão pelos soldados para ficarem mais protegidos em posições que precisam ser defendidas, ou às vezes são crateras causadas por artilharia que são usadas com essa finalidade. No entanto, o termo é comumente traduzido como “trincheira”. Uma vez que a imagem de uma trincheira no senso comum costuma ser construída a partir de fotos e filmes sobre a Primeira Guerra Mundial—e levando em conta que as trincheiras desta guerra são bastante diferentes—, decidimos usar o termo original para evitar confusões.

¹⁴⁰ WEBSTER, David K. *Parachute Infantry: An American paratrooper's memoir of D-Day and the fall of the Third Reich*. Nova York: Bantan Dell, 2011, E-book, n.p. (tradução nossa). No original: “I looked around in envy, for their beds, blankets, sheets, and hot and cold running water were beyond anything I could ever hope to achieve”.

me tira de um buraco no chão para varrer sua casa—bem, isso é pedir demais.¹⁴¹

A “merda de galinha” era uma consequência direta da mentalidade de que os soldados de infantaria eram, em geral, descartáveis.

Uma das ironias da Segunda Guerra Mundial é que aqueles que teriam que suportar o pior dos combates—homens em companhias de fuzileiros—acabaram nesses uniformes porque os militares os consideravam de menor calibre em termos de habilidades e educação.¹⁴²

Para o ramo de pesquisas do exército, a infantaria era “o depósito de lixo para homens que poderiam passar pelos padrões físicos, mas que não precisavam satisfazer nenhum outro teste”¹⁴³, e 74 por cento dos próprios soldados afirmaram em pesquisa que a infantaria recebia muitos homens que não serviam para mais nada além daquilo. No entanto, os soldados de infantaria desenvolveram um orgulho próprio em torno das privações e carências que aguentavam. Um dos soldados teria afirmado: “Eu nunca soube que poderia aguentar tanto até me juntar à infantaria.”¹⁴⁴

E esse orgulho era também alimentado por um fator mais do que fundamental para a vida desses combatentes e que está presente em abundância tanto em livros de memórias de ex-combatentes quanto em livros acadêmicos que analisam a vida no front: a camaradagem.

3.3 Camaradagem e violência

De acordo com John McManus em *The Deadly Brotherhood: The American Combat Soldier in World War II*, os laços que uniam os combatentes estadunidenses—

¹⁴¹ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “I will be a scout and go ahead and on flank guard and run across the open fields with no cover, because these things are expected of any soldier. I will salute when I have to and stand at attention and say, “Yessir,” no matter how wrong the officer may be, because that, too, is the Army and we all have to be disciplined, for without discipline, you cannot fight. But when an officer who is sleeping indoors between sheets gets me out of a hole in the ground to sweep his house—well, that’s asking too much”.

¹⁴² ROSE, op. cit., n.p. (tradução nossa). No original: “One of the ironies of World War II is that those who would have to bear the worst of the fighting—men in rifle companies—ended up in these outfits because the military considered them to be of the lowest caliber in terms of skills and education”.

¹⁴³ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “the dumping ground for men who could pass physical standards but who need not satisfy any other test”.

¹⁴⁴ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “I never knew I could take so much till I joined the infantry”.

aqueles sobre os quais seu trabalho se debruçou—era tão forte que a maneira mais precisa de descrevê-los era chamá-los de irmandade.

Esse vínculo foi a força de sustentação e motivação mais importante para o soldado de combate americano na Segunda Guerra Mundial. Embora algumas unidades individuais fossem mais coesas que outras, a irmandade não era exclusiva de nenhuma unidade, setor ou teatro. Pelo contrário, era difundido entre as tropas que lutaram na guerra.¹⁴⁵

Dick Winters, o conhecido líder da Companhia Easy representada em *Band of Brothers*, ao escrever sobre o título do livro que Stephen E. Ambrose escreveu sobre sua unidade, relata essa noção de irmandade de maneira intensa:

Stephen Ambrose, em seu livro, nos chamou de “bando de irmãos”. No entanto, da maneira como cuidamos um do outro, protegemos um ao outro, rimos e choramos juntos, realmente éramos ainda mais próximos do que irmãos de sangue. Éramos como gêmeos—o que aconteceu com um de nós, aconteceu com todos nós, e todos compartilhamos as consequências e os sentimentos.¹⁴⁶

Samuel Hynes em seu clássico *A soldier's tale* aborda essa questão e dá a esses laços a classificação que adotamos aqui, ao chamá-los de camaradagem. Hynes, ele mesmo um ex-combatente da Segunda Guerra Mundial, afirma:

A amizade, por exemplo, é diferente lá—diferente o suficiente para precisar de outro nome: *camaradagem*. A primeira coisa a ser dita sobre a camaradagem é que ela é acidental. Os camaradas na guerra são simplesmente os homens escolhidos pelo sistema para ficar ao seu lado. Porque eles se reúnem tão aleatoriamente, pelo alfabeto ou por números, certamente serão mais diferentes um do outro social, geograficamente e psicologicamente, do que qualquer círculo de amigos dos tempos de paz pode ser. Eles não compartilham nenhum passado comum (que é a cola da amizade comum); Seus laços estão todos no presente, na cultura de guerra que compartilham: a vida

¹⁴⁵ McMANUS, op. cit., n.p. (tradução nossa). No original: “This bond was the single most important sustaining and motivating force for the American combat soldier in World War II. Although some individual units were more cohesive than others, the brotherhood was not unique to any one unit, sector, or theater. Rather it was pervasive among the troops who fought the war”.

¹⁴⁶ WINTERS; KINGSEED, op. cit., n.p. (tradução nossa). No original: “Stephen Ambrose, in his book, called us a “band of brothers.” Yet in the way we took care of each other, protected each other, and laughed and cried together, we really were even closer than blood brothers. We were like twins—what happened to one of us, happened to us all, and we all shared the consequences and the feelings”.

cotidiana, o trabalho, as habilidades, as dificuldades e os perigos, o tédio, da guerra (grifo do autor).¹⁴⁷

O processo de construção dos laços de camaradagem começava desde o treinamento, onde estes homens são desencorajados a achar que a guerra se trata de bravura individual para valorizar a importância da organização. Na guerra, a ideia de que os camaradas dependem uns dos outros para sobreviver intensifica ainda mais esses laços, e essa situação dá aos soldados motivos pelos quais viver e lutar. Segundo J. Glenn Gray em *The Warriors: reflections of men in battle*:

Inúmeros soldados morreram, mais ou menos voluntariamente, não pela pátria ou honra ou fé religiosa ou por qualquer outro bem abstrato, mas porque perceberam que, fugindo de seu posto e resgatando a si mesmos, exporiam seus companheiros a um perigo maior. Tal lealdade ao grupo é a essência da moral em combate.¹⁴⁸

Gray, também ex-combatente da Segunda Guerra que entrou para o exército em maio de 1941 e foi dispensado em outubro de 1945 com a patente de segundo tenente, é mais um caso de autor que reflete sobre sua experiência após a guerra de maneira menos autobiográfica e mais filosófica. Tendo publicado a obra originalmente em 1959, a mesma ganhou outras edições nos anos que se passaram.

Para Gray, desde que os soldados tenham objetivos concretos definidos de maneira clara e objetiva, e havendo perigo e a possibilidade de morte, os laços de camaradagem acabam sendo fortalecidos.¹⁴⁹ Este sentimento é tão forte que alguns ex-combatentes chegam ao ponto de sentir falta dele quando voltam ao mundo civil. Para aqueles que ficaram para trás e recebiam os veteranos em sua volta para casa, este sentimento é difícil de compreender, tanto quanto é para os ex-combatentes explicar.¹⁵⁰

¹⁴⁷ HYNES, Samuel. **The soldier's tale**: bearing witness to modern war. Nova York: Penguin Books, 1997, p. 9 (tradução nossa). No original: "Friendship, for example, is different there—different enough to need another name: *comradeship*. The first thing to be said of comradeship is that it is accidental. Comrades in war are simply the men picked by the system to stand beside you. Because they come together so randomly, by the alphabet or by numbers, they are sure to be more different from each other, socially and geographically and psychologically, than any peacetime circle of friends could possibly be. They share no common past (which is the glue of ordinary friendship); their ties are all in the present, in the war culture they share: the daily life, the work, the skills, the hardships and dangers, the boredom, of war".

¹⁴⁸ GRAY, op. cit., p. 40 (tradução nossa). No original: "Numberless soldiers have died, more or less willingly, not for country or honor or religious faith or for any other abstract good, but because they realized that by fleeing their post and rescuing themselves, they would expose their companions to greater danger. Such loyalty to the group is the essence of fighting morale".

¹⁴⁹ Ibid., p. 42.

¹⁵⁰ Ibid., p. 44.

E essa camaradagem os acompanha tanto nos momentos de sacrifício em prol do amigo ao seu lado em combate quanto nos momentos de violência extrema e, às vezes, até em crimes de guerra. Todos os lados da guerra foram culpados pela morte de prisioneiros desarmados e a profanação dos corpos dos inimigos, e embora muitos soldados se sentissem desconfortáveis com esse tipo de situação, em geral elas eram toleradas por uma questão de coesão coletiva. Segundo Hynes:

Se a afeição entre os homens é diferente na guerra, o mesmo acontece com o seu oposto—a hostilidade e sua expressão na violência. Há momentos na guerra em que os homens se tornam diferentes, que podem fazer coisas que, em seus tempos de paz, eles chamariam de monstruosidades e desumanas. Não gostamos de acreditar nisso—que os homens podem arriscar suas naturezas essenciais—, mas deve ser verdade, ou não existiriam atrocidades. E existem atrocidades, em todo exército, em toda guerra. No campo de batalha, em campos de prisão, em cidades sitiadas e capturadas, as restrições da lei e da sociedade perdem sua autoridade, as regras do poder, e os homens são brutais e cruéis.¹⁵¹

E essa tolerância é ilustrada pelos diversos casos de atrocidades cometidas por indivíduos que, no mundo civil em tempo de paz, dificilmente teriam os impulsos homicidas que demonstram na guerra. Essa aparente contradição, como se fossem duas pessoas diferentes em um mesmo corpo, é explicada a partir do conceito de *marcos referenciais*.

Em *Soldados: sobre lutar, matar e morrer*, Sönke Neitzel e Harald Welzer argumentam que a explicação para esse tipo de fenômeno se dá pelo fato de que na vida civil em tempos de paz e na guerra, os marcos referenciais dos indivíduos e grupos são muito diferentes. Para os autores, os marcos referenciais são os elementos culturais, sociais e históricos nos quais os indivíduos estão inseridos e através dos quais eles enxergam o mundo ao seu redor. Por isso que no mundo civil o ato de matar é visto como um crime bárbaro, mas uma mesma pessoa que condena o assassinato em tempos de paz pode cometê-los no campo de batalha, mesmo que contra vítimas indefesas, porque os marcos referenciais na paz e na guerra são diferentes. No mundo civil, a morte é um

¹⁵¹ HYNES, op. cit., p. 10 (tradução nossa). No original: “If affection among men is different in war, so is its opposite—hostility, and its expression in violence. There are moments in war when men become different men, who can do things that in their peacetime lives they would call monstrous and inhuman. We don’t like to believe this—that men can chance their essential natures—but it must be true, or there would be no atrocities. And there *are* atrocities, in every army, in every war. On the battlefield, in prison camps, in besieged and captured cities, the restraints of law and society lose their authority, power rules, and men are brutal and cruel”.

crime, um atestado de inaptidão social diante das regras majoritariamente aceitas pela sociedade tanto pela letra da lei quanto por questões morais. Na guerra, por outro lado, os marcos referenciais são outros: matar é visto como uma parte integrante da tarefa do combatente. Os prisioneiros indefesos mortos de maneira covarde são assassinados porque os camaradas dos executores também sofrem na mão dos inimigos captores. A violência sexual contra as civis do lado inimigo seria uma espécie de espólio de guerra, onde o próprio inimigo é culpabilizado por estar em combate. E dessa forma, uma violência justifica outra, que justifica mais uma, e assim os marcos referenciais dos homens em combate se tornam um catálogo de justificativas à violência pela brutalidade do mundo ao redor.

Neitzel e Welzer classificam os marcos referenciais em quatro ordens. Os de primeira ordem abrangem a estrutura histórico-social de fundo onde as pessoas vivem em um momento específico, onde há noções claras de “bom” e “mau”, “verdadeiro” e “falso”, de como se comportar em diferentes situações, que distância corporal manter dos outros, códigos de etiquetas, entre outros. Ou seja, um “mundo sentido” que trabalha no inconsciente e no plano emocional das pessoas, ao invés de atuar em um plano reflexivo. Os marcos de segunda ordem são mais concretos de um ponto de vista histórico e cultural, e na maioria das vezes também geográfico. Seu espaço pode ser delimitado de diferentes maneiras: pelo tempo de um regime político de dominação, pelo tempo de vigência de uma constituição ou pela época específica de formação histórica, como por exemplo o Terceiro Reich. Os marcos de terceira ordem seriam ainda mais específicos, se tratando de uma cadeia de acontecimentos concretos na qual os indivíduos atuam, como uma guerra onde eles combatem na posição de soldados. Por fim, os de quarta ordem trazem uma dimensão mais psicológica e individual para as tomadas de decisões. Estes marcos são cada uma das características especiais, modos de percepção, deveres de consciência, modelos interpretativos e outras questões que cada pessoa traz para uma situação.¹⁵²

A partir dos marcos referenciais de cada contexto, momento e lugar, os indivíduos tentam confirmar suas percepções e interpretações da realidade observando as atitudes daqueles que estão ao seu redor, “principalmente em situações que, por causa de seu caráter inesperado e ameaçador, já trazem consigo um grande problema de orientação: O que está acontecendo agora? O que devo fazer?”¹⁵³ Se nas situações plurais da vida social

¹⁵² NEITZEL, Sönke; WELZER, Harald. **Soldados**: sobre lutar, matar e morrer. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 23-24.

¹⁵³ Ibid., p. 26.

os marcos referenciais podem ter uma interferência pouco significativa nas atitudes e decisões dos sujeitos, em uma guerra ou outras situações extremas, o peso deles pode ser impossível de ignorar.¹⁵⁴

O fuzileiro naval Eugene Sledge em seu livro de memórias *With the Old Breed at Peleliu and Okinawa* nos oferece um interessante relato que contrasta a mentalidade do pessoal de retaguarda e civis com a dos combatentes em situações extremas. Sledge, apelidado pelos camaradas de Sledgehammer (marreta, em inglês), afirma:

Para os não-combatentes e os que estavam na periferia da ação, a guerra significava apenas tédio ou excitação ocasional; mas para aqueles que entraram no próprio moedor de carne, a guerra era um submundo de horror do qual escapar parecia cada vez menos provável à medida que as baixas aumentavam e a luta se arrastava. O tempo não tinha significado; a vida não tinha sentido. A luta feroz pela sobrevivência no abismo de Peleliu corroeu o verniz da civilização e fez de todos nós selvagens. Nós existíamos em um ambiente totalmente incompreensível para os homens por trás das linhas — tropas de serviço e civis.¹⁵⁵

A camaradagem dos soldados lhes é imposta pelas circunstâncias, especialmente a de que os soldados fazem parte de uma instituição do tipo total.

As instituições totais funcionam como mundos herméticos a sua própria maneira precisamente porque perseguem finalidades pedagógicas: os soldados não devem aprender somente a manejar uma arma ou a se mover no campo de combate, têm de saber também obedecer, se integrar incondicionalmente numa hierarquia e estar sempre prontos a agir sob ordens. Essas instituições estabelecem uma forma especial de socialização em que as normas e coações coletivas desempenham uma influência sobre o indivíduo maior do que em circunstâncias sociais de normalidade—mesmo porque o grupo de camaradagem de que alguém faz parte, ainda que não escolhido livremente, constitui o único grupo de referência e não deixa alternativa. As pessoas pertencem a ele pois foram alocados ali.¹⁵⁶

¹⁵⁴ Ibid., p. 35.

¹⁵⁵ SLEDGE, E. B. **With the Old Breed at Peleliu and Okinawa**. Nova York: Ballantine Books, 2007. Ebook, n.p. (tradução nossa). No original: To the noncombatants and those on the periphery of action, the war meant only boredom or occasional excitement; but to those who entered the meat grinder itself, the war was a netherworld of horror from which escape seemed less and less likely as casualties mounted and the fighting dragged on and on. Time had no meaning; life had no meaning. The fierce struggle for survival in the abyss of Peleliu eroded the veneer of civilization and made savages of us all. We existed in an environment totally incomprehensible to men behind the lines—service troops and civilians”.

¹⁵⁶ NEITZEL; WELZER, op. cit., p. 34-35.

As atitudes dos soldados, portanto, não dependem apenas da sua própria percepção, interpretação ou decisão, pois sua margem de avaliação mediante seu próprio juízo é muito pequena. E diante de uma situação onde há dificuldade para se orientar adequadamente, a ordem e o grupo asseguram uma orientação onde, sem sua presença, poderia não haver nenhuma. “A importância do grupo de camaradagem para as necessidades individuais de orientação aumenta de acordo com o perigo da situação em que as pessoas se encontram. O grupo torna-se total.”¹⁵⁷

Por que alguém matou outras pessoas ou se envolveu em crimes de guerra são perguntas, no contexto da teoria dos papéis sociais, mais bem compreendidas não como questões morais, mas empíricas. Do ponto de vista moral, elas só guardam algum sentido se a margem de atuação dos indivíduos contivesse alternativas palpáveis que *não* foram escolhidas. Esse é, como se sabe, o caso das recusas de participação nas chamadas “ações judaicas”, por exemplo, que não acarretavam nenhuma consequência jurídica, e de inúmeros incidentes de exercício lascivo de violência [...]. Em outras constelações de acontecimentos, no entanto, constata-se claramente que as possibilidades de escolha e alternativas de ação, proporcionadas na vida civil pela pluralidade de papéis sociais, na guerra simplesmente não existem.¹⁵⁸

O soldado, então, aceita fazer parte da matança e até mesmo de crimes de guerra porque, para além de qualquer cálculo racional ou questionamento moral, os seres humanos agem e fazem suas escolhas dentro de relações sociais, especialmente quando as decisões são tomadas em contexto de estresse. Mas essa anulação individual daqueles que cedem às pressões do grupo diante do que é moralmente condenável gera recompensas. Agir dessa forma dá ao indivíduo a sensação de pertencimento, de comunidade, de confiança e reconhecimento por parte do grupo, que proporciona a libertação dos compromissos da vida civil. Assim, a camaradagem se torna tanto um compromisso social quanto um descompromisso para com o que está além do escopo do grupo. Ela é libertadora e se torna uma unidade de sobrevivência de tal maneira que dificilmente ocorreria em condições normais de socialização.¹⁵⁹

Neitzel e Welzer, que trabalharam com as gravações britânicas feitas às escondidas com soldados alemães aprisionados, afirmam que a noção de “crime de guerra” é insignificante para os combatentes.

¹⁵⁷ Ibid., p. 37.

¹⁵⁸ Ibid., p. 37.

¹⁵⁹ Ibid., p. 43-45.

Nos relatos dos soldados, o conceito de “crimes de guerra” não tem nenhuma importância, é quase tão irrelevante quanto os acordos da Convenção de Haia sobre a Guerra Terrestre ou os da Convenção de Genebra. Para os soldados, o ponto de referência decisivo sempre foi o costume de guerra—aquilo que as pessoas costumam fazer nessa situação.¹⁶⁰

É por isso que práticas dos combatentes estadunidenses como o cozimento de membros decepados de soldados japoneses—especialmente crânios—para a retirada da carne e pele, com a finalidade de ter os ossos como souvenirs, aconteciam no campo de batalha dentro de uma relativa normalidade, mas eram execradas pelos civis quando os relatos dessa prática chegaram ao grande público. Ou mesmo uma outra prática comum no teatro do Pacífico, a de arrancar dentes de ouro dos adversários caídos, mesmo que estes ainda estivessem vivos. Eugene Sledge conta em suas memórias sobre uma situação dessas que o mesmo presenciou:

Enquanto eu estava removendo uma baioneta e uma bainha de um japonês morto, notei um fuzileiro naval perto de mim. Ele não estava na nossa seção de morteiros, mas tinha passado por ali e queria fazer parte dos despojos. Ele veio até mim arrastando o que eu presumi ser um cadáver. Mas o japonês não estava morto. Ele havia sido gravemente ferido nas costas e não conseguia mover os braços; caso contrário, teria resistido até o último suspiro. A boca do japonês brilhava com enormes dentes de ouro, e seu captor os queria. Ele colocou a ponta de sua [faca] kabar na base de um dente e bateu no cabo com a palma da mão. Como o japonês estava chutando e se debatendo, a ponta da faca resvalou no dente e afundou profundamente na boca da vítima. O fuzileiro o xingou e com um golpe abriu com um corte suas bochechas de orelha a orelha. Ele colocou o pé no maxilar inferior do homem em sofrimento e tentou novamente. O sangue jorrou da boca do soldado. Ele fez um barulho gorgolejante e se debateu descontroladamente. Eu gritei: “Tire o homem de sua miséria”. Tudo o que recebi como resposta foi um xingamento. Outro fuzileiro correu, colocou uma bala no cérebro do soldado inimigo e acabou com sua agonia. O carnicheiro resmungou e continuou extraindo seus prêmios sem ser perturbado.¹⁶¹

¹⁶⁰ Ibid., p. 116-117.

¹⁶¹ SLEDGE, op. cit., n.p. (tradução nossa). No original: “While I was removing a bayonet and scabbard from a dead Japanese, I noticed a Marine near me. He wasn't in our mortar section but had happened by and wanted to get in on the spoils. He came up to me dragging what I assumed to be a corpse. But the Japanese wasn't dead. He had been wounded severely in the back and couldn't move his arms; otherwise he would have resisted to his last breath. The Japanese's mouth glowed with huge gold-crowned teeth, and his captor wanted them. He put the point of his kabar on the base of a tooth and hit the handle with the palm of his hand. Because the Japanese was kicking his feet and thrashing about, the knife point glanced off the

Isso não significa, logicamente, que todos os indivíduos em combates eram engolfados por uma totalidade que lhes tirasse toda a autonomia. Apesar dos marcos referenciais, muitos indivíduos lutavam para se manter dentro de seus próprios parâmetros morais ou religiosos, vide o caso de Desmond Doss que ficou mundialmente famoso quando foi representado no filme *Até o último homem* (*Hacksaw Ridge*), dirigido por Mel Gibson. Recusando-se a portar armas e a matar por conta de sua fé—Doss era membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia—, o jovem sofreu todo tipo de humilhação por parte do exército, mas foi autorizado a ir pra guerra atuar como médico. Em Okinawa, Doss salvou dezenas de soldados feridos sozinho, e pelo seu feito extraordinário, foi agraciado com a Medalha de Honra.¹⁶² No entanto, o feito só foi possível porque Doss preferiu suportar a pressão, ódio e sucessivas humilhações por parte dos camaradas cuja mentalidade e ação se dava a partir de outros marcos referenciais, enquanto o futuro recipiente da Medalha de Honra optou por se ater aos marcos de sua vida civil em tempos de paz, especialmente sua religião.

E havia até mesmo aqueles que tentavam apelar para a consciência de seus colegas, de modo a tentar impedi-los de se deixarem levar pela violência e brutalidade da guerra. O já citado Eugene Sledge faz um longo relato detalhado de uma situação onde esteve prestes a agir da mesma maneira brutalizada que seus colegas coletores de dentes, mas foi convencido do contrário:

Uma mão me agarrou pelo ombro, e eu me endireitei para ver quem era. “O que você vai fazer, Sledgehammer?” perguntou o Doc Caswell. Sua expressão era uma mistura de tristeza e reprovação enquanto ele olhava atentamente para mim. “Só pensei em coletar alguns dentes de ouro”, respondi. “Não faça isso.” “Por que não, doutor?” “Você não quer fazer esse tipo de coisa. O que seus pais pensariam se soubessem?” “Bem, meu pai é médico, e aposto que ele acharia interessante”, respondi, me abaixando para retomar minha tarefa. “Não! Os germes, Sledgehammer! Você pode pegar germes deles.” Parei e olhei interrogativamente para Doc e disse: “Germes? Puxa, nunca pensei nisso.” “Sim, você tem que ter cuidado com os germes em torno de todos esses japas mortos, você sabe”, disse ele com veemência. “Bem, então, acho melhor cortar a insígnia em seu colarinho e deixar seus

tooth and sank deeply into the victim's mouth. The Marine cursed him and with a slash cut his cheeks open to each ear. He put his foot on the sufferer's lower jaw and tried again. Blood poured out of the soldier's mouth. He made a gurgling noise and thrashed wildly. I shouted, “Put the man out of his misery.” All I got for an answer was a cussing out. Another Marine ran up, put a bullet in the enemy soldier's brain, and ended his agony. The scavenger grumbled and continued extracting his prizes undisturbed”.

¹⁶² Sobre a trajetória de Doss, Cf: DOSS, Frances M. **Soldado desarmado**: o herói que resgatou até o último homem. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2016.

dentes desagradáveis em paz. Você acha que é seguro, Doc? “Acho que sim”, ele respondeu com um aceno de aprovação. Refletindo sobre o episódio após a guerra, percebi que Doc Caswell não tinha germes em mente. Ele era um bom amigo e uma pessoa boa e genuína cuja sensibilidade não havia sido esmagada pela guerra. Ele estava apenas tentando me ajudar a manter um pouco da minha e não me tornar completamente insensível e duro.¹⁶³

É importante notar, contudo, que Caswell convence Sledge a desistir da prática brutal através de um argumento passível de aceitação dentro dos marcos referenciais dos fuzileiros navais, imersos no racismo típico da época e tomados por um profundo ódio aos seus adversários nipônicos. Muito provavelmente por medo da reprovação dos seus camaradas caso apelasse para noções básicas de moral e humanidade, Caswell prefere apelar para um perigo imaginado de germes presentes na boca dos adversários, frequentemente desumanizados pelos fuzileiros. Assim, ele atinge seu objetivo de atrasar uma possível brutalização de Sledge usando os marcos referenciais dos fuzileiros ao seu favor.

3.4 As carências do front

Outras questões que tornavam a vida dos soldados difícil eram as carências cotidianas causadas pela falta de acesso à comida e equipamentos de boa qualidade, isso quando sequer havia comida disponível, além de doenças e situações que levavam os soldados ao limite da sanidade.

Há uma percepção de que o soldado estadunidense na Segunda Guerra Mundial era o mais bem alimentado e mais bem equipado, pois o país mobilizava seus esforços e grandes quantidades de recursos para suprir seus combatentes com amenidades que os de outras nações não tinham. A percepção é, de certa forma, verdadeira. Mas se por um lado

¹⁶³ SLEDGE, op., cit., n.p. (tradução nossa). No original: “A hand grasped me by the shoulder, and I straightened up to see who it was. “What are you gonna do, Sledgehammer?” asked Doc Caswell. His expression was a mix of sadness and reproach as he looked intently at me. “Just thought I'd collect some gold teeth,” I replied. “Don't do it.” “Why not, Doc?” “You don't want to do that sort of thing. What would your folks think if they knew?” “Well, my dad's a doctor, and I bet he'd think it was kinda interesting,” I replied, bending down to resume my task. “No! The germs, Sledgehammer! You might get germs from them.” I stopped and looked inquiringly at Doc and said, “Germs? Gosh, I never thought of that.” “Yeah, you got to be careful about germs around all these dead Nips, you know,” he said vehemently. “Well, then, I guess I'd better just cut off the insignia on his collar and leave his nasty teeth alone. You think that's safe, Doc?” “I guess so,” he replied with an approving nod. Reflecting on the episode after the war, I realized that Doc Caswell didn't really have germs in mind. He was a good friend and a fine, genuine person whose sensitivity hadn't been crushed out by the war. He was merely trying to help me retain some of mine and not become completely callous and harsh”.

as opções de alimentação dos estadunidenses eram melhores, isso não significava que eles eram bem alimentados ou que sequer gostassem da comida.¹⁶⁴ Às vezes pelos rigores do combate, às vezes por simplificações impostas pela vida institucional, os soldados efetivamente passavam fome.¹⁶⁵

Da mesma forma, a grande quantidade de equipamentos que os soldados recebiam não necessariamente significava que eles eram de boa qualidade ou que performavam bem nas situações de necessidade, colocando os combatentes em situações de desvantagem em combate.¹⁶⁶ Segundo Paul Fussel:

Eles [os estadunidenses] sabiam que seus rifles automáticos (antigos da Primeira Guerra Mundial) eram mais lentos e desajeitados, e sabiam que os alemães tinham uma metralhadora leve muito melhor. Eles sabiam que, apesar das afirmações oficiais que diziam o contrário, os alemães tinham pólvora realmente sem fumaça para suas armas pequenas e que eles não tinham. Eles sabiam que seus próprios tanques, tanto americanos quanto britânicos, eram ridiculamente mal armados e blindados, de modo que eram inevitavelmente destruídos em um encontro aberto com um número igual de Panzers alemães. Eles sabiam que as minas antitanque que os abasteciam tornavam-se instáveis em climas abaixo do congelamento, e que caminhões carregados delas explodiram no inverno de 1944-45. E eles sabiam que a maior arma da guerra, com exceção da bomba atômica, era o canhão alemão de trajetória plana de 88mm, que derrubou milhares de bombardeiros e dezenas de milhares de soldados. Os Aliados não tinham nada tão bom, apesar de um deles se autodenominar a maior potência industrial do mundo.¹⁶⁷

Doenças de ordem física como malária, dengue e febre da água negra eram comuns no Pacífico, enquanto na Europa o pé de trincheira e a pneumonia eram causas de preocupação. E em ambos os teatros—e em toda a história das guerras desde os primórdios da humanidade até então—a disenteria era um tormento. Mas havia também uma série de impactos psicológicos decorrentes da vida em combate.

¹⁶⁴ McMANUS, op. cit.

¹⁶⁵ FUSSEL, op. cit.

¹⁶⁶ McMANUS, op. cit.

¹⁶⁷ FUSSEL, op. cit., n.p. (tradução nossa). No original: “They knew that their automatic rifles (World War One vintage) were slower and clumsier, and they knew that the Germans had a much better light machine gun. They knew that despite official assertions to the contrary, the Germans had real smokeless powder for their small arms and that they did not. They knew that their own tanks, both American and British, were ridiculously under-armed and under-armored, so that they were inevitably destroyed in an open encounter with an equal number of German Panzers. They knew that the anti-tank mines supplied them became unstable in sub-freezing weather, and that truckloads of them blew up in the winter of 1944–45. And they knew that the greatest single weapon of the war, the atomic bomb excepted, was the German 88-mm flat-trajectory gun, which brought down thousands of bombers and tens of thousands of soldiers. The Allies had nothing as good, despite one of them designating itself The World’s Greatest Industrial Power”.

Não eram apenas os soldados mais fracos ou mais sensíveis, ou considerados covardes, que acabavam se tornando vítimas psiquiátricas da guerra. Na opinião de Paul Fussell, “todos quebrarão se [estiverem] em combate por tempo suficiente. ‘Tempo suficiente’ agora é definido por médicos e psiquiatras como algo entre 200 e 240 dias. Como observadores médicos relataram: ‘Não existe isso de ‘se acostumar ao combate [...]’”.¹⁶⁸ O autor conclui:

Na Segunda Guerra Mundial, os militares americanos aprenderam algo muito “moderno”—moderno porque dramaticamente “psicológico”, utilitarista, não cavalheiresco e não heroico: aprenderam que os homens inevitavelmente enlouquecerão em batalha e que nenhum apelo ao patriotismo, masculinidade, ou a lealdade ao grupo, em última análise, será importante.¹⁶⁹

Durante a Segunda Guerra Mundial, mais de oitocentos mil homens receberam em algum momento a classificação 4-F (incapaz para o serviço) por motivos psiquiátricos. As Forças Armadas sofreram cerca de 504 mil baixas adicionais por colapsos nervosos, número tão alto que seria suficiente para formar cinquenta divisões. Segundo um estudo realizado durante o conflito, após lutar continuamente por sessenta dias, 98 por cento dos combatentes eram considerados baixas psiquiátricas de algum tipo. Os dois por cento restantes, aptos a resistir ao combate prolongado, tinham propensões a exibirem “agressivas personalidades psicopatas”.¹⁷⁰

E o acúmulo de todos esses desafios presentes na vida do soldado real—não do soldado-messias idealizado—resultavam em deserções, que atingiram 6,3 por cento das Forças Armadas durante os combates de 1944. Segundo Kenneth D. Rose:

Ao todo, cerca de 40.000 desertaram. 2.800 foram levados à corte marcial e 49 receberam sentenças de morte. Apenas o infeliz Ernie Slovik foi realmente executado, aparentemente para servir de exemplo durante a confusão da Batalha do Bulge. A deserção era praticamente desconhecida no Pacífico, onde não havia lugar para desertar, e na Europa um grande número de homens foi classificado como ausente

¹⁶⁸ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “all will break down if in combat long enough. “Long enough” is now defined by physicians and psychiatrists as between 200 and 240 days. As medical observers have reported, “There is no such thing as ‘getting used to combat’”.

¹⁶⁹ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “In the Second World War the American military learned something very “modern”—modern because dramatically “psychological,” utilitarian, unchivalric, and unheroic: it learned that men will inevitably go mad in battle and that no appeal to patriotism, manliness, or loyalty to the group will ultimately matter”.

¹⁷⁰ GROSSMAN, Dave. **Matar!**: um estudo sobre o ato de matar e o preço cobrado do combatente e da sociedade. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2007, p. 88-89.

sem licença (AWOL) e não como desertor. Quando o Primeiro e o Terceiro Exércitos dos EUA cruzaram o Sena em 1944, cerca de 10.000 soldados fugiram sem licença para ver Paris, e quando esses homens retornaram (ou foram devolvidos) às suas unidades, a maioria recebeu punições leves.¹⁷¹

Já Robert Fantina em *Desertion and the American Soldier, 1776-2006*, apresenta alguns números parcialmente divergentes com o cálculo de Rose, ainda que alguns deles sejam os mesmos:

A deserção durante a Segunda Guerra Mundial não foi um problema menor do que nas guerras anteriores. As taxas de deserção atingiram um pico de 6,3% em 1944, mas caíram para 4,5% no ano seguinte. Durante a guerra, 21.049 soldados americanos foram condenados por deserção e 49 deles receberam sentenças de morte. A maior taxa de deserções ocorreu no mesmo ano em que mais soldados estavam sendo dispensados do Exército por psicose do que foram convocados.¹⁷²

Uma das formas que os soldados encontravam para se distrair dos horrores da guerra era a busca por relações sexuais com as mulheres dos locais por onde passavam ou mesmo com as mulheres que faziam parte das Forças Armadas em trabalhos de escritório, pessoal médico, entre outras funções. E tanto em relação a elas quanto às mulheres que ficaram nos Estados Unidos, a postura dos soldados era abertamente machista e, em alguns casos, inegavelmente misógina.

3.5 Os soldados e as mulheres

Era relativamente comum que os combatentes desacreditassem das namoradas que deixaram na sua terra natal, e a ficção produzida durante a guerra comumente registrava

¹⁷¹ ROSE, op. cit., n.p. (tradução nossa). No original: “In all, some 40,000 deserted. 2,800 were courtmartialed, and 49 received death sentences. Only the hapless Ernie Slovik was actually executed, apparently to serve as an example during the disarray of the Battle of the Bulge. Desertion was virtually unheard of in the Pacific, where there was no place to desert to, and in Europe large numbers of men were classified as absent without leave (AWOL) rather than as deserters. When the First and Third U.S. armies crossed the Seine in 1944, as many as 10,000 soldiers went AWOL to see Paris, and when these men returned (or were returned) to their units, most received light punishments”.

¹⁷² FANTINA, Robert. **Desertion and the American soldier, 1776-2006**. Nova York: Algora Publishing, 2006, n.p. (tradução nossa). No original: “Desertion during World War II was no less a problem than in previous wars. Desertion rates peaked at 6.3% in 1944, but dropped to 4.5% the following year. During the war, 21,049 US soldiers were sentenced for desertion, and 49 of them received death sentences. The highest rate of desertions occurred the same year in which more soldiers were actually being discharged from the Army for psychoneurosis than were drafted”.

temas cada vez mais misóginos e hostis, sobre como as mulheres não eram confiáveis. As prostitutas e mulheres estrangeiras com quem eles eventualmente se relacionavam no exterior apareciam como mais confiáveis que as mulheres que ficaram para trás nos EUA.¹⁷³ Segundo Paul Fussel, os soldados estadunidenses na Europa criaram o conceito de “Querido John”, termo usado para se referir às temidas cartas de término de relacionamento enviadas pelas namoradas dos combatentes—no teatro do Pacífico elas eram chamadas de “bananas verdes”. Em geral, os soldados afirmavam que estas cartas chegavam quando suas namoradas decidiam trocá-los por outros homens, aqueles que não foram para o combate.¹⁷⁴ Aí entrava em cena a mulher estrangeira, normalmente vulnerável e, segundo J. Glenn Gray, interessada nos homens de farda.

Este fato é tão inexplicável quanto notório. Muitas garotas que até então levavam uma existência casual e superficial dentro de um círculo familiar protetor foram subitamente dominadas por uma intensa paixão por um soldado encontrado por acaso na rua ou em um baile para militares. Parece que a própria atmosfera das grandes cidades em tempos de guerra respira as seduições do amor físico. Não apenas as inibições na expressão sexual são reduzidas, mas existe um interesse muito mais apaixonado dos sexos um pelo outro do que em tempos de paz.¹⁷⁵

Havia uma idealização da mulher estrangeira, que “apareciam como anjos de beleza e ternura para soldados combatentes famintos por essas qualidades”.¹⁷⁶ Em um pequeno guia desenvolvido para os combatentes estadunidenses que logo invadiriam a França, *A pocket guide to France*, dedicado a ensinar detalhes sobre o país, sobre sua população e dicas de pronúncia de palavras mais úteis para comunicação com os civis, as Forças Armadas contribuíam para essa idealização. Segundo o guia, as mulheres francesas nunca saíam sem uma acompanhante, e que as mulheres francesas eram majoritariamente decentes. Em geral, elas teriam menos liberdades do que as mulheres

¹⁷³ BODNAR, op. cit., p. 22.

¹⁷⁴ FUSSEL, op. cit., n.p.

¹⁷⁵ GRAY, op. cit., p. 61 (tradução nossa). No original: “This fact is as inexplicable as it is notorious. Many a girl who had hitherto led a casual and superficial existence within a protective family circle has been suddenly overwhelmed by intense passion for a soldier met by chance on the street or at a dance for servicemen. It seems that the very atmosphere of large cities in wartime breathes the enticements of physical love. Not only are inhibitions on sexual expression lowered, but there exists a much more passionate interest of the sexes in each other than is the case in peacetime. Men and women normally absorbed by other concerns find themselves caught up in the whirlpool of erotic love, which is the preoccupation of the day. In wartime marriages multiply and the birth rate increases”.

¹⁷⁶ Ibid., p. 71 (tradução nossa). No original: “appeared as angels of beauty and tenderness to combat soldiers starved for these qualities”.

que ficaram nos Estados Unidos, e essa afirmação reforçava ainda mais a visão preconceituosa de que as mulheres civis no front eram mais dignas de respeito do que as estadunidenses. Segundo o guia, os soldados deveriam estar preparados para que os pais das moças quisessem conhecê-los antes de qualquer encontro com suas filhas, e as francesas estariam há anos dizendo ‘não’ para os alemães, o que indicaria seu valor.¹⁷⁷

As barreiras linguísticas dificultavam a comunicação, mas aumentavam a alegria da descoberta. “Aqueles lembranças trêmulas de ternura e beleza eram muitas vezes suficientes para preservar a coragem do soldado e fortalecê-lo para o retorno à batalha.”¹⁷⁸ O *Pocket guide to France*, contudo, insistia que os soldados deveriam levar em consideração as dificuldades que existiram caso os soldados decidissem dar um passo adiante e ter um relacionamento sério—até mesmo casamento—durante a campanha.

Se você encontrar alguma garota cujos encantos induzam pensamentos de casamento, aqui estão alguns pontos a serem considerados: Em sua atual condição de soldado, o casamento com uma garota estrangeira tem muitas complicações. As mesmas razões que fizeram com que muitos de seus camaradas, e possivelmente você mesmo, renunciassem ao casamento em casa—a incerteza de movimentos futuros, o perigo que um soldado enfrenta—se aplicam ainda mais aqui.¹⁷⁹

Eles eram desencorajados a casar ou estabelecer compromissos mais sérios com mulheres europeias, a partir de argumentos como o de que o governo não pagaria a viagem de familiares como esposa e filhos que ficassem para trás na Europa de um teatro de operações para o outro ou para os Estados Unidos após a dispensa do soldado ou por conta do fim da guerra. E além de tudo isso, os casamentos só poderiam ser realizados mediante autorização de oficiais.¹⁸⁰

A busca por prostitutas também fazia parte do cotidiano dos soldados nos momentos de descanso. Em Manila foi estimado que oito mil mulheres locais ofereciam serviços de prostituição para as forças estadunidenses. Uma pesquisa feita em 1945

¹⁷⁷ ARMY Information Branch, A.S.F. **A pocket guide to France**. 1944. Disponível em: <<https://lib.digitalnc.org/record/26304>>. Acesso em: 14 out. 2022, p. 19-20.

¹⁷⁸ GRAY, op. cit., p. 71 (tradução nossa). No original: “Those tingling guarded memories of tenderness and beauty were frequently sufficient to preserve the courage of the soldier and strengthen him for the return to battle”.

¹⁷⁹ ARMY, op. cit., p. 20 (tradução nossa). No original: “Should you find some girl whose charms induce thoughts of marriage, here are a few points to think over: In your present status as a soldier, marriage to a foreign girl has many complications. The same reasons that caused so many of your comrades, and possibly yourself, to forego marriage at home—the uncertainty of future movements, the hazard a soldier faces—apply here even more so”.

¹⁸⁰ Ibid., p. 20.

apontou que o “nível de promiscuidade” aumentava enquanto um homem ficava em território estrangeiro, que cerca de 80 por cento dos homens afirmaram ter feito sexo com ao menos uma mulher que conheceram no exterior, e que muitos acreditavam que as mulheres que ficaram nos EUA eram infiéis. Estupros também eram um problema, especialmente em Okinawa e na Alemanha em 1945, e as infecções sexualmente transmissíveis aumentavam drasticamente nos períodos em que os soldados estavam fora de combate.¹⁸¹

No *Pocket guide to France*, os soldados eram alertados sobre o perigo das infecções sexualmente transmissíveis. “Antes da guerra, o governo francês tentou examinar e licenciar as prostitutas. Mas não se engane. Nenhum sistema de exame jamais tornou uma prostituta segura. O cartão de saúde dela não significa absolutamente nada.”¹⁸² Mas tanto as prostitutas regularizadas quanto as irregulares eram fonte de preocupação, pois ambas poderiam “presentear você um souvenir desagradável de Paris para levar para casa.”¹⁸³

As Forças Armadas precisaram empreender um esforço para produzir campanhas de prevenção contra sífilis e gonorreia, e forneciam preservativos ao front. Em um determinado ponto da guerra, cerca de 50 milhões de preservativos chegavam aos efetivos militares. Segundo Kenneth D. Rose, a taxa de infecções era maior entre tropas de soldados negros: 54 por cento deles admitiu ter tido uma doença venérea em algum momento da vida e 21 por cento deles afirmaram ter contraído a infecção após viajar para o exterior no esforço de guerra. Entre os brancos os números foram 15 e 8 por cento, respetivamente. Segundo Rose, a explicação para esse fenômeno se dava pela segregação dentro do exército, que permitia que estes soldados se relacionassem apenas com as “prostitutas mais baixas”.¹⁸⁴

Nem as mulheres que faziam parte das Forças Armadas eram poupadas da misoginia típica dos soldados. As mulheres integrantes do *Women's Army Corps* (WAC), em particular, eram vítimas constantes de calúnias e histórias difamatórias. Os soldados espalhavam boatos de que as recrutas do sexo feminino eram obrigadas a se exhibir nuas diante dos oficiais para entrarem no WAC, ou de que estas mulheres abusavam dos

¹⁸¹ BODNAR, op. cit., p. 30.

¹⁸² ARMY, op. cit., p. 17 (tradução nossa). No original: “Before the war the French Government made an attempt to examine and license prostitutes. But don't be fooled. No system of examination has ever made a prostitute safe. Her health card means absolutely nothing”.

¹⁸³ Ibid., p. 17 (tradução nossa). No original: “present you with a nasty souvenir of Paris to take back home”.

¹⁸⁴ ROSE, op. cit., n.p. (tradução nossa). No original: “the lowest prostitutes”.

homens de maneira sistemática. Para os soldados, várias delas voltavam para os Estados Unidos grávidas, e isso faria todo sentido na cabeça deles, uma vez que os boatos afirmavam que elas eram, na verdade, prostitutas fornecidas para o conforto dos oficiais.¹⁸⁵

Figura 2 - Pôster de uma campanha de prevenção contra infecções sexualmente transmissíveis. No pôster está escrito: "Ela pode ser um saco de problemas: Sífilis - Gonorreia"



Fonte: history.com.

¹⁸⁵ FUSSEL, op. cit.

E ainda havia o medo de que as relações com as mulheres locais, prostitutas ou não, resultassem nos soldados contando informações confidenciais do esforço de guerra que poderiam cair nas mãos do inimigo. Ainda que os pedidos de discrição valessem para qualquer relação social com quaisquer pessoas de fora das Forças Armadas estadunidenses, havia um foco especial nas mulheres pelo medo de que algumas delas fossem espiãs. No *Pocket guide to France* era mencionado o receio de que algumas das prostitutas supostamente francesas seriam, na verdade, mulheres vindas de outros lugares a mando dos alemães, que estariam alertas para quaisquer informações úteis que pudessem coletar dos soldados estadunidenses. “Você e sua equipe podem mais tarde pagar com suas vidas por terem conversado e os agentes nazistas terem conseguido ligar os pontos”, dizia o guia.¹⁸⁶

O medo de vazamentos e a disciplina restrita em torno disso era tão levado a sério que as consequências poderiam ser graves—dependendo, é claro, da sua patente. David K. Webster se recorda em suas memórias de um indivíduo em particular que foi espancado por seus colegas no dia 4 de junho por ter, em um pub na noite anterior, contado a civis enquanto estava bêbado sobre a invasão vindoura da Normandia. Os civis, entendendo a gravidade da situação, chamaram as autoridades. Ao ser pego pelos seus colegas, o soldado foi tão severamente espancado que mal podia andar, e permaneceu sob custódia até o momento do embarque nos aviões, no qual ele foi alocado sob a mira de uma arma. Ele foi morto em combate no dia seguinte.¹⁸⁷

Em compensação, de acordo com Webster, um general que revelou a data da invasão em um coquetel em Londres teve como punição um tapa no pulso e foi enviado de volta para os EUA em um voo de primeira classe. “Tudo dependia da sua patente, sua perspectiva e o quão próximo você estava dos alemães”.¹⁸⁸

3.6 Memória

Apesar de algumas revelações que poderiam abalar visões românticas sobre os soldados-messias, a maioria das memórias evitava—e ainda evita—tocar em assuntos mais sensíveis, de modo a não afetar essa romantização.

¹⁸⁶ ARMY, op. cit., p. 16 (tradução nossa). No original: “You and your outfit might later pay with your lives as a result of your having talked and the Nazi agents’ having been able to put two and two together”.

¹⁸⁷ WEBSTER, op. cit.

¹⁸⁸ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “It all depended on your rank and your perspective and how close you were to the Germans”.

Os mitos nacionais exigem que os veteranos deixem de fora certas experiências. Os soldados geralmente ficam em silêncio sobre o lado mais sombrio da guerra que sabemos que eles devem ter testemunhado ou se envolvido. Poucos mencionam os maus-tratos de civis, muito menos o estupro de mulheres. Poucos mencionam encontros homossexuais nas fileiras. Poucos mencionam a deserção ou a execução de prisioneiros, ou represálias contra populações civis como punição por atividade partisana. A ausência de qualquer coisa que possa manchar a reputação dos veteranos ou que possa levar ao questionamento de mitos nacionais diz tanto sobre os homens e mulheres que escrevem suas memórias quanto sobre a obrigação avassaladora de se conformar às expectativas nacionais. É apenas na era moderna que o veterano de combate admitirá matar e, em raras ocasiões, admitirá o prazer de matar. A maioria se retrata como espectadores, vítimas da guerra, e não como perpetradores ou atores. Muito poucos viram beleza na morte e destruição da guerra. Espera-se realismo, mas apenas até certo ponto, e apenas um tipo de realismo aceito, geralmente aquele que está de acordo com o ideal nacional dominante.¹⁸⁹

Dado o fato de que quanto mais o tempo passava, mais memórias de ex-combatentes da Segunda Guerra surgiam, o que ocorre é uma situação onde a escrita acontece em um momento em que aquele passado já foi mitificado, e por consequência as memórias do indivíduo são inevitavelmente afetadas pela memória coletiva nacional e pela forma como a guerra foi interpretada pelos governos e pela sociedade civil. A escrita ocorre diante de uma expectativa social para que o que é dito se conforme com o que é esperado.¹⁹⁰ Ocorre, portanto, uma construção social do silêncio, onde aquilo que não é dito é deliberadamente escolhido para ser deixado de fora das memórias para evitar conflitos a respeito de temas mais espinhosos que mobilizam a comoção social.¹⁹¹

¹⁸⁹ DWYER, op. cit., n.p. (tradução nossa). No original: “National myths require veterans to leave out certain experiences. Soldiers are generally silent about the darker side of war we know they must have either been witness to or involved in. Few mention the mistreatment of civilians, let alone the rape of women. Few mention homosexual encounters in the ranks. Few mention desertion or the execution of prisoners, or reprisals against civilian populations as punishment for partisan activity. The absence of anything that might tarnish the reputations of veterans or which might lead to national myths being questioned says as much about the men and women writing their memoirs as about the overpowering obligation to conform to national expectations. It is only in the modern era that the combat veteran will even admit to killing, and in rare instances admit to the pleasure of killing. Most portray themselves as bystanders, victims of war, rather than as perpetrators or actors. A very few saw beauty in war’s death and destruction. Realism is expected, but only up to a certain point, and only an accepted kind of realism, usually one that conforms to the dominant national ideal”.

¹⁹⁰ Ibid.

¹⁹¹ WINTER, Jay. War memoirs, witnessing and silence. In: DWYER, Philip. G. (ed). **War Stories: The war memoir in History and Literature**. Nova York e Oxford: Berghahn Books, 2017. Ebook.

Isso, contudo, não é algo exclusivo da experiência estadunidense. Como afirma Jay Winter,

qual nação não tem um ou dois momentos inglórios, e qual nação não coloca um véu de silêncio sobre eles? Os líderes turcos, como todos sabemos, continuam a negar que o genocídio armênio ocorreu. As memórias de guerra dos soldados alemães tendem a tratar o Holocausto como um evento sobre o qual eles sabiam pouco e falam menos. Como regra, o reconhecimento japonês das atrocidades cometidas na China e em outros lugares está igualmente ausente das memórias de guerra. São escolhas políticas, tacitamente aceitas pelos escritores de memórias de guerra, para evitar a discussão aberta de episódios dolorosos ou comprometedores. Os códigos do que se diz sobre a guerra também envolvem decoro, tato, bom gosto.¹⁹²

Estas memórias não se resumem a páginas de livros. Os lugares da memória incluem memoriais, monumentos, museus, reencenações comemorativas, filmes, roteiros de peregrinação histórica, entre outros. Eles não constituem a memória coletiva em si, mas são os lugares onde esta memória que transcende o individual é produzida para consumo do público em geral e estudo dos historiadores e cientistas sociais.¹⁹³

Entendemos que a mitificação não apenas do Dia D, mas também dos soldados das mais diferentes guerras, tem na memória uma de suas principais aliadas, e há três leituras possíveis sobre memória que julgamos ser fundamentais para entendermos o papel dela nessa mitificação: a da memória como algo coletivo, a da memória como algo nacional e a da memória individual que dialoga com o coletivo como algo prostético.

A memória coletiva seria um sistema organizado de lembranças cujos suportes são as redes de interrelações estruturadas presentes em circuitos de comunicação, criando um senso de solidariedade coletiva, especialmente em momentos de crise e pressão, e que não é de forma alguma espontânea, pois precisa ser recorrentemente reavivada. É,

¹⁹² Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “which nation does not have one or two inglorious moments, and which nation does not draw a veil of silence over them? Turkish leaders, as we all know, continue to deny the Armenian genocide took place. German soldiers’ war memoirs have tended to treat the Holocaust as an event about which they knew little and say less. As a rule, Japanese acknowledgement of atrocities committed in China and elsewhere is similarly absent from war memoirs. These are political choices, tacitly accepted by the writers of war memoirs, in order to evade the open discussion of painful or compromising episodes. Codes of what is sayable about war also involve decorum, tact, taste”.

¹⁹³ DOLSKI; EDWARDS; BUCKLEY, op. cit.

portanto, “da ordem da vivência, do mito e não busca coerência, unificação. Várias memórias coletivas podem coexistir, relacionando-se de múltiplas formas”.¹⁹⁴

Como vimos até aqui e veremos no decorrer desse trabalho, apesar das diferentes memórias coletivas possíveis, há um esforço coletivo para que uma determinada memória se sobreponha a outras que queiram rivalizar com ela. É aí que entra a noção de memória nacional, uma memória que se apresenta como unificadora, forçando uma harmonia e silenciando o conflito, diretamente derivada não apenas de fatos, mas de interesses filosóficos e ideológicos, atendendo aos interesses daqueles que desejam a reprodução a ordem social. A memória nacional é, de acordo com o historiador, museólogo e arqueólogo Ulpiano Meneses, “o caldo de cultura, por excelência, para a formulação e desenvolvimento da identidade nacional, das ideologias da cultura nacional e, portanto, para o conhecimento histórico desses fenômenos.”¹⁹⁵

Por fim, temos o conceito de memória prostética, definido por Alison Landsberg como uma memória não derivada de experiências vividas por aqueles que recordam. Estas memórias circulam publicamente e, embora não sejam orgânicas, são experienciadas através do contato com diferentes produções culturais, tornando-se parte das subjetividades dos sujeitos e das suas relações com o presente e o futuro. Isso é possível graças ao avanço de uma cultura de massa mercantilizada capaz de disseminar imagens, narrativas e mitos sobre o passado, típico do sistema capitalista.¹⁹⁶ Já o historiador Jay Winter, se refere a estas memórias terceirizadas como “teatros da memória”, uma vez que “aqueles que não estiveram lá veem o passado não em termos de suas próprias memórias pessoais, mas sim em termos de representações públicas das memórias daqueles que vieram antes”.¹⁹⁷ Ou seja: ainda que sejam memórias tomadas de empréstimo de outros meios, às vezes até mesmo ficcionais, elas são incorporadas aos repertórios memorialísticos dos sujeitos, uma vez que memórias são socialmente construídas, disseminadas e mesmo modificadas.

¹⁹⁴ MENESES, U. T. B. de. A História, Cativa da Memória? Para um Mapeamento da Memória no Campo das Ciências Sociais. **Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 34, p. 9-23. dez. 1992, p. 15.

¹⁹⁵ Ibid., p. 15.

¹⁹⁶ LANDSBERG, Alison. **Prosthetic Memory**: The transformation of American remembrance in the age of mass culture. Nova York: Columbia University Press, 2004, p. 25-26.

¹⁹⁷ WINTER, Jay. **Remembering War**: The Great War between Memory and History in the twentieth century. New Haven e Londres: Yale University Press, 2006, p. 2 (tradução nossa). No original: “those who were not there see the past not in terms of their own personal memories, but rather in terms of public representations of the memories of those who came before”.

Percebe-se, portanto, que a mitificação do Dia D e o louvor aos soldados-messias são diretamente dependentes da concatenação dessas três formas de memória. A nacional se forma a partir de interesses ideológicos, buscando estofo em memórias coletivas que muitas vezes são prostéticas. O produto final desta fórmula, a memória nacional, cria por consequência um ambiente onde novas memórias prostéticas são geradas, e dessa maneira a memória nacional se reproduz ciclicamente de maneira coletiva.

A pesquisa histórica, indo além do que a memória é capaz de oferecer, busca desvelar estas camadas ocultas da memória socialmente construída. E o que encontramos nestas camadas é um soldado mais complexo e menos idealizado; ou seja, humano.

Diante de tudo o que foi exposto até aqui, percebe-se que o soldado real era muito diferente do soldado-messias idealista dos discursos de instrumentalização política dos sacrifícios dos combatentes. São sujeitos que comumente não têm certeza do porquê lutam, embora entendam que existe a necessidade; são indivíduos brutalizados pelos horrores da guerra que encontram na irmandade entre seus camaradas a validação social que lhes ajuda a seguir adiante, mesmo que estes se tornem atores ativos de algumas das atrocidades cometidas durante o conflito; são sujeitos que recebem alimentação e equipamentos de qualidade duvidosa e que sofrem todo tipo de humilhação na mão de oficiais que abusam de sua autoridade; são pessoas que, após contínuo combate, veem sua saúde mental e a de seus colegas se deteriorar dia após dia; são homens que, no meio do inferno, apelam para o conforto da presença feminina, sem deixar de lado o machismo que a sociedade lhes introjetou e sem que necessariamente algumas delas consentissem. O “mito da boa guerra” vende a imagem de um combatente virtuoso, e onde as características listadas acima estão presentes apenas em alguns sujeitos, raras exceções em um exército de homens bravos, moralmente resilientes e patriotas. O soldado real, se não derruba completamente este mito, ao menos contribui para dar aos mais românticos um necessário choque de realidade.

CAPÍTULO 4

O DIA D APÓS O 6 DE JUNHO

“A guerra, quando você está nela, é horrível e maçante. Só quando o tempo passa que você vê que sua mensagem é divina.”

Samuel Johnson¹⁹⁸

Era o dia 6 de junho de 1984 quando o então presidente dos Estados Unidos e candidato à reeleição, Ronald Reagan, colocava os pés na Normandia. Seu itinerário meticulosamente planejado contemplava três principais atividades: um discurso em Pointe Du Hoc—uma península rochosa que fica entre as praias nomeadas como Omaha e Utah no planejamento da invasão quarenta anos antes—, uma visita ao cemitério em Colleville-sur-Mer e um discurso na Praia de Omaha. O que foi uma atividade planejada com meses de antecedência se tornou o epicentro da mitificação do Dia D no imaginário estadunidense, e possivelmente de toda a nostalgia em relação à Segunda Guerra Mundial que ganhou fôlego a partir dos anos 1980, mas que veio efetivamente a explodir em popularidade entre os anos 1990 e a primeira metade dos anos 2000. Este capítulo busca esmiuçar o caminho que levou a estes discursos.

Cabe aqui, no entanto, uma breve contextualização da trajetória da celebração do Dia D em suas duas instâncias de comemoração.

4.1 Um dia através dos anos

No livro *D-Day in History and Memory* editado por Michael Dolski, Sam Edwards e John Buckley, os editores argumentam já na introdução que as comemorações em torno Dia D têm dois grandes momentos distintos: um que vai dos anos 1940 ao fim dos anos 1950, e outro que emerge a partir dos anos 1980, o qual trataremos de maneira detalhada na sequência.¹⁹⁹

O primeiro momento seria marcado pelo enterro, o luto pelos mortos e pela monumentalização desse passado recente, um momento marcado pela chegada da Guerra Fria e onde um conflito muito menos popular aos olhos dos estadunidenses ocorreu: a

¹⁹⁸ ROSE, op. cit., n.p. (tradução nossa). No original: “War, when you are at it, is horrible and dull. It is only when time has passed that you see that its message was divine”.

¹⁹⁹ DOLSKI; EDWARDS; BUCKLEY, op. cit.

Guerra da Coreia, que oficialmente nunca terminou e ceifou a vida de cerca de quarenta mil cidadãos dos Estados Unidos, sem que houvesse a mesma percepção de validação que a Segunda Guerra recebia.²⁰⁰

No dia 5 de junho de 1944, os membros das forças aliadas esperavam ansiosamente pela invasão da Normandia, a qual os aliados lutaram tanto para esconder dos alemães através de uma complexa operação de distração chamada de Operação Fortitude. O clima na região se mostrava bastante hostil, obrigando o comandante-em-chefe das forças Aliadas, general Dwight D. Eisenhower, a adiar a operação algumas vezes, o que afetava drasticamente o moral dos soldados.

O general tinha em mãos dois textos: a ordem do dia 6 de junho, que vinha com o objetivo de levantar o moral daqueles que horas depois colocariam sua vida em risco, e um pedido de desculpas aos povos das nações Aliadas pelo fracasso da invasão da Normandia durante a Operação Overlord.

Em um curto bilhete manuscrito, o general escreveu para o caso de fracasso na operação:

Os nossos desembarques na zona de Cherbourg-Havre não conseguiram obter uma base satisfatória e retirei as tropas. Minha decisão de atacar neste momento e local foi baseada nas melhores informações disponíveis. As tropas, o ar e a Marinha fizeram tudo o que a bravura e a devoção ao dever podiam fazer. Se alguma culpa ou falha atribui à tentativa, é somente minha.²⁰¹

Chamam a atenção dois detalhes no manuscrito original. O primeiro deles é que o general riscou a parte que dizia “esta operação em particular” para escrever “Minha decisão de atacar”. E ao final do texto, fez um espesso grifo abaixo de “somente minha”, demonstrando um notável senso de responsabilidade pessoal pelo eventual fracasso da operação, a qual ele autorizou diante de uma série de imprevistos, especialmente climáticos.

²⁰⁰ Ibid.

²⁰¹ LEE, Eloise. Here's The Chilling Letter General Eisenhower Drafted In Case The Nazis Won On D-Day. **Insider**, 2012 (tradução nossa). Disponível em: <<https://www.businessinsider.com/d-day-in-case-of-failure-letter-by-general-eisenhower-2012-6>>. Acesso em: 20 Out. 2022. No original: “Our landings in the Cherbourg-Havre area have failed to gain a satisfactory foothold and I have withdrawn the troops. My decision to attack at this time and place was based upon the best information available. The troops, the air and the Navy did all that Bravery and devotion to duty could do. If any blame or fault attaches to the attempt it is mine alone”.

Figura 3 - Manuscrito de Dwight E. Eisenhower para o caso de fracasso na Operação Overlord

Our landings in the
Cherbourg - Have over-
have failed to gain a
satisfactory foothold and
~~I have with plan~~
~~the troops have been~~
~~withdrawn.~~ | ~~This particular~~
~~operation~~ | My decision to
attack at this time and place
was based upon the best
information available, ~~and~~
the troops, the air and the
Navy did all that ~~was~~
Bravery and devotion to duty
could do. If any blame
or fault attaches to the attempt
it is mine alone.

July 5

Fonte: Insider, 1944.

Nos momentos que precederam o embarque dos paraquedistas nas aeronaves foi então distribuída a ordem do dia 6 de junho. Nela, o comandante se dirigia aos soldados,

marinheiros e aviadores da Força Expedicionária Aliada evocando a ideia de que eles partiriam para uma “Grande Cruzada”:

A esperança e as orações das pessoas que amam a liberdade em todos os lugares marcham com você. Em companhia de nossos bravos aliados e irmãos de armas em outras frentes, você causará a destruição da máquina de guerra alemã, a eliminação da tirania nazista sobre os povos oprimidos da Europa e segurança para nós mesmos em um mundo livre.²⁰²

O general Eisenhower reconhecia que seria uma batalha dura, contra um inimigo bem equipado, treinado e que lutaria de maneira selvagem, mas que nos últimos anos os Aliados teriam conseguido importantes vitórias sobre os alemães, destruído parte da capacidade dos inimigos de empreender uma guerra terrestre com a superioridade aérea aliada, e o front interno fornecia enormes quantidades de armas e munições, além de oferecer uma grande quantidade de homens capazes de participar daquela empreitada. “Tenho plena confiança em sua coragem, devoção ao dever e habilidade na batalha. Não aceitaremos nada menos que a Vitória total! Boa sorte! E imploremos a bênção de Deus Todo-Poderoso sobre este grande e nobre empreendimento.”²⁰³

No mesmo dia 6 de junho de 1944, o presidente Franklin D. Roosevelt fez um discurso via rádio informando aos ouvintes sobre o sucesso da Operação Overlord até aquele momento, e conclamou os cidadãos a orar com ele, em um daqueles momentos onde a religião tradicional e o nacionalismo andam de mãos dadas e escancaram a religião civil nos Estados Unidos.

²⁰² EISENHOWER, Dwight D. General Dwight D. Eisenhower's Order of the Day (1944). **National Archives**, 2022, n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://www.archives.gov/milestone-documents/general-eisenhowers-order-of-the-day>>. Acesso em: 23 set. 2022. No original: “The hope and prayers of liberty-loving people everywhere march with you. In company with our brave Allies and brothers-in-arms on other Fronts, you will bring about the destruction of the German war machine, the elimination of Nazi tyranny over the oppressed peoples of Europe, and security for ourselves in a free world”.

²⁰³ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “I have full confidence in your courage, devotion to duty and skill in battle. We will accept nothing less than full Victory! Good luck! And let us beseech the blessing of Almighty God upon this great and noble undertaking”.

Figura 4 - Ordem do dia 6 de junho de 1944, escrita por Dwight D. Eisenhower

SUPREME HEADQUARTERS
ALLIED EXPEDITIONARY FORCE



Soldiers, Sailors and Airmen of the Allied Expeditionary Force!

You are about to embark upon the Great Crusade, toward which we have striven these many months. The eyes of the world are upon you. The hopes and prayers of liberty-loving people everywhere march with you. In company with our brave Allies and brothers-in-arms on other Fronts, you will bring about the destruction of the German war machine, the elimination of Nazi tyranny over the oppressed peoples of Europe, and security for ourselves in a free world.

Your task will not be an easy one. Your enemy is well trained, well equipped and battle-hardened. He will fight savagely.

But this is the year 1944 ! Much has happened since the Nazi triumphs of 1940-41. The United Nations have inflicted upon the Germans great defeats, in open battle, man-to-man. Our air offensive has seriously reduced their strength in the air and their capacity to wage war on the ground. Our Home Fronts have given us an overwhelming superiority in weapons and munitions of war, and placed at our disposal great reserves of trained fighting men. The tide has turned ! The free men of the world are marching together to Victory !

I have full confidence in your courage, devotion to duty and skill in battle. We will accept nothing less than full Victory !

Good Luck ! And let us all beseech the blessing of Almighty God upon this great and noble undertaking.



Dwight D. Eisenhower

Fonte: National Archives, 1944.

Deus Todo-Poderoso: Nossos filhos, orgulho de nossa Nação, neste dia iniciaram um grande esforço, uma luta para preservar nossa República, nossa religião e nossa civilização, e libertar uma humanidade sofredora. Conduza-os em linha reta e verdadeira; dê força aos seus braços, robustez aos seus corações, firmeza na sua fé. Eles precisarão de Tuas bênçãos. O caminho deles será longo e difícil. Pois o inimigo é forte. Ele pode repelir nossas forças. O sucesso pode não vir com grande velocidade, mas voltaremos sempre; e sabemos que por Tua graça e pela justiça de nossa causa, nossos filhos triunfarão.²⁰⁴

A linguagem apela tanto para a noção de salvação civilizatória quanto para o senso de comunidade onde aqueles que se sacrificam são “nossos filhos”. Mais do que filhos de indivíduos, eles são filhos de todo um povo.

Pois esses homens são ultimamente retirados dos caminhos da paz. Eles não lutam pelo desejo de conquista. Eles lutam para acabar com a conquista. Eles lutam para libertar. Eles lutam para que surja a justiça, a tolerância e a boa vontade entre todo o Teu povo. Eles anseiam apenas pelo fim da batalha, por seu retorno ao refúgio de casa. Alguns nunca mais voltarão. Abrace-os, Pai, e receba-os, Teus servos heróicos, em Teu reino.²⁰⁵

Entra aqui a retórica dos libertadores, que não anseiam conquistar, mas acabar com a conquista. Reagan evocaria essa ideia futuramente.

E para nós em casa—pais, mães, filhos, esposas, irmãs e irmãos de homens corajosos no exterior—cujos pensamentos e orações estão sempre com eles—ajude-nos, Deus Todo-Poderoso, a nos dedicarmos novamente em fé renovada em Ti em esta hora de grande sacrifício. Muitas pessoas pediram que eu chamasse a Nação para um único dia de

²⁰⁴ ROOSEVELT, Franklin D. A “Mighty Endeavor:” D-Day. **Franklin D. Roosevelt Presidential Library and Museum**, n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://www.fdrlibrary.org/d-day#:~:text=Almighty%20God%3A%20Our%20sons%2C%20pride,hearts%2C%20steadfastness%20in%20their%20faith.>>. Acesso em: 20 out. 2022. No original: “Almighty God: Our sons, pride of our Nation, this day have set upon a mighty endeavor, a struggle to preserve our Republic, our religion, and our civilization, and to set free a suffering humanity. Lead them straight and true; give strength to their arms, stoutness to their hearts, steadfastness in their faith. They will need Thy blessings. Their road will be long and hard. For the enemy is strong. He may hurl back our forces. Success may not come with rushing speed, but we shall return again and again; and we know that by Thy grace, and by the righteousness of our cause, our sons will triumph”.

²⁰⁵ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “For these men are lately drawn from the ways of peace. They fight not for the lust of conquest. They fight to end conquest. They fight to liberate. They fight to let justice arise, and tolerance and good will among all Thy people. They yearn but for the end of battle, for their return to the haven of home. Some will never return. Embrace these, Father, and receive them, Thy heroic servants, into Thy kingdom”.

oração especial. Mas porque o caminho é longo e o desejo é grande, peço que nosso povo se dedique em uma contínua oração. À medida que nos levantamos para cada novo dia, e novamente quando cada dia é passado, que palavras de oração estejam em nossos lábios, invocando Tua ajuda para nossos esforços. Dê-nos força também - força em nossas tarefas diárias, para redobrar as contribuições que fazemos no suporte físico e material de nossas forças armadas.²⁰⁶

Figura 5 - Fiéis lotam a Igreja de São Vicente de Paulo, em Manhattan, para orar pelos soldados que desembarcaram naquela data na Normandia



Fonte: Rare Historical Photos, 1944.

Os clamores entravam em consonância com o desejo de muitos cidadãos de efetivamente orar pelo sucesso da empreitada. Milhares de cidadãos procuraram igrejas, sinagogas e demais templos que atendiam às suas crenças para orar por aqueles que participavam da invasão, fossem eles familiares, conhecidos ou apenas soldados da

²⁰⁶ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “And for us at home -- fathers, mothers, children, wives, sisters, and brothers of brave men overseas -- whose thoughts and prayers are ever with them--help us, Almighty God, to rededicate ourselves in renewed faith in Thee in this hour of great sacrifice. Many people have urged that I call the Nation into a single day of special prayer. But because the road is long and the desire is great, I ask that our people devote themselves in a continuance of prayer. As we rise to each new day, and again when each day is spent, let words of prayer be on our lips, invoking Thy help to our efforts”.

nação. Aproveitando o momento, Roosevelt clama pela continuidade dos trabalhos e iniciativas dentro da sociedade civil para os esforços de guerra.

Com Tua bênção, prevaleceremos sobre as forças profanas de nosso inimigo. Ajude-nos a vencer os apóstolos da ganância e da arrogância racial. Conduza-nos à salvação de nosso país e, com nossas nações irmãs, a uma unidade mundial que trará uma paz segura, uma paz invulnerável às maquinações de homens indignos. E uma paz que permitirá que todos os homens vivam em liberdade, colhendo as justas recompensas de seu trabalho honesto. Seja feita a tua vontade, Deus Todo-Poderoso. Amém.²⁰⁷

Chama a atenção nesse trecho final a classificação dos inimigos como “apóstolos da ganância e da arrogância racial”, dada a discussão sobre o assunto que fizemos em capítulo anterior. Vale citar que em um ponto do texto o presidente apela para a noção de ‘cruzada’, da mesma forma que Dwight E. Eisenhower faz em seu texto. Se um influenciou o outro, se foi coincidência ou se ambos adotavam essa retórica simultaneamente de maneira planejada, não sabemos. Mas dado o grau de planejamento minucioso que discursos como estes em tempo de guerra costumam ter, ambas as hipóteses são plausíveis.

Apesar de toda essa tensão em relação ao que acontecia na Normandia e a cobertura midiática, os acontecimentos de junho daquele ano disputavam espaço na mídia com outros eventos daquela mesma guerra, como a libertação de Roma que tinha acontecido dois dias antes. No ano seguinte, quando a guerra na Europa já tinha acabado, mas continuava em andamento no Pacífico, o aniversário foi tratado como um feriado para as forças aliadas, e Eisenhower definiu que cerimônias formais deveriam ser evitadas.²⁰⁸

Após o fim da guerra, as comemorações mais imediatas traziam à tona sentimentos conflitantes dos dois lados do Atlântico. Na França, a experiência do Dia D tinha a particularidade de ter sido uma experiência regional, uma vez que ocorreu na Normandia. Na região, havia um discurso comemorativo que reconhecia o evento como

²⁰⁷ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “With Thy blessing, we shall prevail over the unholy forces of our enemy. Help us to conquer the apostles of greed and racial arrogancies. Lead us to the saving of our country, and with our sister Nations into a world unity that will spell a sure peace a peace invulnerable to the schemings of unworthy men. And a peace that will let all of men live in freedom, reaping the just rewards of their honest toil. Thy will be done, Almighty God. Amen”.

²⁰⁸ DELANEY, Kate. The Many Meanings of D-Day. *European journal of American studies*, p. 1-9, 7 fev. 2012. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/ejas/9544>>. Acesso em: 9 dez. 2022.

responsável pela libertação do jugo nazista, mas ele convivia com um discurso menos glorioso: a libertação trouxe custos altíssimos aos libertados. Muitas vidas de habitantes da região foram perdidas como resultado dos embates, e as perdas materiais foram enormes, vide a destruição em Caen e Saint Lo.²⁰⁹

Outro fenômeno ocorrido na França foi a tentativa de reescrita da história por parte de políticos franceses, de modo a não dar o braço a torcer que os britânicos—seus rivais de longa data—tiveram um papel importante na libertação do país. O próprio general Charles de Gaulle, que muita dor de cabeça deu a Churchill e Eisenhower,²¹⁰ tentou emplacar a ideia de que os próprios franceses se libertaram, focando as comemorações na Operação Dragão de agosto de 1944, ocorrida no sul da França e encampada por tropas francesas livres. Isso foi mais comum entre políticos gaulistas, enquanto outros—atlanticistas—viam nas comemorações do Dia D uma boa oportunidade de manutenção dos laços diplomáticos com as outras potências atlânticas.²¹¹

No *Memorial Day* (Dia da Recordação)²¹² de 1946, cerimônias ocorreram nos cemitérios ainda em formação com a presença de alguns estadunidenses e algo em torno de 32.000 franceses, envoltas em discursos sobre a libertação da França e sobre a glória conquistada pelos soldados que lutaram por outros povos e outras terras em nome de um esforço de salvação da civilização. Em 1947 uma Benção do Santíssimo Sacramento ocorreu no local com a presença de cerca de cinco mil presentes, entre estadunidenses e franceses, e onde o comandante da 1ª Divisão de Infantaria na invasão da Normandia, Clarence Huebner, deu um dos discursos do dia, onde afirmava: “Há apenas uma maneira pela qual nós, os vivos, podemos retribuir parcialmente esses mortos por seus sacrifícios. Ou seja, não devemos esquecer o propósito pelo qual eles morreram [...]”.²¹³

²⁰⁹ DOLSKI; EDWARDS; BUCKLEY, op. cit.

²¹⁰ Para uma explicação mais aprofundada sobre as desavenças entre os líderes aliados e de Gaulle, Cf: BEEVOR, Antony. **O Dia D**. São Paulo: Planeta, 2019.

²¹¹ DOLSKI; EDWARDS; BUCKLEY, op. cit.

²¹² O *Memorial Day* foi um feriado criado originalmente para lembrar dos mortos da Guerra de Secessão, tendo sido comemorado pela primeira vez em 1868. Posteriormente foi estendido a todos os militares que morreram à serviço das forças armadas. Originalmente ele era comemorado no dia 30 de maio, mas atualmente ele é comemorado na última segunda-feira de todo mês de maio nos Estados Unidos. Cf: LIBRARY of Congress. Today in History: May 30. **Library of Congress**, s.d. Disponível em: <<https://www.loc.gov/item/today-in-history/may-30/>>. Acesso em: 20 Out. 2022.

²¹³ DOLSKI, Michael R. “Portal of Liberation”: D-Day Myth as American Self-Affirmation. In: _____; EDWARDS, Sam; BUCKLEY, John (ed). **D-Day in History and Memory: The Normandy landings in international remembrance and commemoration**. Denton: University of North Texas Press, 2014. Ebook, n.p. (tradução nossa). No original: “There is only one way in which we the living can even partially repay these dead for their sacrifices. That is, we shall not forget the purpose for which they died”.

Nos Estados Unidos as comemorações mais imediatas após o evento tinham uma escala mais modesta e, normalmente, eram mais locais, concentradas em lugares que foram mais afetados pelas consequências do Dia D. Um dos exemplos mais emblemáticos foi a cidade de Bedford, na Virgínia, um município com aproximadamente 3.200 habitantes de onde saíram 34 combatentes para fazer parte do Dia D. Desses, dezenove morreram na Operação Netuno²¹⁴ e outros quatro morreriam no decorrer da campanha na Normandia. As notícias de baixas iam chegando gradativamente, aumentando cada vez mais a dimensão do luto pela quantidade de famílias afetadas aumentar junto com o aumento das perdas. Proporcionalmente, Bedford foi a cidade estadunidense com o maior número de perdas na campanha da Normandia.²¹⁵

E essas perdas foram duramente sentidas. A sociedade estadunidense não estava interessada em comemorações laudatórias, uma vez que ainda processavam as perdas humanas de seus entes queridos e de seus próximos, mesmo que a vitória desse a essas perdas algum propósito. De qualquer modo, os habitantes de Bedford não estavam em condições de comemorar muita coisa.

Os moradores de Bedford não comemoraram imediatamente a batalha que reivindicou tantos homens locais. As pessoas, em vez disso, se detiveram em sua própria dor particular, que começou a chegar em casa um dia em julho de 1944 com uma enxurrada de telegramas do Departamento de Guerra notificando as famílias dos mortos.²¹⁶

Ao invés de apontar a relação da comunidade com a vitória no Dia D, os habitantes focavam em seus processos de luto, e muitos culpavam Eisenhower e Roosevelt pelas perdas. Apenas em 1954, dez anos após a invasão anfíbia, é que os moradores de Bedford resolveram fazer uma comemoração mais significativa. Para tal, um pedaço de pedra da costa da Normandia foi enviado pelos franceses, de modo que fizesse parte de um monumento em homenagem aos mortos, idealizado por Ray Nance, um dos “garotos de

²¹⁴ *Operação Netuno* é o nome dado à fase marítima da Operação Overlord, incluindo aí o desembarque nas praias em 6 de junho de 1944.

²¹⁵ ROGERS, Kyle. D-Day 75th Anniversary – The Bedford Boys. **The Uncommon Wealth**, 2019. Disponível em: <<https://uncommonwealth.virginiamemory.com/blog/2019/06/05/d-day-75th-anniversary-the-bedford-boys/>>. Acesso em: 20 Out. 2022.

²¹⁶ DOLSKI, op. cit., n.p. (tradução nossa). No original: “Bedford residents did not immediately commemorate the battle that claimed so many local men. People instead dwelt on their own private grief, which began hitting home one day in July 1944 with a flood of War Department telegrams notifying families of the dead”.

Bedford” que sobreviveu à guerra.²¹⁷ Em 6 de junho de 1954 algo entre quatro e cinco mil pessoas se juntaram para a cerimônia onde o general Charles Gerhardt, que liderou a 29ª Divisão de Infantaria durante o Dia D, discursou.²¹⁸ A mãe de um dos mortos em combate, Taylor Feller, ficou responsável por revelar o monumento durante a cerimônia.²¹⁹

Na Normandia as comemorações foram modestas. Em 1949, no aniversário de cinco anos, ocorreu apenas uma cerimônia simples com representantes da embaixada dos Estados Unidos de Paris, um guarda naval francesa, um corpo de clarim local e uma guarda de honra de um Posto da Legião Americana em Paris também participaram, e duas meninas de aldeias vizinhas colocaram coroas de flores na praia. Um B-17 da Força Aérea dos EUA passou pelo local, disparando foguetes e jogando flores.²²⁰

Os aniversários dos anos cinquenta que precederam 1954 também tiveram pouca pompa, mas começavam a gradativamente ter um caráter maior de ferramenta de política externa para os Estados Unidos. Em 1950, Barry Bingham, líder da missão do Plano Marshall na França, usou a comemoração para elogiar a recuperação econômica da França, e o aniversário de 1952—ocorrido enquanto a Guerra da Coreia estava em andamento—contou com o General Matthew D. Ridgway, comandante supremo das forças aliadas na Europa e veterano do Dia D, discursando sobre o propósito dos Estados Unidos na Guerra Fria, que seria de combater

“um novo e mais temeroso totalitarismo”. Ele alertou as potências comunistas a não “subestimar nossa determinação de viver como homens livres em nossos próprios territórios... Reuniremos a força que prometemos uns aos outros e a colocaremos diante de nosso povo e de nossas terras como um escudo protetor até que a razão apoiada pela força impeça mais agressões...” Referindo-se tanto ao seu status como participante do Dia D quanto ao seu papel atual como comandante militar da OTAN, Ridgway prometeu: “A última vez que vim aqui, vim

²¹⁷ LYNCH, Angela. D-Day through the decades: 1954 commemoration. **The National D-Day Memorial**, 2014. Disponível em: <<https://www.dday.org/2014/01/14/d-day-through-the-decades-1954-commemoration/>>. Acesso em: 20 Out. 2022.

²¹⁸ DOLSKI, op. cit.

²¹⁹ LYNCH, op. cit.

²²⁰ DELANEY, op. cit.

como um dos milhares para travar uma guerra. Desta vez venho para fazer a paz.”²²¹

No aniversário de dez anos da invasão, veteranos de diferentes países participantes da Operação Netuno, civis e o presidente francês René Coty se fizeram presentes. Nesta mesma data, Eisenhower—agora presidente dos Estados Unidos—liberou uma declaração em homenagem ao Dia D afirmando, entre outras coisas, sobre como os eventos daquele dia poderiam ser inspiradores:

Apesar das perdas e sofrimentos envolvidos nesse esforço humano e no conflito épico do qual fez parte, hoje encontramos nessas experiências motivos de esperança e inspiração. Eles nos lembram particularmente das realizações que podem ser alcançadas por meio de cooperação e amizade entre povos livres que lutam por um objetivo comum.²²²

Pode-se notar nessa declaração que as perdas, embora lembradas, servem como validadoras do discurso de união entre povos *livres*, que no contexto estadunidense costuma significar os países adotantes do modelo de democracia representativa, ou mesmo os que não a adotam, mas se aliam irrestritamente com os Estados Unidos. Vale lembrar que pouco mais de cinco anos antes a Organização do Tratado do Atlântico Norte foi criada, e o uso da memória do Dia D para aceno a esta organização, como veremos em breve, tornou-se um padrão.

²²¹ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “‘a new and more fearful totalitarianism.’ He warned the Communist powers not to ‘underestimate our resolve to live as free men in our own territories... We will gather the strength we have pledged to one another and set it before our people and our lands as a protective shield until reason backed by strength halts further aggression...’ Referring to both his status as a D-Day participant and his current role as military commander of NATO, Ridgway pledged: ‘The last time I came here, I came as one of thousands to wage war. This time I come to wage peace’”.

²²² LYNCH, op. cit., n.p. (tradução nossa). No original: “Despite the losses and suffering involved in that human effort, and in the epic conflict of which it was a part, we today find in those experiences reasons for hope and inspiration. They remind us particularly of the accomplishments attainable through close cooperation and friendship among free peoples striving toward a common goal”.

Figura 6 - Comemoração de dez anos do Dia D na Normandia



Fonte: Smithsonian Magazine, 1954.

A *American Battle Monuments Commission* (ABMC), criada em 1923 pelo presidente Warren Harding com o intuito de construir monumentos para as forças expedicionárias estadunidenses, ajudou no processo de memória sobre o Dia D—e muitos outros eventos militares durante seu século de existência. Assim que a França cedeu aos Estados Unidos o controle de pequenas partes da Normandia, a ABMC passou a trabalhar no planejamento dos monumentos e locais de enterro dos mortos, identificação dos mortos e a repatriação dos restos mortais daqueles cujas famílias preferiam enterrar em sua terra natal, ainda que o governo tentasse convencer as famílias a deixar os corpos na Europa.²²³ Quanto maior o número de mortos enterrados na Normandia, maiores os cemitérios e mais forte a narrativa de sacrifício, e não se pode dizer que o governo se incomodaria em evitar os custos do traslado dos corpos.

Apesar de uma ou outra comemoração nos anos 1950 como o citado aniversário de dez anos e a cerimônia de inauguração do cemitério de Colleville-sur-Mer em 1956

²²³ DOLSKI, op. cit.

que contou uma vez mais com o presidente René Coty e cerca de duas mil pessoas, o Dia D não costumava receber grande atenção como evento-guia para ações futuras. Ainda que fosse uma história útil de autoafirmação de virtudes, a batalha foi perdendo espaço na consciência coletiva para as tensões do presente relacionadas à Guerra Fria. O 6 de junho voltou a ganhar atenção quando o jornalista irlandês Cornelius Ryan lançou seu livro *O mais longo dos dias*, onde sensacionaliza a importância da batalha, transformando-a em um ponto de virada na guerra e da própria civilização ocidental. No mesmo ano, cerimônias em torno de monumentos e até uma encenação dos saltos dos paraquedistas ocorreram. O clima daquele momento e o próprio livro de Ryan viriam a gerar o filme *O mais longo dos dias*.²²⁴

4.2 O mais longo dos dias

A obra foi um esforço coletivo de diretores. Ken Annakin, um britânico, dirigiu as cenas exteriores dos britânicos; Andrew Marton, um estadunidense, dirigiu as cenas externas de seus compatriotas; Bernhard Wicki, um austríaco, dirigiu as cenas externas dos alemães; o alemão Gerd Oswald dirigiu as cenas exteriores da Resistência Francesa, as cenas dos paraquedistas em Sainte-Mère-Église e algumas cenas excluídas; por fim, Darryl F. Zanuck dirigiu várias cenas de interiores. Os dois últimos diretores, contudo, não foram creditados.²²⁵

Zanuck, um dos diretores não creditados, foi chefe de produção da 20th Century-Fox e naquele momento era o presidente da companhia, que passava por problemas financeiros severos. Em 1960, Zanuck decidiu fazer uma aposta alta pagando 175 mil dólares pelos direitos do livro de Cornelius Ryan que era um best-seller com mais de 800 mil cópias vendidas até então. Cinco diretores, cinco roteiristas, 37 consultores militares e um elenco estelar para a época foram contratados para transformar o filme em um grande evento, mas diante dos conflitos com diretores e roteiristas, o produtor decidiu filmar várias cenas ele mesmo, chegando a afirmar que teria dirigido 65 por cento do filme sozinho.²²⁶

²²⁴ Ibid.

²²⁵ IMDB. The Longest Day. **IMDB**, s.d. Disponível em: <<https://www.imdb.com/title/tt0056197/>>. Acesso em: 26 nov. 2022.

²²⁶ TIME. Cinema: Operation Overblown. **Time**, 1962. Disponível em: <<https://content.time.com/time/subscriber/article/0,33009,827910-1,00.html>>. Acesso em: 26 nov. 2022.

O primeiro plano de *O mais longo dos dias* mostra um capacete modelo M1 que jaz nas areias de uma praia virado de cabeça para baixo. O M1 foi usado pelos soldados estadunidenses na Segunda Guerra Mundial a partir de 1941 e seu design se tornou icônico para as Forças Armadas dos EUA, mesmo depois de ser aposentado em 1985. O modelo veio substituir o M1917 usado até então, que era a versão estadunidense do Mark I britânico ostensivamente usado pelos soldados do Reino Unido, ainda que em 1944 ele estivesse em sua terceira versão (Mark III). A escolha do capacete M1 em detrimento do Mark III já implica em um protagonismo estadunidense, ainda que o filme busque representar as ações de todos os beligerantes naquela batalha, incluindo os alemães.

O plano é acompanhado por uma mensagem de rádio pronunciada em francês, e nesses primeiros momentos do filme são representadas algumas ações da Resistência Francesa, atuando contra os alemães dentro dos limites do que seria possível para seus integrantes, seja através de mensagens cifradas, sabotagem, coleta de informações para os aliados, entre outras atividades. É digno de nota que, em um determinado momento, o filme intercala cenas de atores interpretando oficiais assistindo a uma marcha de soldados alemães, mas as cenas da marcha em si são filmagens reais da Segunda Guerra Mundial. Como o filme é em preto-e-branco, essa interpolação dá à obra uma sensação de autenticidade, e é evidente em sua abordagem narrativa que esta era a intenção dos realizadores. O apego aos detalhes históricos que o filme busca, associado a um rigor cronológico, as mudanças de ponto de vista entre os beligerantes para tentar cobrir o máximo possível de detalhes do Dia D e a informação textual na tela informando o nome da personagem toda vez que o filme apresenta alguma figura histórica relevante mostram que a proposta da obra é passar ao espectador a maior sensação de fidelidade histórica possível no que concerne aos fatos representados.

Nos minutos iniciais, a trilha sonora do filme basicamente se resume à bateria de uma marcha militar bastante repetitiva, que acompanha a construção do contexto do ataque aliado na Normandia, sendo interrompida brevemente apenas quando o título do filme aparece em tela acompanhado do trecho mais conhecido da Sinfonia Número 5 de Beethoven. A mesma marcha volta à cena minutos depois.

Durante o planejamento da invasão e da defesa alemã para impedi-la, muitos detalhes historicamente corretos são apresentados, como a obsessão do general Erwin Rommel em encher a costa francesa de minas terrestres, sua saída da Normandia para o aniversário de sua esposa na véspera do ataque, as discussões sobre os adiamentos da invasão por conta do clima ou mesmo o fato de que a maioria dos alemães tinham certeza

que a invasão aconteceria no Passo de Calais, graças ao sucesso da Operação Fortitude, uma ação diversionária que tinha como objetivo justamente o engodo para fazer os alemães acreditarem que a invasão ocorreria justamente no local mais aparentemente óbvio pela menor distância entre as duas porções de terra, e não nas praias mais distantes da Normandia.

E esse apego pelos detalhes históricos fica fácil de compreender quando descobrimos que o principal roteirista do filme foi o próprio Cornelius Ryan, que fez o que estava ao seu alcance para manter a autenticidade histórica do filme dentro do que era possível, a despeito das necessidades cinematográficas que, por vezes, afetam a precisão da história sendo representada.

A escolha do autor como roteirista do filme inspirado em sua própria obra explica também o foco narrativo intercalar entre estadunidenses, britânicos, franceses e alemães, e possivelmente explica porque, em um filme com quase três horas de duração, a maior parte da obra é dedicada ao planejamento e à batalha em si ao invés de acompanhar a evolução de personagens como em uma narrativa cinematográfica mais tradicional. Embora alguns indivíduos ganhem destaque, permitindo que os espectadores entendam quais são alguns dos dramas e anseios dos soldados e oficiais que possuem diálogos, trata-se de uma obra mais focada em contar o evento do que acompanhar a progressão de personagens dentro daquele ambiente. Essa abordagem é semelhante ao que Christopher Nolan faria décadas mais tarde em *Dunkirk*, onde o filme parece mais focado no evento histórico do que em indivíduos, ainda que adote uma perspectiva bem diferente de *O mais longo dos dias* ao contar a história a partir de três abordagens cronológicas diferentes se intercalando. A narrativa do filme inspirado na obra de Cornelius Ryan, longe de adotar as extravagâncias de Nolan, opta por se ater a uma cronologia tradicional.

Durante a preparação da invasão, o diálogo que demonstra uma postura mais laudatória do filme em relação ao evento representado ocorre aos 48:15 quando um oficial, a bordo de uma das embarcações da marinha estadunidense, comenta com um capitão que aquele momento era a véspera de um evento “do qual vão falar muito tempo depois que tivermos ido”. Ele complementa, aos 46:33 minutos: “Sabe de uma coisa? Só fazer parte disso já me dá arrepios”.²²⁷

Outro momento de clarividência teleológica ocorre em cerca de uma hora e quarenta minutos de filme, quando o general Von Rundstedt, após a recusa do general

²²⁷ **O MAIS longo dos dias**; Direção: Ken Annakin, Andrew Marton e Bernhard Wicki. Produção: Darryl F. Zanuck. Estados Unidos: 20th Century-Fox, 1962.

Alfred Jodl de acordar Hitler para pedir a autorização do envio de uma unidade de tanques à Normandia, declara: “Isto é a história. Vivemos um momento histórico. Vamos perder a guerra porque o glorioso Führer tomou remédio para dormir e não pode ser acordado. Pense nisso. Não se esqueça. Estamos testemunhando algo que os historiadores dirão que é improvável mas é a verdade”.²²⁸

A primeira ação do Dia D que vemos é o pouso do planador do Capitão John Howard, responsável por tomar a Ponte Pégaso e mantê-la intacta até o recebimento de reforços, sendo um dos feitos britânicos mais lembrados do Dia D. Enquanto os britânicos tomam a ponte, a resistência francesa sabota os meios de comunicação entre os alemães no front e os da retaguarda, dificultando o entendimento da situação por parte destes para avaliação do envio ou não de reforços à Normandia.

O restante do filme não difere muito disso. São brevemente representadas as invasões nas praias e em Pointe du Hoc, com muita ação e poucos diálogos, que ficam mais localizados na primeira metade do filme. Não há nenhum grande drama individual de destaque, nenhuma cena emocional de morte do herói ou algum outro clichê dramático típico de filmes de guerra. O que temos é um final sem grande impacto, acompanhado de uma música militar animada, enquanto as tropas aliadas desembarcam na Normandia após as cabeças-de-praia terem sido asseguradas. Apesar dos esforços em manter a autenticidade do que é representado, e admitindo que o filme entrou para a história como a principal representação cinematográfica do Dia D até que *O resgate do soldado Ryan* fosse lançado, e contribuindo para colocar em um ostracismo ainda maior o pouco conhecido filme *D-Day the Sixth of June*, de 1956, a experiência cinematográfica que este filme nos oferece no século XXI é, na melhor das hipóteses, esquecível.

4.3 Antes de Reagan: os presidentes e o Dia D

Fugindo da esfera do entretenimento e pensando nos usos políticos do Dia D por parte de presidentes e presidenciáveis, levou tempo para que o 6 de junho ganhasse o status quase cerimonial que temos hoje.

Nos anos que se seguiram após a invasão da Normandia, os presidentes estadunidenses pouco deram atenção ao Dia D, ao menos no que concerne a homenagens e cerimônias *in loco*, e para o público geral, “o Dia D foi considerado pelo público em

²²⁸ Ibid.

geral na América como apenas mais um ponto de virada da Segunda Guerra Mundial, como Midway, Guadalcanal ou Bulge.”²²⁹ Entre o final da Segunda Guerra Mundial e o aniversário de quarenta anos do evento, apenas dois presidentes visitaram a Normandia—sendo que o primeiro deles nem sequer era mais presidente quando da visita—e outros dois apenas cogitaram fazê-lo. Lyndon Johnson pensou em visitar o local em 1964, mas sua agenda de campanha lotada o impediu, fazendo com que enviasse uma delegação de vinte e dois integrantes liderada pelo general Omar Bradley.²³⁰ Já Richard Nixon quase viajou à Normandia para o aniversário de trinta anos dos desembarques, mas o imbróglio resultante do escândalo de Watergate e do desgaste com a Guerra do Vietnã riscou a viagem dos planos. Uma vez mais Omar Bradley se fez presente no lugar do presidente, e pouco tempo após o trintenário do Dia D, Nixon renunciaria à presidência.²³¹

Dwight D. Eisenhower, após dois mandatos como presidente dos Estados Unidos, visitou o local da maior operação anfíbia da história—a qual ele comandou na posição de Supremo Comandante Aliado e foi como veterano que ele realizou a visita—no aniversário de vinte anos do evento, acompanhado do jornalista do canal CBS Walter Cronkite, para o qual concedeu uma longa entrevista de noventa minutos que seria transformada em um programa de televisão chamado *D-Day Plus 20 Years: Eisenhower Returns to Normandy*.

O general afirmou: “Então, toda vez que volto a essas praias, ou em qualquer dia quando penso naquele dia há 20 anos, digo mais uma vez que devemos encontrar alguma maneira de trabalhar pela paz e realmente obter uma paz eterna para este mundo.”²³² Fora esta visita para o programa da CBS, encontramos apenas um registro de visita de Eisenhower à Normandia, mais precisamente no aniversário de um ano da invasão, quando a Segunda Guerra sequer tinha se encerrado—uma vez que a luta contra o Japão ainda acontecia.²³³ Não fomos capazes, contudo, de encontrar registros de visitas além

²²⁹ BRINKLEY, op. cit., p. 100.

²³⁰ BULLINGER, Johnathan M. **Reagan’s “Boys” and the Children of the Greatest Generation**: U.S. World War II Memory, 1984 and Beyond. Nova York: Routledge, 2020. Ebook.

²³¹ BRINKLEY, op. cit., p. 100.

²³² THE NEW YORK Times Magazine. Eisenhower recalls the ordeal of D-Day assault 20 years ago. **The New York Times Magazine**, 1964, n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1964/06/06/archives/eisenhower-recalls-the-ordeal-of-dday-assault-20-years-ago.html>>. Acesso em: 21 set. 2022. No original: “So every time I come back to these beaches, or any day when I think about that day 20 years ago now, I say once more we must find some way to work to peace, and really to gain an eternal peace for this world”.

²³³ DOLSKI; EDWARDS; BUCKLEY, op. cit.

das de 1945 e 1964, e esta última, aparentemente, teria sido a última vez que o ex-presidente visitou o local.²³⁴ Eisenhower faleceu poucos anos depois, em 1969.

Figura 7 - Dwight D. Eisenhower e Walter Cronkite na Normandia



Fonte: Smithsonian Magazine, 1964.

Apesar do especial da CBS e do respeito que uma parcela significativa da população tinha para com Eisenhower, o clima político do fim dos anos 1960 dificultava que a narrativa heróica do Dia D se sustentasse, uma vez que a sociedade estadunidense

²³⁴ CBS NEWS. His grandfather's war: David Eisenhower on the general and D-Day. **CBS News**, 2019. Disponível em: <<https://www.cbsnews.com/news/general-dwight-david-eisenhower-and-d-day/>>. Acesso em: 21 set. 2022.

estava profundamente dividida com relação à Guerra do Vietnã. Nos anos que se seguiram, o evento não teve uma posição central nas conversas a nível nacional.²³⁵

A comemoração de trinta anos, como dito anteriormente, não contou com a presença do então presidente Richard Nixon. Em seu nome participou da cerimônia o general Omar Bradley, que participou da operação e era, naquele momento, o único membro ainda vivo do Quartel General Supremo das Forças Expedicionárias Aliadas (*Supreme Headquarters Allied Expeditionary Force*, ou SHAEF). Com seus 81 anos, Bradley não participou da maioria das atividades pelo cansaço físico que elas impunham a alguém daquela idade. Reencenações da escalada em Pointe du Hoc e do salto de paraquedistas em Sainte-Mère-Eglise também ocorreram, contando com a presença de veteranos que participaram de ambas as ações no Dia D.²³⁶

O segundo presidente a visitar a Normandia, sendo o primeiro a fazê-lo durante seu mandato, foi Jimmy Carter. Em 5 de janeiro de 1978, durante uma visita de três dias à França, Carter se juntou ao então presidente francês Valéry Giscard d'Estaing para uma homenagem aos mortos no Dia D. Em Bayeux, a primeira vila a ser libertada da ocupação nazista, os dois presidentes discursaram e cumprimentaram os cidadãos presentes.

No discurso, Carter faz um resumo muito breve da operação, exaltando principalmente os combates na praia de Omaha e em Pointe du Hoc—embora o rochedo não seja mencionado nominalmente—e apenas citando as invasões nas praias Juno, Gold e Sword. Tal qual Reagan faria em 1982, Carter ressalta as conexões militares entre França e Estados Unidos mencionando a guerra de independência deste último e as duas grandes guerras. E assim como seu sucessor, o então presidente faria um aceno à Organização do Tratado do Atlântico Norte, OTAN: “Nós estamos determinados, com nossos nobres aliados aqui, que a liberdade da Europa nunca mais seja ameaçada. Nós temos agora cerca de 200.000 americanos, guerreiros, na Europa para garantir que essa ameaça não apareça diante de nós novamente”.²³⁷

²³⁵ DOLSKI; EDWARDS; BUCKLEY, op. cit.

²³⁶ NATIONAL D-Day Memorial. D-Day through the decades: 1974 commemoration. **The National D-Day Memorial**, 2014. Disponível em: <<https://www.dday.org/2014/01/14/d-day-through-the-decades-1954-commemoration/>>. Acesso em: 20 Out. 2022.

²³⁷ CARTER, Jimmy. Normandy, France remarks of the President and President Giscard d'Estaing on visiting the site of the D-Day Landings. **The American Presidency Project**, 1978, n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://www.presidency.ucsbs.edu/documents/normandy-france-remarks-the-president-and-president-giscard-destaing-visiting-the-site-the>>. Acesso em: 21 set. 2022. No original: “We are determined, with our noble allies here, that Europe's freedom will never again be endangered. We now have about 200,000 Americans, fighting men, in Europe to make sure that this threat is never before us again”.

Figura 8 - Jimmy Carter e o presidente francês Valéry Giscard d'Estaing na Normandia



Fonte: Smithsonian Magazine, 1978.

No entanto, apesar do simbolismo de aquela ter sido a primeira visita de um presidente em exercício do cargo nos EUA, ela não teve nem de longe o impacto que outras visitas teriam no futuro, não apenas pela administração Carter não ter tentado capitalizar tanto em cima dela como outros governos fariam, mas também porque a visita aconteceu em janeiro, muito longe da data comemorativa do aniversário do evento, e também em um ano de aniversário não arredondado. Talvez ela tivesse recebido maior atenção se tivesse ocorrido um ano depois, no aniversário de 35 anos, mas isso é apenas especulação.

Mas não seria Carter o último presidente a investir pesado na capitalização política em torno do Dia D. Isso se tornaria a norma a partir de seu sucessor no cargo de presidente dos Estados Unidos.

CAPÍTULO 5

RANGERS, REAGAN E RELIGIÃO CIVIL

“O que aprendi com o discurso de Pointe du Hoc foi que, para os homens da Casa Branca de Reagan, um bom discurso é na verdade uma pele de salsicha: quanto mais forte ela é, mais você empurra.”

Peggy Noonan²³⁸

Ronald Reagan, candidato à presidência pelo Partido Republicano, venceu as eleições de 1980 superando o candidato Democrata à reeleição, Jimmy Carter, com uma enorme superioridade de votos—recebendo 90.9% dos votos eleitorais contra 9.1% do candidato à reeleição.²³⁹ Em meados de 1979 a inflação chegava a 13 por cento, os postos de gasolina eram tomados por filas e a estação espacial Skylab estava prestes a cair sem que se soubesse onde. A popularidade de Carter chegou aos 25 por cento, a pior desde Harry Truman.²⁴⁰ Sua presidência teria impactos profundos na história dos Estados Unidos, e se o Dia D não tinha sido esquecido, foi Reagan quem deu o pontapé inicial para a mitificação na escala que viríamos a conhecer.

5.1 Novo presidente, velhas alianças

Após uma década de recessão econômica, a população estadunidense buscava por um presidente que tivesse uma postura de liderança ativa. A popularidade do até então presidente Jimmy Carter melhorou após o discurso *Energy and the National Goals - A Crisis of Confidence* proferido em 15 de julho de 1979, mas ele não foi capaz de sustentar essa popularidade no médio prazo, especialmente por conta do impacto extremamente negativo do desastre da tomada da embaixada estadunidense no Irã em 1979.

²³⁸ NOONAN, Peggy. **What I saw at the revolution**: a political life in the Reagan era. Nova York: Random House, 1990, p. 83 (tradução nossa). No original: “What I learned from the Pointe du Hoc speech was that to the men of the Reagan White House, a good speech is really a sausage skin, the stronger it is the more you shove in”.

²³⁹ THE AMERICAN Presidency Project. 1980. **The American Presidency Project**. Disponível em: <<https://www.presidency.ucsb.edu/statistics/elections/1980>>. Acesso em: 22 set. 2022.

²⁴⁰ FEUERHEAD, Peter. Jimmy Carter and the Meaning of Malaise. **JSTOR Daily**, 2018. Disponível em: <<https://daily.jstor.org/jimmy-carter-and-the-meaning-of-malaise/>>. Acesso em: 29 set. 2022.

A embaixada, localizada em Teerã, foi tomada após o governo Carter dar asilo ao xá Reza Pahlevi. Cinquenta e três pessoas foram feitas reféns, e o governo Carter decidiu agir negociando com o novo regime iraniano—naquele momento ainda civil, liderado por Abolhassan Bani Sadr. China e União Soviética se pronunciaram a favor da libertação dos reféns, também sem sucesso.²⁴¹

Após algum tempo de negociações infrutíferas, Carter autorizou uma ação militar de resgate dos reféns, mas diante de uma situação de clima adverso no deserto em Tabas, os helicópteros que levavam as tropas colidiram com o solo, matando seus tripulantes. A trapalhada militar da ação é considerada por alguns analistas como a principal causa da derrota de Carter nas eleições, e há afirmações de que Reagan negociou secretamente com o Irã para alongar a crise até as eleições. A crise foi rapidamente resolvida logo que Reagan assumiu a presidência, após 444 dias de cativo. Reagan aumentou sua popularidade dentro e fora dos Estados Unidos, e o Irã recebeu armamentos como forma de compensação.²⁴²

Reagan tinha, entre outros objetivos, o interesse de aumentar a força militar de seu país e reforçar a OTAN, algo que não fazia nenhuma questão de esconder. No dia 18 de agosto de 1980, cerca de duas semanas antes de começar oficialmente sua campanha para presidente, o candidato fez um discurso na Convenção da *Veterans of Foreign Wars*, uma organização sem fins lucrativos cujo objetivo, de acordo com a própria organização, é “promover a camaradagem entre os veteranos dos Estados Unidos de conflitos no exterior. Para servir nossos veteranos, os militares e nossas comunidades. Advogar em nome de todos os veteranos.”²⁴³ Nesse discurso, Reagan afirmava que queria unir os Estados Unidos na busca de uma suposta restauração de uma “América dos sonhos”,²⁴⁴ além de acusar o governo Carter de ser “antiveteranos”, cortando investimentos no acolhimento dos ex-combatentes.

Sempre me pareceu estranho que vocês, que conheceram em primeira mão a feiura e a agonia da guerra, sejam tão frequentemente culpados pela guerra por aqueles que desfilam pela paz. A verdade é exatamente

²⁴¹ COGGIOLA, Osvaldo. **A revolução iraniana**. São Paulo: Editora Unesp, 2008, p. 84.

²⁴² Ibid., p. 84-85.

²⁴³ VETERANS of Foreign Wars. About Us. **Veterans of Foreign Wars**, n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://vfw.org/about-us>>. Acesso em: 22 set. 2022. No original: “To foster camaraderie among United States veterans of overseas conflicts. To serve our veterans, the military and our communities. To advocate on behalf of all veterans”.

²⁴⁴ REAGAN, Ronald. Peace: Restoring the Margin of Safety. **Ronald Reagan Presidential Library & Museum**, 1980. Disponível em: <<https://www.reaganlibrary.gov/archives/speech/peace-restoring-margin-safety>>. Acesso em: 22 set. 2022.

o contrário. Tendo conhecido a guerra, vocês estão na vanguarda daqueles que sabem que a paz não é obtida ou preservada pelo desejo e pela fraqueza. Vocês insistiram consistentemente na manutenção de uma capacidade de defesa que fornece uma margem de segurança para a América. Hoje, essa margem está desaparecendo.²⁴⁵

Reagan seguiu apontando uma suposta “síndrome do Vietnã” e negou que os Estados Unidos fossem o país agressor na guerra contra o país asiático. Ao invés disso, era hora de reconhecer que a causa estadunidense era nobre e que sentir culpa pela guerra era desrespeitoso para os cerca de cinquenta mil estadunidenses mortos no conflito. Evocava também uma suposta fraqueza dos laços da OTAN por conta da administração Carter.

Não estamos sozinhos no mundo. Temos Aliados que estão conosco, que esperam que os Estados Unidos forneçam liderança e permaneçam fortes. Mas eles estão confusos com a falta de uma política coerente e baseada em princípios da administração Carter. E devem ser consultados, não excluídos, de assuntos que afetem diretamente seu próprio interesse e segurança. Quando ignoramos nossos amigos, quando não lideramos, enfraquecemos a unidade e a força que unem nossas alianças. Devemos agora reverter essa tendência perigosa e restaurar a confiança e a coesão do sistema de alianças sobre o qual nossa segurança se baseia.²⁴⁶

Ao fazer isso, Reagan não estava adotando nenhum discurso novo: esta mentalidade poderia ser traçada, no mínimo, até Harry Truman; Após uma visita às ruínas de Berlim depois do fim da Segunda Guerra, o então presidente dos Estados Unidos que assumira o cargo após a morte de Franklin D. Roosevelt afirmou ter ficado grato pelo fato de os Estados Unidos terem sido poupados da destruição da guerra e enfatizou que a segurança das nações agora estaria diretamente relacionada a suas capacidades de defesa e mobilização de forças militares ao redor do mundo.²⁴⁷ Os discursos que tratavam a luta

²⁴⁵ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “It has always struck me as odd that you who have known at firsthand the ugliness and agony of war are so often blamed for war by those who parade for peace. The truth is exactly the reverse. Having known war, you are in the forefront of those who know that peace is not obtained or preserved by wishing and weakness. You have consistently urged maintenance of a defense capability that provides a margin of safety for America. Today, that margin is disappearing”.

²⁴⁶ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “We do not stand alone in the world. We have Allies who are with us, who look to America to provide leadership and to remain strong. But they are confused by the lack of a coherent, principled policy from the Carter Administration. And they must be consulted, not excluded from, matters which directly affect their own interest and security. When we ignore our friends, when we do not lead, we weaken the unity and strength that binds our alliances. We must now reverse this dangerous trend and restore the confidence and cohesion of the alliance system on which our security ultimately rests”.

²⁴⁷ BODNAR, op. cit., p. 60.

na guerra como nobre e o anticomunismo impulsionado pela Guerra Fria fizeram com que o futuro fosse moldado não a partir de uma perspectiva parcialmente progressista como a de Roosevelt, mas sim pela visão conservadora de poderio militar superior e sujeitos tementes a Deus.²⁴⁸

A retórica de Reagan segue uma fórmula batida de apontar para um passado ideal que se perdeu no presente diante da atuação de seus adversários, “o ‘tempo de antes’ e que é o de uma grandeza, de uma nobreza ou de uma certa felicidade que nos cabe redescobrir.”²⁴⁹ Raoul Girardet comenta sobre esse tipo de passado mitificado:

Oposto à imagem de um presente sentido e descrito como um momento de tristeza e decadência, ergue-se o absoluto de um passado de plenitude e de luz. Resultado quase inevitável: cristalizando ao seu redor todos os impulsos, todos os poderes do sonho, a representação do “tempo de antes” tornou-se mito. E mito no sentido mais completo do termo: ao mesmo tempo ficção, sistema de explicação e mensagem mobilizadora.²⁵⁰

Em junho de 1982, cerca de um ano e meio após ser eleito presidente, Reagan visitou a França em sua primeira viagem à Europa como presidente, onde se encontrou com o presidente francês François Mitterrand, o prefeito de Paris Jacques Chirac, o primeiro-ministro japonês Zenko Suzuki e a primeira-ministra britânica Margaret Thatcher. Lá, entre diversas conversas sobre comércio internacional e a situação do Oriente Médio, Reagan tratou de trazer à mesa o debate sobre geopolítica, afirmando seu compromisso em “restaurar a força defensiva da América depois de três décadas de negligência”.²⁵¹ A mensagem não era apenas uma demonstração de força para os aliados: era uma forma de reafirmar o compromisso dos Estados Unidos com a OTAN, tanto que já no dia seguinte durante um jantar com as mesmas autoridades, o presidente afirmou: “Uma América forte e uma aliança vital e unificada são indispensáveis para manter a paz agora e no futuro, assim como foram mantidas no passado.”²⁵² Reagan era implacável em seus anseios de fortalecer os laços entre as principais potências signatárias do tratado e países que, embora não fossem signatários, eram de importância estratégica fundamental, como o Japão. E a maneira que este encontrou foi não apenas reforçar laços de outrora,

²⁴⁸ Ibid., p. 62.

²⁴⁹ GIRARDET, op. cit., p. 105.

²⁵⁰ Ibid., p. 98.

²⁵¹ BRINKLEY, op. cit., p. 3.

²⁵² Ibid., p. 3.

mas também demonstrar constantemente o quão vantajosas foram alianças com os Estados Unidos para seus aliados no passado.

E cabe lembrar, este encontro aconteceu durante as últimas semanas da Guerra das Malvinas, onde os Estados Unidos ficaram do lado do Reino Unido em respeito à OTAN e deixando de lado os compromissos firmados com a Argentina e outros países da América Latina no Tratado Interamericano de Assistência Recíproca, de 1947.

Nas suas viagens pelo velho continente o presidente constantemente evocava a necessidade de retomar uma aliança aos moldes de 1941-1945 que levou à vitória na Segunda Guerra, mas dessa vez sem a presença da União Soviética, que era vista como um “Império do Mal” e inimiga da democracia.²⁵³

E qual seria a ameaça soviética? No discurso para a *Veterans of Foreign Wars Convention* de 1980 anteriormente citada o futuro presidente explicava de maneira mais específica, aproveitando para alfinetar Carter. Para Reagan,

há a presença soviética, cubana e da Alemanha Oriental na Etiópia, no Iêmen do Sul, e agora a invasão e subjugação do Afeganistão. Este último passo os move para uma curta distância do Golfo Árábico rico em petróleo. E é apenas coincidência que terroristas treinados em Cuba e na União Soviética estejam levando a guerra civil aos países da América Central nas proximidades dos ricos campos de petróleo da Venezuela e do México? Em todo o mundo, podemos ver que, diante do declínio do poder americano, os soviéticos e seus amigos estão avançando. No entanto, a administração Carter parece totalmente alheia.²⁵⁴

Reagan carregava consigo uma nostalgia idealista em relação à Segunda Guerra, da qual participou trabalhando em filmes de treinamento e propaganda na relativa tranquilidade da Califórnia, tendo contato com o Dia D apenas através do livro *O mais longo dos dias* de Cornelius Ryan. Douglas Brinkley argumenta que Reagan jamais fingiu ter participado da guerra no teatro de operações, muito embora Lou Cannon, autor do livro *President Reagan: the role of a lifetime*, afirme ter encontrado um estranho artigo que afirmava o contrário. Em um boletim de notícias chamado *Near East Report*, em uma

²⁵³ Ibid., p. 3.

²⁵⁴ REAGAN, op. cit., n.p. (tradução nossa). No original: “there is the Soviet, Cuban and East German presence in Ethiopia, South Yemen, and now the invasion and subjugation of Afghanistan. This last step moves them within striking distance of the oil-rich Arabian Gulf. And is it just coincidence that Cuban and Soviet-trained terrorists are bringing civil war to Central American countries in close proximity to the rich oil fields of Venezuela and Mexico? All over the world, we can see that in the face of declining American power, the Soviets and their friends are advancing. Yet the Carter Administration seems totally oblivious”.

edição de 10 de fevereiro de 1983 havia um relato que, se real, mostraria o presidente Reagan inventando histórias de uma participação na guerra além do que o então jovem ator tinha empreendido nos materiais de propaganda.

Sob a manchete “Sentimentos reais de Reagan”, o boletim trazia um relato de aprovação de um artigo no *Ma'ariv*, um jornal israelense próximo ao governo. O artigo dizia que Reagan havia dito ao primeiro-ministro israelense Yitzhak Shamir, durante sua visita à Casa Branca em 29 de novembro de 1983, que as raízes de sua preocupação com Israel poderiam ser atribuídas à Segunda Guerra Mundial, quando ele fotografou os campos de extermínio nazistas. Depois, disse Reagan, ele guardou uma cópia dos filmes do campo de extermínio para si mesmo porque acreditava que chegaria o dia em que as pessoas não acreditariam mais que seis milhões de judeus haviam sido exterminados. Anos depois, dizia o artigo, Reagan foi questionado por um membro de sua própria família se tal evento realmente havia ocorrido. “Naquele momento, pensei que aquela foi a hora para a qual salvei o filme e o mostrei a um grupo de pessoas que não podiam acreditar em seus olhos”, disse Reagan, citado por *Ma'ariv*. “A partir de então, fiquei preocupado com o povo judeu.”²⁵⁵

É importante mencionar, contudo, que Lou Cannon entrou pessoalmente em contato com a administração Reagan para confirmar a história, e a resposta recebida foi de que este diálogo entre o presidente e o primeiro-ministro israelense nunca existiu, e que Reagan jamais inventou tal história.²⁵⁶ Dado o fato de que aparentemente não existe outra fonte que confirme a veracidade dela, nem Lou Cannon a leva a sério. Embora relate a história, o autor não lhe dá muito crédito.

Independente da veracidade ou não dessa história, é fato que Reagan gostava de contar histórias de guerra—mais parábolas do que histórias reais—que ressaltassem o valor dos soldados, dialogando com a noção do soldado-messias.

Uma anedota em particular que Reagan gostava de contar era sobre um piloto de um B-17 cuja aeronave foi danificada pelos ataques inimigos. Com o avião descendo em

²⁵⁵ CANNON, Lou. **President Reagan: the role of a lifetime**. Nova York: PublicAffairs, 2000, n.p. (tradução nossa). No original: “Under the headline “Reagan’s Real Feelings,” the newsletter carried an approving account of an article in *Ma’ariv*, an Israeli newspaper close to the government. The article said that Reagan had told Israeli Prime Minister Yitzhak Shamir, during his November 29, 1983, visit to the White House, that the roots of his concern for Israel could be traced to World War II when he photographed the Nazi death camps. Afterward, Reagan said, he had saved a copy of the death camp films for himself because he believed that the day would come when people would no longer believe that six million Jews had been exterminated. Years later, said the article, Reagan was asked by a member of his own family if such an event had really occurred. “That moment, I thought this is the time for which I saved the film and I showed it to a group of people who couldn’t believe their eyes,” *Ma’ariv* quoted Reagan as saying. “From then on, I was concerned for the Jewish people.”

²⁵⁶ *Ibid.*

espiral rumo ao chão, o piloto teria ordenado sua tripulação para que abandonassem a aeronave para se salvar, ordem que foi prontamente atendida por todos os tripulantes, menos um. Ao perceber que o artilheiro da aeronave se encontrava ferido, chorando e sangrando profusamente, o piloto teria gritado “Não se preocupe, filho, nós vamos cair juntos”. Ambos teriam morrido na queda.²⁵⁷

Como diabos Reagan sabia das últimas palavras trocadas entre o piloto e o artilheiro de um avião já sem tripulação que colidiu com o solo, matando ambos, não parecia relevante para as audiências a quem o presidente contou a anedota através dos anos.

No dia 5 de junho de 1982, o presidente proferiu um discurso diretamente do Palácio de Versalhes, que foi transmitido nos Estados Unidos via rádio. Ele começa fazendo referências históricas ao local de transmissão e sua relação com os Estados Unidos, como a assinatura do tratado que reconheceu a independência do país em relação à Inglaterra, e a assinatura de outro tratado ao fim da Primeira Guerra Mundial que “marcou a emergência da América como uma líder e potência mundial”.²⁵⁸ Reiterava a importância dos Estados Unidos na reconstrução da Europa referenciando o Plano Marshall, exaltando os laços entre os membros da OTAN firmados há trinta e três anos e comemorando a entrada da Espanha na organização, que afirmava ser voluntária—em oposição ao Pacto de Varsóvia onde, segundo Reagan, nenhum país teria entrado voluntariamente.²⁵⁹

Aproveitando a proximidade da data, Reagan evoca o Dia-D. “Uma lição do Dia-D é tão clara agora quanto era trinta e oito anos atrás: apenas a força pode deter a tirania e a agressão”,²⁶⁰ afirmou o presidente, encerrando a transmissão afirmando seu comprometimento para que nenhuma outra geração de jovens tivesse que repetir o sacrifício que os jovens mortos no Dia-D teriam feito para preservar a liberdade.²⁶¹

Embora o presidente não tenha visitado a Normandia pessoalmente no aniversário de trinta e oito anos da invasão, a primeira-dama Nancy Reagan realizou uma visita de três horas acompanhada por integrantes da Embaixada estadunidense em Paris, colocou

²⁵⁷ BRINKLEY, op. cit., p. 102.

²⁵⁸ REAGAN, Ronald. Radio Address to the Nation of the Trip to Europe. **Ronald Reagan Presidential Library & Museum**, 1982a, n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://www.reaganlibrary.gov/archives/speech/radio-address-nation-trip-europe>>. Acesso em: 21 set. 2022. No original: “marked America's emergence as a leader and a world power”.

²⁵⁹ Ibid.

²⁶⁰ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “One lesson of D-Day is as clear now as it was 38 years ago: Only strength can deter tyranny and aggression”.

²⁶¹ Ibid.

uma coroa de flores na estátua memorial do cemitério de Colleville-sur-Mer e fez algumas observações para o público presente, entre elas:

Se meu marido estivesse aqui hoje, ele diria a vocês o quão profundamente ele sente as responsabilidades da paz e da liberdade. Ele lhes diria como podemos garantir que outros jovens em outras praias e outros campos não tenham que morrer. E acho que ele falaria sobre suas ideias para a paz nuclear.²⁶²

Já para a televisão francesa, Reagan gravou um discurso no dia 31 de maio na Biblioteca da Casa Branca, fazendo as mesmas evocações a respeito de heroísmo e luta contra a tirania. “A invasão da Normandia foi a segunda vez neste século que os americanos lutaram na França para libertá-la de um agressor. Estamos comprometidos a fazê-lo novamente se for necessário,” disse o presidente, fazendo referência também à participação estadunidense na Primeira Guerra Mundial.²⁶³

Percebe-se nas falas de 1982 e nas evocações do Dia D em sua visita à França que a principal preocupação de Reagan era fortalecer seus laços com a OTAN e o compromisso defensivo dos Estados Unidos. As referências aos sacrifícios dos ‘soldados-messias’ são apenas pontuais, servindo ao propósito de pontuar como novos sacrifícios como os dos caídos na Normandia não deveriam ser mais necessários, caso o país fosse bem sucedido em suas estratégias defensivas e diplomáticas.

No entanto, apesar dos discursos desejosos de paz, em 1983 o mundo passou pelo maior risco de uma guerra nuclear desde a crise dos mísseis em Cuba em 1962. Para Taylor Downing, autor de *1983: Reagan, Andropov and the world on the brink*, o ano de 1983 foi o momento mais perigoso da Guerra Fria. Mikhail Gorbachov em 1986 afirmaria que provavelmente em nenhum momento nas décadas pós-Segunda Guerra a situação foi tão difícil e explosiva no mundo do que na primeira metade dos anos 1980.²⁶⁴

²⁶² DELANEY, op. cit., n.p. (tradução nossa). No original: “If my husband were here today, he would tell you how deeply he feels the responsibilities of peace and freedom. He would tell you how we can best insure that other young men on other beaches and other fields will not have to die. And I think he would tell you of his ideas for nuclear peace”.

²⁶³ REAGAN, Ronald. Remarks Commemorating the 38th Anniversary of the Normandy Invasion, D-Day. **Ronald Reagan Presidential Library & Museum**, 1982b, n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://www.reaganlibrary.gov/archives/speech/remarks-commemorating-38th-anniversary-normandy-invasion-d-day>>. Acesso em: 21 set. 2022. No original: “The invasion of Normandy was the second time this century Americans fought in France to free it from an aggressor. We're pledged to do so again if we must”.

²⁶⁴ DOWNING, Taylor. **1983: Reagan, Andropov and a World on the Brink**. Nova York: Di Capo Press, 2018; McLAUGHLIN, Daniel. US-Russia relations face a new age of uncertainty. **The Irish Times**, 2017.

Após a crise dos mísseis, o mundo viu alguns anos de relaxamento na corrida nuclear com a assinatura de documentos como o Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares de 1968—que vigorou a partir de março de 1970—e as Conversações sobre Limites para Armas Estratégicas resultando no *Strategic Arms Limitation Treaty* (SALT I) assinado entre Richard Nixon e Leonid Brezhnev. O congelamento da expansão dos arsenais nucleares das principais potências da Guerra Fria foi seguido dos Acordos de Helsinki de 1975, onde as fronteiras do pós-Segunda Guerra foram reconhecidas—o que resultou no reconhecimento da Alemanha Oriental pela sua contrapartida Ocidental, por exemplo—e as cooperações e trocas culturais, científicas e industriais foram encorajadas.²⁶⁵

As tensões voltaram a gradualmente escalar. O segundo tratado de Limitação de Armas Estratégicas (SALT II) não foi ratificado pelo Senado dos Estados Unidos em protesto à invasão soviética do Afeganistão, e a eleição de um conservador como Reagan com suas declarações interpretadas como agressivas pelo staff soviético eram eventos que davam sinais de que essa aparente paz poderia não durar muito. Algumas figuras mais experientes do governo soviético temiam que os Estados Unidos se aproveitassem de sua superioridade tecnológica para realizar um ataque-surpresa e decapitar o regime soviético de modo que o mesmo não tivesse tempo de se abrigar ou reagir.²⁶⁶

Em 1983, já no terceiro ano de mandato de Ronald Reagan, uma série de declarações e incidentes deixaram o mundo mais próximo de uma guerra nuclear. Se por um lado deixamos alguns desses incidentes de fora deste trabalho, por outro acreditamos ser fundamental apresentar alguns dos principais para que o leitor compreenda o contexto de ações posteriores do presidente Reagan que são pertinentes para a problemática deste trabalho.

Os soviéticos temiam que a instalação de mísseis *Pershing* na Europa prevista para o outono de 1983 permitisse aos Estados Unidos a destruição de Moscou após seis minutos do lançamento dos mísseis, temor aumentado pelo anúncio da Iniciativa Estratégica de Defesa, que ficou conhecida como *Star Wars*. Já os Estados Unidos temiam os submarinos soviéticos, que teriam a capacidade de fazer o mesmo com Washington.²⁶⁷ Ademais, a União Soviética tinha

Disponível em: <<https://www.irishtimes.com/news/world/us-russia-relations-face-a-new-age-of-uncertainty-1.3049157>>. Acesso em: 21 set. 2022.

²⁶⁵ DOWNING, op. cit.

²⁶⁶ Ibid.

²⁶⁷ Ibid.

mais de 200 divisões militares agrupadas em quatro teatros de operações principais. Eles possuíam mais que 54,000 tanques de combate e aproximadamente 4500 helicópteros. O Exército, Marinha e Força Aérea soviéticos poderiam recorrer a cinco milhões de pessoal em atividade. E por trás de tudo isso, os soviéticos possuíam 11,000 ogivas nucleares, todas pré-atribuídas a alvos nos Estados Unidos e Europa.²⁶⁸

Entre 31 de agosto e primeiro de setembro—por conta das diferenças entre fusos horários—, o voo KAL 007 da Korean Air Lines partindo de Anchorage com destino a Seul acabou saindo de sua rota e passando por território aéreo soviético. O voo parecia estar indo em direção a Petropavlosk, onde havia uma grande base aérea e naval com uma base de submarinos nucleares; os soviéticos, julgando ser aquele um voo espião, derrubaram a aeronave, aumentando ainda mais as tensões naquele ano.²⁶⁹

Em novembro de 1983 a OTAN começou um grande exercício militar chamado *Able Archer 83*, que era parte de uma série de exercícios maiores realizados pela organização naquele outono, sob o nome *Autumn Forge 83* que tinham como objetivo testar os procedimentos e comunicações em caso de um ataque militar soviético. Embora as transmissões do *Able Archer 83* deixassem claro que se tratava de um exercício, a enorme movimentação realizada pela OTAN fez os soviéticos ficarem cada vez mais preocupados de que o caráter de treino da operação fosse apenas uma distração para um ataque real, uma vez que o próprio Pacto de Varsóvia tinha seus planos de contingência para um ataque ao ocidente sob o disfarce de operações de exercício. A sede da KGB em Moscou, ainda às voltas da Operação RYaN—realizada com o objetivo de encontrar evidências de um possível ataque nuclear surpresa por parte dos Estados Unidos—entrou em pânico diante da possibilidade de um ataque que imitasse o plano de contingência do Pacto de Varsóvia. Ordens foram enviadas a agentes por toda a Europa e América do Norte para que figuras e localizações específicas fossem observadas e que quaisquer suspeitas de movimentação rumo a um ataque concreto fossem reportadas à sede.²⁷⁰ A escalada das tensões fez com que os soviéticos chegassem ao ponto de armar aeronaves com bombas nucleares, e por muito pouco o conflito não eclodiu, em parte pela decisão

²⁶⁸ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “more than 200 military divisions grouped in four main theatres of operation. They possessed more than 54,000 battle tanks and over 4500 helicopters. The Soviet Army, Navy and Air Force could draw on five million active service personnel. And behind all this, the Soviets possessed 11,000 nuclear warheads all pre-assigned to targets in the United States and western Europe”.

²⁶⁹ Ibid.

²⁷⁰ Ibid.

do Tenente-General Leonard Perroots, chefe de inteligência da Força Aérea Estadunidense na Europa, que percebeu a estranheza das movimentações soviéticas e entendeu que os exercícios deveriam cessar para evitar uma catástrofe.²⁷¹

Durante algum tempo, os serviços de inteligência estadunidenses subestimaram o risco de guerra criados pelo *Able Archer 83*. O *President's Foreign Intelligence Advisory Board*, em relatório desenvolvido no ano de 1990 sobre o “medo de guerra” soviético, afirmava que os setores de inteligência dos EUA não teriam percebido nem na época, nem nos anos que se seguiram, a possibilidade de que o medo da guerra soviético naquele contexto fosse real, e que por conta disso, o presidente recebia informações equivocadas que subestimavam os riscos que o país corria em relação aos seus adversários no leste.

Em duas Estimativas de Inteligência Nacional Especiais (SNIE's) em maio e agosto de 1984, a comunidade de inteligência disse: “Nós acreditamos fortemente que as ações soviéticas não são inspiradas por, e os líderes soviéticos não percebem, um perigo genuíno de conflito iminente ou confronto com os Estados Unidos.” Declarações soviéticas contrárias foram julgadas como “propaganda”.²⁷²

De qualquer modo, ainda que os serviços de inteligência dos Estados Unidos subestimassem o quão próximos de uma guerra os soviéticos chegaram, a possibilidade era suficientemente plausível para que as tensões permanecessem em alta. No entanto, Reagan não viajou a França no mês de junho de 1983. Em que pese o fato de as maiores tensões daquele ano terem ocorrido após junho, impedindo Reagan de usar politicamente o aniversário do Dia D para angariar apoio internacional no pico das tensões, não houve nenhuma manifestação do presidente em 6 de junho de 1983 que trouxesse para os holofotes os sacrifícios da invasão da Normandia. De acordo com a lista de textos e discursos presidenciais publicados no site da Biblioteca e Museu Presidencial Ronald Reagan, o aniversário de trinta e nove anos da invasão foi dedicado a outras atividades,

²⁷¹ KAPLAN, Fred. Apocalypse averted: the world came much closer to a nuclear war than we realized in 1983. *Slate*, 2021. Disponível em: <<https://slate.com/news-and-politics/2021/02/able-archer-nuclear-war-reagan.html>>. Acesso em: 21 set. 2022.

²⁷² NATIONAL Security Archive. President's Foreign Intelligence Advisory Board. The Soviet “War Scare”. *National Security Archive*, 2015, n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://nsarchive.gwu.edu/document/21038-4-pfiab-report-2012-0238-mr>>. Acesso em: 21 set. 2022. No original: “In two separate Special National Intelligence Estimates (SNIBIs) in May and August of 1984, the intelligence community said: “We believe strongly that soviet actions are not inspired by, and Soviet leaders do not perceive, a genuine danger of imminent conflict or confrontation with the United States.” Soviet statements to the contrary were judged to be “propaganda””.

como a nomeação do novo embaixador estadunidense na Espanha e a saudação dos finalistas do concurso nacional de ortografia.²⁷³

5.2 “Discurso sobre esplendor”: Reagan, Noonan e os rapazes de Pointe du Hoc

Com a complexidade das questões territoriais do pós-guerra, a chegada da Guerra Fria, a subsequente Guerra da Coreia e outros conflitos do tipo, o estado de alerta permanente dos Estados Unidos em relação aos efeitos do pós-guerra na geopolítica criou uma situação onde não havia muito interesse público em rememorar o Dia D, não apenas de um ponto de vista institucional, mas também entre uma parcela significativa da população. A militarização que se seguiu ao fim da Segunda Guerra, mesmo diante do encolhimento das Forças Armadas em relação a esta guerra, gerou ressentimento após quatro anos de mobilizações e sacrifícios diversos. O orçamento militar, que antes de Pearl Harbor consumia cerca de quinze por cento dos gastos federais, agora abocanhava um terço de todo o orçamento federal.²⁷⁴ Segundo John Bodnar, autor de *The “Good War” in American memory*:

A maioria dos americanos na época esperava não defender a nação ou se preparar para outra guerra, mas simplesmente voltar para casa. Tanto civis quanto soldados expressaram seu descontentamento com o ritmo lento de separação os homens do serviço [militar] e, em vários casos, as tropas organizaram protestos públicos na esperança de acelerar o processo.²⁷⁵

Havia, contudo, expectativa para a comemoração dos quarenta anos do Dia D. O repórter Michael Dobbs do *The Washington Post*, apontava para o quão útil o evento seria como exercício de relações públicas durante a campanha de reeleição de Reagan que, segundo ele, acontecia dos dois lados do Atlântico, e uma oportunidade de angariar ainda mais apoio de veteranos, dos quais cerca de trinta mil estavam previstos para visitar as cerimônias comemorativas:

²⁷³ RONALD Reagan Presidential Library & Museum. Public Papers of Ronald Reagan June 1983. **Ronald Reagan Presidential Library & Museum.** Disponível em: <<https://www.reaganlibrary.gov/archives/speech/public-papers-ronald-reagan-june-1983>>. Acesso em: 21 set. 2022.

²⁷⁴ BODNAR, op. cit., p. 60.

²⁷⁵ Ibid., p. 71 (tradução nossa). No original: “Most Americans at the time looked forward, not to defending the nation or preparing for another war, but simply to going home. Both civilians and GIs expressed their displeasure with the slow pace of separating men from the service, and in several cases troops organized public protests in hopes of accelerating the process”.

Para a imprensa e a televisão, [a presença de Reagan no aniversário do Dia D] representa um dos eventos de notícias internacionais mais coloridos desde o casamento real na Grã-Bretanha, há três anos. Para os veteranos, a maioria agora com mais de sessenta anos, as cerimônias podem se tornar a última oportunidade de recapturar memórias sobre o dia mais importante de suas vidas. De acordo com funcionários do cemitério dos EUA em Colleville-sur-Mer, um número surpreendente está aproveitando a aposentadoria para retornar pela primeira vez com suas esposas e famílias.²⁷⁶

A administração Reagan sabia da importância que as comemorações na Normandia teriam para sua imagem e sua campanha, e por conta disso suas ações não se resumiram apenas ao dia 6 de junho de 1984. Dias antes, em 17 de maio, Reagan participou de uma cerimônia em Arlington, na Virgínia, em honra dos generais Maxwell Taylor e J. Lawton Collins, o primeiro deles sendo comandante da 101ª Divisão Aerotransportada que pulou atrás das linhas inimigas no começo da invasão, e o segundo deles comandante do Sétimo Corpo de Exército na invasão da praia de Utah. Nessa cerimônia, a pedido de Reagan, participou também Wally Strobel, que antes da invasão foi fotografado conversando com Dwight Eisenhower.²⁷⁷ Sabendo do quão famosa a foto ficou na história, Reagan quis tirar proveito disso.

²⁷⁶ BRINKLEY, op. cit., p. 8 (tradução nossa). No original: “For the press and television, it represents one of the most colorful international news events since Britain’s royal wedding three years ago. For veterans, most of the now well over sixty, the ceremonies could turn out to be the last opportunity for recapturing memories about the most momentous day in their lives. According to officials at the U.S. cemetery at Colleville-sur-Mer, a surprising number are taking advantage of retirement to return for the first time with their wives and families”.

²⁷⁷ Ibid., p. 139.

Figura 9 - Dwight D. Eisenhower conversa com os paraquedistas da 101ª Divisão Aerotransportada antes de eles embarcarem nos aviões para o início da Operação Overlord. A frente dos demais paraquedistas está Wally Strobel



Fonte: Library of Congress, 1944.

Os países da Europa ocidental—especialmente a França—receberam as comemorações de braços abertos, como uma oportunidade de incentivar o turismo.

Agentes de viagens da União Europeia, ansiosos por dólares americanos, organizaram “tours de libertação” de US\$ 100 por dia, com tudo incluso, onde veteranos americanos que retornavam poderiam chegar de ônibus da Normandia a Berlim enquanto ouviam Benny Goldman, Glenn Miller e as irmãs Andrews no sistema de som.²⁷⁸

A maior beneficiária desse aumento do turismo foi, sem dúvida, a Normandia, e a região colhe os frutos turísticos e financeiros desse aniversário até hoje, uma vez que ele deu o pontapé inicial na tradição de grandes comemorações pelo Dia D, que continuam populares.

²⁷⁸ Ibid., p. 177.

A mídia teve um importante papel na criação de expectativa para o aniversário. De acordo com Douglas Brinkley, o maior incentivo veio da abertura de um longo artigo para a revista *Time*, escrito pelo jornalista Lance Morrow. Intitulado *June 6, 1944*, o breve texto vinha acompanhado de uma das únicas onze fotos de Robert Capa retiradas durante a invasão da praia de Omaha—a maioria foi danificada durante o processo de revelação por acidente—ocupando a maior parte do espaço em duas páginas.

Sobre a cerimônia vindoura do aniversário do Dia D, Morrow escreveu:

As cerimônias na Normandia celebrarão a vitória e lamentarão os mortos. Eles lamentarão também, quase subliminarmente, uma clareza moral que foi perdida, um senso de propósito comum que praticamente evaporou. Nunca mais, talvez, os Aliados colaborariam tão generosamente. A invasão da Normandia foi um golpe estrondoso e heroico dado ao império do mal. Nunca mais, pode ser, a guerra pareceria tão irrepreensivelmente certa, tão necessária e justa. Nunca mais, talvez, o poder americano e a moralidade coincidiram tão perfeitamente.²⁷⁹

O texto de Morrow era a abertura para um longo artigo escrito por Otto Friedrich publicado na mesma edição, que contava em detalhes a história do Dia D e foi intitulado *Every man was a hero*. O artigo em questão abre com uma citação de *Henrique V*, obra de William Shakespeare. A citação dizia: “Deste dia até o fim do mundo, ...nele seremos lembrados, ...nós, bando de irmãos; porque ele que hoje derrama seu sangue comigo será meu irmão.”²⁸⁰

O artigo foi determinante para consolidar a expressão “bando de irmãos” (no original, *band of brothers*) na mente do historiador Stephen E. Ambrose, o qual escreveria um livro sobre a Companhia Easy da 101ª Divisão Aerotransportada com este mesmo nome, e que futuramente se tornaria série, como veremos nos capítulos seguintes. Além disso, a foto de Frank Capa presente acima do texto de Morrow se tornaria capa da primeira edição do seu livro *D-Day, June 6, 1944: the climatic battle of World War II*.

²⁷⁹ MORROW, Lance. June 6, 1944. *Time*, v. 123, n. 22, p. 10-11, mai. 1984 (tradução nossa). No original: “The ceremonies in Normandy will celebrate the victory and mourn the dead. They will also mourn, almost subliminally, a sense of common purpose that has all but evaporated. Never Again, perhaps, would the Allies so handsomely collaborate. The invasion of Normandy was a thunderously heroic blow dealt to the evil empire. Never again, it may be, would war seem so unimpeachably right, so necessary and just. Never again, perhaps, would American power and morality so perfectly coincide”.

²⁸⁰ FRIEDRICH, Otto. “Every man was a hero”. *Time*, v. 123, n. 22, p. 12-27, mai. 1984 (tradução nossa). No original: “From this day to the ending of the world, ...we in it shall be remembered, ...we band of brothers; For he today that sheds his blood with me shall be my brother”.

Logo, é possível dizer que já havia um incentivo ao público quanto a lembrar do evento e atentar para o aniversário que se aproximava, inclusive sobre o que era de se esperar da cerimônia. Mas certamente foram os dois discursos de Reagan que mais impactaram a sociedade estadunidense na época, especialmente o proferido pelo presidente em Pointe du Hoc. E para entendermos com maior profundidade o impacto desse discurso, precisamos não apenas conhecer os principais pontos dele, mas também o contexto por trás de sua criação e a pessoa que o escreveu: Peggy Noonan.

A escritora nasceu em 7 de setembro de 1950 no Brooklyn, Nova York, e se graduou com distinção pela Universidade Farleigh Dickinson em Nova Jersey. Após formada, foi empregada pela rádio WEEL, de Boston e começou a escrever editoriais e comentários para diversos âncoras utilizarem ao vivo. Se orgulhava de ter vindo do rádio, pois segundo ela, esta mídia gerava melhores escritores do que a televisão, uma vez que a falta do visual obriga o escritor a trabalhar com mais afinco na captura da atenção do ouvinte e, conseqüentemente, desenvolver sua escrita.²⁸¹ Politicamente conservadora, a escritora passou a trabalhar com o time de escritores de discurso de Reagan em março de 1984, animada em conhecer seu “herói político”.²⁸²

Noonan sabia que tinha um material com muito potencial dramático para um bom discurso que captasse a atenção dos espectadores. Tendo lido *O mais longo dos dias* de Cornelius Ryan, *Six Armies in Normandy* de John Keegan e *The Normandy Landings*, de Jean Compagnon, ela entendia quão dramática foi a invasão do Dia D, e sendo uma pessoa suscetível a teatralidades e adepta de simbolismos, Noonan tinha uma noção do que funcionaria melhor com a audiência. Disse ela anos depois:

O teor do assunto foi um daqueles momentos que realmente capturam o romance da história. Eu pensei que se eu pudesse chegar ao que impeliu os Rangers a fazer o que eles fizeram eu poderia usar isso para sugerir o que nos impulsiona a cada dia enquanto vivemos como uma nação no mundo. Isso lembraria a nós e nossos aliados o que é que nos mantém juntos.²⁸³

²⁸¹ BRINKLEY, op. cit., p. 120.

²⁸² Ibid., p. 124.

²⁸³ NOONAN, op. cit., p. 83-84 (tradução nossa). No original: “The subject matter was one of those moments that really captures the romance of history. I thought that if I could get at what impelled the Rangers to do what they did I could use it to suggest what impels us each day as we live as a nation in the world. This would remind both us and our allies of what it is that holds us together”.

Noonan foi uma agente fundamental na mitificação do Dia D. Levando em consideração que, de acordo com Raoul Girardet, não há nenhum sistema mitológico que não se ligue a momentos de crise e situações de vácuo, de angústia ou contestação, é seguro dizer que a escritora se aproveitou do contexto de volta das tensões entre Estados Unidos e União Soviética, através de simbolismos que, como veremos a seguir, dialogam diretamente com o debate anterior a respeito dos conceitos de religião civil e do soldado-messias. É nos momentos mais críticos que os mitos políticos se afirmam e se impõem com maior intensidade e exercem de maneira mais eficiente seu poder de atrair a atenção do público.²⁸⁴

Apesar desse cenário que aparentemente facilitava o desenvolvimento de um discurso, havia uma enorme pressão. Um membro do staff da Casa Branca teria dito a ela que a expectativa era a de um discurso como o *Gettysburg address* de Lincoln. Ao invés de pensar nisso, Noonan preferiu focar em um público específico: as crianças e jovens assistindo o discurso. “Eu queria que os adolescentes parassem de mastigar seus *Rice Krispies* por um minuto e ouvissem sobre a grandeza daqueles garotos durões que agora são seus avôs”, disse ela em seu livro de memórias, *What I saw at the revolution*, sobre sua trajetória nos anos Reagan.²⁸⁵

A escritora teve seu grande *insight* quando ficou sabendo por acaso que integrantes do batalhão de Rangers que escalou Pointe du Hoc no Dia D não só estariam no evento, como estariam na primeira fila diante de Reagan. O presidente “deveria se referir diretamente a eles. Ele deveria falar com eles. Ele deveria descrever o que eles fizeram [...]”²⁸⁶ e a partir dessa ideia surgiu a frase que viria a inspirar o título informal daquele discurso, tal qual *We shall fight on the beaches* de Winston Churchill ou *I have a dream* de Martin Luther King Jr se tornaram títulos informais de discursos famosos do passado: “Estes são os rapazes de Pointe du Hoc”.²⁸⁷ A frase, conforme a própria Peggy Noonan confessou anos mais tarde, foi inspirada no título do livro *The Boys of Summer*

²⁸⁴ GIRARDET, op. cit., p. 180.

²⁸⁵ NOONAN, op. cit., p. 86 (tradução nossa). No original: “I wanted American teenagers to stop chewing their Rice Krispies for a minute and hear about the greatness of those tough kids who are now their grandfathers”.

²⁸⁶ Ibid., p. 87 (tradução nossa). No original: “he should refer directly to them. He should talk to them. He should describe what they did”.

²⁸⁷ REAGAN, Ronald. Remarks at a Ceremony Commemorating the 40th Anniversary of the Normandy Invasion, D-Day. **Ronald Reagan Presidential Library & Museum**, 1984, n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://www.reaganlibrary.gov/archives/speech/remarks-ceremony-commemorating-40th-anniversary-normandy-invasion-d-day>>. Acesso em: 29 set. 2022. No original: “These are the boys of Pointe du Hoc”.

de Roger Khan, que ela tinha acabado de ler. A própria escritora confessou essa inspiração, ironizando a situação como um “roubo feliz”.²⁸⁸

Figura 10 - Ronald Reagan discursa em Pointe du Hoc no aniversário de quarenta anos da invasão da Normandia



Fonte: Smithsonian Magazine. 1984.

Embora o evento central da breve viagem de Reagan à França naquele dia fosse a presença de Reagan na praia de Omaha, o staff de Reagan decidiu após muito debate que o discurso em Pointe du Hoc receberia maior destaque do que aquele que seria lido na praia. Todos os principais correspondentes da Casa Branca presentes no evento foram informados disso, para que eles não perdessem o discurso.²⁸⁹

Reagan voou para a França em 6 de junho após visita ao Reino Unido, para onde voltaria no mesmo dia para o jantar. O primeiro passo da visita era o discurso de Pointe du Hoc. Diante do monumento em homenagem aos soldados estadunidenses que subiram aquelas colinas, Reagan iniciou seu discurso cuidadosamente escrito por Noonan e alterado sucessivas vezes pelo staff da Casa Branca, com quem Noonan precisou brigar

²⁸⁸ NOONAN, op. cit., p. 87.

²⁸⁹ BRINKLEY, op. cit., p. 181.

para que partes que julgava importantes não fossem cortadas ou demasiadamente alteradas.

O presidente começa referenciando a luta dos aliados: “A Europa estava escravizada, e o mundo orava por seu resgate. Aqui na Normandia o resgate começou.”²⁹⁰ Ainda que o discurso não deixasse de mencionar os soviéticos, como veremos adiante, o parágrafo inicial reproduz a ideia de que o Dia D teria resgatado ou salvado a Europa.

O discurso segue focando na parte factual do ataque dos 225 Rangers a Pointe du Hoc. Após dois parágrafos descritivos das ações daquela manhã de junho, ele volta para o presente, apelando para os simbolismos que Peggy Noonan planejou com cuidado.

Atrás de mim está um memorial que simboliza as adagas dos Rangers que foram enfiadas no topo desses penhascos. E diante de mim estão os homens que as colocaram lá. *Estes são os rapazes de Pointe du Hoc.* Estes são os homens que tomaram os penhascos. Estes são os campeões que ajudaram a libertar um continente. Estes são os heróis que ajudaram a acabar com uma guerra (grifo nosso).²⁹¹

Um dos motivos pelos quais Pointe du Hoc foi escolhido para ser o local de um dos discursos é o fato de que ele permanece ainda com muitas características dos tempos da guerra, como arames farpados, trincheiras, crateras e bunkers. Isso faz com que o local crie nos visitantes e espectadores uma relativa presentificação da batalha ocorrida quarenta anos antes naquele mesmo lugar, que ganha ares de objeto de culto. A evocação do campo de batalha e do monumento erigido em Pointe du Hoc ganha um verniz supostamente patriótico, nos remetendo a uma reflexão de Edward T. Linenthal:

A retórica patriótica e a construção de monumentos são projetadas para garantir a fidelidade contínua à ortodoxia patriótica. A preservação física é projetada para preservar a santidade do próprio local e separar o espaço sagrado do espaço secular circundante. Muitas vezes há tentativas de restaurar ou “congelar” a paisagem natural do campo de batalha como era no momento da batalha para que os visitantes possam refletir sobre o significado do evento épico em uma paisagem “autêntica”. Aqueles que acreditam em limites invioláveis em torno desse espaço sagrado muitas vezes se chocam com aqueles que

²⁹⁰ REAGAN, op. cit., n.p. (tradução nossa). No original: “Europe was enslaved, and the world prayed for its rescue. Here in Normandy the rescue began”.

²⁹¹ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “Behind me is a memorial that symbolizes the Ranger daggers that were thrust into the top of these cliffs. And before me are the men who put them there. These are the boys of Pointe du Hoc. These are the men who took the cliffs. These are the champions who helped free a continent. These are the heroes who helped end a war”.

valorizam a terra para fins comerciais e se ressentem do que é para eles a veneração perdulária da propriedade principal.²⁹²

Em seguida Reagan começa a contar brevemente outras histórias, como a de Bill Millin e Lord Lovat, e elogiar a coragem e o valor dos canadenses, poloneses, além de diversas divisões que lutaram naquele dia. A partir daí, Reagan começa a evocar a noção do soldado-messias e os aspectos da religião civil que giram em torno dos valores pelos quais soldados precisariam—ou deveriam—se sacrificar.

Quarenta verões se passaram desde a batalha que vocês lutaram aqui. Vocês eram jovens no dia em que tomaram esses penhascos; alguns de vocês não passavam de meninos, com as mais profundas alegrias da vida diante de vocês. No entanto, vocês arriscaram tudo aqui. Por quê? Por que vocês fizeram isso? O que os levou a deixar de lado o instinto de autopreservação e arriscar suas vidas para tomar esses penhascos? O que inspirou todos os homens dos exércitos que se reuniram aqui? Nós olhamos para vocês e de alguma forma sabemos a resposta. Era fé e crença; era lealdade e amor.²⁹³

Em seguida Reagan foca novamente no status de libertadores atribuídos aos soldados que invadiram a Normandia para ajudar na derrocada da Alemanha nazista. Ao fazer isso, o presidente contrapõe a ideia de libertadores com a noção de invasores, o que faz sentido quando entendemos que os Estados Unidos fomentaram e realizaram invasões através de sua história. Vendo o Dia D como inequivocamente moral, o presidente usa desse evento para reforçar a retórica de um país que luta pela democracia e pela liberdade dos povos. E levando em conta a invasão soviética ao Afeganistão, cujo conflito ainda perdurava, evocar essa contraposição era mais uma maneira de colocar os Estados Unidos como uma antítese moral de seu maior adversário na geopolítica.

²⁹² LINENTHAL, op. cit., p. 5 (tradução nossa). No original: “Patriotic rhetoric and monument building are designed to ensure continued allegiance to patriotic orthodoxy. Physical preservation is designed to preserve the sanctity of the site itself and to separate sacred space from surrounding secular space. There are often attempts to restore or to “freeze” the natural landscape of the battlefield as it was at the time of the battle so that visitors can reflect on the meaning of the epic event in an “authentic” landscape. Those who believe in inviolate boundaries around such sacred space often clash with those who prize land for commercial purposes and resents what is to them the wasteful veneration of prime property.”

²⁹³ REAGAN, op. cit., n.p. (tradução nossa). No original: “Forty summers have passed since the battle that you fought here. You were young the day you took these cliffs; some of you were hardly more than boys, with the deepest joys of life before you. Yet, you risked everything here. Why? Why did you do it? What impelled you to put aside the instinct for self-preservation and risk your lives to take these cliffs? What inspired all the men of the armies that met here? We look at you, and somehow we know the answer. It was faith and belief; it was loyalty and love”.

Os homens da Normandia tinham fé de que o que estavam fazendo era certo, fé de que lutavam por toda a humanidade, fé de que um Deus justo lhes concederia misericórdia nesta cabeça-de-praia ou na próxima. Foi o profundo conhecimento—e rezo a Deus que não o tenhamos perdido—de que há uma profunda diferença moral entre o uso da força para a libertação e o uso da força para a conquista. Vocês estavam aqui para libertar, não para conquistar, então vocês e aqueles outros não duvidaram de sua causa. E vocês estavam certos em não duvidar.²⁹⁴

Reagan então evoca motivos pelos quais morrer: Deus, pátria, família e a democracia, pois segundo o discurso, a democracia “é a mais profundamente honorável forma de governo já inventada pelo homem. Todos vocês amavam a liberdade. Todos vocês estavam dispostos a lutar contra a tirania e sabiam que as pessoas de seus países estavam atrás de vocês”.²⁹⁵

Outra fórmula previsível. Ainda que não ignore a agência individual—como é comum em políticos como Reagan com o conhecido perfil “conservador nos costumes e liberal na economia” que lhe caracterizava—, Reagan atentava para a importância da união e “de eliminação de todos os fatores individuais ou coletivos de diversidade, de não-conformidade: a festa deve apoderar-se da totalidade da existência de cada um para levá-lo a perder-se na imensidão do fervor coletivo.”²⁹⁶ A ideia de eliminar a diversidade e a não-conformidade por um bem comum, proferida por um político cujo perfil tente a associar esse tipo de comportamento a autoritarismos, e que prontamente critica esse comportamento quando ele parte do seus adversários socialistas soa, no mínimo, hipócrita.

Após mencionar os civis estadunidenses que oravam pelo sucesso da invasão e lembram aos espectadores daqueles que os soldados deixam para trás para defendê-los, Reagan associa a luta à própria figura de Deus:

Outra coisa ajudou os homens do dia D: sua crença inabalável de que a Providência teria uma grande participação nos eventos que se desenrolariam ali; que Deus foi um aliado nesta grande causa. E assim,

²⁹⁴ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “The men of Normandy had faith that what they were doing was right, faith that they fought for all humanity, faith that a just God would grant them mercy on this beachhead or on the next. It was the deep knowledge—and pray God we have not lost it—that there is a profound, moral difference between the use of force for liberation and the use of force for conquest. You were here to liberate, not to conquer, and so you and those others did not doubt your cause. And you were right not to doubt”.

²⁹⁵ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “é a forma de governo mais profundamente honrosa já inventada pelo homem. Todos vocês amavam a liberdade. Todos vocês estavam dispostos a lutar contra a tirania e sabiam que as pessoas de seus países estavam atrás de vocês”.

²⁹⁶ GIRARDET, op. cit., p. 149.

na noite anterior à invasão, quando o Coronel Wolverton pediu a seus paraquedistas que se ajoelhassem com ele em oração, ele lhes disse: Não abaixem suas cabeças, mas olhem para cima para que vocês possam ver Deus e peçam Sua bênção sobre o que nós estamos prestes a fazer. Também naquela noite, o general Matthew Ridgway em sua cama, ouvindo na escuridão a promessa que Deus fez a Josué: “Eu não te deixarei nem te desampararei.”²⁹⁷

Após contar parte da história factual da invasão de Pointe du Hoc, exaltar seus realizadores e listar as razões pelas quais os soldados lutaram no passado—indicando aos seus contemporâneos que estas coisas são merecedoras de luta a qualquer momento, não apenas na década de 1940—, Reagan passa a acenar para seus aliados na OTAN, ressaltando como a aliança que “invocou força da fé, crença, lealdade e amor daqueles que aqui pereceram”²⁹⁸ reconstruiu a Europa.

Houve primeiro uma grande reconciliação entre aqueles que haviam sido inimigos, todos os quais sofreram tanto. Os Estados Unidos fizeram sua parte, criando o plano Marshall para ajudar a reconstruir nossos aliados e nossos antigos inimigos. O plano Marshall levou à aliança atlântica—uma grande aliança que serve até hoje como nosso escudo para a liberdade, para a prosperidade e para a paz.²⁹⁹

É nesse momento de evocação da importância do fortalecimento dos laços da OTAN que Reagan passa a atacar seus adversários soviéticos, usando-os como desculpa para permanecer com bases militares na Europa Ocidental e para a existência da OTAN.

Apesar de nossos grandes esforços e sucessos, nem tudo que se seguiu ao fim da guerra foi feliz ou planejado. Alguns países libertados foram perdidos. A grande tristeza dessa perda ecoa até nosso próprio tempo nas ruas de Varsóvia, Praga e Berlim Oriental. As tropas soviéticas que chegaram ao centro deste continente não partiram quando a paz chegou. Eles ainda estão lá, *sem serem convidados, indesejados, inflexíveis*, quase 40 anos após a guerra. Por causa disso, as forças aliadas ainda

²⁹⁷ REAGAN, op. cit., n.p. (tradução nossa). No original: “Something else helped the men of D-day: their rockhard belief that Providence would have a great hand in the events that would unfold here; that God was an ally in this great cause. And so, the night before the invasion, when Colonel Wolverton asked his parachute troops to kneel with him in prayer he told them: Do not bow your heads, but look up so you can see God and ask His blessing in what we’re about to do. Also that night, General Matthew Ridgway on his cot, listening in the darkness for the promise God made to Joshua: “I will not fail thee nor forsake thee.”

²⁹⁸ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “summoned strength from the faith, belief, loyalty, and love of those who fell here”.

²⁹⁹ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “There was first a great reconciliation among those who had been enemies, all of whom had suffered so greatly. The United States did its part, creating the Marshall plan to help rebuild our allies and our former enemies. The Marshall plan led to the Atlantic alliance — a great alliance that serves to this day as our shield for freedom, for prosperity, and for peace”.

estão neste continente. Hoje, como há 40 anos, nossos exércitos estão aqui com apenas um propósito—proteger e defender a democracia. Os únicos territórios que temos são memoriais como este e cemitérios onde descansam nossos heróis (grifo nosso).³⁰⁰

Para Reagan, uma das principais lições da Segunda Guerra Mundial é a de que é necessário estar pronto para proteger a manutenção da paz ao invés de esperar que a liberdade seja perdida para, daí sim, agir, e que o isolacionismo jamais seria aceitável para responder a “governos tiranos com intenções expansionistas”.³⁰¹

Adiante, Reagan decide acenar uma bandeira branca aos soviéticos, ainda que insista na importância da OTAN para o caso de uma reconciliação com eles ser impossível. É possível supor que a ideia de reconciliação estaria presente no discurso de alguma forma mesmo sem a menção aos soviéticos, uma vez que essa premissa é interessante para a memória de um dos principais aliados da OTAN: a Alemanha. Ao invés de responsabilizar o país, as críticas se direcionam a conceitos como “totalitarismo” e “tirania”, suficientemente maleáveis para que analogias com os adversários de qualquer época sejam possíveis. E nesse ponto é importante mencionar que esse movimento de aceno aos soviéticos foi uma decisão do staff da Casa Branca, e não de Peggy Noonan.

[...] tentamos estar sempre preparados para a paz; preparados para deter a agressão; preparados para negociar a redução de armas; e, sim, preparados para estender a mão novamente no espírito da reconciliação. Na verdade, não há reconciliação que gostaríamos mais do que uma reconciliação com a União Soviética, para que, juntos, possamos diminuir os riscos de guerra, agora e para sempre.

Cabe lembrar aqui as grandes perdas sofridas também pelo povo russo durante a Segunda Guerra Mundial: vinte milhões pereceram, um preço terrível que atesta a todo o mundo a necessidade de acabar com a guerra. Digo de coração que nós, nos Estados Unidos, não queremos guerra. Queremos varrer da face da Terra as terríveis armas que o homem agora tem em suas mãos. E eu lhes digo, estamos prontos para aproveitar aquela cabeça de ponte. Esperamos algum sinal da União Soviética de que eles estão dispostos a seguir em frente, que compartilham nosso desejo e amor pela paz e que desistirão dos caminhos da conquista.

³⁰⁰ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “In spite of our great efforts and successes, not all that followed the end of the war was happy or planned. Some liberated countries were lost. The great sadness of this loss echoes down to our own time in the streets of Warsaw, Prague, and East Berlin. Soviet troops that came to the center of this continent did not leave when peace came. They're still there, uninvited, unwanted, unyielding, almost 40 years after the war. Because of this, allied forces still stand on this continent. Today, as 40 years ago, our armies are here for only one purpose — to protect and defend democracy. The only territories we hold are memorials like this one and graveyards where our heroes rest”.

³⁰¹ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “tyrannical governments with an expansionist intent”.

Deve haver uma mudança que nos permita transformar nossa esperança em ação.

Rezaremos para sempre para que algum dia essa mudança aconteça. Mas por enquanto, especialmente hoje, é bom e apropriado renovar nosso compromisso uns com os outros, com nossa liberdade e com a aliança que a protege.³⁰²

Peggy Noonan detestou a inserção, como veio a comentar em *What I saw at the Revolution*. Para a autora do texto original, “não era um discurso sobre negociações armamentistas, seus idiotas, é um discurso sobre esplendor”³⁰³ e que, da parte dela, sua menção aos soviéticos se resumiria a apontar que os Aliados no passado se juntaram com o objetivo de parar os ‘totalitários’.

Peggy continua:

A inserção sobre os soviéticos tinha aquele tom flagrante de súplica especial que certos burocratas têm quando lidam com totalitários, e ia roubar um pouco da autenticidade do discurso. E os soviéticos não participaram da Normandia; eles não estavam naquela festa, por que parar o discurso abruptamente para jogar um peixe ao urso? Para que? Para que os soviéticos pudessem dizer obrigado, estamos tão emocionados que vamos mudar nosso comportamento?³⁰⁴

Noonan confessa que parte de sua briga para com essa inserção de aceno aos soviéticos se deu porque a autora queria ganhar tempo. Com a queda-de-braço focada nesse ponto, os membros do staff de Reagan não teriam tempo hábil de retirar outros

³⁰² Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “But we try always to be prepared for peace; prepared to deter aggression; prepared to negotiate the reduction of arms; and, yes, prepared to reach out again in the spirit of reconciliation. In truth, there is no reconciliation we would welcome more than a reconciliation with the Soviet Union, so, together, we can lessen the risks of war, now and forever. It's fitting to remember here the great losses also suffered by the Russian people during World War II: 20 million perished, a terrible price that testifies to all the world the necessity of ending war. I tell you from my heart that we in the United States do not want war. We want to wipe from the face of the Earth the terrible weapons that man now has in his hands. And I tell you, we are ready to seize that beachhead. We look for some sign from the Soviet Union that they are willing to move forward, that they share our desire and love for peace, and that they will give up the ways of conquest. There must be a changing there that will allow us to turn our hope into action. We will pray forever that some day that changing will come. But for now, particularly today, it is good and fitting to renew our commitment to each other, to our freedom, and to the alliance that protects it”.

³⁰³ NOONAN, op. cit., p. 89 (tradução nossa). No original: “This isn't a speech about arms negotiations you jackasses, this is a speech about splendor”.

³⁰⁴ Ibid., p. 89 (tradução nossa). No original: “The insert on the Soviets had that egregious special-pleading ring that certain bureaucrats get when they deal with totalitarians, and it was going to rob the speech of some of its authenticity. And the Soviets didn't take part in Normandy; they weren't at that party, why stop the speech dead to throw a fish to the bear? For what? So the Soviets could say thanks, we're so moved we'll change our behavior?”.

trechos de seu discurso, uma vez que seria inviável alterar o texto a toque de caixa em cima da hora. Na sua leitura, a estratégia deu certo, mas por algum motivo a disputa teria vazado para a imprensa.

Foi a primeira vez que uma disputa sobre um discurso em que estive envolvida vazou para a imprensa. A Newsweek, na semana seguinte, relatou: “Na Normandia, seu elegante discurso no penhasco passou por vários rascunhos para retirar a retórica antissoviética. A linha dura do Pentágono a princípio se opôs a qualquer referência às perdas soviéticas na guerra. O secretário de Estado [George] Shultz insistiu em um compromisso: no final, Reagan observou que as tropas soviéticas ainda estão lá (na Europa Central), 'não convidadas, indesejadas, inflexíveis quase quarenta anos após a guerra' - mas então ele lembrou a 'terrível' perda de vinte milhões de vidas soviéticas e pediu a reconciliação Leste-Oeste”.³⁰⁵

O discurso finaliza com reforços aos principais pontos já proclamados por Reagan: a importância da união entre os Estados Unidos e as potências da Europa Ocidental, os motivos pelos quais os soldados se sacrificaram no passado e a afirmação de que o sacrifício deles é plenamente compreendido e lembrado, e que isso deveria ser demonstrado através de atos no presente.

Após o fim do discurso, o presidente e a primeira dama, Nancy Reagan abraçaram todos os Rangers presentes e se dirigiram ao cemitério de Colleville-sur-Mer e em seguida foram para a cerimônia na Praia de Omaha. E aqui cabe informar ao leitor que o discurso que virá a seguir não foi escrito por Peggy Noonan, mas por outro escritor mais experiente que já fazia parte do time de escritores de Reagan, a quem é necessário conhecer para que algumas das falas e discursos de Reagan citados neste capítulo façam mais sentido, uma vez que seu trabalho acabou ofuscado diante de toda a autopromoção de Noonan nos anos 1990: Anthony R. Dolan.

³⁰⁵ Ibid., p. 89 (tradução nossa). No original: “It was the first time a dispute over a speech I’d been involved in got leaked to the press. Newsweek, the following week, reported, “In Normandy, his elegant speech on the cliff had gone through several drafts to pencil out anti-Soviet rhetoric. Pentagon hard-liners at first opposed any reference to Soviet losses in the war. Secretary of State Shultz insisted on a compromise: In the end, Reagan noted that Soviet troops are still there (in Central Europe), ‘uninvited, unwanted, unyielding almost forty years after the war’ — but then he did recall the ‘terrible’ loss of twenty million Soviet lives and called for East-West reconciliation”.

5.3 “A história para encerrar todas as histórias”. O discurso na Praia de Omaha

Dolan nasceu em Connecticut, em 7 de julho de 1948. Filho de pais Democratas ferrenhamente anticomunistas que se incomodavam com o crescimento do comunismo internacional, ele se envolveu com o conservadorismo desde sua adolescência, e chegou a ter uma breve carreira como cantor folk sob o nome Tony Dolan. Formou-se em História e Filosofia na Universidade de Yale e, trabalhando como jornalista, ganhou um Pulitzer em 1978 e viria a trabalhar como escritor de discursos na campanha de Ronald Reagan, fazendo parte do seu time de escritores assim que o candidato assumiu a presidência em 1981—e foi o único a permanecer neste time até o fim de dois mandatos do presidente.³⁰⁶

Sendo um ferrenho anticomunista como seus pais, Dolan foi responsável por algumas das frases mais memoráveis da carreira política de Reagan. Foi ele o responsável por cunhar a expressão “império do mal” para se referir à União Soviética no discurso proferido pelo presidente na Associação Nacional dos Evangélicos em oito de março de 1983 e pela expressão “cruzada pela liberdade” que Reagan usaria ao discursar para o parlamento britânico. Dolan trabalhou em todos os oito Discursos Sobre o Estado da União de Reagan, além de ter supervisionado os discursos dos quatro encontros entre Reagan e Gorbachev.³⁰⁷

Foi Dolan, não Noonan, quem começou a tradição de Reagan honrar os soldados e ex-combatentes, inserindo noções conservadoras a respeito de sacrifícios heróicos nos discursos do presidente.

Grandes discursos são baseados em pesquisa. E eu procuraria por histórias sobre heroísmo militar individual para Reagan. Nós então homenagearíamos em palavras, em grandes discursos, homens que ganharam Medalhas de Honra do Congresso e Estrelas de Bronze.³⁰⁸

No Discurso Sobre o Estado da União de 26 de janeiro de 1982, que leva o dedo de Tony Dolan, Reagan traz os nomes de George Washington, Winston Churchill,

³⁰⁶ BRINKLEY, op. cit, p. 159-160.

³⁰⁷ Ibid., p. 160-161.

³⁰⁸ Ibid., p. 162.

Franklin Roosevelt, Douglas MacArthur e John F. Kennedy, e afirma categoricamente: “Nós não precisamos ir aos livros de história atrás de heróis. Eles estão ao nosso redor”.³⁰⁹

O discurso que Dolan escreveria para Reagan ler na cerimônia da Praia de Omaha foi quase que inteiramente inspirado em uma história que o presidente recebeu via carta. Era a história do soldado Robert Zanatta, do 37º Batalhão de Engenheiros que fez parte da primeira onda de ataque em Omaha, contada por sua filha Lisa Zanatta Henn, com quem Reagan se comunicou por carta algumas vezes. A ideia era que o discurso focasse na história de um soldado ordinário para, simbolicamente, trazer excepcionalidade ao homem comum que veste a farda para lutar por algo—como o leitor pôde perceber em outros exemplos citados neste capítulo. Dolan elogiava a percepção do presidente para o aspecto transgeracional da história de Robert Zanatta e entendia aquilo como um presente caído no seu colo; para Douglas Brinkley, Reagan “transformaria esse homem comum em um guerreiro mítico, um símbolo compreensível para milhões de famílias de veteranos. Zanatta era um homem comum. Mas para sua filha ele era um herói singularmente corajoso do Dia D.”³¹⁰

Na presença de François Mitterrand e milhares de espectadores, Reagan começa o discurso lembrando das dificuldades na tomada da praia, citando o general Omar Bradley que famosamente declarou: “Todo homem que colocou os pés na Praia de Omaha foi um herói”,³¹¹ para logo em seguida afirmar, com uma modéstia protocolar e certa dose de autoindulgência, que nenhum discurso poderia retratar adequadamente o sofrimento, o sacrifício e o heroísmo dos homens que invadiram Omaha. Uma vez mais evoca a insistentemente repetida noção de luta pela liberdade, e parafraseia o discurso de Gettysburg de Abraham Lincoln afirmando que “nós só podemos honrá-los dedicando-

³⁰⁹ REAGAN, Ronald. Address Before a Joint Session of the Congress Reporting on the State of the Union. **Ronald Reagan Presidential Library & Museum**, 1982c, n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://www.reaganlibrary.gov/archives/speech/address-joint-session-congress-reporting-state-union>>. Acesso em: 30 set. 2022. No original: “We don't have to turn to our history books for heroes. They're all around us”.

³¹⁰ BRINKLEY, op. cit., p. 175 (tradução nossa). No original: “With classic Reagan flair, he would transform this Average Joe into a mythic warrior, a comprehensible symbol for millions of veteran families. Zanatta was an everyman. But to his daughter he was a singularly brave D-Day hero”.

³¹¹ REAGAN, 1984, n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://www.reaganlibrary.gov/archives/speech/remarks-united-states-france-ceremony-commemorating-40th-anniversary-normandy>>. Acesso em: 25 out. 2022. No original: “Every man who set foot on Omaha Beach that day was a hero”.

nos novamente à causa pela qual eles deram o derradeiro e mais elevado ato de devoção.”³¹²

A partir daí, Reagan evoca a história de Robert Zanatta, contada através de sua filha Lisa—que é diretamente citada em trechos do discurso. Em uma dessas citações diretas, Reagan afirma que “a história para encerrar todas as histórias foi o Dia D”,³¹³ em uma óbvia referência à expressão “a guerra para acabar com todas as guerras”, corruptela de “A guerra que acabará com a guerra”, título de um livro de 1914 escrito por H.G. Wells. Se a expressão oriunda da Primeira Guerra Mundial foi cunhada de maneira idealista e, depois, foi reapropriada de maneira irônica por quem a via como um grande absurdo, a versão repaginada de Lisa Zanatta colocava o evento que contou com a participação do seu pai em um pedestal de importância sobre todos os outros.

Reagan continua a citar Lisa, enquanto ela fala à partir das memórias do pai:

Ele me fez sentir o medo de estar naquele barco esperando para desembarcar. Eu posso sentir o cheiro do oceano e sentir o enjoo. Posso ver os olhares nos rostos de seus companheiros soldados—o medo, a angústia, a incerteza do que está por vir. E quando eles desembarcaram, posso sentir a força e a coragem dos homens que deram os primeiros passos na maré para o que certamente deve ter parecido uma morte instantânea. [...] Não sei como ou por que posso sentir esse vazio, esse medo ou essa determinação, mas sinto. Talvez seja o vínculo que eu tinha com meu pai. Tudo o que sei é que me traz lágrimas aos olhos pensar em meu pai como um garoto de 20 anos tendo que enfrentar aquela praia.³¹⁴

Ao exaltar o Dia D acima de “todas as histórias”, e relatar uma experiência sensorial não-vivida de maneira romântica e cercada de floreios literários—ainda que não se coloque no mesmo patamar de seu pai—, Lisa edifica o nome de Robert Zanatta e, consequentemente, o sobrenome que carrega, em um exercício de falsa modéstia autocongratatória.

³¹² Ibid., n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://www.reaganlibrary.gov/archives/speech/remarks-united-states-france-ceremony-commemorating-40th-anniversary-normandy>>. Acesso em: 25 out. 2022. No original: “we can only honor them by rededicating ourselves to the cause for which they gave a last full measure of devotion.”

³¹³ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “the story to end all stories was D-day”.

³¹⁴ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “He made me feel the fear of being on that boat waiting to land. I can smell the ocean and feel the seasickness. I can see the looks on his fellow soldiers' faces—the fear, the anguish, the uncertainty of what lay ahead. And when they landed, I can feel the strength and courage of the men who took those first steps through the tide to what must have surely looked like instant death. [...] I don't know how or why I can feel this emptiness, this fear, or this determination, but I do. Maybe it's the bond I had with my father. All I know is that it brings tears to my eyes to think about my father as a 20-year-old boy having to face that beach”.

Reagan volta a usar da situação para louvar seu próprio país como libertador, não conquistador, e elogia a resistência francesa diante de François Mitterrand, presidente francês presente na cerimônia e que atuou nesta durante parte da guerra. Evoca, mais uma vez, a ideia de que a celebração do Dia D é uma celebração da democracia e acena mais uma vez para a OTAN. Para Reagan, o conflito teria demonstrado que

a unidade nos tornou invencíveis; agora, em paz, essa mesma unidade nos dá segurança. Procuramos reunir todas as nações amantes da liberdade em uma comunidade dedicada à defesa e preservação de nossos valores sagrados. Nossa aliança, forjada na provação da guerra, temperada e moldada pelas realidades do mundo pós-guerra, foi bem-sucedida. Na Europa, a ameaça foi contida, a paz foi mantida.³¹⁵

Ao final do discurso, Reagan conclui de maneira redundante e evocando o ‘mito da experiência de guerra’, analisado por George Mosse e descrito anteriormente neste trabalho:

Através das palavras de sua amada filha, que está aqui conosco hoje, um veterano do Dia D nos mostrou o significado deste dia muito melhor do que qualquer presidente. Para nós é o suficiente dizer sobre o soldado Zanatta e todos os homens de honra e coragem que lutaram ao lado dele há quatro décadas: sempre nos lembraremos. Estaremos sempre orgulhosos. Estaremos sempre preparados, para que sejamos sempre livres. Obrigado.³¹⁶

Naquele mesmo dia, Reagan visitaria a Praia de Utah acompanhado do presidente francês François Mitterrand, a rainha Elizabeth II do Reino Unido, a rainha Beatrix dos Países Baixos, o rei Olav V da Noruega, o rei Baudouin I da Bélgica, o duque Jean de Luxemburgo e o primeiro-ministro Pierre Elliott Trudeau, do Canadá. O presidente francês fez comentários sobre a reconciliação com a Alemanha, dizendo que os inimigos do passado haviam se reconciliado e agora construíam uma Europa de liberdade. A

³¹⁵ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “unity made us invincible; now, in peace, that same unity makes us secure. We sought to bring all freedom-loving nations together in a community dedicated to the defense and preservation of our sacred values. Our alliance, forged in the crucible of war, tempered and shaped by the realities of the postwar world, has succeeded. In Europe, the threat has been contained, the peace has been kept”.

³¹⁶ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “Through the words of his loving daughter, who is here with us today, a D-day veteran has shown us the meaning of this day far better than any President can. It is enough for us to say about Private Zanatta and all the men of honor and courage who fought beside him four decades ago: We will always remember. We will always be proud. We will always be prepared, so we may always be free. Thank you”.

despeito da ausência de Helmut Kohl, chanceler da Alemanha Ocidental, a aliança das potências do Atlântico Norte através da OTAN foi bastante celebrada.³¹⁷ Como vimos até aqui, Reagan empreendia diversos esforços não apenas pela manutenção, mas também pelo fortalecimento dessa aliança.

O apelo a esse “Novo Patriotismo” de Reagan, mesmo que a própria definição de patriotismo seja confusa e polissêmica para a população, pareceu funcionar. Uma pesquisa realizada pelo *The New York Times* em junho de 1983 e repetida parcialmente em novembro apontou que mais da metade dos participantes consideravam a si mesmos “muito patrióticos”, e 44 por cento (51 em junho) afirmaram que era possível acreditar que o governo de Washington faria o que é certo, sendo que três anos antes uma pesquisa realizada pela Universidade de Michigan apontou que apenas 25 por cento dos participantes se classificava dessa forma.³¹⁸

Segundo Douglas Brinkley, o “Novo Patriotismo” era uma tentativa de se criar um consenso político entre os Republicanos, independentes e Democratas conservadores baseado em uma devoção a tudo que fosse considerado estadunidense, de indivíduos a valores.³¹⁹

Os discursos do quarentenário do Dia D foram um sucesso em termos de propaganda interna. Até então o evento mais homenageado da Segunda Guerra Mundial pelos estadunidenses era o dia do ataque à Pearl Harbor (7 de dezembro), e o dia 6 de agosto, data do ataque nuclear à Hiroshima, era também bastante lembrado. Após os discursos de Reagan, isso passou a mudar, uma vez que o evento nem se tratava de uma derrota, nem de um evento controverso e cheio de ambiguidades morais incômodas.³²⁰

O ex-chefe de gabinete da Casa Branca de Reagan, Kenneth Duberstein, afirmou considerar três discursos de Reagan inesquecíveis: Pointe du Hoc, o desastre da Challenger e o discurso “Derrube este muro” em 12 de junho de 1987. Apesar disso, Duberstein entendia que foi justamente o primeiro deles que deu o tom dos demais.³²¹ Para Douglas Brinkley, escrevendo entre 2004 e 2005,

nosso quadragésimo presidente desempenhou um papel seminal no lançamento da grande revalorização dos veteranos da Segunda Guerra

³¹⁷ DELANEY, op. cit.

³¹⁸ APPLE JR., R.W. New stirrings of patriotism. **The New York Times Magazine**, 1983. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1983/12/11/magazine/new-stirrings-of-patriotism.html>>. Acesso em: 21 set. 2022.

³¹⁹ BRINKLEY, op. cit., p. 6.

³²⁰ Ibid., p. 11-12.

³²¹ Ibid., p. 6.

Mundial que varreu a América na década de 1980 e continua até hoje em grande parte inabalável. Se não fossem as duas homilias elegíacas de Reagan em 6 de junho de 1984—escritas por Peggy Noonan (Pointe du Hoc) e Anthony Dolan (Omaha Beach)—talvez nunca tivesse existido *Band of Brothers* de Stephen Ambrose, *The Greatest Generation* de Tom Brokaw, *O Resgate do Soldado Ryan*, de Steven Spielberg, ou vários memoriais—como o Museu Nacional do Dia D em Nova Orleans—construídos para exaltar os soldados cidadãos que libertaram a Europa.³²²

Mais do que isso: seus discursos em 6 de junho de 1944 foram o pontapé inicial e principais responsáveis pela explosão do fenômeno da “maior das gerações” que, segundo Douglas Brinkley, “varreu os Estados Unidos amplamente inabalável até a tragédia de 11 de setembro de 2001 trazer um novo grupo de heróis— particularmente socorristas, bombeiros dedicados e policiais da cidade—à vanguarda nacional.”³²³ O autor continua:

No início dos anos 1980, com o timing impecável de um maestro, Reagan galvanizou a geração da Segunda Guerra Mundial para realizar uma última tarefa: lembrar a uma nação cínica depois do Vietnã e Watergate que os Estados Unidos ainda eram a cidade brilhante na colina.³²⁴

Tom Brokaw, ele mesmo um dos responsáveis pela extensão do culto aos soldados da Segunda Guerra Mundial nos Estados Unidos das últimas décadas, abre seu livro *The Greatest Generation* com o seguinte parágrafo:

Na primavera de 1984, fui ao noroeste da França, à Normandia, para preparar um documentário da NBC sobre o quadragésimo aniversário do Dia D, a enorme e ousada invasão aliada na Europa que marcou o início do fim do Terceiro Reich de Adolf Hitler. Eu estava bem preparado com pesquisas sobre o planejamento da invasão—o número de homens, navios, aviões e outras armas envolvidas; os erros táticos e estratégicos dos alemães; e os nomes das aldeias da Normandia que no

³²² Ibid., p. 7 (tradução nossa). No original: “[...] our fortieth president played a seminal role in launching the great reapreciation of World War II veterans that swept over America in the 1980s and continues today largely unabated. If it hadn’t been Reagan’s two elegiac June 6, 1984, homilies — written by Peggy Noonan (Pointe du Hoc) and Anthony Dolan (Omaha Beach) — there may never have been Stephen Ambrose’s *Band of Brothers*, Tom Brokaw’s *The Greatest Generation*, Steven Spielberg’s *Saving Private Ryan*, or numerous memorials — like the National D-Day Museum in New Orleans — built to exalt the citizen soldiers who liberated Europe”.

³²³ Ibid., p. 9 (tradução nossa). No original: “swept across the United States largely unabated until the tragedy of September 11, 2001, brought a new group of heroes — particularly rescue workers, dedicated firemen, and city policemen — to the national forefront”.

³²⁴ Ibid., p. 9 (tradução nossa). No original: “In the early 1980s, with the impeccable timing of a maestro, Reagan galvanized the World War II generation into performing one last task: reminding a nation cynical after Vietnam and Watergate that America truly was still the shining city on the hill”.

meio da batalha forneceram apoio crítico aos invasores. O que eu não estava preparado era como essa experiência me afetaria emocionalmente.³²⁵

Mesmo alguns dos seus críticos se renderam ao discurso, como o correspondente da CBS na Casa Branca, Sam Donaldson. Ele passou a entender que os discursos na Normandia foram entregues com tamanha convicção que começou uma transformação sobre a imagem de Reagan, de apenas um presidente conservador para um presidente dos Estados Unidos como um todo. Já Michael Barone, da *U.S. News e World Report*, entendia que a força daquele evento selou de maneira definitiva a vitória de Reagan na eleição que viria a ser disputada.³²⁶

Não temos subsídio o bastante para afirmar que o discurso de Reagan em Pointe du Hoc foi o grande responsável por sua vitória subsequente, uma vez que tantos outros fatores entram em jogo em uma disputa eleitoral. Contudo, é importante frisar que a campanha de reeleição de Reagan ativamente usou trechos do discurso de Pointe du Hoc para propagandas televisivas, transformando um olhar nostálgico a um passado de quatro décadas em uma planta para guiar um futuro a ser construído.³²⁷

O caráter arrasador de sua vitória eleitoral é inegável. O presidente se reelegeu conquistando quarenta e nove dos cinquenta estados, sendo Minnesota o único conquistado pelos Democratas; dos 538 delegados, Reagan conseguiu 525 contra apenas treze de seu oponente, Walter Mondale. No voto popular o candidato reeleito conseguiu 54,445,472 votos—ou 58,77% do eleitorado—contra 37,557,352 de Mondale—ou 40,56% dos eleitores. Apenas 0,67% dos votos ficaram de fora dessa contagem, sendo distribuídos entre os outros quinze candidatos independentes e de partidos minúsculos.³²⁸

Com a enorme aceitação de sua postura pró-Forças Armadas, usando o louvor de uma guerra inequivocamente justa—ao menos na percepção dos estadunidenses—para

³²⁵ BROKAW, Tom. **The Greatest Generation**. Nova York: Random House, 2000, Ebook, n.p. (tradução nossa). No original: “In the spring of 1984, I went to the northwest of France, to Normandy, to prepare an NBC documentary on the fortieth anniversary of D-Day, the massive and daring Allied invasion of Europe that marked the beginning of the end of Adolf Hitler’s Third Reich. I was well prepared with research on the planning for the invasion—the numbers of men, ships, airplanes, and other weapons involved; the tactical and strategic errors of the Germans; and the names of the Normandy villages that in the midst of battle provided critical support to the invaders. What I was not prepared for was how this experience would affect me emotionally”.

³²⁶ BRINKLEY, op. cit., p. 10-11.

³²⁷ DELANEY, op. cit.

³²⁸ ATLAS of U.S. Presidential Elections. 1984 Presidential General Election Results. **Atlas of U.S. Presidential Elections**, 1984. Disponível em: <<https://uselectionatlas.org/RESULTS/index.html>>. Acesso em: 30 set. 2022.

facilitar a conquista desse objetivo, e com aquela que talvez tenha sido a maior vitória eleitoral da história dos Estados Unidos, Reagan criou o cenário perfeito para aumentar os investimentos com gastos militares. Sua popularidade viria a ser abalada em 1986 com a revelação do Caso Irã-Contras pela imprensa estadunidense, mas este assunto foge da alçada deste trabalho.

Diante de tudo o que foi exposto neste capítulo, acreditamos que a avaliação de Brinkley é correta. Os discursos de Reagan no aniversário dos quarenta anos do Dia D foram responsáveis por iniciar uma quase obsessão pela idealização da Segunda Guerra Mundial e, principalmente, daqueles que nela lutaram. As ondas de choque que emanaram desse dia foram sentidas pelas duas décadas que se seguiram, e mesmo que posteriormente o culto à Segunda Guerra tenha perdido um pouco de seu fôlego no senso comum e na cultura da mídia, ele ainda existe na forma de produções esporádicas de filmes, séries e jogos, e também no fato de que a comemoração dos aniversários do Dia D ganhou uma importância quase mitológica para o governo dos Estados Unidos, tanto que de Ronald Reagan a Donald Trump, apenas George H. W. Bush, pai do futuro 43º presidente dos Estados Unidos, não visitou a Normandia durante seu mandato. Todos os demais presidentes visitaram a região ao menos uma vez.³²⁹

Joe Biden, presidente dos Estados Unidos no momento da escrita deste trabalho, teve duas oportunidades de visitar a Normandia em algum dos aniversários do Dia D, mas ainda não o fez. Não só isso: no aniversário de 77 anos do evento em 2021 o presidente sequer o mencionou nas redes sociais—ao contrário da vice-presidente Kamala Harris e da primeira-dama Jill Biden—, o que deixou veteranos e militares como um todo bastante incomodados.³³⁰ Biden, contudo, exaltou o sacrifício dos militares estadunidenses—including os que participaram do Dia D—no cemitério de Arlington durante um discurso relacionado ao *Memorial Day*.³³¹ No ano seguinte, em 2022, o presidente evitou o desgaste público do ano anterior chamando a atenção nas redes sociais para o aniversário do evento,³³² e embora a ciência histórica não seja adepta de arroubos clarividentes,

³²⁹ PHELPS, Jordyn. With Normandy visit, Trump continues presidential pilgrimage begun by Reagan. **ABC News**, 2019. Disponível em: <<https://abcnews.go.com/Politics/normandy-visit-trump-continues-presidential-pilgrimage-begun-reagan/story?id=63323590>>. Acesso em: 22 set. 2022.

³³⁰ FORDHAM, Evie. Biden snubs D-Day's 77th anniversary, angering veterans. **Fox News**, 2021. Disponível em: <<https://www.foxnews.com/politics/president-biden-d-day-77th-anniversary-veterans-angry>>. Acesso em: 22 set. 2022.

³³¹ Ibid.

³³² BETZ, Bradford. President Biden issues end-of-day statement honoring 78th anniversary of D-Day. **Fox News**, 2022. Disponível em: <<https://www.foxnews.com/politics/biden-white-house-anniversary-d-day-normandy>>. Acesso em: 22 set. 2022.

apostamos que em 2024, no aniversário de oitenta anos do Dia D (e ano de eleição), Biden visitará a Normandia durante as comemorações, usando-as como plataforma política para si, ou para seu partido caso decida não concorrer à reeleição—exceto se o mesmo falecer antes disso. Nesse caso, o palpite se aplica a Kamala Harris.

Desde Reagan nenhum presidente perde a oportunidade de capitalizar em cima de um aniversário do Dia D que completa um novo decênio. Foi assim com Bill Clinton no aniversário de cinquenta anos, George W. Bush no de sessenta anos e Barack Obama no de setenta anos. Não há razão para imaginar que dessa vez seria diferente, especialmente se levarmos em conta que 2024 será um ano eleitoral. E se a presente guerra entre Rússia e Ucrânia ainda estiver em andamento, muito do que foi dito por Reagan em 1984 estará presente nesses discursos, ainda que em palavras distintas.

CAPÍTULO 6

A MAIOR DAS MITIFICAÇÕES

“O Dia D foi o momento crucial do século XX. Foi o dia em que foi decidido se o mundo seria nazista ou seria democrático.”

Stephen E. Ambrose³³³

Se Ronald Reagan foi o responsável por abrir as portas para a mitificação do Dia D, alguns indivíduos foram fundamentais para a consolidação dela: Stephen E. Ambrose, Bill Clinton, Steven Spielberg e, em menor escala, Tom Brokaw. Se por um lado todos são tributários de Reagan, seus esforços na década seguinte não podem ser ignorados. Outras empreitadas foram derivadas destas, e essas obras ajudaram a criar toda uma espécie de ecossistema que perpetua o Dia D como evento lendário a partir da manutenção e criação de memórias prostéticas.³³⁴

Neste capítulo buscaremos analisar as principais iniciativas que consolidaram este panorama das mais diferentes maneiras no universo da não-ficção, incluindo aí principalmente discursos e livros, mencionando também o papel do jornalismo.

6.1 Stephen E. Ambrose, “o principal historiador de nosso tempo”.

Nascido em 1936, Stephen Edward Ambrose era um acadêmico conceituado quando passou a se tornar um best-seller, apesar de ter sido acusado com o passar dos anos de diversos casos de plágio. De sua extensa bibliografia como acadêmico e biógrafo antes de se tornar um best-seller por seus livros sobre Segunda Guerra Mundial, se destacam obras como *Crazy Horse and Custer: The Parallel Lives of Two American Warriors*, diversos livros sobre Dwight D. Eisenhower incluindo uma biografia em dois volumes (*Eisenhower Volume 1: Soldier, General of the Army, President-Elect, 1890-1952* e *Eisenhower Volume 2: The President*) que viria a ser republicada em um único volume no futuro, uma biografia em três volumes de Richard Nixon (*Nixon: The*

³³³ FILMSISNOW Movie Bloopers & Extras. Saving Private Ryan (1998) Behind the scenes of Steven Spielberg WWII Movie. **YouTube**, 2021 (tradução nossa). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=c-M1klmXjqI>>. Acesso em: 14 dez. 2022. No original: “D-Day was the pivot point of the 20th century. It was the day on which it was decided whether this world was going to be Nazi or was going to be democratic”.

³³⁴ Para definição de memórias prostéticas, ver o capítulo 2.

Education of a Politician, 1913-1962; Nixon: The Triumph of a Politician, 1962-1972; e Nixon: Ruin and Recovery, 1973-1990), e um livro sobre a tomada da ponte Pégaso no Dia D, chamado *Pegasus Bridge: June 6, 1944*, lançado em 1985 após o impacto que o aniversário de quarenta anos do Dia D teve sobre o autor.

Desde 1979 Ambrose usava de seus conhecimentos minuciosos sobre a trajetória de Eisenhower para fazer visitas guiadas à Normandia para estadunidenses que queriam conhecer mais a fundo a região, trazendo detalhes e especificidades que apenas alguém com tanta experiência na documentação do ex-presidente e ex-comandante supremo das forças aliadas poderia trazer. Seja por interesse pessoal—seu pai, Stephen H. Ambrose, serviu à Marinha dos Estados Unidos durante a guerra—ou profissional, Ambrose não ficaria de fora daquele importante aniversário.³³⁵

O impacto foi tamanho que, em 1991, o autor já falava em entrevistas que planejava um livro sobre o Dia D para coincidir com o cinquentenário do evento e que queria escrever a versão de sua geração para o livro *O mais longo dos dias* de Cornelius Ryan.³³⁶ No meio do caminho entre o livro sobre a tomada da ponte Pégaso e *D-Day, June 6, 1944: The Climactic Battle of World War II*, seu best-seller sobre a invasão da Normandia, o autor lançou *Band of Brothers*, o já aqui citado livro sobre a Companhia Easy da 101ª Divisão Aerotransportada do exército dos Estados Unidos, que saltaria na madrugada dando os primeiros passos da invasão da Normandia, participaria do avanço em Carentan, combateu na Holanda na Operação Market Garden, atuou em Bastogne, liderou a contra-ofensiva na Batalha das Ardenas, participou da campanha da Renânia e tomou a fortaleza de Hitler em Berchtesgaden, mais conhecida como “Ninho da Águia”.³³⁷ A 101ª e a 82ª Divisões de Infantaria Aerotransportada e a 4ª Divisão de Infantaria compunham o VII Corpo de Exércitos que, junto do V e VII Corpo de Exércitos (1ª e 29ª Divisões de Infantaria) formavam o I Exército Americano, comandado pelo general Omar Bradley.

O livro, cujos direitos futuramente seriam vendidos para Tom Hanks e o diretor Steven Spielberg, exalta os integrantes da companhia com uma série de platitudes e discursos de heroísmo. Sendo as unidades de paraquedistas consideradas unidades de elite pela natureza de sua atuação—por vezes tendo que saltar atrás das linhas inimigas para

³³⁵ BULLINGER, op. cit.

³³⁶ Ibid.

³³⁷ AMBROSE, Stephen E. **Band of Brothers**: Companhia de Heróis. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. Ebook.

missões de alta periculosidade—Ambrose não se priva de colocar os membros da Companhia Easy em um local ambíguo: por um lado, seus integrantes são homens comuns que atenderam ao chamado do dever; por outro, sujeitos acima da média cuja excepcionalidade precisa ser registrada e lembrada. Para o autor, os integrantes da Easy

eram especiais em seus valores. Valorizavam muito o bem-estar físico, a hierarquia e o fato de fazerem parte de uma unidade de elite. Eram idealistas, prontos e ávidos por incorporar-se a um grupo em luta por uma causa e procuravam ativamente uma unidade com a qual pudessem identificar-se, juntar-se a ela e cooperar com seus membros como se numa família.³³⁸

Apesar de não se privar de descrever as situações de violência extrema, os desapontamentos dos soldados e a “merda de galinha” que aqueles homens precisaram encarar durante a guerra, Ambrose conserva seu tom laudatório até o fim. Ao descrever a vida dos membros da Companhia Easy após a guerra, o autor afirma:

Seu sucesso foi notável, principalmente por causa de sua determinação, ambição e trabalho árduo, mas também, até certo ponto, graças àquilo que tinham conseguido com sua experiência positiva no exército, onde haviam aprendido a ser autoconfiantes, disciplinados e obedientes; que eram capazes de suportar mais do que achavam que era possível, que podiam trabalhar com outras pessoas como parte de uma equipe. Eles haviam se alistado como voluntários no corpo de paraquedistas porque queriam estar com os melhores e tornar-se os melhores possíveis. E conseguiram. Não desejaram menos que isso em sua vida de civis e foram bem-sucedidos nela também.³³⁹

Em entrevista onde comentava sobre *O resgate do soldado Ryan*, para o qual prestou consultoria a Spielberg, Ambrose comenta sobre as cenas onde soldados estadunidenses atiram em alemães que se rendem. Ele argumenta que isso acontecia bastante, embora fosse difícil imaginar que “garotos americanos” fizessem isso até que se conversasse com eles. A justificativa dos ex-combatentes era de que normalmente a rendição acontecia apenas quando os soldados inimigos ficavam sem munição, após matar seus amigos, e no calor do momento, os estadunidenses perdiam a cabeça e atiravam nos seus adversários. Embora isso fosse de fato comum, chama atenção que o autor não apresente o fato como algo imoral de acordo com as normas de guerra, ao

³³⁸ Ibid.

³³⁹ Ibid.

mesmo tempo que parece buscar um olhar de tolerância para com os ex-combatentes. Afinal, são apenas “garotos americanos”.³⁴⁰

Não estamos aqui falando de um autor que, por inexperiência, se viu levado a adotar uma postura laudatória: estamos falando de um acadêmico com décadas de experiência, com acesso a algumas das bibliografias que temos acesso neste trabalho—J. Glenn Gray e Paul Fussell em particular—e suficiente material para uma história mais crítica. No entanto, não era o que Ambrose queria fazer. Seu trabalho dentro e fora dos livros buscava acumular o máximo possível de memórias de ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial, o que fez com que o autor fundasse em 1983 o Centro Eisenhower para Estudos de Liderança na Universidade de Nova Orleans, onde atuava como professor. Ambrose dizia ter o sonho de ouvir um arquivo completo de entrevistas com veteranos da Guerra de Secessão, mas como isso não era possível, ele queria criar um vasto arquivo de testemunhos da Segunda Guerra Mundial que fosse acessível para pesquisadores futuros, e o centro em questão surge com esse objetivo. Em 1994, onze anos após sua fundação, o centro possuía quase 1400 depoimentos, quinhentos dos quais Ambrose teria coletado pessoalmente para escrever seu livro sobre o Dia D lançado em 1994.³⁴¹

Quando o aniversário efetivamente chegou no dia 6 de junho de 1994, Ambrose afirmou em entrevista ao programa *Booknotes*, do canal C-SPAN, que

Você não pode exagerar. Foi o ponto pivotal do século XX. Foi o dia em que foi tomada a decisão sobre quem iria governar este mundo na segunda metade do século XX. Será o nazismo, será o comunismo ou vão prevalecer as democracias? Se tivéssemos falhado na praia de Omaha e nas outras praias em 6 de junho de 1944, a luta pela Europa teria sido uma luta entre Hitler e Stalin, e estaríamos fora dela.³⁴²

Ironicamente exagerando aquilo que, segundo suas palavras, não podia ser exagerado, o autor parece demonstrar pouco senso crítico em relação às histórias que ouviu dos ex-combatentes que entrevista, e os possíveis exageros românticos presentes nas narrativas

³⁴⁰ BULLINGER, op. cit.

³⁴¹ Ibid.

³⁴² C-SPAN. Booknotes. D-Day: June 6, 1944. C-SPAN, 1994, n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://www.c-span.org/video/?57267-1/historian-stephen-ambrose-discusses-d-day-june-6-1944>>.

Acesso em: 06 dez. 2022. No original: “You can’t overstate it. It was the pivot point of the 20th century. It was the day on which the decision was made as to who was going to rule in this world in the second half of the 20th century. Is it going to be Nazism, is it going to be communism, or are the democracies going to prevail? If we would have failed on Omaha Beach and on the other beaches on the 6th of June in 1944, the struggle for Europe would have been a struggle between Hitler and Stalin, and we would have been out of it”.

dos veteranos parecem passar para as páginas de Ambrose sem os filtros mínimos que se esperam do trabalho de um acadêmico com tantos anos de experiência.

O mesmo louvor aos homens em combate aparece em *O Dia D*, e o prólogo da obra dá o tom do que vem pela frente. Ambrose argumenta que o sucesso da invasão se resumia a “um bando de jovens de dezoito a vinte e oito anos”, treinados de maneira magnífica, mas em sua maioria soldados-cidadãos, que nunca tinham visto o combate.³⁴³ Em seguida, se entrega a um romantismo que seria capaz de fazer inveja ao próprio Reagan:

Era uma questão em aberto, no final da primavera de 1944, se uma democracia poderia produzir jovens soldados capazes de lutar efetivamente contra o melhor que a Alemanha nazista poderia produzir. Hitler tinha certeza de que a resposta era não. Nada do que ele soube sobre o desempenho do exército britânico na França em 1940, ou novamente no norte da África e no Mediterrâneo em 1942-44, ou o que ele aprendeu sobre o exército americano no norte da África e no Mediterrâneo em 1942-44, o fez duvidar que, em qualquer coisa que se aproximasse da igualdade em números, a Wehrmacht prevaleceria. O fanatismo totalitário e a disciplina sempre venceriam o liberalismo democrático e a suavidade. Disso Hitler tinha certeza.³⁴⁴

Em seguida, o autor desdenha da geração que, afetada pela Primeira Guerra Mundial, foi responsável por uma literatura “antiguerra, cínica, retratando os patriotas como otários, os preguiçosos como heróis”,³⁴⁵ e ao mesmo tempo que tece essas críticas aos indivíduos que viam a guerra como indesejável, afirma que os jovens que lutaram no Dia D não queriam fazer parte de outra guerra. “Eles queriam jogar bolas de beisebol, não granadas de mão, atirar com [calibres] 22 em coelhos, não com [rifles] M1 em outros jovens.” E conclui: “Mas quando o teste veio, quando a liberdade teve que ser lutada ou

³⁴³ AMBROSE, Stephen E. **D Day: June 6, 1944: The Climatic Battle of World War II**. Nova York: Simon & Schuster, 1995. Ebook. n.p. (tradução nossa). No original: “a bunch of eighteen-to-twenty-eight-year-olds”.

³⁴⁴ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “It was an open question, toward the end of spring 1944, as to whether a democracy could produce young soldiers capable of fighting effectively against the best that Nazi Germany could produce. Hitler was certain the answer was no. Nothing that he had learned of the British army’s performance in France in 1940, or again in North Africa and the Mediterranean in 1942-44, or what he had learned of the American army in North Africa and the Mediterranean in 1942-44, caused him to doubt that, on anything approaching equality in numbers, the Wehrmacht would prevail. Totalitarian fanaticism and discipline would always conquer democratic liberalism and softness. Of that Hitler was sure”.

³⁴⁵ Ibid.

abandonada, eles lutaram. Eles eram soldados da democracia. Eles foram os homens do Dia D, e a eles devemos nossa liberdade”.³⁴⁶

Não impressiona que Ambrose tenha se tornado tão bem quisto entre os ex-combatentes, uma vez que ele se tornou um dos principais porta-vozes dos discursos laudatórios de heroísmo a respeito destes sujeitos. Dick Winters, comandante da Companhia Easy que depois se tornaria mundialmente famoso através de *Band of Brothers* intitulou um dos capítulos do seu livro de memórias como “Steve Ambrose dormiu aqui” e se refere ao autor como “o principal historiador de nosso tempo”.³⁴⁷ Já Harold Baumgarten, um ex-combatente que desembarcou na Normandia, escreve em sua autobiografia que Ambrose é “sem dúvida, o maior historiador americano do século XX”, e aponta que, quando o conheceu, não fazia ideia de que o historiador teria uma enorme influência em sua vida. O veterano se refere a ele como “meu bom amigo e mentor”.³⁴⁸

Ambrose também idealizou um museu sobre o Dia D em Nova Orleans, onde trabalhava e vivia, e de fato conseguiu atingir este objetivo. A ideia teria surgido em meados de 1990, e foi compartilhada pela primeira vez quando ele conversava com seu amigo e também historiador e futuro presidente do museu Gordon “Nick” Mueller nos fundos de seu quintal. O autor pensou na possibilidade da criação de um museu que pudesse receber os artefatos que ele acumulou enquanto escrevia *Band of Brothers* e *O Dia D*.³⁴⁹

A instituição foi inaugurada em 6 de junho de 2000, recebendo generosas doações como as do diretor Steven Spielberg e o ator Tom Hanks, os quais participaram da inauguração e sobre os quais discutiremos mais adiante.³⁵⁰ A escolha de Nova Orleans se deu também pelo fato das Indústrias Higgins, responsáveis pelos projetos das barcas de desembarque usadas no Dia D, se localizarem lá, e o que começou como uma instituição com um prédio passou a ser composta por sete prédios e um hotel. Transformada no Museu Nacional da Segunda Guerra Mundial em 2004 pelo congresso, o local já foi visitado por mais de cinco milhões de pessoas e se tornou a principal atração turística da cidade, além de estar posicionado em quarto lugar como melhor museu dos Estados

³⁴⁶ Ibid.

³⁴⁷ WINTERS; KINGSEED, op. cit.

³⁴⁸ BAUMGARTEN, Harold. **D-Day Survivor**: an autobiography. Gretna: Pelican Publishing Company, 2006. Ebook, n.p.

³⁴⁹ NOLA. A war story: The history of the National World War II Museum in New Orleans. **Nola**, 2019. Disponível em: <https://www.nola.com/300/article_8dad6df-bcfe-56ce-ba8f-ff92c0551a8a.html>. Acesso em: 9 dez. 2022.

³⁵⁰ BULLINGER, op. cit.

Unidos no site *TripAdvisor*. De acordo com dados do próprio museu, cerca de 85% do seu público é de fora do estado da Louisiana.³⁵¹

De acordo com Johnathan M. Bullinger, um dos pilares do museu atualmente é um curta metragem produzido para ser veiculado exclusivamente no museu e lançado em 2009, chamado *Beyond All Boundaries*. Contando com a produção executiva e narração de Tom Hanks, propagandeado como uma experiência “4D”, com poltronas que vibram e outros recursos tecnológicos de imersão. Na narração de Hanks, a guerra teria sido um “teste de heroísmo e coragem, sacrifício e perda para enfrentar escolhas morais que levaram nossa nação e o mundo além de todas as fronteiras”.³⁵²

Ou seja: além de ter contribuído para a mitificação do Dia D através de livros, entrevistas, visitas guiadas, consultorias e aparições públicas, Ambrose usou seus contatos e popularidade para criar o mais conhecido e importante museu sobre a Segunda Guerra Mundial dos Estados Unidos. Por essas e outras que Steven Spielberg, um de seus amigos, o chamaria de “o maior historiador da Segunda Guerra Mundial que já viveu”.³⁵³

6.2 Bill Clinton e os “salvadores do mundo”

O mundo era consideravelmente diferente quanto o candidato do Partido Democrata Bill Clinton derrotou o candidato Republicano à reeleição, George H. W. Bush, a despeito da popularidade do presidente em exercício diante da rápida vitória estadunidense na Guerra do Golfo. A União Soviética tinha acabado, as Alemanhas se reunificaram, o Pacto de Varsóvia deixou de existir, a Tchecoslováquia se dividiu e os diversos regimes socialistas do leste europeu ruíram. O triunfalismo dos analistas até então considerados *Cold Warriors* tomou conta de grande parte das análises sobre o futuro da humanidade conforme o Consenso de Washington se alastrava, e nesse mundo que via o fim de pouco mais de quarenta anos de bipolarismo, alguns estudiosos bradavam o fim da História,³⁵⁴ enquanto outros enxergavam um futuro de choques de civilizações.³⁵⁵

³⁵¹ NOLA, op. cit.

³⁵² BULLINGER, op. cit., n.p. (tradução nossa). No original: “test of heroism and courage, sacrifice and loss to face moral choices that took our nation and the world beyond all boundaries”.

³⁵³ Ibid.

³⁵⁴ FUKUYAMA, Francis. *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

³⁵⁵ HUNTINGTON, Samuel. *O Choque das Civilizações e a Recomposição da Nova Ordem Mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

Nesse novo mundo, a Rússia lidava com uma das piores crises econômicas de sua história, e a dissolução soviética fez com que os Estados Unidos perdessem sua principal rival nas disputas narrativas em torno dos méritos da vitória contra o nazismo, o que ajudou na preparação do terreno para as comemorações de cinquenta anos do Dia D. Como afirma Jonathan M. Bullinger:

Por um lado, a dissolução da União Soviética reafirmou que os EUA haviam vencido a Guerra Fria, aumentando assim o orgulho nacional. Enquanto, por outro lado, com a súbita ausência de nosso principal antagonista no cenário mundial após cerca de quarenta e seis anos ímpares, os EUA anseiam por nostalgia por essas formações políticas mais antigas e nossas vitórias contra elas.³⁵⁶

Para além disso, havia a já citada vitória na Guerra do Golfo que, para todos os efeitos, foi considerada uma guerra justa contra um tirano que invadiu a pequena nação do Kuwait; e ao final daquele mesmo ano, comemorou-se o cinquentenário do ataque japonês a Pearl Harbor. Além destes pontos diretamente ligados aos estadunidenses, ainda é importante lembrar que a década de noventa teve sua cota de guerras e conflitos violentos. Além da Guerra do Golfo, tivemos a Guerra de Independência Croata (1991-1995), Guerra Civil Argelina (1991-2002), Guerra Civil no Afeganistão (1992-1996), Guerra da Bósnia (1992-1995), a Guerra Civil em Ruanda (1990-1993), que resultou em genocídio, e a Guerra Civil na Somália, iniciada em 1991 e em andamento até hoje.³⁵⁷ O cenário não poderia ser mais propício para a exaltação de uma “boa guerra”.

Diversos canais televisivos estavam engajados em cobrir o aniversário do Dia D. ABC, CBS, NBC e CNN planejaram coberturas ao vivo. O canal C-SPAN cobriu a história da invasão entre os dias 7 e 8 de maio com o programa *Remembering D-Day: 50 Years Later*, que foi reprisado entre 30 e 31 de maio. O canal A&E apresentou um documentário dirigido por Lou Reda, *Eye on History: D-Day*, que foi ao ar em 18 de maio e foi reprisado em 5 de junho, e também outro documentário de três partes, *D-Day: The Total History*, também no dia 5. Em 30 de maio o canal Discovery veiculou *Normandy: The Great Crusade* com sete reprises nos dias que se seguiram, e até o canal Travel Channel tentou embarcar na onda do momento com *Tours of Remembrance: A World*

³⁵⁶ BULLINGER, op. cit., n.p. (tradução nossa). No original: “On the one hand, the breakup of the Soviet Union reaffirmed that the U.S. had won the Cold War, thus augmenting national pride. While on the other hand, with the sudden absence of our main antagonist on the world stage after some forty-six odd years, the U.S. would crave nostalgia for these older political formations and our victories against them”.

³⁵⁷ Ibid.

War II Journey em 26 de maio. E estes são apenas alguns exemplos de como a cobertura sobre o Dia D em 1994 tomou proporções extraordinárias, e associadas ao lançamento do livro de Ambrose, o terreno para um discurso impactante por parte de Clinton estava preparado de maneira mais do que suficiente.³⁵⁸ Na revista *Time*, Bruce W. Nelan escrevia que, se a guerra tinha sido o ponto de virada do século XX, o Dia D era o ponto de virada da guerra, e que “Dwight Eisenhower tomou decisões que venceram a guerra na Europa e estabeleceram a paz que prevalece hoje”.³⁵⁹ Um curioso conceito de paz, haja vista a quantidade de conflitos que ocorreram naquela década, como vimos anteriormente.

No entanto, o cenário não era completamente tranquilo para o presidente. Clinton não tinha a Guerra Fria ao seu lado como teve Reagan, tampouco tinha um passado militar a seu lado, como outros presidentes do passado. Não que isso fosse estritamente necessário; o próprio Reagan não pôde participar do esforço de guerra em campo de batalha. A grande questão é que Clinton não apenas ativamente evadiu o serviço militar, como foi um crítico da Guerra do Vietnã no passado, e isso poderia fazê-lo soar como um hipócrita. Embora seu pai biológico, William Jefferson Blythe III., tivesse atuado como mecânico no teatro do Mediterrâneo durante a Segunda Guerra Mundial, o presidente não tinha um histórico de demonstrações positivas à guerra na qual seu pai lutou, possivelmente pelo fato de que Blythe III. faleceu em um acidente de carro meses antes do seu nascimento.³⁶⁰

Sabendo da importância que a cerimônia na Praia de Omaha teria, foram chamados para prestar consultoria ao presidente três autores da área de História Militar: Stephen E. Ambrose, John Keegan e Paul Fussel. Como dito em um capítulo anterior, Fussel era um veterano da Segunda Guerra Mundial, ainda que não tenha desembarcado nas praias da Normandia.³⁶¹

Esse passado do presidente não foi esquecido. Um ex-combatente, falando anonimamente para o *The Washington Post* após os discursos, afirmou que não conseguia tirar da cabeça o fato de Clinton ter ativamente evitado fazer parte das forças armadas, e que ele e alguns colegas cogitaram virar as costas a ele em protesto, mas decidiram não

³⁵⁸ Ibid.

³⁵⁹ NELAN, Bruce W. Ike's Invasion. *Time*, 1994, n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://content.time.com/time/subscriber/article/0,33009,980837-1,00.html>>. Acesso em: 8 dez. 2022. No original: "Dwight Eisenhower made decisions that won the war in Europe and established a peace that prevails today".

³⁶⁰ MARANISS, David. Clinton's life shaped by early turmoil. *The Washington Post*, 1992. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/archive/politics/1992/01/26/clintons-life-shaped-by-early-turmoil/a013a130-f462-4266-824d-2de0e9dbf7cb/>>. Acesso em: 9 dez. 2022.

³⁶¹ BULLINGER, op. cit.

realizar o ato para não estragarem o evento. Sabendo dessa cobrança que viria e de sua relação com os militares por conta desse passado, que não era das mais tranquilas, Clinton e seus assessores insistiram que o evento era sobre os ex-combatentes, e que Clinton seria apenas uma nota de rodapé.³⁶²

John Broder, escrevendo para o *Los Angeles Times* após o evento, apontava as atividades não apenas do dia 6, mas também dos dias anteriores—incluindo o *Memorial Day*—como uma tentativa de Clinton de buscar algum tipo de conciliação com os militares que o viam com desdém.³⁶³

Clinton deu dois discursos importantes para impulsionar a mística em torno do Dia D, um proferido em Pointe du Hoc e outro em Colleville-sur-Mer, e ambos com participação de Eric Liu, um jovem escritor nascido em 1968, filho de pais chineses que se mudaram para os Estados Unidos no pós-guerra. Escrevendo sobre sua participação na criação dos discursos anos depois, Liu afirmou que escrever aqueles discursos

foi de longe a experiência mais significativa do meu tempo na Casa Branca. Não apenas por ter sido o maior momento de Clinton no palco mundial até aquele ponto, e uma das maiores convocações globais desde o fim da Guerra Fria. Foi pessoal para mim. Aqui, afinal de contas, estava um filho de imigrantes da Geração X ajudando o primeiro presidente do Baby Boom da nação a honrar a geração de soldados, e agradecer a eles por vencer uma guerra que todos podem concordar que foi “boa”.³⁶⁴

Para escrever os discursos, Liu e seus companheiros de empreitada leram diversos livros e cartas de ex-combatentes, conversaram com eles e também com historiadores—como Stephen Ambrose, que é nominalmente lembrado por Liu. Além disso, leram diversos discursos presidenciais do passado, do *Gettysburg address* aos discursos de Reagan no aniversário de quarenta anos.

³⁶² DEVROY, Ann. Clinton Honors D-Day Sacrifice. *The Washington Post*, 1994. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/archive/politics/1994/06/07/clinton-honors-d-day-sacrifice/de2aa6cf-0016-4487-b730-fd54203ac05e/>>. Acesso em: 6 dez. 2022.

³⁶³ BRODER, John M. ‘They Gave Us Our World,’ Clinton Says of D-Day GIs: Europe: He speaks at U.S. cemetery in Normandy on 50th anniversary of landings. But veterans are true stars of tableau; he asks them to stand and he applauds them. *Los Angeles Times*, 1994. Disponível em: <<https://www.latimes.com/archives/la-xpm-1994-06-07-mn-3478-story.html>>. Acesso em: 06 dez. 2022.

³⁶⁴ LIU, Eric. The Message of D-Day. *The Atlantic*, 2014, n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/politics/archive/2014/06/d-dayforever/371993/>>. Acesso em: 6 dez. 2022. No original: “was by far the most meaningful experience in my time at the White House. It wasn’t just that it was Clinton’s biggest moment on the world stage to that point, and one of the biggest global convocations since the end of the Cold War. It was personal for me. Here, after all, was a Generation X son of immigrants helping the nation’s first Baby Boom president to honor the GI Generation, and to thank them for winning a war that everyone could agree was ‘good’”.

Clinton começa seu discurso em Pointe du Hoc, no mesmo lugar onde Reagan proferiu sua fala dez anos antes, se dirigindo ao general William A. Downing, comandante-em-chefe do Comando de Operações Especiais, e Richard Hathaway, veterano do Dia D e presidente de uma associação de Rangers veteranos da Segunda Guerra Mundial, além dos demais presentes. “Estamos em solo sagrado. Cinquenta anos atrás, neste lugar, um milagre de libertação começou. Naquela manhã, as forças da democracia desembarcaram para acabar com a escravidão da Europa”,³⁶⁵ afirmou Clinton, fazendo uma breve descrição da tomada do penhasco abaixo e pedindo aos Rangers veteranos presentes para que se levantassem, sob uma salva de palmas.

O presidente segue o relato sobre o embate em Pointe du Hoc, dizendo que os soldados que desembarcaram na Normandia eram

a ponta de uma lança que o mundo livre passou anos afiando, uma lança que eles começaram nesta manhã em 1944 a introduzir no coração do império nazista. A maioria deles era novata na guerra, mas todos estavam armados com a engenhosidade de cidadãos livres e a confiança de que lutavam por uma boa causa sob o olhar de um Deus amoroso.³⁶⁶

Na sequência ele apresenta seus adversários como sujeitos que “zombavam da democracia, sua mistura de raças e religiões, sua tolerância à dissidência”,³⁶⁷ para na sequência falar sobre as virtudes dos soldados-cidadãos que lutaram pela liberdade. Segundo Clinton, cada pessoa pertencente às democracias que lutaram nessa guerra (ou pelo menos as mais mencionadas, como EUA, Grã-Bretanha e França) deu sua contribuição, de adultos trabalhadores a crianças que cuidavam das hortas caseiras, incentivadas pelo governo para ajudar a evitar possíveis problemas de desabastecimento alimentício nos Estados Unidos durante a guerra. E, claro, não deixa de mencionar novamente os soldados, avançando nas descrições sobre a atuação dos Rangers no

³⁶⁵ CLINTON, Bill. Remarks on the 50th Anniversary of D-Day at Pointe du Hoc in Normandy, France. **The American Presidency Project**, 1994, n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://www.presidency.ucsb.edu/documents/remarks-the-50th-anniversary-d-day-pointe-du-hoc-normandy-france>>. Acesso em: 6 dez. 2022. No original: “We stand on sacred soil. Fifty years ago at this place a miracle of liberation began. On that morning, democracy's forces landed to end the enslavement of Europe”.

³⁶⁶ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “were the tip of a spear the free world had spent years sharpening, a spear they began on this morning in 1944 to plunge into the heart of the Nazi empire. Most of them were new to war, but all were armed with the ingenuity of free citizens and the confidence that they fought for a good cause under the gaze of a loving God”.

³⁶⁷ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “sneered at democracy, its mingling of races and religions, its tolerance of dissent”.

fatídico dia, para na sequência apelar para os filhos da geração dos veteranos, que deveriam ser gratos a eles por existirem.

Olhamos para este terreno e maravilhamo-nos com a sua luta. Olhamos ao nosso redor e vemos pelo que vocês estavam lutando. Pois aqui estão as filhas do Coronel Rudder. Aqui estão o filho e o neto do cabo Bargmann. Aqui estão os rostos pelos quais vocês arriscaram suas vidas. Aqui estão as gerações pelas quais vocês venceram uma guerra. Nós somos os filhos do seu sacrifício. Nós somos os filhos e filhas que vocês salvaram do alcance da tirania. Nós crescemos atrás do escudo das fortes alianças que vocês forjaram com sangue nestas praias, nas costas do Pacífico e nos céus acima. Nós florescemos na Nação que vocês voltaram para casa para construir.³⁶⁸

Figura 11 - Participantes das cerimônias dos cinquenta anos do Dia D, incluindo ex-combatentes



Fonte: Smithsonian Magazine, 1994.

³⁶⁸ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “We look at this terrain and we marvel at your fight. We look around us and we see what you were fighting for. For here are the daughters of Colonel Rudder. Here are the son and grandson of Corporal Bargmann. Here are the faces for whom you risked your lives. Here are the generations for whom you won a war. We are the children of your sacrifice. We are the sons and daughters you saved from tyranny’s reach. We grew up behind the shield of the strong alliances you forged in blood upon these beaches, on the shores of the Pacific, and in the skies above. We flourished in the Nation you came home to build”.

E não apenas gratos: os filhos da geração que lutou na Segunda Guerra Mundial deveriam lutar para construir um mundo melhor dentro dos valores democráticos estadunidenses, ainda mais depois do fim da Guerra Fria, uma vez que, segundo Clinton, as “centelhas da liberdade” supostamente acendidas pelos soldados naquelas praias teriam se mantido acesas atrás da Cortina de Ferro, como se fosse aos aliados que desembarcaram na Normandia que os dissidentes dos regimes socialistas do leste europeu devessem seus anseios por democracias representativas de caráter liberal. E afirma: “Cinco anos atrás, o milagre da libertação foi repetido enquanto as vigas podres do comunismo desmoronavam.”³⁶⁹

O parágrafo seguinte comemora o fim do “império soviético”, a aproximação de países do antigo bloco socialista das democracias liberais ocidentais, e clama pela existência de “famílias fortes e sociedades coesas, cidadãos educados e economias vibrantes e abertas que promovam a cooperação, não o conflito”, em um claro chamado à adesão ao Consenso de Washington, e possível aceno ao México e ao Canadá, com quem os Estados Unidos assinaram o Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (NAFTA) no início daquele mesmo ano.³⁷⁰

Após mais algumas evocações genéricas e repetitivas sobre o legado do Dia D para estas novas gerações, o presidente termina o discurso com a frase: “O ‘dia mais longo’ ainda não terminou”.³⁷¹

Horas depois Bill Clinton se dirigiu ao cemitério de Colleville-sur-Mer para outro discurso. Nele temos as mesmas evocações feitas aos mortos em combate, à luta pela liberdade e a zombaria de Hitler para com a pluralidade da democracia, em homenagem aos sujeitos que “deram suas vidas por nós há 50 lotados anos”.³⁷²

Este trecho em particular foi cunhado por Eric Liu de um discurso proferido pelo ex-presidente Woodrow Wilson em 4 de julho de 1913, pelos 50 anos da Batalha de Gettysburg. “Do discurso esquecido de Wilson, uma linha chamou minha atenção—Somos devedores daqueles 50 anos lotados”—e eu a repeti na abertura do discurso de Clinton no cemitério militar americano em Colleville-sur-Mer”, afirmou o escritor.³⁷³

³⁶⁹ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “Five years ago the miracle of liberation was repeated as the rotting timbers of communism came tumbling down”.

³⁷⁰ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “We must have strong families and cohesive societies and educated citizens and vibrant, open, economies that promote cooperation, not conflict”.

³⁷¹ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “The ‘longest day’ is not yet over”.

³⁷² Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “who gave their lives for us 50 crowded years ago”.

³⁷³ LIU, op. cit., n.p. (tradução nossa). No original: “From Wilson’s forgotten speech, one line caught my ear—‘We are debtors to those 50 crowded years’—and I echoed it in the opening of Clinton’s speech at the American military cemetery in Colleville-sur-Mer”.

Apesar de bastante repetitivo em seu sentido, o discurso conta com algumas mudanças pontuais; ao invés de louvor aos Rangers que escalaram Pointe du Hoc, o presidente descreve o desembarque dos soldados nas praias sob fogo alemão. Como em uma narrativa cinematográfica, Clinton narra o desamparo e aparente iminência de derrota, ressaltando a vileza do adversário, até que ele apresenta o ponto de virada, o momento do terceiro ato em que os protagonistas saem do seu ponto mais baixo na história para o avanço final e mudança dos rumos da história. Nele, os soldados-cidadãos, homens simples e amantes da liberdade, usam sua engenhosidade para superar a adversidade de um oponente aparentemente intransponível.

Mas então algo aconteceu. Embora muitas das tropas americanas se encontrassem sem oficiais em terreno desconhecido, ao lado de soldados que não conheciam, um a um se levantaram. Eles avançaram e juntos, em grupos de três, cinco e dez, os filhos da democracia improvisaram e montaram seus próprios ataques. Naquele exato momento, nessas praias, as forças da liberdade viraram a maré do século XX.³⁷⁴

Clinton ressalta o caráter ao mesmo tempo ordinário e excepcional desses sujeitos. Se por um lado ele argumenta sobre toda essa inventividade por parte dos soldados, ele também lembra que estes cidadãos carregavam um senso de responsabilidade e de valor pelo livre-arbítrio “nutridos nas escolas dominicais, prefeituras e jogos de bola na areia, a voz que lhes disse para se levantarem e seguirem em frente, dizendo: ‘Você consegue. E se você não o fizer, ninguém mais o fará.’”³⁷⁵

E uma vez mais o presidente pede para os veteranos se levantarem, de modo que pudessem ser aplaudidos pelo público.

Hoje muitos deles estão aqui entre nós. Oh, eles podem andar com um pouco menos de agilidade em seus passos, e suas fileiras estão diminuindo. Mas nunca esqueçamos que, quando eram jovens, *esses homens salvaram o mundo*. E agora vamos pedir a eles, todos os

³⁷⁴ CLINTON, op. cit., n.p. (tradução nossa). No original: “But then something happened. Although many of the American troops found themselves without officers on unfamiliar ground, next to soldiers they didn't know, one by one they got up. They inched forward, and together, in groups of threes and fives and tens, the sons of democracy improvised and mounted their own attacks. At that exact moment on these beaches, the forces of freedom turned the tide of the 20th century”.

³⁷⁵ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “nurtured in Sunday schools, town halls, and sandlot ballgames, the voice that told them to stand up and move forward, saying, ‘You can do it. And if you don't, no one else will’”.

veteranos da campanha da Normandia, que se levantem se puderem e sejam reconhecidos [grifo nosso].³⁷⁶

Na sequência Clinton cita trechos de cartas, homenageia os mortos e comenta sobre a proximidade dos Estados Unidos com os antigos adversários, Alemanha, Japão e Itália, além de apontar que a Rússia “dizimada durante a guerra e depois congelada pelo comunismo e na guerra fria, renasceu na democracia. E enquanto a liberdade soa de Praga a Kiev, a libertação deste continente está quase completa”.³⁷⁷

Uma vez mais Clinton usa o discurso como veículo para falar sobre as tarefas que recairiam nas costas da geração dos descendentes dos ex-combatentes:

Agora a questão recai sobre a nossa geração: como vamos construir sobre o sacrifício dos heróis do Dia D? Como os soldados de Omaha Beach, não podemos ficar parados. Não podemos ficar seguros fazendo isso. Evitar os problemas de hoje seria o apaziguamento de nossa própria geração. Pois assim como a liberdade tem um preço, ela também tem um propósito, e seu nome é progresso. Hoje, nossa missão é expandir o alcance da liberdade; testar todo o potencial de cada um dos nossos próprios cidadãos; fortalecer nossas famílias, nossa fé e nossas comunidades; combater a indiferença e a intolerância; para manter nossa nação forte; e para iluminar a vida daqueles que ainda vivem na escuridão do governo antidemocrático. Nossos pais fizeram isso e muito mais; não devemos fazer nada menos. Eles lutaram na guerra para que pudéssemos lutar na paz.³⁷⁸

E finaliza:

Cinquenta anos atrás, os primeiros soldados aliados a desembarcar aqui na Normandia não vieram do mar, mas do céu. Eles foram chamados de Desbravadores, os primeiros paraquedistas a fazer o salto. Nas profundezas da escuridão, eles desceram sobre esses campos para

³⁷⁶ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “Today many of them are here among us. Oh, they may walk with a little less spring in their step, and their ranks are growing thinner. But let us never forget, when they were young, these men saved the world. And so let us now ask them, all the veterans of the Normandy campaign, to stand if they can and be recognized”.

³⁷⁷ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “decimated during the war and frozen afterward in communism and cold war, has been reborn in democracy. And as freedom rings from Prague to Kiev, the liberation of this continent is nearly complete”.

³⁷⁸ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “Now the question falls to our generation: How will we build upon the sacrifice of D-Day's heroes? Like the soldiers of Omaha Beach, we cannot stand still. We cannot stay safe by doing so. Avoiding today's problems would be our own generation's appeasements. For just as freedom has a price, it also has a purpose, and its name is progress. Today, our mission is to expand freedom's reach forward; to test the full potential of each of our own citizens; to strengthen our families, our faith, and our communities; to fight indifference and intolerance; to keep our Nation strong; and to light the lives of those still dwelling in the darkness of undemocratic rule. Our parents did that and more; we must do nothing less. They struggled in war so that we might strive in peace”.

acender faróis para os ataques aéreos que logo se seguiriam. Agora, perto do alvorecer de um novo século, o trabalho de acender esses faróis está em nossas mãos. A vocês que nos trouxeram aqui, prometo que seremos os novos desbravadores, pois somos filhos do seu sacrifício.³⁷⁹

Ao final, Clinton foi aplaudido e os presentes começaram a cantar *America the Beautiful*, canção derivada de um poema do século XIX e que foi gravada por cantores de renome dos Estados Unidos como Ray Charles, Frank Sinatra e Elvis Presley.³⁸⁰

Harold Baumgarten, um dos ex-combatentes do Dia D, falou sobre o aniversário em sua autobiografia.

O presidente Clinton se dirigiu a nós, os VIPs. Seu discurso foi muito comovente e emocionante. [...] Após seu discurso, o presidente apertou minha mão e até me perguntou o que eu havia feito no Dia D. Eu disse a ele que fiz o que ele havia aludido em seu discurso: “Que muitos soldados, embora já feridos, subiram o penhasco para continuar lutando”. Ele então me agradeceu. Rita e eu conhecemos Hillary Clinton, que gentilmente posou para fotos conosco. Em uma data posterior, ela os autografou. Em minha conversa com ela, ela solicitou uma cópia do meu livro recém-publicado. Quando voltei para casa, enviei a ela uma cópia autografada para a biblioteca da Casa Branca. Enquanto o presidente e a sra. Clinton eram conduzidos pelo Serviço Secreto, eu estava de pé no meio da multidão. O presidente Clinton invadiu a multidão, segurou minha mão e disse: “Obrigado novamente”.³⁸¹

A ideia de que os soldados que lutaram no Dia D “salvaram o mundo” ressoou entre muitos. Desde jornalistas como Andrea Stone afirmando que “a geração que salvou o mundo da tirania cinquenta anos atrás mas raramente falou sobre desde então, dominou

³⁷⁹ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “Fifty years ago, the first Allied soldiers to land here in Normandy came not from the sea but from the sky. They were called Pathfinders, the first paratroopers to make the jump. Deep in the darkness, they descended upon these fields to light beacons for the airborne assaults that would soon follow. Now, near the dawn of a new century, the job of lighting those beacons falls to our hands. To you who brought us here, I promise we will be the new pathfinders, for we are the children of your sacrifice”.

³⁸⁰ DEVROY, op. cit.

³⁸¹ BAUMGARTEN, Harold. **D-Day Survivor**: an autobiography. Gretna: Pelican Publishing Company, 2006. Ebook, n.p. (tradução nossa). No original: “President Clinton addressed us, the VIPs. His speech was very touching and stirring. [...] After his address, the president shook my hand and even asked me what I had done on D-Day. I told him that I did what he had alluded to in his speech, ‘That many soldiers, although already wounded, went up the bluff to continue fighting’. He then thanked me. Rita and I met Hillary Clinton, who graciously posed for photos with us. At a later date she autographed them. In my conversation with her, she requested a copy of my newly published book. When I returned home, I sent her and autographed copy for the White House library. As the president and Mrs. Clinton were being ushered out by the Secret Service, I was standing three deep in the crowd. President Clinton broke into the crowd, grasped my hand, and said ‘Thanks again’”.

o palco mundial novamente na segunda-feira”³⁸² até a rainha Elizabeth II, que 25 anos depois, no aniversário de 75 anos do evento em 2019, proferiu as seguintes palavras:

Há 75 anos, centenas de milhares de jovens soldados, marinheiros e aviadores deixaram estas costas pela causa da liberdade. Em uma transmissão para a nação na época, meu pai, o rei George VI, disse: “...o que é exigido de todos nós é algo mais do que coragem e resistência; precisamos de um renascimento do espírito, uma nova determinação invencível...” Isso é exatamente o que aqueles bravos homens trouxeram para a batalha, pois *o destino do mundo dependia de seu sucesso* [grifo nosso].³⁸³

Se os discursos em questão se parecem com o discurso de Reagan em Pointe du Hoc de 1984, isso não ocorre apenas pelo amontoado de clichês e frases de efeito de cunho patriótico que dão os fundamentos retóricos da religião civil estadunidense. Isso se dá também porque o discurso cuidadosamente desenvolvido por Peggy Noonan dez anos antes foi uma das bases para a formulação das falas de Clinton. Eric Liu afirmou que ele e sua equipe estudaram os discursos de Reagan para observar seus recursos teóricos e de encenação, e também para que ele não fosse imitado. Apesar de ter se inspirado neste discurso tão icônico dentro do plantel de discursos do quadragésimo presidente estadunidense que ele considera o padrão a ser seguido, Liu acredita que “Clinton, apropriadamente, fez uma conexão emocional em Colleville que será difícil de igualar.”³⁸⁴

De acordo com *The Washington Post*, em notícia do dia 7 de junho de 1994, o evento contou com mais de cem mil pessoas, dos quais cerca de oito mil seriam veteranos. A mesma notícia conta que os russos não foram convidados ao evento, o que teria

³⁸² STONE, Andrea. ‘These men saved the world’: Veterans cry for dead and themselves. **USA Today**, 1994, n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://www.usatoday.com/story/news/nation/2022/09/07/d-day-50th-anniversary-veterans/7939418001/?gnt-cfr=1>>. Acesso em: 8 dez. 2022. No original: “The generation that saved the world from tyranny 50 years ago but rarely talked about it since, dominated the world stage again Monday”.

³⁸³ ILSE, Jess. Milestones of a Monarch: The Queen marks the 50th anniversary of D-Day. **Royal Central**, 2022, n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://royalcentral.co.uk/uk/milestones-of-a-monarch-the-queen-marks-the-50th-anniversary-of-d-day-174187/>>. Acesso em: 8 dez. 2022. No original: “75 years ago, hundreds of thousands of young soldiers, sailors and airmen left these shores in the cause of freedom. In a broadcast to the nation at that time, my Father, King George VI, said: ‘...what is demanded from us all is something more than courage and endurance; we need a revival of spirit, a new unconquerable resolve...’ That is exactly what those brave men brought to the battle, as the fate of the world depended on their success”.

³⁸⁴ LIU, op. cit., n.p. (tradução nossa). No original: “Clinton, fittingly, made an emotional connection at Colleville that will be hard ever to match”.

desagradado a ex-combatentes do Exército Vermelho. O presidente Boris Yeltsin, contudo, teria afirmado:

Quando estávamos comemorando o 50º aniversário das batalhas em torno de Moscou e Stalingrado, também não convidamos nenhum de nossos aliados. Mas isso não nos impede de sermos parceiros em todas as esferas, de confiarmos uns nos outros, de nos respeitarmos e de resolvermos juntos os problemas internacionais.³⁸⁵

Um dos muitos jornalistas que cobriram ambos os aniversários (quarenta e cinquenta anos) viria a dar uma imensa contribuição à mitificação do Dia D, usando de sua popularidade como um dos jornalistas televisivos e âncoras mais conhecidos dos Estados Unidos para isso: Tom Brokaw.

6.3 Tom Brokaw e “a maior das gerações”

Nascido em 1940 em Webster, Dakota do Sul, Thomas John Brokaw era filho de um membro do corpo de engenheiros dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, e como jornalista, cobriu o grande aniversário de quarenta anos do Dia D em 1984 pela NBC com o especial *D-Day Plus 40*. Tendo sido um dos mais conhecidos âncoras da TV estadunidense com o programa *NBC Nightly News*, a presença de Brokaw nos aniversários do 6 de junho trazia certo prestígio à cerimônia para o grande público. Seu pai, Anthony Brokaw, tinha falecido dois anos antes, o que pode ter ampliado a nostalgia do jornalista pela guerra de seu pai.³⁸⁶

O futuro âncora televisivo teria passado parte de sua infância, dos três aos cinco anos de idade, em uma base militar no este de Dakota do Sul. Lá, segundo ele mesmo, teria passado muito tempo com um pequeno capacete militar usando varetas como rifles e atirando em japoneses e alemães imaginários. Seu pai, que atuava na base, foi enviado para o exterior, mas foi convocado novamente para a base pela utilidade de seus serviços prestados.³⁸⁷

³⁸⁵ DEVROY, op. cit., n.p. (tradução nossa). No original: “When we were celebrating the 50th anniversaries of the battles around Moscow and Stalingrad, we did not invite any of our allies either. But this does not stop us from being partners in all spheres, from trusting each other, respecting each other and resolving international problems together”.

³⁸⁶ BULLINGER, op. cit., n.p.

³⁸⁷ BROKAW, op. cit.

No seu best-seller *The Greatest Generation* (*A maior das gerações*, em tradução livre), Brokaw avalia que o quadragésimo aniversário do Dia D teria reavivado estas antigas memórias, que ficaram para trás conforme o tempo avançou, sendo substituídas

pelos dias de inocência nos anos cinquenta, minha vida como jornalista cobrindo a turbulência política provocada pelo Vietnã, a agitação social dos anos sessenta e Watergate nos anos setenta. Eu estava muito mais preocupado com as perspectivas da Guerra Fria do que com as lições da guerra dos meus primeiros anos.³⁸⁸

Sua nostalgia pelos anos 1950 é compreensível. De fato eram tempos mais inocentes e prósperos, desde que você não fosse negro ou comunista. Ou, pior ainda, ambos.

Essa menção a episódios marcantes do passado estadunidense recente na sequência da “inocência dos anos cinquenta” reitera para os leitores uma ideia de que a vitória estadunidense na guerra trouxe prosperidade e estabilidade a um país que, a cada nova década, se deteriorava econômica e culturalmente. O resgate da memórias desses supostos ‘tempos mais simples’, por assim dizer, era tentadora demais para não ser instrumentalizada politicamente pelos conservadores nos anos 1980, e Brokaw pareceu bastante afetado por esse cenário.

Dos artífices da mitificação do Dia D, poucos demonstram com tanta clareza que esse processo carrega em si um enorme senso de dívida para com a geração dos pais daqueles que, nos anos 1990, comemoravam e celebravam com reverência este passado que não viveram. Na introdução de seu livro, Brokaw afirma ter passado por uma experiência que mudou sua vida, se referindo aos seus trabalhos para a cobertura dos quarenta anos do 6 de junho de 1944. Ele continua:

Enquanto eu caminhava pelas praias com os veteranos americanos que desembarcaram lá e agora voltaram para este aniversário, homens na casa dos sessenta e setenta anos, e ouvi suas histórias nos cafês e pousadas, fiquei profundamente comovido e profundamente grato por tudo o que eles fizeram. Percebi que eles estiveram ao meu redor

³⁸⁸ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “by days of innocence in the fifties, my life as a journalist covering the political turmoil brought on by Vietnam, the social upheaval of the sixties, and Watergate in the seventies. I was much more concerned about the prospects of the Cold War than the lessons of the war of my early years”.

enquanto eu crescia e que não consegui apreciar o que eles passaram e o que realizaram.³⁸⁹

A ideia de que a geração de seus pais foi “a maior das gerações” pode ser explicada pelo que vem a seguir:

Esses homens e mulheres atingiram a maioria durante a Grande Depressão, quando o desespero econômico pairava sobre a terra como uma praga. Eles viram seus pais perderem seus negócios, suas fazendas, seus empregos, suas esperanças. Eles aprenderam a aceitar um futuro que acontecia um dia de cada vez. Então, assim que houve um vislumbre de recuperação econômica, a guerra explodiu na Europa e na Ásia. Quando Pearl Harbor deixou irrefutavelmente claro que os Estados Unidos não eram uma fortaleza, essa geração foi convocada para o desfile e instruída a treinar para a guerra. Eles deixaram seus ranchos no Condado de Sully, Dakota do Sul, seus empregos na rua principal de Americus, na Geórgia, desistiram de seu lugar nas linhas de montagem em Detroit e nas fileiras de Wall Street, abandonaram a escola ou foram de boné e beca direto para o uniforme.³⁹⁰

E finaliza, evocando como outros antes dele, a ideia de que os soldados estadunidenses salvaram o mundo: “Eles responderam ao chamado para ajudar a salvar o mundo das duas máquinas militares mais poderosas e implacáveis já reunidas, instrumentos de conquista nas mãos de maníacos fascistas.”³⁹¹

O livro foi lançado em novembro de 1998 e publicado pela Random House. Usando o poder midiático à sua disposição, *The Greatest Generation* tinha tudo para dar certo; o autor vinculou um documentário de cerca de uma hora sobre o assunto para a NBC, e dedicou segmentos do *NBC Nightly News* a histórias relacionadas a veteranos. A presidente, editora e editora-chefe da Random House, Ann Godoff, teria dito que Tom

³⁸⁹ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “Instead, I underwent a life-changing experience. As I walked the beaches with the American veterans who had landed there and now returned for this anniversary, men in their sixties and seventies, and listened to their stories in the cafés and inns, I was deeply moved and profoundly grateful for all they had done. I realized that they had been all around me as I was growing up and that I had failed to appreciate what they had been through and what they had accomplished.”.

³⁹⁰ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “These men and women came of age in the Great Depression, when economic despair hovered over the land like a plague. They had watched their parents lose their businesses, their farms, their jobs, their hopes. They had learned to accept a future that played out one day at a time. Then, just as there was a glimmer of economic recovery, war exploded across Europe and Asia. When Pearl Harbor made it irrefutably clear that America was not a fortress, this generation was summoned to the parade ground and told to train for war. They left their ranches in Sully County, South Dakota, their jobs on the main street of Americus, Georgia, they gave up their place on the assembly lines in Detroit and in the ranks of Wall Street, they quit school or went from cap and gown directly into uniform”.

³⁹¹ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “They answered the call to help save the world from the two most powerful and ruthless military machines ever assembled, instruments of conquest in the hands of fascist maniacs”.

Brokaw era “uma grande arma secreta de marketing”. “Absolutamente tudo deu certo... foi uma coisa maravilhosamente orquestrada”.³⁹²

Ao dar voz a memórias de sujeitos daquela geração, o autor pega de empréstimo uma sensação de credibilidade que as falas deles trazem para o leitor regular, que normalmente entende a memória individual como uma espécie de autoridade suprema, sob o discurso de que “ninguém sabe mais sobre um evento histórico do que quem a viveu”, que todos os historiadores já ouviram ao menos uma vez na vida. Juntando isso ao interesse renovado na Segunda Guerra pelo lançamento meses antes de *O resgate do soldado Ryan* e a proximidade do Natal, e a obra foi um sucesso tamanho que, em meados dos anos 2000, o livro já tinha vendido cerca de 3.5 milhões de exemplares e já tinha tido trinta e seis reimpressões.³⁹³

O sucesso estrondoso de vendas do livro de Brokaw consolidou a geração dos sobreviventes da Grande Depressão e da Segunda Guerra Mundial como “a maior das gerações” no senso comum e deu origem a uma sequência já no ano seguinte, o livro *The Greatest Generation speaks*, dando voz a veteranos ainda vivos na época, e em 2013 o autor lançou *An album of memories: personal histories from the greatest generation*, tentando mais uma vez capitalizar no sucesso de seu livro pregresso. A consolidação do conceito de *greatest generation* foi tão grande que ele passou a ser usado nos títulos de diversos livros que surgiram posteriormente, como *Letters from the Greatest Generation: writing home in WWII*, de Howard H. Peckham e Shirley A. Snyder, *Soldiers to Citizens: The G.I. Bill and the Making of the Greatest Generation* de Suzanne Mettler, *The Lucky Few: Between the Greatest Generation and the Baby Boom* de Elwood Carlson, *The Replica of the WWII Ration Cook Book: A Cook Book From The Greatest Generation* de Lurlene Bowden, *War Bonds: Love Stories from the Greatest Generation* de Cindy Hval, *The Greatest Generation Comes Home: The Veteran In American Society* de Michael D. Gambone e o já citado *Myth and the Greatest Generation: a social history of Americans in WWII* de David Kenneth Rose, só para citar alguns.

Como as outras formas de mitificação que analisamos até aqui e outras que ainda ganharão espaço nesse trabalho, o livro tenta gravar na cabeça do público uma memória prostética da Segunda Guerra Mundial que supostamente educasse as gerações mais jovens sobre àquela de seus pais, sob uma mensagem forçada de exaltação de heróis

³⁹² BULLINGER, op. cit., n.p. (tradução nossa). No original: ““Absolutely everything clicked ... it was a wonderfully orchestrated thing””.

³⁹³ Ibid.

carregada de emoção e nostalgia. Sua “maior das gerações” não é capaz sequer de reclamar diante de um mundo aparentemente injusto, são breves nas comemorações pela vitória e imediatamente voltam a trabalhar para construir suas vidas e “o mundo que eles queriam” através da disciplina aprendida no mundo militar.

Ocorre que a “maior das gerações” do Brokaw, que ele pinta como exemplo para as demais que vieram a seguir é simplesmente uma idealização grosseira de homens e mulheres frutos de seu tempo que lidaram com as contingências de sua vida das maneiras que foram possíveis, nem sempre as melhores. Eles voltaram para um país tão racialmente segregado quanto deixaram antes de partir, e muitos deles advogavam pela manutenção dessa divisão social odiosa. O número de divórcios aumentou consideravelmente, e as mulheres que tinham sentido o gosto de certa independência no mundo do trabalho voltaram a seus lares, muitas contra sua vontade. Ainda era um mundo onde o desprezo pela homossexualidade imperava, e a perseguição a quem fosse classificado como comunista destruiu carreiras e vidas.

Brokaw sabe disso: ele mesmo aponta alguns desses mesmos pontos em seu livro como falhas desta geração. Mas da forma como isso aparece no texto introdutório da obra, quase como uma nota de rodapé no meio de uma miríade de platitudes, a existência desses graves problemas sociais não é o suficiente para sequer arranhar a imagem quase perfeita pintada pelo autor dos homens e mulheres dos tempos da Grande Depressão e da Segunda Guerra Mundial.

Durante a cobertura da NBC do quinquagésimo aniversário do Dia D, Tim Russert no Meet the Press me perguntou meus pensamentos sobre o que estávamos testemunhando. Enquanto olhava para a multidão reunida de veteranos, que incluía todos, desde oficiais de gabinete e capitães da indústria até professores aposentados e mecânicos, eu disse: “Acho que esta é a melhor geração que qualquer sociedade já produziu”. Sei que essa foi uma declaração ousada e um julgamento abrangente, mas desde então eu a reafirmei em muitas ocasiões. Embora eu seja periodicamente questionado sobre essa premissa, *acredito que tenho os fatos do meu lado* [grifo nosso].³⁹⁴

³⁹⁴ BROKAW, op. cit., n.p. (tradução nossa). No original: “During NBC’s coverage of the fiftieth anniversary of D-Day, I was asked by Tim Russert on Meet the Press my thoughts on what we were witnessing. As I looked over the assembled crowd of veterans, which included everyone from Cabinet officers and captains of industry to retired schoolteachers and machinists, I said, “I think this is the greatest generation any society has ever produced.” I know that this was a bold statement and a sweeping judgment, but since then I have restated it on many occasions. While I am periodically challenged on this premise, I believe I have the facts on my side”.

Apenas em um mundo de fantasia idílica conservadora, sedutora até mesmo para muitos que se definem como liberais ou até como esquerda nos Estados Unidos, é que esta geração de Brokaw poderia existir da forma como ele descreve em seu best-seller. Mas seria difícil convencer alguém tão certo de que os ‘fatos’ estão do seu lado de que seu mundo quase ideal não existiu.

6.4 George W. Bush e o aniversário ofuscado

George W. Bush nasceu em 1946 dentro de uma família abastada e com uma longa trajetória de atuação política, tanto que seu pai—veterano da Segunda Guerra Mundial—havia sido presidente dos Estados Unidos poucos anos antes e alguns de seus parentes permanecem na política ainda hoje. Eleito no ano 2000 em acirrada eleição contra Al Gore, o ex-governador do Texas venceu em número de delegados em uma das mais conturbadas eleições do país.

O estado da Flórida foi o grande pivô do conflito. Sua contagem de votos terminou com apenas algumas centenas de votos para Bush a frente de Gore, e a contagem precisou ser refeita mediante disputas em torno de cédulas confusas ou perfuradas incorretamente, nomes ausentes nas listas de eleitores, entre outros fatores. Cinco semanas depois da eleição, a Suprema Corte dos EUA definiu, por uma maioria apertada, que a recontagem ordenada pela Suprema Corte da Flórida deveria ser impedida, com base na violação do princípio constitucional de que os votos deveriam ser todos tratados igualmente. A vitória de Bush deu a ele cinco votos no colégio eleitoral a mais que Al Gore, e fez dele o primeiro candidato em 112 anos a vencer a eleição perdendo no número de votos individuais de cidadãos estadunidenses, entre os quais Gore teve acima de quinhentos mil votos a mais que seu adversário.³⁹⁵

Bush viria a ficar marcado na história dos Estados Unidos pelas suas decisões após um dos incidentes que, até hoje, é um dos mais marcantes do século XXI. Mas cerca de dois meses antes desse incidente, três anos antes do aniversário do Dia D, Bush já acenava para o 6 de junho de 1944, ainda que neste caso para o público dos Estados Unidos e em seu próprio solo.

Em 6 de junho de 2001, o presidente Bush esteve presente na dedicação do Memorial Nacional do Dia D, construído justamente em Bedford, na Virgínia, cidade que

³⁹⁵ PRUITT, Sarah. 8 Most Contentious US Presidential Elections. **History**, 2020. Disponível em: <<https://www.history.com/news/most-contentious-u-s-presidential-elections>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

há anos recebia destaque em torno do Dia D pelas perdas sofridas cinquenta e sete anos antes (vide capítulo 3).

Figura 12 - Memorial Nacional do Dia D em Bedford, Virginia



Fonte: ABC13 News.

O centro do memorial, que é sua parte mais chamativa e evocativa do Dia D, foi construído principalmente de granito polido, e conta com uma imagética que remete ao assalto na Normandia. Uma piscina rasa conta com dois ouriços tchecos e uma barcaça de desembarque representando a chegada dos soldados nas praias, com jatos de ar que jogam a água pra cima e representam as explosões. Entre a água e a plataforma a frente que representa a areia, temos estátuas de bronze de soldados, e mais a frente, um monumento vertical representando os Rangers que escalaram o penhasco em Pointe du Hoc rumo a um arco inscrito com a palavra *Overlord*.

A cerimônia contou com cerca de dez mil visitantes, além da presença de quatro caças F-15. No discurso proferido neste dia, Bush começa de maneira protocolar, se dirigindo às autoridades presentes e convidados especiais, entre eles o embaixador da França e Bob Slaughter, um ex-combatente do Dia D, autor de livros de memórias sobre sua participação na guerra e uma das principais vozes na luta pela criação daquele memorial em Bedford. Entre algumas afirmações de caráter factual tanto sobre os jovens de Bedford mortos no Dia D quanto sobre a operação em geral, o presidente fez algumas

falas mais alinhadas com o padrão de discursos presidenciais sobre a importância do Dia D.

A conquista da Operação Overlord é quase impossível de exagerar, em suas consequências para nossas próprias vidas e para a vida do mundo. As sociedades livres na Europa podem ser rastreadas até as primeiras pegadas na primeira praia em 6 de junho de 1944. O que foi perdido no Dia D nunca poderemos medir e nunca esquecer.³⁹⁶

Pouco depois, Bush evoca a ideia de que os soldados do Dia D atuaram em um ponto de virada na história humana e, talvez como nenhum dos outros presidentes cujos discursos analisamos até aqui, apontou para a suposta excepcionalidade dos homens e mulheres estadunidenses:

Bedford tem um lugar especial em nossa história. Mas havia bairros como esses por toda a América, desde os menores vilarejos até as maiores cidades. De alguma forma, todos eles produziram uma geração de rapazes e moças que, em uma data certa, se reuniram e avançaram como um só, e mudaram o curso da história. Seja o que for na América que nos deu tais cidadãos, é a maior qualidade que temos e que ela nunca nos deixe.³⁹⁷

Mais adiante, o presidente adota uma um tom triunfalista:

Os grandes inimigos daquela época desapareceram. E é uma das reviravoltas notáveis da história que tantos jovens do novo mundo tenham cruzado o mar para ajudar a libertar o velho. Além das praias pacíficas e cemitérios tranquilos, existe uma Europa inteira e livre—um continente de governos democráticos e pessoas mais livres e esperançosas do que nunca. Essa liberdade e essas esperanças são o

³⁹⁶ BUSH, George W. Remarks by the President at Dedication of the National D-Day Memorial. **The White House - President George W. Bush**, 2001, n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2001/06/20010606-2.html>>. Acesso em: 10 dez. 2022. No original: “The achievement of Operation Overlord is nearly impossible to overstate, in its consequences for our own lives and the life of the world. Free societies in Europe can be traced to the first footprints on the first beach on June 6, 1944. What was lost on D-Day we can never measure and never forget”.

³⁹⁷ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “Bedford has a special place in our history. But there were neighborhoods like these all over America, from the smallest villages to the greatest cities. Somehow they all produced a generation of young men and women who, on a date certain, gathered and advanced as one, and changed the course of history. Whatever it is about America that has given us such citizens, it is the greatest quality we have, and may it never leave us”.

motivo pelo qual os heróis do Dia D lutaram e morreram. E estes, afinal, são os maiores monumentos aos sacrifícios feitos naquele dia.³⁹⁸

Pouco depois, ele finaliza o discurso de uma maneira que evoca o tema geral de *O resgate do soldado Ryan*, que analisaremos no capítulo a seguir: o de merecimento dos sacrifícios. Ele diz:

Há cinquenta e sete anos, a América e as nações da Europa formaram um vínculo que nunca foi quebrado. E todos nós contraímos uma dívida que nunca poderá ser paga. Hoje, enquanto a América dedica nosso Memorial do Dia D, oramos para que nosso país seja sempre digno da coragem que nos livrou do mal e salvou o mundo livre.³⁹⁹

O que destaca o discurso de Bedford dos discursos na Normandia (incluindo o que ele mesmo proferiria três anos depois e veremos a seguir) é que nele o crédito pela libertação da Europa e mesmo do dito “mundo livre” é depositado quase que exclusivamente nos Estados Unidos, uma vez que, a despeito da presença do embaixador francês, era um discurso em solo americano na comunidade que proporcionalmente mais perdeu vidas naquela batalha. Não foi um discurso feito para agradar Jacques Chirac ou Elizabeth II; ele foi confeccionado para acalantar os cidadãos de Bedford, especialmente aqueles ainda vivos com laços familiares com os mortos, estivessem eles presentes na cerimônia ou não.

Além disso, o presidente usava este tipo de situação para lembrar aos eleitores do seu comprometimento com as forças armadas. “Nas últimas semanas, ele falou na formatura da Marinha em Annapolis, Maryland, participou de eventos do Memorial Day em Washington e Arizona e visitou Camp Pendleton, Califórnia”,⁴⁰⁰ afirmava um artigo do *New York Times* sobre sua presença em Bedford naquele 6 de junho de 2001.

³⁹⁸ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “The great enemies of that era have vanished. And it is one of history's remarkable turns that so many young men from the new world would cross the sea to help liberate the old. Beyond the peaceful beaches and quiet cemeteries lies a Europe whole and free -- a continent of democratic governments and people more free and hopeful than ever before. This freedom and these hopes are what the heroes of D-day fought and died for. And these, in the end, are the greatest monuments of all to the sacrifices made that day”.

³⁹⁹ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “Fifty-seven years ago today, America and the nations of Europe formed a bond that has never been broken. And all of us incurred a debt that can never be repaid. Today, as America dedicates our D-Day Memorial, we pray that our country will always be worthy of the courage that delivered us from evil, and saved the free world”.

⁴⁰⁰ SANGER, David E. Bush honors D-Day troops at dedication of memorial. *The New York Times*, 2001, n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2001/06/07/us/bush-honors-d-day-troops-at-dedication-of-memorial.html>>. Acesso em: 10 dez. 2022. No original: “In the past few weeks, he

Apesar de acenar mais para o público estadunidense, este evento precedia uma viagem que o presidente faria para a Europa, onde visitaria a Espanha, Bélgica, Suécia, Polônia e Eslovênia. Alguns de seus colegas europeus demonstravam objeção por algumas posições da administração Bush, especialmente sobre defesa antimísseis e disposição de revogar o Tratado de Mísseis Antibalísticos, rejeição do acordo de Kyoto sobre o aquecimento global e ânsia de reduzir as tropas nos Bálcãs.⁴⁰¹

Mas aproximadamente dois meses depois dessa cerimônia em Bedford, as preocupações estadunidenses ganharam um novo direcionamento.

Era uma manhã ensolarada típica de terça-feira em Nova York no dia 11 de setembro de 2001 quando um cenário que outrora parecia possível apenas no cinema se tornou uma realidade: as duas torres que compunham o World Trade Center foram atingidas por dois aviões. Os atentados tiraram a vida de milhares de pessoas no dia e tantas outras depois, como as que faleceram por doenças causadas pela aspiração de detritos causados pelo desmoronamento das torres, e as imagens dos ataques chocaram o mundo.

Como se não bastassem os dois atentados, o prédio do Pentágono, que é o quartel-general das forças armadas estadunidenses, também foi atingido, e um quarto atentado só não ocorreu porque o quarto voo raptado por terroristas acabou sendo derrubado na Pensilvânia durante um tumulto causado pelos próprios passageiros.

Em pouco tempo uma organização fundamentalista, a Al Qaeda, derivada dos *mujahideen* afegãos que anos antes receberam apoio da CIA para enfrentar os soviéticos na Guerra Afegã-Soviética, assumiu a autoria dos ataques. Diante dessa situação, os Estados Unidos não demorariam a planejar uma retaliação, uma vez que este foi o primeiro ataque estrangeiro ao território continental estadunidense desde a guerra de 1812-1815 contra a Inglaterra. E ela começou com a invasão do Afeganistão sob o argumento de captura de Osama Bin Laden, e no ano seguinte o país invadiria o Iraque, tendo como desculpa o suposto poderio de armas de destruição em massa por parte do ditador Saddam Hussein, além de implicar que o país teria tido alguma relação com a Al-Qaeda.

has spoken at the Navy graduation at Annapolis, Md., attended Memorial Day events in Washington and Arizona, and visited Camp Pendleton, Calif. He clearly enjoys military crowds, who often cheer him wildly”.

⁴⁰¹ VOGEL, Steve. ‘You have raised a fitting memorial’. **The Washington Post**, 2001. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/archive/politics/2001/06/07/you-have-raised-a-fitting-memorial/3771f751-a3fe-4979-912a-449e9eb17f45/>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

Os Estados Unidos estavam, portanto, com estas duas guerras em andamento. Parte dos integrantes da OTAN apoiou o ataque, como o Reino Unido, mas outros como a França e a Alemanha tiveram seu quinhão de desconfiança quanto a empreitada. Quando o Dia D completou sessenta anos de idade, os Estados Unidos tinham novos inimigos e uma vez mais a aliança do Atlântico Norte receberia atenção no discurso presidencial.

Bush não hesitaria em participar dos sessenta anos do Dia D como chefe de Estado, continuando a tradição iniciada por Reagan. Seu pai, George H. W. Bush, foi o único governante do período entre Reagan e Donald Trump a não visitar a Normandia, o que é de certa forma irônico ao se levar em conta que ele foi também o único presidente, de Jimmy Carter a Joe Biden, que atuou na Segunda Guerra Mundial.

Em 2004, Bush discursou em Colleville-sur-mere pelo aniversário do Dia D. Seu discurso foi majoritariamente focado em falar sobre os veteranos em si, contando diversas histórias tanto de militares quanto civis, de sobreviventes a pessoas que morreram nas praias. Ao contrário de Reagan e Clinton, Bush foi extremamente econômico na evocação da unidade entre os membros da OTAN, e também nas evocações de luta pela liberdade e democracia, o que talvez possa ser explicado pela relação levemente abalada entre alguns membros a respeito dos rumos da guerra no Iraque. Jacques Chirac, presidente francês na época, era um dos maiores críticos da invasão, mas ainda assim manteve a cordialidade ao afirmar no evento que a França jamais esqueceria seu débito em relação aos Estados Unidos e “aqueles homens que fizeram o sacrifício supremo para libertar nosso solo, nossa terra natal, nosso continente, do jugo da barbárie nazista e sua loucura assassina. Nem jamais esquecerá sua dívida para com a América, seu amigo eterno.”⁴⁰²

Apesar desse tom conciliador, é importante frisar que o presidente francês fez também referências à importância das Nações Unidas, órgão este cujo Conselho de Segurança foi sumariamente ignorado pela coalizão formada pelos Estados Unidos para invadir o Iraque. A mensagem, embora nas entrelinhas, era clara para qualquer entendedor.

A coisa que mais chamou atenção neste aniversário, a longo prazo, foi o fato de este ser o primeiro aniversário do Dia D na história a contar com o chanceler alemão e o presidente russo, que na época eram Gerhard Schröder e Vladimir Putin, respectivamente.

⁴⁰² ASSOCIATED PRESS. Leaders honor D-Day veterans in Normandy. **NBC News**, 2001, n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://www.nbcnews.com/id/wbna5144550>>. Acesso em: 10 dez. 2022. No original: “those men who made the supreme sacrifice to liberate our soil, our native land, our continent, from the yoke of Nazi barbarity and its murderous folly. Nor will it ever forget its debt to America, its everlasting friend”.

No entanto, algo inesperado que acabou ofuscando toda a cerimônia do dia 6 aconteceu um dia antes: Ronald Reagan, aos 93 anos, faleceu na Califórnia. Lutando há uma década contra os sintomas de Alzheimer, o presidente acabou falecendo de pneumonia na véspera de uma data que passaria a ser invariavelmente atrelada a seu nome pelas administrações estadunidenses futuras.⁴⁰³ A notícia se espalhou justamente no dia do aniversário de sessenta anos do evento que ele ajudou a popularizar vinte anos antes.

De acordo com Douglas Brinkley:

O momento da morte de Reagan, de fato, foi tão exato que muitos jornalistas murmuraram baixinho que a equipe Nancy Reagan-Mike Deaver o havia encenado para coincidir com o vigésimo aniversário de seu discurso Boys of Pointe du Hoc e o sexagésimo aniversário do Dia D. Eles haviam “puxado o plugue”, por assim dizer, para que Reagan morresse em 5 de junho, a fim de perpetuar sua posição histórica como um ícone da era da Segunda Guerra Mundial. Esse rumor improvável estilo Hemlock Society⁴⁰⁴ recebeu mais crédito pelo fato de que, desde a tentativa de assassinato de Reagan em 30 de março de 1981, com o consentimento do quadragésimo presidente, Nancy havia microgerenciado todos os planos para o funeral de seu marido, fazendo ajustes detalhados nos vários aspectos cerimoniais do temido dia com cuidado exato. Ronnie e Nancy concordaram que deveria haver cerimônias fúnebres na Califórnia e em Washington, D.C.⁴⁰⁵

A notícia da morte de Reagan chegou à administração Bush engajada com as festividades do dia 6, e o que restou a Bush foi iniciar seu discurso no cemitério de Colleville com uma breve homenagem. Após se dirigir às autoridades presentes, Bush afirmou: “Vinte verões atrás, outro presidente americano veio aqui para a Normandia para

⁴⁰³ NEUMAN, Johanna. Former President Reagan Dies at 93. **Los Angeles Times**, 2004. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20131027024205/https://latimes.com/news/obituaries/la-reagan,0,2289200.story>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

⁴⁰⁴ A Hemlock Society foi uma organização estadunidense cuja atuação se dava na conscientização pelo direito à morte assistida.

⁴⁰⁵ BRINKLEY, op. cit., p. 218 (tradução nossa). No original: “Reagan's timing of death, in fact, was so right on cue that many newsmen muttered under their breath that the Nancy Reagan-Mike Deaver team had staged it to coincide with both the twentieth anniversary of his Boys of Pointe du Hoc speech and the sixtieth anniversary of D-Day. They had “pulled the plug”, so to speak, to have Reagan die on June 5 in order to perpetuate his historical standing as a World War II-era icon. This unprovable Hemlock Society-like rumor was given further credence by the fact that since the attempted assassination of Reagan on March 30, 1981, with the fortieth president's consent, Nancy had micromanaged all the plans for her husband's funeral, making detailed adjustments to the various ceremonial aspects of the dreaded day with exacting care. Ronnie and Nancy were both in agreement that there should be funeral ceremonies in both California and Washington, D.C.”.

prestar homenagem aos homens do Dia D. Ele próprio era um homem corajoso e um líder galante na causa da liberdade. E hoje honramos a memória de Ronald Reagan.”⁴⁰⁶

Após esta observação seguida de aplausos, Bush dá seguimento ao discurso, sem que qualquer nova menção a Reagan surgisse, o que demonstra que a observação acima citada provavelmente foi uma adição de última hora.

Vale a menção de que, no mesmo dia 6, o presidente em exercício deliberou homenagens ao ex-presidente falecido, ordenando que a bandeira dos Estados Unidos fosse exibida a meio mastro na Casa Branca e em todos os edifícios, terrenos e embarcações da Marinha por trinta dias a partir do dia da morte de Reagan, e que os representantes do país no exterior fizessem o mesmo nas embaixadas, delegações, instalações militares e outras instalações equivalentes. Ele designou também o dia 11 de junho de 2004 como um dia nacional de luto.⁴⁰⁷

Sobre Reagan, Bush afirmou o seguinte:

Ronald Reagan acreditava que Deus está do lado da justiça e que a América tem um chamado especial para se opor à tirania e defender a liberdade. Por meio de sua coragem e determinação, ele aumentou a segurança da América e promoveu a propagação da paz, liberdade e democracia para milhões de pessoas que viviam na escuridão e na opressão. Como presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan ajudou a mudar o mundo.⁴⁰⁸

A cerimônia acabou sendo completamente ofuscada na TV estadunidense. Todos os maiores canais estadunidenses (ABC, NBC, CBS, CNN e Fox News) passaram a cobrir a morte de Reagan emergencialmente. “Todas as redes de televisão passaram o discurso

⁴⁰⁶ BUSH, op. cit., n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2004/06/20040606.html>>. Acesso em: 10 dez. 2022. No original: “Twenty summers ago, another American President came here to Normandy to pay tribute to the men of D-Day. He was a courageous man, himself, and a gallant leader in the cause of freedom. And today we honor the memory of Ronald Reagan”.

⁴⁰⁷ BUSH, George W. Announcing the Death of Ronald Reagan. **The White House - President George W. Bush**, 2004a. Disponível em: <<https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2004/06/20040606-1.html>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

⁴⁰⁸ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “Ronald Reagan believed that God takes the side of justice and that America has a special calling to oppose tyranny and defend freedom. Through his courage and determination, he enhanced America's security and advanced the spread of peace, liberty, and democracy to millions of people who had lived in darkness and oppression. As America's President, Ronald Reagan helped change the world”.

dos Rapazes de Pointe du Hoc de Reagan repetidas vezes, o discurso hesitante do presidente Bush na Normandia empalideceu em comparação.”⁴⁰⁹

Em comparação aos discursos de Reagan e Clinton, o discurso de Bush soa bastante insípido, elencando fatos em sequência de tal maneira que as intenções políticas do discurso aparecem de maneira mais discreta. Dos cinco discursos que analisamos neste trabalho, este é de longe o que mais traz informações factuais sobre o Dia D, a ponto de ser quase todo formado por elas.

Os poucos momentos que fogem deste elenco de fatos e se adequam ao formato de aceno aos aliados internacionais ocorrem quando Bush, logo no começo, relembra alianças de outras épocas entre França e Estados Unidos, possivelmente como gesto de boa fé naquele momento de relações abaladas. “Sr. Presidente, obrigado por suas boas-vindas à reunião de aliados. A história nos lembra que a França foi o primeiro amigo da América no mundo”,⁴¹⁰ ressaltou Bush ao se dirigir a Jacques Chirac.

No meio do discurso, outro momento é digno de nota:

Em toda a Europa, os americanos compartilharam a batalha com britânicos, canadenses, poloneses, franceses livres e bravos cidadãos de outras terras reconquistadas uma a uma do domínio nazista. Nas provações e total sacrifício da guerra, nos tornamos aliados inseparáveis. As nações que libertaram uma Europa conquistada ficariam juntas pela liberdade de toda a Europa. As nações que lutaram em todo o continente se tornariam parceiras de confiança na causa da paz. E nossa grande aliança de liberdade é forte e ainda é necessária hoje.⁴¹¹

⁴⁰⁹ BRINKLEY, op. cit., p. 221 (tradução nossa). No original: “All the television networks played Reagan's the Boys of Pointe du Hoc speech over and over, President Bush's halting Normandy address paled in comparison”.

⁴¹⁰ BUSH, George W. Remarks on the 60th Anniversary of D-Day in Colleville-sur-Mer. **The White House - President George W. Bush**, 2004b, n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2004/06/20040606.html>>. Acesso em: 10 dez. 2022. No original: “Mr. President, thank you for your gracious welcome to the reunion of allies. History reminds us that France was America's first friend in the world”.

⁴¹¹ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “Across Europe, Americans shared the battle with Britains, Canadians, Poles, free French, and brave citizens from other lands taken back one by one from Nazi rule. In the trials and total sacrifice of the war, we became inseparable allies. The nations that liberated a conquered Europe would stand together for the freedom of all of Europe. The nations that battled across the continent would become trusted partners in the cause of peace. And our great alliance of freedom is strong, and it is still needed today”.

E ao final, o presidente afirma: “A América honra todos os libertadores que lutaram aqui na mais nobre das causas, e a América faria isso novamente por nossos amigos.”⁴¹²

Fica evidente que o período entre o fim da Guerra Fria até meados de 2004-2005, foi o período em que a mitificação do Dia D se consolidou sobre as bases estabelecidas por Reagan nos anos 1980. Uma conjunção de criadores e autores aliados a presidentes, alguns com interesses mercadológicos e outros interessados em agradar aos eleitores e aos aliados da OTAN (especialmente os presidentes franceses), transformou a nostalgia pela Segunda Guerra Mundial e a visão do Dia D como evento mitológico em um *Zeitgeist* daquele período, e por mais que essa idolatria tenha começado a perder força na segunda metade dos anos 2000, o Dia D como evento que “salvou o mundo”, ou “foi o ponto de virada do século XX”, ou “libertou a Europa da tirania” se tornou um fato no senso comum, ao menos entre os que sabem do que o evento se trata. Não temos dados que nos demonstrem o grau de conhecimento do que foi a invasão da Normandia entre a população estadunidense em 2022, e isso foge ao escopo deste trabalho. Talvez o evento esteja muito lentamente voltando a cair em certo esquecimento, até que ele seja novamente resgatado e colocado sob os holofotes aos olhos da nação, carregado de adjetivos e declarações laudatórias. Apenas o futuro nos dirá.

Mas não podemos dar o assunto por encerrado sem falar sobre esforços fundamentais para entender não apenas o sucesso da mitificação do Dia D, mas também em como esse processo se espalhou para outros lugares do mundo. Afinal, o resto do planeta não dá grande atenção para todos os discursos de presidentes estadunidenses, mas filmes, séries e jogos eletrônicos ultrapassam as fronteiras estabelecidas pela política institucional e ajudam a gravar nos corações e mentes das pessoas não apenas o conhecimento dos fatos representados, mas também discursos e ideologias. E a mitificação do Dia D teve aliados muito valiosos entre o fim dos anos 1990 e parte dos anos 2000. O Dia D passou de um evento importante do passado a *blockbuster*.

⁴¹² Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “America honors all the liberators who fought here in the noblest of causes, and America would do it again for our friends”.

CAPÍTULO 7

DIA D BLOCKBUSTER

“[...] todo filme sobre guerra acaba sendo um filme pró-guerra.”

François Truffaut⁴¹³

Tudo o que envolveu as comemorações dos cinquenta anos do Dia D impulsionou ainda mais sua mitologia nos corações e mentes dos estadunidenses. No entanto, a maior parte desses elementos formadores de uma mitologia ficava majoritariamente restrita aos Estados Unidos, uma vez que muito do que descrevemos até então era levado a corações e mentes através das ondas do rádio e dos televisores presentes nas casas dos estadunidenses. A mitificação do Dia D seria impulsionada a nível mundial, de fato, a partir de 1998 com o lançamento de um dos filmes de guerra mais aclamados da história, além de uma aclamada série televisiva e jogos que mudaram o mundo dos games. E tudo isso com atuação direta ou indireta de um dos mais bem-sucedidos diretores hollywoodianos da história.

No capítulo anterior vimos como os anos 1990 e o começo dos anos 2000 foram determinantes para consolidar a mitificação do Dia D focando nos elementos não-ficcionais que construíram este panorama. Nestes últimos capítulos, vamos nos debruçar sobre as iniciativas que trouxeram o 6 de junho para o mundo do entretenimento, divulgando a importância desta data para milhões de pessoas de todas as idades pelo mundo, analisando o filme *O resgate do soldado Ryan*, a série televisiva *Band of Brothers* e no capítulo a seguir trataremos de jogos eletrônicos das séries *Medal of Honor* e *Call of Duty*. E para falar dessas produções, é fundamental entender ao menos parte da trajetória de Steven Spielberg, um verdadeiro rei dos blockbusters que gradativamente buscava prestígio entre seus pares desenvolvendo filmes considerados ‘sérios’ pela crítica cinematográfica. Em sua trajetória em busca do prestígio entre seus colegas mais tradicionais, o Dia D teve um papel central.

⁴¹³ NAYMAN, Adam. ‘1917’ and the Trouble With War Movies. **The Ringer**, 2020, n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://www.theringer.com/movies/2020/1/29/21112768/war-movies-1917-dunkirk-saving-private-ryan-apocalypse-now>>. Acesso em: 14 dez. 2022. No original: “every film about war ends up being pro-war”.

7.1 Steven Spielberg, “o cara dos *blockbusters*”

Nascido em 18 de dezembro de 1946 em Cincinnati, Ohio, Steven Allan Spielberg era filho do engenheiro eletricitista Arnold Spielberg e da pianista Leah Frances. Descendente de judeus russos por parte tanto de pai quanto de mãe, Spielberg morou em diferentes estados e estudou na California State University, em Long Beach, largando os estudos para buscar uma carreira no cinema. A decisão seria muito mais frutífera do que o jovem poderia imaginar; ao seguir a carreira cinematográfica, o jovem viria a se tornar uma lenda do cinema, sendo parcialmente responsável por algumas mudanças significativas pelas quais a sétima arte passaria entre o fim dos anos 1970 e durante a década de 1980 como um todo, além de se tornar um dos membros do mundo hollywoodiano a se tornar efetivamente um bilionário.

Sua carreira é muito extensa e não cabe a este trabalho resumi-la sob risco de descaracterização dos próprios objetivos dele. Ao invés disso, devemos privilegiar sua principal realização audiovisual dedicada ao Dia D, que viria a consolidar a invasão da praia de Omaha na consciência coletiva do público do cinema estadunidense: *O resgate do soldado Ryan*.

Mas para chegarmos ao momento em que Spielberg realiza este filme é necessário voltar no tempo alguns anos, quando o cineasta dirigiu não apenas uma de suas obras mais importantes, mas também aquele que é possivelmente o mais conhecido filme sobre o Holocausto já realizado, *A lista de Schindler*.

O interesse de Spielberg na história de Schindler surgiu imediatamente após o lançamento do livro semificcional *Schindler's Ark*, escrito por Thomas Keneally. A obra fisgou a atenção do diretor, que explicou a razão em entrevista ao New York Times em dezembro de 1993 afirmando que o livro de Keneally era bastante factual, distante e seco, que não tentava arrancar lágrimas do leitor. Isso lhe inspirou na ideia de um filme que tivesse uma abordagem parecida, menos voltada em arrancar lágrimas do espectador e mais focada na apresentação de fatos, por acreditar que essa abordagem crua deixaria o filme naturalmente mais emocional.⁴¹⁴

⁴¹⁴ WEINRAUB, Bernard. Film: Steven Spielberg Faces the Holocaust. **The New York Times**, 1993. Disponível em: <<https://archive.nytimes.com/www.nytimes.com/books/97/06/15/reviews/spielberg-holocaust.html>>. Acesso em: 09 jun 2022.

A obra foi lançada em 1982, mas apesar de despertar o interesse do diretor logo de cara, a complexidade do assunto e o caráter pessoal da história em questão fizeram com que Spielberg hesitasse em dirigir um filme derivado do livro. Ainda assim, por influência do diretor, a Universal Studios adquiriu os direitos da obra. O diretor entendia que ainda não era a hora de se enveredar por uma empreitada como aquela, acreditando que seria melhor realizar o filme quando estivesse mais velho.⁴¹⁵

Uma das principais influências para que Spielberg dirigisse o filme, ao invés de passá-lo para outro diretor—como quase aconteceu, uma vez que por pouco *A lista de Schindler* não foi dirigido por Martin Scorsese—, foi Leopold Page, apelidado de Paul. Page era um polonês, nascido Leopold Pfefferberg, e foi um dos *Schindlerjuden*, ou “judeus de Schindler”, termo usado para se referir aos mais de mil judeus salvos pelo industrial alemão. “Poldek” Pfefferberg, como era chamado na época, atuava no mercado paralelo para Schindler, e depois foi enviado para trabalhar no campo de trabalhos forçados de Plaszów sob o comandante da SS Amon Goeth, a quem Schindler subornou para que Pfefferberg, sua esposa e alguns outros judeus atuando no campo fossem trabalhar na sua *Deutsche Emailwaren Fabrik*, nos arredores de Cracóvia. Posteriormente, como os demais *Schindlerjuden*, foi levado para a fábrica de munições em Brünnlitz, na Tchecoslováquia, onde trabalhava quando a guerra estava perto do fim. Pfefferberg migrou para os Estados Unidos e decidiu dedicar sua vida a levar adiante a história do homem a quem ele atribuiu seu salvamento, além de mobilizar outros *Schindlerjuden* para ajudar o próprio Schindler, que fracassou em todos os seus empreendimentos após a guerra. Com uma série de fotografias e documentos em mãos, Pfefferberg buscou incansavelmente por alguém disposto a contar aquela história, e quase conseguiu em 1963 que a produtora MGM realizasse um filme sobre o industrial alemão. Embora o filme não tenha sido realizado, o acordo resultou em uma quantia de \$37.000 para o próprio Schindler.⁴¹⁶

A história do industrial membro do partido nazista que salvou mais de mil judeus em plena Segunda Guerra Mundial atraiu as atenções tanto de Thomas Keneally quanto de Steven Spielberg. “Ele era falho, não precisaria ser reverenciado”, afirmou o autor de *Schindler’s Ark*. “Ele era um mau marido; usava as pessoas como mão de obra barata, mas ao mesmo tempo respeitava a humanidade de seus prisioneiros, ele tinha uma

⁴¹⁵ Ibid.

⁴¹⁶ McBRIDE, Joseph. **Steven Spielberg**: a biography. 2 ed. Jackson: University Press of Mississippi, 2010, p. 424-425.

consideração amável por essas pessoas.”⁴¹⁷ Segundo o autor, uma das razões pelas quais ele quis escrever um livro sobre o assunto em questão foi para perguntar a si mesmo como ele teria se comportado naquela situação. Ele afirma que não conseguiu responder a essa questão, algo que lhe assusta.⁴¹⁸

O fascínio pela história também contagiou Spielberg:

Eu fui atraído por ela por causa da natureza paradoxal do personagem [...] Não era sobre um judeu salvando judeus, ou uma pessoa neutra da Suécia ou Suíça salvando judeus. Era sobre um nazista salvando judeus... O que levaria um homem como esse a pegar de repente tudo o que ganhou e colocar tudo a serviço de salvar essas vidas?⁴¹⁹

Quando Spielberg foi para a Polônia em 1993 para filmar *A lista de Schindler*, o diretor entendia a empreitada como um grande risco. De um ponto de vista financeiro, era uma aposta arriscada a se fazer, pois havia o risco de prejuízo para a Universal.

Eu garanti ao estúdio que eles perderiam todo o dinheiro deles [...] Eu disse a eles que os \$22 milhões que estava custando pra fazer o filme, eles poderiam simplesmente me dar pra fazer o filme, porque eles não veriam nada dele. Isso é o quão pessimista eu estava de que haveria um clima pronto pra aceitar [o que é] essencialmente um filme sobre ódio racial.⁴²⁰

Nenhum estúdio hollywoodiano jamais tinha feito um filme sobre o Holocausto com uma proposta tão crua e brutal. Além do mais, se tratava de um filme de mais de três horas em preto-e-branco, características que normalmente afastam parte do público.

Outra questão que tornava o filme um risco era a própria trajetória de Spielberg. O diretor já era amplamente conhecido não apenas entre a comunidade de cinéfilos, mas

⁴¹⁷ WEI, Tian; YANI, Yang. Interview with Thomas Keneally, author of 'Schindler's Ark'. CGTN, 2017, n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://news.cgtn.com/news/3d497a4e3541444e/index.html>>. Acesso em: 09 jun 2022. No original: ““He was flawed, he wouldn’t have to be revered [...] He was a bad husband; he used people as cheap labor, but at the same time respected the humanity of his prisoners. While he wanted to be rich, he had an amiable regard for these people.””.

⁴¹⁸ Ibid.

⁴¹⁹ McBRIDE, op. cit., p. 424 (tradução nossa). No original: ““I was drawn to it because of the paradoxical nature of the character,” Spielberg recalled. “It wasn’t about a Jew saving Jews, or a neutral person from Sweden or Switzerland saving Jews. It was about a Nazi saving Jews.... What would drive a man like this to suddenly take everything he had earned and put it all in the service of saving these lives?””.

⁴²⁰ Ibid, p. 416 (tradução nossa). No original: “I guaranteed the studio they’d lose all their money,” Spielberg recalled. “I told them that the \$22 million it was costing to make the film, they might as well just give it away to me to make this film, because they were never going to see anything from it. That’s how pessimistic I was that there was a climate ready to accept [what is] essentially a movie about racial hatred. I was happily wrong.”.

também do grande público por conta de alguns de seus filmes que arrastaram milhões de espectadores para os cinemas e que entraram para a história da indústria cultural, como *Tubarão*, *Contatos Imediatos do Terceiro Grau*, *Os Caçadores da Arca Perdida*, *Indiana Jones e o Templo da Perdição*, *Indiana Jones e a Última Cruzada* e *E.T. - O extraterrestre*. Ainda que tivesse em sua filmografia obras que tocavam em assuntos considerados mais ‘sérios’ como *A Cor Púrpura* e *Império do Sol*, o diretor era conhecido principalmente pelos seus *blockbusters*,⁴²¹ o que dava a ele a imagem de um diretor de filmes mais leves, do típico cinema-entretenimento estadunidense.

Mesmo os dois filmes considerados “sérios” pelos críticos não foram lançados sem sua cota de críticas negativas. No caso de *Império do Sol*, uma história de amadurecimento de um garoto chamado Jim Graham em plena ocupação japonesa na China, o conhecido crítico estadunidense Roger Ebert questiona: “Que declaração Spielberg quer fazer sobre Jim, se é que há uma? Que os sonhos são importantes? Que a sobrevivência é uma virtude? O filme cai na armadilha de tantas histórias de guerra, e transforma horror em nostalgia.”⁴²² E continua:

A falta geral de direção do filme leva ao que parece ser uma série de finais possíveis; tendo pouca ideia clara de para onde estava indo, Spielberg não tem certeza se chegou lá. A fraqueza do filme é a falta de uma forte atração narrativa do começo ao fim. Toda a seção central é basicamente apenas a episódica vida diária na prisão e os sonhos do menino. “Império do Sol” soma-se a uma ideia promissora, uma produção cuidadosamente observada e algumas performances interessantes. Mas apesar do potencial emocional da história, não me comoveu muito.⁴²³

⁴²¹ *Blockbuster* (algo como “arrasa-quarteirão” em tradução livre) é um termo que se refere a filmes e livros que são produzidos com o intuito de atingir grande público e performar grande sucesso comercial. O próprio conceito teria surgido a partir do sucesso estrondoso de *Tubarão* (1975), dirigido pelo próprio Spielberg em um de seus primeiros trabalhos, e surge do fato de que as filas para as exhibições do filme darem voltas nas quadras dos cinemas.

⁴²² EBERT, Roger. *Empire of the Sun*. **RogerEbert.com**, 1987, n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://www.rogerebert.com/reviews/empire-of-the-sun-1987>>. Acesso em: 22 ago. 2022. No original: “What statement does Spielberg want to make about Jim, if any? That dreams are important? That survival is a virtue? The movie falls into the trap of so many war stories, and turns horror into nostalgia.”.

⁴²³ *Ibid.*, n.p. (tradução nossa). No original: “The movie's general lack of direction leads to what seems like a series of possible endings; having little clear idea of where he was going, Spielberg isn't sure if he has arrived there. The movie's weakness is a lack of a strong narrative pull from beginning to end. The whole central section is basically just episodic daily prison life and the dreams of the boy. “Empire of the Sun” adds up to a promising idea, a carefully observed production and some interesting performances. But despite the emotional potential in the story, it didn't much move me.”.

Hal Hinson, escrevendo para o jornal *The Washington Post*, reconhecia o talento do diretor e seu domínio dos aspectos técnicos da direção cinematográfica, mas dizia que “Spielberg é vítima de seus próprios dons. [...] muito do filme foi concebido como uma vitrine de seu brilhantismo. Está sobrecarregado de epifanias.”⁴²⁴

Já algumas das críticas ao filme *A cor púrpura* foram mais severas. O filme foi acusado de sexismo por grupos feministas, e uma parcela da comunidade negra acusou o filme de desenvolver uma representação racista dos homens negros e as famílias formadas por integrantes negros. Ainda assim, *A cor púrpura* concorreu a onze estatuetas do Oscar, não levando nenhuma delas, o que fez com que a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas também fosse acusada de racismo.⁴²⁵ O filme foi também acusado de romantizar o sul dos Estados Unidos fazendo com que o filme fosse chamado de “...E o vento levou de 1985”.⁴²⁶

Ao realizar *A lista de Schindler*, o diretor corria o risco de ser ridicularizado por fazer um filme a respeito de um tema tão sensível sendo um diretor tão ligado aos *blockbusters*. Havia também o risco de a imagem do filme ser prejudicada com o público por conta dessa visão popular em torno do tipo de cinema realizado por Spielberg.⁴²⁷ Seus críticos não seriam mais condescendentes; Spielberg era acusado por eles de criar personagens unidimensionais, manipular os sentimentos do público, uso excessivo de clichês e de ter um olhar infantilizado em relação ao mundo.⁴²⁸

Spielberg buscou filmar a obra no máximo possível de locações reais. Além de filmar nas ruas de Cracóvia, o diretor teve a oportunidade de rodar a película também no prédio onde ficava a fábrica de Schindler, no prédio onde ficava seu apartamento, no quartel-general e na prisão da SS e nos trilhos de trem que levam a Auschwitz (o Congresso Judaico Mundial vetou filmagens nos portões do campo em questão, temendo que o filme fosse uma espetacularização hollywoodiana do Holocausto). Já o campo de Plaszów precisou ser reconstruído adjacente ao campo verdadeiro, uma vez que este já

⁴²⁴ HINSON, Hal. Empire of the Sun. **Washington Post**, 1987, n.p. (tradução nossa). Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/wp-srv/style/longterm/movies/videos/empireofthesunpghinson_a0a8cf.htm>. Acesso em: 22 Ago 2022. No original: “Spielberg is a victim of his own gifts. [...] too much of the film has been conceived as a showcase for his brilliance. It's overburdened with epiphanies.”.

⁴²⁵ FRIENDLY, David T. Academy hist racism accusation. **The Times**, 1986. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20210905111245/https://www.latimes.com/archives/la-xpm-1986-03-27-ca-1097-story.html>>. Acesso em: 09 jun 2022.

⁴²⁶ LaPORTE, Nicole. **The men who would be king**: an almost epic tale of moguls, movies, and a company called DreamWorks. Nova York: Houghton Mifflin Harocurt, 2010. Ebook, n.p.

⁴²⁷ McBRIDE, op. cit., p. 429.

⁴²⁸ WEINRAUB, op. cit.

havia passado por muitas modificações nos anos pós-guerra, a ponto de descaracterizá-lo demais para uma filmagem que pretendia tanta precisão histórica.⁴²⁹

O tema da Segunda Guerra Mundial—o pano de fundo do Holocausto—era um tema que muito fascinava Spielberg. Seu pai foi um operador de rádio em um B-25 na Birmânia durante o conflito, e para o diretor, a guerra foi “o fim de uma era, o fim da inocência”.⁴³⁰ Por consequência, Spielberg transformou isso em um ponto central no anteriormente citado *Império do Sol*, afirmando o seguinte:

Eu queria traçar uma história paralela entre a morte da inocência desse menino e a morte da inocência do mundo inteiro. Quando aquela luz branca se apaga em Nagasaki e o menino testemunha a luz—se ele realmente vê ou sua mente vê, não importa. Dois inocentes chegaram ao fim e um mundo triste começou.⁴³¹

No caso de *A lista de Schindler* o tema do filme ultrapassa a discussão sobre o fim da inocência—uma interpretação sem dúvidas possível—e dialoga com questões mais profundas para seu realizador.

O assunto do filme em questão era tremendamente pessoal para o diretor, uma vez que ele próprio é judeu e alguns de seus familiares por parte de pai morreram no Holocausto. A experiência fez com que ele se conectasse ainda mais com sua identidade judaica, algo que o próprio diretor admite não ter sido tão forte até então. Spielberg chorava com frequência durante as filmagens, e o próprio admite que o que lhe manteve suficientemente firme para continuar com o trabalho foi a presença de sua esposa, Kate Capshaw, e seus cinco filhos.

Contra todas as expectativas pessimistas em torno do filme, *A lista de Schindler* arrecadou \$321.2 milhões de dólares e teve um impacto incalculável na percepção pública em torno do Holocausto na época em que foi lançado. Os líderes de diversos países como Estados Unidos, Israel, Alemanha, Áustria, Polônia, França e outros participaram de exposições especiais e tiveram encontros públicos e privados com Spielberg. Bill Clinton,

⁴²⁹ McBRIDE, op. cit., p. 431.

⁴³⁰ FORSBURG, Myra. Spielberg at 40: the man and the child. **New York Times Books**, 1988, n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://archive.nytimes.com/www.nytimes.com/books/97/06/15/reviews/spielberg-turns40.html>>.

Acesso em: 22 Ago 2022. No original: “the end of an era, the end of innocence”.

⁴³¹ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “I wanted to draw a parallel story between the death of this boy's innocence and the death of the innocence of the entire world. When that white light goes off in Nagasaki and the boy witnesses the light—whether he really sees it or his mind sees it doesn't matter. Two innocents have come to an end and a saddened world has begun.”.

presidente dos Estados Unidos na época e amigo pessoal do diretor, instigou o público estadunidense a ver o filme em um discurso proferido em primeiro de dezembro de 1993: “Eu imploro a cada um de vocês para assistirem... Vocês verão um retrato atrás do outro da diferença dolorosa entre pessoas que não têm mais esperança e não tem mais raiva, e pessoas que ainda têm esperança e ainda têm raiva”.⁴³² O analista de cinema Martin Grove, por sua vez, afirmou: “As linhas entre Hollywood e Washington borram mais quando presidentes começam a avaliar filmes [...] Tenho certeza de que a Universal espera que os espectadores ouçam Clinton com mais atenção do que a legislatura”.⁴³³

No seu discurso de aceitação do Oscar de melhor diretor pelo filme, além de agradecer sua esposa pelo apoio durante as filmagens e a sua mãe, presente na cerimônia, Spielberg enfatizou a importância crucial de Leopold Pfefferberg para que o filme existisse:

Isso nunca poderia ter acontecido—isso nunca poderia ter começado—sem um sobrevivente chamado Poldek Pfefferberg... Ele levou a história de Oskar Schindler a todos nós, um homem de completa obscuridade que nos faz desejar e esperar por Oskar Schindler em todas as nossas vidas.⁴³⁴

Por sentir que lucrar com *A lista de Schindler* seria desrespeitoso, Spielberg dirigiu o filme sem salário e abriu mão de porcentagem de lucro sobre a obra—que foi menor que de costume nesse filme em particular—até que a Universal recuperasse o que foi investido na produção. Todo o dinheiro que ele recebeu pela obra quando o filme atingiu números expressivos de bilheteria foram doados para organizações judaicas e projetos históricos como o Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos em Washington D.C.—que foi inaugurado apenas oito meses antes do lançamento do filme—e uma fundação sem fins lucrativos do próprio diretor, a Fundação de História Visual dos

⁴³² McBRIDE, op. cit., p. 435. No original: “I implore every one of you to go see it... you will see portrait after portrait of the painful difference between people who have no hope and have no rage left and people who still have hope and still have rage.”.

⁴³³ APPELO, Tim. Bill Clinton on “Schindler's List”. **Entertainment Weekly**, 1993, n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://ew.com/article/1993/12/17/bill-clinton-schindlers-list/>>. Acesso em: 09 jun 2022. No original: “The lines between Hollywood and Washington blur all the more when Presidents start reviewing movies [...] I’m sure Universal hopes moviegoers listen more attentively to Clinton than the legislature does.”.

⁴³⁴ SPIELBERG, Steven. Steven Spielberg Wins Best Directing: 1994 Oscars. **YouTube**, 2008 (tradução nossa). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7bRNEZVNVSSs>>. Acesso em: 09 jun 2022. No original: “This never could have happened—this never could have gotten started—without a survivor named Poldek Pfefferberg.... He has carried the story of Oskar Schindler to all of us, a man of complete obscurity who makes us wish and hope for Oskar Schindlers in all of our lives.”.

Sobreviventes da Shoah, fundada após o sucesso de *A lista de Schindler* com o objetivo de gravar o máximo possível de entrevistas com sobreviventes do Holocausto em grande escala, dentro e fora dos Estados Unidos.⁴³⁵

Naquele momento Spielberg decidiu que gostaria de intercalar seus filmes mais voltados para o entretenimento com outros que tratassem de assuntos mais socialmente relevantes. “Eu tenho uma responsabilidade. E eu quero ficar indo e voltando do entretenimento para filmes socialmente conscientes”,⁴³⁶ disse ele ainda durante a produção de *Jurassic Park*, filme que se tornou a maior bilheteria da história e assim permaneceu até que fosse destronado por *Titanic*, de James Cameron, e tantos outros que vieram depois. De acordo com Nicole LaPorte, “ele se cansou de ser ‘o cara do blockbuster’”. A Lista de Schindler provou que ele poderia ser um cineasta tão sério quanto seu amigo de longa data e rival Martin Scorsese, que era a escolha dos críticos.”⁴³⁷

No entanto, o diretor decidiu fazer uma pausa na carreira depois do exaustivo processo de trabalhar em dois filmes ao mesmo tempo (*Jurassic Park* e *A lista de Schindler*, ambos lançados em 1993). Seu próximo filme seria lançado apenas em 1997: *O mundo perdido*, sequência direta de *Jurassic Park*.

Durante esse hiato, Spielberg—aparentemente cansado de ser contratado por estúdios para fazer filmes para os outros—decidiu embarcar em uma empreitada que tomou a imprensa de assalto em 1994: a criação de um novo estúdio em Hollywood, que seria dedicado a diversas mídias. Seria o primeiro grande estúdio hollywoodiano desde a criação da *Twentieth Century-Fox* em 1935.⁴³⁸

Em 12 de outubro de 1994, três grandes nomes da indústria do entretenimento estadunidense convocaram uma coletiva de imprensa para anunciar o novo e ambicioso projeto. Além de Steven Spielberg, capitaneavam a empreitada David Geffen, responsável pela criação das gigantes Asylum e Geffen Records—gravadoras de renome que tornaram Geffen um bilionário— e Jeffrey Katzenberg, ex-diretor dos Estúdios Walt Disney, tendo estado no cargo por dez anos entre 1984 e 1994; No tempo em que foi diretor do estúdio, a Disney lançou algumas das animações de maior sucesso da história da empresa, como *Uma cilada para Roger Rabbit* (1988), *A pequena sereia* (1989), *A*

⁴³⁵ McBRIDE, op. cit., p. 416.

⁴³⁶ Ibid, p. 441 (tradução nossa). No original: “I feel I have a responsibility. And I want to go back and forth from entertainment to socially conscious movies.”.

⁴³⁷ LaPORTE, op. cit., n.p. (tradução nossa). No original: “[...] he had grown tired of being “the blockbuster guy.” Schindler’s List had proved that he could be just as serious a moviemaker as his longtime friend and rival Martin Scorsese, the critics’ choice”.

⁴³⁸ McBRIDE, op. cit., p. 444.

bela e a fera (1991), *Aladdin* (1992) e *O rei leão* (1994), muito embora há quem afirme que o “renascimento da Disney”—como esse período é chamado—não seria mérito do diretor.⁴³⁹

No anúncio dessa nova empreitada, o nome do estúdio ainda não havia sido escolhido, tendo sido decidido apenas em janeiro de 1995: DreamWorks SKG, sendo as três últimas letras referências a Spielberg, Katzenberg e Geffen. A ideia era que o novo estúdio fosse um grande império multimídia, destinado a realizar filmes *live-action*, filmes de animação, programas de televisão, música, jogos eletrônicos, animações para a TV, publicações, parques temáticos, entretenimentos ao vivo, teatro e merchandising.⁴⁴⁰

Apesar do início da companhia no fim de 1994, Spielberg só conseguiu dirigir seu primeiro filme pela DreamWorks em 1997, após finalizar sua parte nos trabalhos de *O mundo perdido* para a Universal Pictures. O novo estúdio lutava para ter sucessos cinematográficos significativos que validassem uma empreitada tão cara diante dos olhares atentos de uma Hollywood desconfiada, e a primeira aposta de Spielberg como diretor em seu próprio estúdio era *Amistad*, adaptação de uma história real de escravizados africanos que se rebelaram e mataram seus captores espanhóis no navio negreiro espanhol *La Amistad* em 1839, mas que foram capturados por uma embarcação estadunidense. Seu caso foi parar na Suprema Corte em 1841, onde foram defendidos pelo ex-presidente John Quincy Adams.

Sendo o primeiro filme ‘sério’ de Spielberg após *A lista de Schindler*, o diretor estava disposto a colocar todos seus esforços e empenho na obra. Ele queria dedicar o filme aos seus dois filhos afro-estadunidenses adotivos, Theo e Mikaela. “Eu senti muito fortemente que esta é uma história que eles deveriam conhecer”, disse Spielberg. “E meus outros filhos também devem saber disso. Foi uma história muito emocionante para contar.”⁴⁴¹

Spielberg insistia, inclusive em entrevistas, na importância de uma consciência social vinculada à obra, inclusive incentivando comparações entre o Holocausto e a escravidão de africanos no continente americano. Como afirmou em entrevista a um repórter no set de filmagens de *Amistad*:

⁴³⁹ TAYLOR, Drew. The Disney Renaissance Didn’t Happen Because of Jeffrey Katzenberg; It Happened In Spite of Him. **Collider**, 2020. Disponível em: <<https://collider.com/jeffrey-katzenberg-disney-renaissance-impact-influence-explained/>>. Acesso em: 20 ago 2022.

⁴⁴⁰ RUSSEL, James. **Generation X-Box**: how videogames invaded Hollywood. East Sussex: Yellow Ant, 2012, n.p.

⁴⁴¹ LaPORTE, op. cit., n.p. (tradução nossa). No original: “I felt very strongly that this is a story they should know about [...] And my other children should know about it, too. It was a very emotional story to tell.”

Você não pode olhar para a história de forma egoísta. Para pintar um quadro honesto da desumanidade do homem para com o homem, você também tem que olhar para o internamento americano de japoneses durante a Segunda Guerra Mundial, a chacina armênia, o ataque aos gays, toda a tragédia dos nativos americanos—você sabe. Você tem que olhar para todos os aspectos da intolerância.⁴⁴²

No entanto, para algumas pessoas que conviveram com Spielberg durante a produção e as filmagens de *Amistad*, o diretor demonstrava certa angústia em relação às possíveis críticas que receberia por tratar do tema da escravidão—algo que, como vimos, ocorreu em 1985 quando do lançamento de *A cor púrpura*—e se ressentia de estar tendo dificuldade de conseguir grandes nomes para atuar no filme, mesmo com todo seu sucesso, dinheiro e status dentro de Hollywood. “Ele fez *A lista de Schindler*, mas ele ainda era considerado o cara do *blockbuster*”, afirmou uma fonte anônima ligada à produção de *Amistad* à escritora Nicole LaPorte em *The Men Who Would Be King*, livro sobre a criação da DreamWorks.⁴⁴³

Dentro do estúdio havia quem duvidasse que *Amistad* seria bem sucedido, tanto em termos financeiros quanto de aclamação da crítica especializada. O departamento de marketing dizia que a obra era um ‘filme espinafre’—bom pra você, mas que não exatamente te dá água na boca—e pesquisas preliminares com o público afro-estadunidense demonstravam que este público, um dos principais alvos do filme, parecia não estar muito interessado nele. Para piorar, o estúdio foi processado por Barbara Chase-Riboud, autora do livro *Echo of Lions*, uma ficção que contava a mesma história que *Amistad*. Logo o diretor, que defendia seu filme com tanto afinco por suas boas intenções, passou a ser visto por parte da imprensa como um magnata hollywoodiano que roubava o trabalho de uma autora negra em prol de sua própria glória. Houve quem chamasse o diretor de Steven *Stealberg*, trocadilho com o verbo *to steal*, que significa ‘roubar’ em inglês. A despeito de todas as explicações detalhadas que Spielberg e o roteirista do filme, David Franzoni, ofereceram durante o processo, ele seria resolvido com um acordo extrajudicial.⁴⁴⁴

⁴⁴² Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “You can't look at history selfishly. To paint an honest picture of man's inhumanity to man you also have to look at the American internment of Japanese during the Second World War, the Armenian slaughter, gay-bashing, the entire Native American—you know—tragedy. You have to look at every aspect of intolerance.”.

⁴⁴³ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “He had done Schindler's List, but he was still considered the blockbuster guy”.

⁴⁴⁴ Ibid.

Mas já era tarde. O filme já estava negativamente marcado pelas acusações de plágio e já demonstrava ser um fracasso de bilheteria. Financeiramente o filme foi relativamente malsucedido, arrecadando \$44 milhões tendo tido um orçamento de \$41 milhões.⁴⁴⁵

Geffen e Katzenberg ficaram frustrados com o fracasso do filme, que muitos dentro da DreamWorks viam como um projeto de vaidade de Spielberg. E o diretor não apenas assumiu a responsabilidade pelo fracasso, como admitiu anos depois ao crítico Roger Ebert que nem seus filhos o suportaram, largando o filme antes do fim por ficarem entediados com todo o drama de tribunal.⁴⁴⁶

E como previsto, o filme não recebeu a atenção esperada no Oscar de 1998. Foi indicado a apenas quatro categorias: Melhor ator coadjuvante (Anthony Hopkins), Melhor trilha sonora (John Williams), Melhor fotografia (Janusz Kamiński) e Melhor figurino (Ruth E. Carter). Infelizmente para Spielberg, era o ano de *Titanic*. Com quatorze indicações, o filme de James Cameron levou onze estatuetas.⁴⁴⁷

Seu próximo filme, contudo, seria um dos grandes sucessos de sua carreira e seria um dos maiores responsáveis por dar o pontapé inicial do clamor sobre o Dia D na indústria do entretenimento: *O resgate do soldado Ryan*.

7.2 O resgate do soldado Ryan

O ano de 1998 começou carregado de tensão nos corredores da DreamWorks. O estúdio precisava lançar filmes, em grande medida para justificar os massivos investimentos feitos na empresa não apenas pelos seus fundadores, mas também por outros parceiros comerciais. No começo daquele ano o filme *Paulie*, sobre um papagaio com inteligência acima do normal que muitas vezes viria a ser reprisado na atração brasileira *Sessão da Tarde*, acabou tendo uma performance medíocre na bilheteria, e uma das maiores apostas do estúdio, a animação *O príncipe do Egito* só estaria pronta no fim do ano—e esta também viria a ser um fracasso de bilheteria. Para além destes títulos, restava *Impacto Profundo*, um filme orçado em oitenta milhões de dólares sobre a iminente destruição da Terra diante de um meteoro, seguindo a moda dos filmes de desastre e ameaça de fim dos tempos dos anos 1990, fossem eles causados por desastres

⁴⁴⁵ McBRIDE, op. cit., p. 461.

⁴⁴⁶ LaPORTE, op. cit.

⁴⁴⁷ Ibid.

naturais, fosse por escatologias de caráter religioso. Spielberg acreditava que esse filme mancharia a imagem que a empresa vinha tentando construir desde o anúncio de sua fundação no Peninsula Hotel em 1994, de que o estúdio teria um grande comprometimento com a qualidade artística de suas obras.⁴⁴⁸

Entra na equação Robert Rodat.

O futuro roteirista de *O resgate do soldado Ryan* teve a ideia de um filme sobre Segunda Guerra Mundial no verão de 1995 quando recebeu de presente de sua esposa o livro *O dia D: 6 de junho de 1944* de Stephen E. Ambrose. Duas coisas lhe chamaram a atenção: a primeira delas, o potencial cinematográfico do desembarque na Normandia; a segunda, a história da família Niland. Os Niland tinham quatro filhos, todos voluntários na guerra. Contudo, três deles morreram em ação, e o exército dos Estados Unidos armou uma operação para retirar o último deles de campo, de modo que a família não perdesse todos os filhos (um dos três supostamente mortos reapareceu vivo posteriormente, para a alegria dos Niland).⁴⁴⁹

Não apenas o roteiro de Rodat chegaria a Spielberg, como também a Tom Hanks. O astro, interessado em produzir o filme, optou por interpretar seu protagonista, o capitão John H. Miller. Para Hanks, o personagem não deveria seguir o clichê do soldado machão que dá ordens aos gritos enquanto fuma cigarros. O capitão Miller que Hanks queria interpretar seria um ideal de soldado cidadão: um sujeito que não era um militar de carreira, ainda não endurecido pela guerra e que apenas deseja que ela acabe para voltar para casa e sua vida normal.⁴⁵⁰

Hanks e os demais atores principais do elenco passaram por “cinco ou seis dias” de treinamento como soldados, e de acordo com o ator em entrevista pouco tempo depois do lançamento do filme, o processo foi tão cansativo que, durante as pausas, ele e seus colegas apenas deitavam na grama e dormiam. No entanto, o esforço teria valido à pena. Segundo Hanks,

Se não tivéssemos passado por esse período de treinamento, estaríamos perguntando aos figurinistas como amarrar nossas perneiras. Nós teríamos perguntado aos caras dos adereços, onde eu deveria colocar

⁴⁴⁸ Ibid.

⁴⁴⁹ Ibid.

⁴⁵⁰ Ibid.

isso? Os armadores estariam nos contando coisas sobre as armas que já sabíamos.⁴⁵¹

O ator insistia que o filme tenta contar sua história do ponto de vista dos soldados, algo que, podemos dizer, foi feito. Mas é importante lembrar, como dito em capítulos anteriores, que advogar para si uma narrativa “vista de baixo” se tornou uma espécie de padrão entre aqueles que buscam vender uma imagem de autenticidade. Hanks afirma que “estávamos filmando de uma forma, sob a perspectiva do capacete, em oposição a algo grandioso. Você sabe, não há muitos discursos grandes lá, há um monte de caras se arrastando e correndo, ficando com medo enlouquecidamente.”⁴⁵²

O ator, diga-se de passagem, foi totalmente engolfado pelo clima de sacralidade dos soldados que permeou não apenas a produção do filme, mas todo o imaginário dos anos noventa em torno do Dia D. Para o ator, andar no cemitério da Normandia contendo os corpos dos soldados estadunidenses mortos o fez perceber que ele estava em um “lugar sagrado”.⁴⁵³

O roteiro foi bastante discutindo entre Rodat, Hanks e Spielberg, e antes que as filmagens comessem, ainda teve a participação de outros roteiristas; Frank Darabont, que havia escrito e dirigido o aclamado filme *Um sonho de liberdade* (*Shawshank Redemption*) lançado em 1994, foi chamado para reescrever o roteiro, e Scott Frank, que tinha sido roteirista de trabalhos como a série de TV *Anos incríveis* e que viria a roteirizar sucessos de bilheteria nos anos seguintes, como *Minority Report: A Nova Lei*, *Marley & Eu*, *Logan* e a minissérie *O gambito da rainha*, a qual ele criou com Allan Scott. O trabalho de Scott era delinear melhor os personagens para que eles fossem mais

⁴⁵¹ TOPEL, Fred. Tom Hanks once said the 'Saving Private Ryan' cast would sleep in the grass between takes. Cheat Sheet, 2021, n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://www.cheatsheet.com/entertainment/tom-hanks-saving-private-ryan-cast-sleep-in-the-grass.html/>>. Acesso em: 23 Ago 2022. No original: “If we hadn’t been through that training camp period we would’ve been asking the costumers how to tie our leggings. We would have asked the prop guys well, where should I put this? The weaponeers would’ve been telling us things about the weapons that we already knew.”.

⁴⁵² GIPSON, Johnell. Tom Hanks says ‘Saving Private Ryan’ was an ‘Uncomfortable movie to make’ -- ‘It was a very, very tactile experience’. Cheatsheet, 2020, n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://www.cheatsheet.com/entertainment/tom-hanks-says-saving-private-ryan-was-an-uncomfortable-movie-to-make-it-was-a-very-very-tactile-experience.html/>>. Acesso em: 23 Ago. 2022. No original: “Because no one had touched that subject matter in quite a long time, and we were shooting it from a kind of like, under the helmet perspective, as opposed to something grand. You know, there’s not a lot of big floored speeches in there, there’s a bunch a lot of guys slugging through and running, being scared out of their minds.”.

⁴⁵³ Ibid., n.p. (tradução nossa).

facilmente distinguíveis para o público. Dale Dye também contribuiu com o trabalho de Rodat, na posição de consultor militar.⁴⁵⁴

Para a direção e a fotografia de *O resgate do soldado Ryan*, Spielberg foi bastante influenciado pelas icônicas fotografias de Robert Capa retiradas durante o desembarque na praia de Omaha. As fotos estavam presentes em seu escritório, onde ele as observava atentamente e conversava com o diretor de fotografia Janusz Kaminski a respeito de como recriar o sentimento que aquelas fotografias passavam aos seus observadores. A dessaturação das cores na cena de abertura e a movimentação da câmera, usada sem a orientação de um *storyboard* e buscando parecer como filmagens feitas por um cinegrafista que estivesse junto dos soldados, são derivados diretos dessas fotografias.⁴⁵⁵

Filmar na verdadeira praia de Omaha seria impossível, e o governo francês não ofereceria nenhum incentivo fiscal para que as filmagens ocorressem em outra de suas praias. Por conta disso, a produção acabou optando pela praia de Curracloe, em um vilarejo no condado de Wexford, na Irlanda. Além dos atores profissionais envolvidos, a produção contou com 750 membros das forças armadas irlandesas—alguns dos quais estiveram também envolvidos no filme *Coração Valente*, de Mel Gibson—, mais de mil cadáveres artificiais e cerca de duas dúzias de figurantes amputados para interpretar os soldados que perdem seus membros em cena. Onze semanas foram necessárias para preparar o local, e a cena da invasão de Omaha levou quinze dias para ser filmada ao custo de 12 milhões de dólares.⁴⁵⁶

Spielberg se sentia confortável realizando aquele filme, uma vez que a Segunda Guerra Mundial era um dos seus temas favoritos. Inspirado pelas histórias de seu pai, ele dirigiu um curta de quinze minutos sobre aviadores da Segunda Guerra chamado *Fighter Squad*, quando estava apenas na oitava série. Já no Ensino Médio, dirigiu um média-metragem amador de cerca de quarenta minutos chamado *Escape to Nowhere*, sobre soldados estadunidenses lutando no norte da África.⁴⁵⁷

No caso dos seus filmes como diretor profissional, além dos já citados *Império do Sol* e *A lista de Schindler*, Spielberg tinha dirigido *1941*, que no Brasil seria lançado com o título de *1941: uma guerra muito louca*. Lançado em 1979, o filme era uma comédia sobre o medo de uma invasão japonesa nos Estados Unidos que foi um enorme fracasso

⁴⁵⁴ LaPORTE, op. cit.

⁴⁵⁵ McBRIDE, op. cit., p. 463-464.

⁴⁵⁶ Ibid., p. 464.

⁴⁵⁷ BULLINGER, op. cit.

de crítica e bilheteria. Possivelmente as lições deste fracasso o levaram a tratar a guerra com mais reverência nos trabalhos futuros, quando ele passou a desejar ser considerado um diretor de filmes ‘sérios’. Nunca mais Spielberg viria a dirigir uma comédia em sua extensa carreira.

Além de filmar sobre um tema que tinha interesse e familiaridade, o diretor se sentiu confortável no ambiente de filmagens. Ele teria dito a um colega certa vez que, por ter crescido com sua mãe e irmãs—ao menos após o divórcio de seus pais—ele gostava da ideia de dirigir um filme onde se criava um vínculo de camaradagem masculina durante o trabalho. Possivelmente algo que o diretor não teve oportunidade de desenvolver na sua infância e adolescência com as constantes mudanças de endereço de sua família.⁴⁵⁸

E por falar em família, Spielberg nunca escondeu que *O resgate do soldado Ryan* era dedicado ao seu pai, Arnold Spielberg. “Foi ele que encheu minha cabeça com histórias de guerra quando eu estava crescendo... Quando eu li o roteiro pela primeira vez, eu disse ‘Meu pai vai amar esse filme’”, afirmou o diretor certa vez.⁴⁵⁹ Tendo perdido parcialmente a presença de uma figura paterna de aparente difícil trato ainda jovem com a separação dos pais, Spielberg pareceu sempre buscar alguma aprovação paterna, apesar de ele ter levado consigo mágoas por conta do término do casamento de seus pais. O fato de Arnold não gostar dos filmes mais antigos do filho pesava também na busca por agradar seu pai.⁴⁶⁰

Spielberg, relutantemente, fez campanha pelo seu filme em eventos realizados com esse fim. Não cabe aqui uma descrição de cada um deles, mas chama a atenção um episódio especial, mais precisamente em uma festa privada na Geffen Playhouse, um teatro pertencente à Universidade da Califórnia em Los Angeles. Nele, antes de exibir o filme para os convidados, Spielberg afirmou, de maneira muito semelhante ao que Stephen E. Ambrose disse ao canal C-SPAN em 1994, que “O dia D não foi nada menos que o momento pivotal do século XX”. Para o diretor, a invasão não era apenas sobre vencer a guerra, mas também “salvar a civilização ocidental”.⁴⁶¹

O filme em questão se inicia com a visão da bandeira estadunidense em contraluz, por trás do sol. Em seguida surge um homem idoso andando no que parece ser o cemitério de Colleville-sur-Mer, acompanhado de sua família que o segue de uma distância

⁴⁵⁸ LaPORTE, op. cit.

⁴⁵⁹ McBRIDE, op. cit, p. 461.

⁴⁶⁰ LaPORTE, op. cit.

⁴⁶¹ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “D-day was nothing less than the pivotal moment of the twentieth century [...] saving Western Civilization”.

próxima. Em seu casaco é possível visualizar o emblema da 101ª Divisão Aerotransportada, o que dá a entender que o mesmo seja um ex-combatente. Depois de uma breve caminhada entre as cruzes e estrelas-de-Davi presentes no local, ele perde o equilíbrio diante de um dos túmulos, aparentemente tomado pela emoção, e quando sua família vem em seu auxílio, o enquadramento muda para um ângulo frontal, com uma acentuada luz de recorte sobre o ex-combatente em contraponto à luz de preenchimento do lado direito do plano, em uma escolha de fotografia mais dramática e um tanto distinta do que foi visto até então.

Spielberg afirmou certa vez que quando ele esteve na Normandia nos anos 1970 durante a promoção de seu filme *Encurralado (Duel)* de 1971, presenciou um ex-combatente caindo de joelhos em visita ao mesmo cemitério que aparece no filme, e que foi dessa situação que veio a inspiração para esta cena em particular.⁴⁶²

A câmera se aproxima do rosto do veterano gradativamente, até que seus olhos estejam em evidência. A imagem esmaece para a praia de Omaha, no setor *Dog Green*, enquadrada em um ouriço tcheco enquanto as ondas se chocam contra ele. Esse instrumento, usado pelos alemães como defesa nas praias contra a invasão anfíbia de veículos, acabou se tornando um dos elementos visuais mais marcantes do desembarque na Praia de Omaha nas produções da indústria do entretenimento, dado o fato de que estes obstáculos se tornaram a única forma de defesa de alguns soldados desembarcando nas praias contra as rajadas de metralhadoras alemãs.

Da praia, passamos para uma das barcas de desembarque prestes a chegar à praia, no que parece ser a primeira onda da invasão. A cena transita para um close nos olhos do capitão John Miller, em um enquadramento semelhante ao do veterano no cemitério, dando a entender que ambos seriam o mesmo personagem em momentos históricos diferentes. Espectadores mais versados em História Militar, contudo, podem perceber que Miller faz parte dos Rangers, e não da 101ª Divisão Aerotransportada. Possivelmente a personagem de Miller faz parte do 5º Batalhão de Rangers, o único a desembarcar em Omaha na história real, enquanto o 2º Batalhão escalou Pointe du Hoc pouco antes.

Assim que a rampa da barca de desembarque desce, a maioria dos soldados presentes nela são baleados pelas metralhadoras alemãs, fazendo com que alguns dos soldados pulem pelas laterais—enquanto Miller tenta aos gritos impedi-los. A maioria

⁴⁶² BULLINGER, op. cit.

dos soldados que assim o faz morre afogada ou pelas balas alemãs os acertando dentro d'água, algo que, da forma como é representado no filme, é fisicamente impossível. Ainda assim, é um clichê hollywoodiano bastante comum. Na saída da água a câmera entra e sai da água de maneira caótica como se estivesse sendo manejada por um cinegrafista em uma batalha real, algo que perpassa a maior parte desta batalha.

O capitão Miller sai da água, tira seu capacete e, ao olhar ao redor para a carnificina que o cerca, o som fica mais abafado e o número de frames por segundo cai, criando uma sensação de confusão e estranheza sensorial que tenta desorientar também o espectador. A confusão ocorre novamente quando Miller tenta arrastar um soldado ferido e quase é atingido por uma granada de morteiro. Quando se recupera, arrasta a metade superior do corpo do mesmo soldado que carregava antes, até perceber que o homem está morto em sua mão.

Na sequência, Miller coordena o rompimento do arame farpado que protege o caminho aos *bunkers* alemães, e o que se segue é a tomada dos mesmos, incluindo aí a execução de soldados estrangeiros que se rendem. Um momento em particular que chama a atenção ocorre quando soldados estadunidenses executam dois tchecoslovacos integrantes das *Osttruppen*, possivelmente de uma unidade *Ost-Bataillone*, prisioneiros de guerra do leste europeu que eram forçados a lutar pela Wehrmacht. Não entendendo o idioma dos soldados rendidos que afirmam não ter matado ninguém e não serem alemães, os soldados estadunidenses os executam enquanto deboçam do adversário, uma maneira que Spielberg encontrou para tentar criar uma representação menos idealizada desses homens. Não que o filme não carregue sua cota de exaltação heróica, mas ao menos Spielberg tenta, em alguns momentos, relativizar isso.

Após a bem sucedida tomada de Omaha, Miller é encarregado de uma missão: atravessar as linhas inimigas para resgatar o soldado James Ryan. Integrante da 101ª Divisão Aerotransportada, Ryan é o último filho sobrevivente de uma família onde os demais filhos, irmãos do soldado, morreram em combate. Acompanhado de outros sete soldados, incluindo o cabo Timothy Upham, claramente inexperiente e temeroso a respeito da guerra, que serve como o olhar do espectador conforme a jornada avança. Avesso à violência e sempre tentando convencer seus companheiros a seguir as regras da guerra, sua presença no esquadrão se dá pelos seus conhecimentos de alemão e francês, que poderiam ser muito úteis para a busca de Ryan.

Entre alguns combates e perdas humanas, uma das cenas que chamam a atenção não pela violência, mas pelas reflexões filosóficas que vocalizam os sentidos do filme,

está um momento em que parte do esquadrão quer eliminar um soldado alemão chamado Willie, o único sobrevivente inimigo de um ataque que lhes custou a vida de Wade, médico do grupo. Inicialmente Miller ordena que o prisioneiro cave sua própria sepultura, enquanto o cabo Upham condena a possibilidade de execução, uma vez que isto seria uma violação das regras da guerra. O capitão desiste da execução e manda Willie ir embora do local, para revolta de parte do esquadrão. Quando o sargento Horvath ameaça executar o soldado Reiben, que diante da libertação do prisioneiro decide desertar, Miller finalmente mata a curiosidade de seus subordinados e fala sobre seu passado. O capitão, um professor em sua vida civil, discursa sobre os efeitos da guerra sobre sua personalidade e seu medo de voltar para casa irreconhecível (100m44s):

Eu sou professor. Eu ensino redação... nessa cidadezinha chamada Adley, Pennsylvania. Nos últimos onze anos ensino no colégio Thomas Alva Edison. Treinava o time de beisebol na primavera. Quando eu conto ao pessoal de lá o que eu faço eles pensam: “Faz sentido”. Mas aqui, é um grande... Grande mistério. Acho que devo ter mudado. Às vezes eu me pergunto se eu mudei tanto que minha esposa não vai nem me reconhecer, seja lá quando eu conseguir voltar pra ela. E como eu serei capaz de contar a ela sobre dias como hoje. Ah, Ryan. Eu não sei nada sobre Ryan. Eu não me importo. O cara não significa nada para mim, é só um nome. Mas se... Sabe, se ir para Rumelle e achá-lo para que ele possa ir pra casa, se isso me faz merecer o direito de voltar pra minha esposa, essa é a minha missão. Você quer ir? Você quer ir embora e lutar a guerra? Tudo bem. Tudo bem, eu não vou te impedir. Até coloco isso na papelada. Eu só sei que cada homem que eu mato, mais longe eu me sinto de casa.⁴⁶³

Neste monólogo, Hanks incorpora a imagem do soldado-cidadão que, alienado de sua casa e de sua família, questiona se a guerra está lhe transformando em outra pessoa, temendo que sua esposa não o reconheça. Como vimos em um capítulo anterior, isso efetivamente aconteceu muitas vezes, e em diversas situações os casamentos se encerraram diante das diferenças irreconciliáveis entre as esposas e seus maridos, mudados pelos traumas da guerra.

Mais adiante, o esquadrão finalmente encontra James Ryan que, ao saber que deve ser retirado do front e enviado para casa, se revolta. O paraquedista evoca todo o senso de camaradagem também discutido anteriormente que fez com que tantos homens

⁴⁶³ O RESGATE do soldado Ryan, op. cit.

lutassem para permanecer ao lado de seus companheiros de batalha, e gera a antipatia por parte do esquadrão ao se recusar a partir.

Presente em um vilarejo, o grupo do qual Ryan faz parte recebe a missão de defender uma ponte até que os reforços cheguem, e o esquadrão de Miller decide ajudar na defesa do vilarejo contra um número muito superior de alemães que se aproxima, resultando na batalha final.

Dos muitos momentos que podem ser ressaltados nesta última batalha, chamamos a atenção dos leitores para a cena em que o cabo Upham deixa de ajudar seu camarada por medo, permitindo que ele seja morto por um soldado alemão. Este momento serve como uma espécie de aviso ao público que até então tem neste indivíduo seu personagem mais identificável. Relutante quanto a lutar, temeroso por sua vida e insistente quanto ao cumprimento de todas as regras, incluindo aí a não-execução de um soldado alemão rendido, ele parece ser o mais próximo do espectador civil sem experiência militar, e ao se deixar paralisar pelo medo, ele demonstra aos espectadores os perigos da omissão e da covardia. O soldado alemão, vendo Upham paralisado pelo medo, decide poupa-lo e sai do recinto calmamente.

Mais adiante, o capitão Miller é morto em combate, e Upham vê Willie entre os alemães que o mataram, aquele mesmo soldado cuja vida foi poupada por Miller após sua insistência, e o executa após a rendição. O momento é ambíguo, uma vez que Upham cometeu um crime de guerra, mas o faz em um contexto onde o filme parece endossar o ato, como se o cabo finalmente tivesse superado seu medo e se tornado um soldado de verdade. Se a interpretação do ato pode ser ambígua, não nos parece justo afirmar que a intenção de Spielberg e dos roteiristas também fosse. A mensagem é clara: Miller e Upham decidem preservar sua humanidade e seus princípios em um contexto violento, e se por um lado o filme mostra admiração por eles nestes momentos, os personagens são punidos por isso no desenrolar dos acontecimentos.

Prestes a morrer, quando os reforços finalmente chegam ao vilarejo, Miller profere suas últimas palavras a Ryan. Ao soldado da 101ª Divisão Aerotransportada, o capitão diz: “James... Mereça isso. Faça por merecer” (*James... Earn This. Earn it*). Enquanto o paraquedista observa Miller morto, uma transição demonstra que o idoso no cemitério de Colleville mostrado no começo do filme é Ryan. Prostrado diante do túmulo de Miller, Ryan diz (159min43s):

Minha família está comigo hoje. Eles queriam vir comigo. Para ser honesto com você, não tinha certeza de como me sentiria voltando aqui. Todos os dias penso no que você me disse naquele dia na ponte. Tentei viver minha vida o melhor que pude. Espero que tenha sido o suficiente. Espero que, pelo menos aos seus olhos, eu tenha conquistado o que todos vocês fizeram por mim.⁴⁶⁴

Ryan então questiona a sua esposa se ele foi um bom homem, o que ela confirma. O filme se encerra com a imagem da bandeira dos Estados Unidos flamejando novamente em contraluz, e assim Spielberg encerra seu filme com uma mensagem que permeia não apenas seus esforços, mas também os de Ambrose, Brokaw e outros: as novas gerações devem agradecer as anteriores e viver sua vida da maneira mais ética possível, de modo que façam por merecer o sacrifício desta geração. Tal mensagem se conecta com o princípio cristão de que Jesus morreu para redimir a humanidade de seus pecados e, portanto, os seres humanos deveriam viver suas vidas conforme os desígnios de Deus. O que lutou na Segunda Guerra, vivo ou morto, é este soldado-messias que deve ser eternamente louvado pela redenção de toda a nação, de acordo com a religião civil estadunidense.

Orçado em 65 milhões, *O resgate do soldado Ryan* faturou 479 milhões de dólares. No entanto, o lucro da DreamWorks acabou sendo baixo justamente por conta das negociações com Hanks e Spielberg. Em troca de diminuir seus honorários para manter o orçamento do filme dentro dos 65 milhões, os dois exigiram 20% da bilheteria inicial, diminuindo essa fatia para 17,5% depois de muitas negociações, e levando em conta que a produção da obra foi dividida entre a DreamWorks e a Paramount (assim como seria dividido seu lucro), o acordo acabou sendo mais lucrativo para o ator e o diretor do que para as próprias empresas que produziram o filme. No frigor dos ovos, Spielberg lucrou mais do que o estúdio que ele próprio criou: a DreamWorks teria lucrado apenas cerca de quarenta milhões, muito próximo do que o estúdio investiu para que o filme fosse feito.⁴⁶⁵

No que concerne a recepção, Roger Ebert—talvez o mais conhecido e influente crítico de cinema da história—afirmou:

Spielberg e seu roteirista, Robert Rodat, fizeram uma coisa sutil e bastante bonita: eles fizeram um filme filosófico sobre a guerra quase inteiramente em termos de ação. “O Resgate do Soldado Ryan” diz

⁴⁶⁴ Ibid.

⁴⁶⁵ LaPORTE, op. cit.

coisas sobre a guerra que são tão complexas e difíceis quanto qualquer ensaísta poderia expressar, e o faz com imagens amplas e fortes, com violência, com palavrões, com ação, com camaradagem. É possível expressar até mesmo as ideias mais ponderadas nas palavras e ações mais simples, e é isso que Spielberg faz. O filme é duplamente eficaz, porque ele comunica suas ideias em sentimentos, não em palavras.⁴⁶⁶

Contudo, o crítico não deixa de lembrar que isso só é possível porque Spielberg tem mais acesso a recursos financeiros e colaboradores que o permitem fazer um filme tão grandioso do que outros cineastas têm à sua disposição. E conclui, atestando o potencial de permanência da mensagem que o filme eficientemente transmite:

“O Resgate do Soldado Ryan” é uma experiência poderosa. Tenho certeza que muita gente vai chorar durante ela. Spielberg sabe como fazer o público chorar melhor do que qualquer diretor desde Chaplin em “Luzes da cidade”. Mas o choro é uma resposta incompleta, deixando o público fora de perigo. Este filme incorpora ideias. Depois que a experiência imediata começa a desaparecer, as implicações permanecem e crescem.

Stephen Hunter, do *The Washington Post*, escreveu uma crítica extremamente laudatória e em consonância com as intenções do próprio filme. Sobre o filme em si, ele diz:

Há filmes e filmes. E depois há “O Resgate do Soldado Ryan”, de Steven Spielberg. Abrasador, comovente, tão intenso que transforma seu corpo em um único tubo de músculos contraídos, este é simplesmente o maior filme de guerra já feito e um dos grandes filmes americanos. De uma só vez, faz com que tudo o que veio antes—com exceção de duas ou três variantes europeias obscuras sobre o mesmo tema—pareça datado e impossível de assistir. E redefine a maneira como vemos a guerra.⁴⁶⁷

⁴⁶⁶ EBERT, Roger. Saving Private Ryan. **RogerEbert.com**, 1998, n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://www.rogerebert.com/reviews/saving-private-ryan-1998>>. Acesso em: 13 dez. 2022. No original: “Spielberg and his screenwriter, Robert Rodat, have done a subtle and rather beautiful thing: They have made a philosophical film about war almost entirely in terms of action. ‘Saving Private Ryan’ says things about war that are as complex and difficult as any essayist could possibly express, and does it with broad, strong images, with violence, with profanity, with action, with camaraderie. It is possible to express even the most thoughtful ideas in the simplest words and actions, and that’s what Spielberg does. The film is doubly effective, because he communicates his ideas in feelings, not words”.

⁴⁶⁷ HUNTER, Stephen. Spielberg’s War: It’s Hell. **Washington Post**, 1998, n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/wp-srv/style/movies/reviews/savingprivateryanhunter.htm>>. Acesso em: 13 dez. 2022. No original: “There are movies and then there are movies. And then there is Steven Spielberg’s ‘Saving Private Ryan.’ Searing,

Sobre a mensagem da obra, Hunter diz: “E para nós, seus herdeiros, [o filme] diz: Ei, veja o que seus pais fizeram, o que eles passaram, o que eles sobreviveram ou não—e fique orgulhoso. E também nos faz a mais difícil de todas as perguntas: somos dignos deles?”⁴⁶⁸

Janet Maslin, para o *The New York Times*, classifica o filme como o segundo pináculo de “uma carreira de versatilidade mágica” e parece tecer uma crítica a uma parcela do movimento que ficou conhecido como “Nova Hollywood” ou “*American New Wave*”, especialmente aos diretores que fizeram filmes mais cínicos e violentos e que, goste Maslin ou não, tornaram-se lendas do cinema, como Martin Scorsese, Francis Ford Coppola, Michael Cimino, e Brian De Palma.

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial e a praticamente morte do faroeste, o filme de combate se desintegrou em uma vitrine de arrogância, cinismo, violência obscenamente exagerada e vitórias vazias e egoístas. Agora, com impressionante eficácia, o Sr. Spielberg volta no tempo. Ele restaura a paixão e o significado do gênero com uma força tão vertiginosa que parece reimaginá-lo inteiramente, deslumbrando com a amplitude e intensidade dessa imaginação. Nenhuma noção recebida, dramática ou ideológica, se intromete nessa conquista. Este filme simplesmente olha para a guerra como se a guerra nunca tivesse sido vista antes.⁴⁶⁹

Mary Schmich, do Chicago Tribune, escreveu que

agora estamos envolvidos em uma aula de história nacional sobre a Segunda Guerra Mundial, graças a “O Resgate do Soldado Ryan”, a saga de Steven Spielberg sobre soldados americanos que invadiram a costa da Normandia na França em um sangrento dia de junho de 1944. O dia era chamado de Dia D, embora até o curso ‘Dia D 101’ do professor Spielberg, metade de todos os americanos vivos hoje

heartbreaking, so intense it turns your body into a single tube of clenched muscle, this is simply the greatest war movie ever made, and one of the great American movies. In one stroke, it makes everything that came before – with the exception of two or three obscure European variants on the same theme – seem dated and unwatchable. And it redefines the way we look at war”.

⁴⁶⁸ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “And to us, their inheritors, it says: Hey, look what your daddies did, what they went through, what they survived or didn't survive – and be proud. And it also asks us the hardest of all questions: Are we worthy of them?”.

⁴⁶⁹ MASLIN, Janet. Panoramic and personal visions of war's anguish. **The New York Times**, 1998, n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1998/07/24/movies/film-review-panoramic-and-personal-visions-of-war-s-anguish.html>>. Acesso em: 13 dez. 2022. No original: “Since the end of World War II and the virtual death of the western, the combat film has disintegrated into a showcase for swagger, cynicism, obscenely overblown violence and hollow, self-serving victories. Now, with stunning efficacy, Mr. Spielberg turns back the clock. He restores passion and meaning to the genre with such whirlwind force that he seems to reimagine it entirely, dazzling with the breadth and intensity of that imagination. No received notions, dramatic or ideological, intrude on this achievement. This film simply looks at war as if war had not been looked at before”.

pensassem que o Dia D significava o Dia do Desconto no shopping. Eu deduzi isso quando entrevistei pessoas em Chicago no 50º aniversário do Dia D. A resposta da maioria das pessoas com menos de 30 anos, quando perguntadas se sabiam o que era o Dia D, foi semelhante à de uma secretária jurídica. [...] “Não foi conosco e com os vietnamitas, foi?”⁴⁷⁰

A jornalista afirma também que sua geração ficou nostálgica em relação à guerra de seus pais, e que seu interesse no Dia D despertou quando ela fez parte da enorme comemoração dos quarenta anos da batalha, capitaneada por Ronald Reagan. Sobre o filme, ela diz:

“O Resgate do Soldado Ryan” está longe de ser um filme perfeito, mas ao ajudar a preservar as histórias dos homens que lutaram na Segunda Guerra Mundial, ele presta um serviço à história e a nós. E devemos ser gratos por, em nossos tempos difíceis, termos que ir a teatros com ar-condicionado para aprender que a guerra é um inferno.⁴⁷¹

Para a *Empire*, William Thomas escreveu cerca de um ano e meio depois do lançamento do filme:

Encaixado entre as sequências de batalha mais chocantes e marcantes da história do cinema, O Resgate do Soldado Ryan é tão poderoso, devastador, memorável e comovente quanto os filmes podem ser. A fascinante visão do soldado de infantaria de Steven Spielberg sobre a Segunda Guerra Mundial mudará a maneira como os filmes de guerra são vistos. Hinos ao heroísmo descarado e à glória entusiasmada serão impossíveis, até mesmo impertinentes, em seu rastro. Indo muito além das banalidades simplistas de que a guerra é o inferno, nunca antes o medo e o fluxo da luta foram tão vividamente percebidos em celuloide.⁴⁷²

⁴⁷⁰ SCHMICH, Mary. Spielberg movie helps us save part of ourselves. **Chicago Tribune**, 1998, n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://www.chicagotribune.com/news/ct-xpm-1998-08-02-9808020188-story.html>>. Acesso em: 08 dez. 2022. No original: “now we're engaged in a nationwide history lesson on World War II, thanks to "Saving Private Ryan," Steven Spielberg's saga of American soldiers who invaded the Normandy coast of France on a bloody June day in 1944. The day was called D-Day, though until Professor Spielberg's D-Day 101 course, half of all Americans alive today may have thought D-Day stood for Discount Day at the shopping mall. I deduced this when I interviewed people in Chicago on D-Day's 50th anniversary. The response from most of those under 30, when asked if they knew what D-Day was, was similar to that of one legal secretary. [...] 'It wasn't with us and the Vietnamese, was it?'”.

⁴⁷¹ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “‘Saving Private Ryan’ is far from a perfect movie, but by helping to preserve the stories of the men who fought World War II, it does history, and us, a service. And we should be grateful that in our soft times we have to flock to air-conditioned theaters to learn that war is hell”.

⁴⁷² THOMAS, William. Saving Private Ryan review. **Empire**, 2000, n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://www.empireonline.com/movies/reviews/saving-private-ryan-review/>>. Acesso em: 13 dez. 2022.

Apesar de a maioria das opiniões nos veículos mais *mainstream* terem sido positivas, alguns críticos não pouparam o filme de críticas severas. Jonathan Rosenbaum, escrevendo para o *Chicago Reader*, comparou o filme de Spielberg com outro filme lançado duas semanas antes, *Pequenos Guerreiros*, um filme onde brinquedos ganham vida e, eventualmente, entram em combate.

Ao contrário da violência em *Toy Story* ou mesmo em um filme supostamente adulto como *O Resgate do Soldado Ryan*—onde a brutalidade é postulada como real dentro dos termos da história sendo contada—a mutilação de brinquedos em *Pequenos Guerreiros* é sempre referencial, nos fazendo pensar na mutilação de personagens que presenciamos em outros filmes. Isso inclui claramente a hipocrisia dessas 'aulas de história' chauvinistas altamente validadas como a carnificina gráfica em *O Resgate do Soldado Ryan*, que são usadas simultaneamente para vender ingressos e fornecer correções morais para outros filmes de guerra [...] Uma das melhores virtudes de *Pequenos Guerreiros* é que ele elimina esse tipo de porcaria e faz com que a própria ideia de um filme de guerra pareça ridícula.⁴⁷³

Andrew Sarris, para a *Observer*, fez críticas ainda mais severas. O crítico de cinema argumentava que o filme tinha pouca ressonância moral, histórica e emocional, e que era “tediosamente manipulativo”, apesar de sua “energia hercúlea”. E continua:

Os alemães em *O Resgate do Soldado Ryan* são os mesmos tipos de suínos que vimos nos filmes da Segunda Guerra Mundial dos anos 40. De fato, em um minidrama dentro do filme, é ensinada a lição de que o único bom soldado alemão é um soldado alemão morto, mesmo que seja um prisioneiro de guerra. Para o inferno com a Convenção de Genebra. A pornografia da violência e da crueldade é perseguida tão assiduamente em *O Resgate do Soldado Ryan* quanto em todos os filmes de guerra, mesmo os mais bem-intencionados. Em que outro gênero pode o enorme massacre indiscriminado de seres humanos por

No original: "Bookended by the most shocking, searing battle sequences in film history, *Saving Private Ryan* is as powerful, devastating, memorable and moving as movies get. Steven Spielberg's riveting infantryman's-eye-view of World War II will change the way war movies are perceived. Hymns to brazen heroism and gung ho guts'n'glory will be impossible, impertinent even, in its wake. Going far beyond simplistic War Is Hell platitudes, never before has the fear and flux of fighting been so vividly realised on celluloid".

⁴⁷³ McBRIDE, op. cit., p. 467 (tradução nossa). No original: "Unlike the violence in *Toy Story* or even in an allegedly grown-up movie like *Saving Private Ryan*—where the brutality is postulated as real within the terms of the story being told—the mutilation of toys in *Small Soldiers* is always referential, making us think about the mutilation of characters we witness in other movies. This pointedly includes the hypocrisy of such highly validated flag-waving 'history lessons' as the graphic carnage in *Saving Private Ryan*, which are used to simultaneously sell tickets and provide moral correctives to other war movies [...] One of the finer virtues of *Small Soldiers* is that it cuts through this kind of crap and makes the very idea of a war film look ridiculous".

outros seres humanos ser justificado como um fato histórico edificante?⁴⁷⁴

Paul Fussel, em artigo de 2001 para a *Slate* elogiando *Band of Brothers*, afirmou que *O resgate do soldado Ryan*

depois de uma abertura honesta e angustiante de 15 minutos, visualizando detalhes da insuportável bagunça sangrenta na Praia de Omaha, degenerou em uma performance patriótica inofensiva e acrítica, aparentemente projetada para emocionar meninos de 12 anos durante a temporada de filmes ruins no verão. Seu gênero era puro *cowboys e índios*, com os virtuosos cowboys, é claro, vitoriosos [grifo nosso].⁴⁷⁵

Apesar disso, em geral, as críticas foram majoritariamente positivas, e o filme permanece sendo tomado como um paradigma para os filmes de guerra modernos. Escrevendo anos depois sobre o filme, mais precisamente em 2011 para a *Entertainment Weekly*, o editor Jeff Labrecque comenta sobre a enorme nostalgia pela “maior das gerações” que tomou conta da cultura nos Estados Unidos quando *O resgate do Soldado Ryan* foi lançado. E continua:

O filme foi uma experiência paralisante—do ataque angustiante à praia de Omaha às últimas palavras ofegantes do capitão Miller de Tom Hanks ao soldado titular de Matt Damon. Quando vi o filme pela primeira vez, houve soluços audíveis da plateia começando com o ataque inicial à praia, mas o filme terminou em silêncio absoluto. Quando as luzes se acenderam, ficou claro que ninguém havia saído do lugar. Estávamos nos recuperando de uma experiência emocionalmente exaustiva que deu talvez uma ideia do horror e do heroísmo que estava em exibição em 6 de junho de 1944 e nas semanas seguintes, quando as

⁴⁷⁴ SARRIS, Andrew. Who is Spielberg to claim his is the real war? *Observer*, 1998, n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://observer.com/1998/07/who-is-spielberg-to-claim-his-is-the-real-war/>>. Acesso em: 13 dez. 2022. No original: “The Germans in Saving Private Ryan are the same kind of swine we saw in World War II movies of the 40’s. Indeed, in a mini-drama within the movie, the lesson is taught that the only good German soldier is a dead German soldier, even if he is a prisoner of war. To hell with the Geneva Convention. The pornography of violence and cruelty is pursued as assiduously in Saving Private Ryan as it is in all war movies, even the most well intentioned. In what other genre can the massively indiscriminate slaughter of human beings by other human beings be justified as edifying historical fact?”

⁴⁷⁵ FUSSEL, Paul. Uneasy Company. *Slate*, 2001, n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://slate.com/culture/2001/09/uneasy-company.html>>. Acesso em: 12 dez. 2022. No original: “after an honest, harrowing, 15-minute opening visualizing details of the unbearable bloody mess at Omaha Beach, degenerated into a harmless, uncritical patriotic performance apparently designed to thrill 12-year-old boys during the summer bad-film season. Its genre was pure cowboys and Indians, with the virtuous cowboys of course victorious”.

forças aliadas começaram a empurrar a invencível máquina de guerra nazista de volta a Berlim.⁴⁷⁶

Vale mencionar que o breve artigo de Labrecque foi escrito com o intuito de contar aos leitores que a experiência do filme foi tão impactante que ele decidiu viajar à Normandia para conhecer o local pessoalmente, o que nos dá um indicativo do impacto do filme na vida do editor e abre um precedente para inferirmos que tantas outras pessoas com condições financeiras assim o fizeram, em parte influenciadas pelo *Zeitgeist* da época em seu louvor ao 6 de junho de 1944.

A pergunta que fica é: o que seria ‘merecer’ os sacrifícios dos ex-combatentes? Há algumas respostas parciais possíveis que se assentam no senso comum, como a obediência às leis e a deveres cívicos, ou o respeito pelo país e suas instituições. No entanto, cabe também o questionamento sobre quem define que um indivíduo merece ou não o mundo herdado. Afinal de contas, se um determinado governo decide que ser contra a participação de seu país em uma guerra é antipatriótico e faz com que os sacrifícios do passado não sejam merecidos, como o indivíduo alvo da crítica se defende? Como um sujeito convence àqueles que o olham de maneira torta de que sua oposição a uma guerra injusta se dá por motivos justos, e não apenas por mesquinhez e antipatriotismo? Como este sujeito hipotético lida com o ostracismo diante de sua comunidade repleta de bandeiras e fitas amarelas de ‘apoio às tropas’—seja lá o que raios isso signifique?

A linha que separa o respeito àqueles que morreram em uma guerra contra o nazifascismo e a idolatria militarista cega é tênue, e *O resgate do soldado Ryan*, a despeito de todos os seus méritos narrativos e cinematográficos, contribuiu para tornar essa linha mais tênue.

Eis que chegou a noite mais esperada do cinema hollywoodiano: naquele caso, a 71ª Cerimônia do Oscar. Entre os muitos concorrentes em diversas categorias, a mais importante delas—melhor filme—era um demonstrativo do *Zeitgeist* naquela segunda

⁴⁷⁶ LABRECQUE, Jeff. D-Day: Saving Private Ryan sent me overseas. What film's done the same for you? *Entertainment Weekly*, 2011, n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://ew.com/article/2011/06/06/saving-private-ryan-dday/>>. Acesso em: 8 dez. 2022. No original: "The film was a paralyzing experience — from the harrowing assault on Omaha Beach to Tom Hanks' Capt. Miller's last gasping words to Matt Damon's titular G.I. When I first saw the film, there were audible sobs from the audience beginning with the initial beach assault, but the film ended in absolute silence. When the lights came on, it became clear that no one had moved from their seat. We were recovering from an emotionally exhausting experience that delivered perhaps an inkling of the horror and heroism that was on display on June 6, 1944 and the weeks that followed, as Allied forces began to push the invincible Nazi war machine back towards Berlin".

metade dos anos noventa em relação à nostalgia pela “boa guerra”: dos cinco filmes indicados, três deles se passavam na Segunda Guerra Mundial: *Além da linha vermelha*, *A vida é bela* e *O resgate do soldado Ryan*.

Além de ter recebido as premiações da noite para “melhor fotografia”, “melhor edição/montagem”, “melhor mixagem de som” e “melhor edição de som”, o filme daria a Spielberg seu segundo Oscar de melhor direção, mas a consagração final, que seria a premiação de melhor filme, foi para *Shakespeare Apaixonado*, filme produzido pela Miramax, do agora infame produtor Harvey Weinstein, cuja campanha agressiva de marketing para diversas categorias do Oscar não apenas deu ao filme o prêmio máximo da noite e à Gwyneth Paltrow o Oscar de Melhor Atriz sobre Cate Blanchett e Fernanda Montenegro, como também estabeleceu estratégias de marketing e lobby que permanecem sendo usados hoje. De acordo com boatos da época, Weinstein estaria ativamente tentando convencer os votantes da premiação nos bastidores de que, após a cena dos aliados conquistando a Praia de Omaha, o filme se tornava “uma besteira sentimental”, e que parte da campanha da Miramax dizia “Arte em vez de guerra”. Weinstein negou as acusações.⁴⁷⁷

O reconhecimento do trabalho de Spielberg ultrapassou e muito a indústria cinematográfica. Antes do lançamento de *O resgate do soldado Ryan*, o cineasta recebeu a Cruz da Ordem do Mérito de Comandante Cavaleiro por parte do governo alemão pelo seu trabalho em chamar a atenção do grande público para o Holocausto. Um ano depois, Spielberg recebeu a Medalha do Departamento de Defesa por Serviço Público Distinto (*Department of Defense Medal for Distinguished Public Service*) em 1999 por contribuir com o entendimento público do papel dos militares na segurança e no “caráter” nacional, além de prêmios por parte da Marinha, o Exército, da *Smithsonian Institution* e do presidente Bill Clinton, que o premiou com a Medalha Nacional de Humanidades.⁴⁷⁸ Entre os recipientes deste prêmio estão Studs Terkel (autor de *The Good War: An Oral History of World War Two*), Stephen E. Ambrose, Robert N. Bellah e o Museu Nacional da Segunda Guerra Mundial, entre outros.⁴⁷⁹

Em 2001 a rainha Elizabeth II do Reino Unido condecorou Spielberg como Comandante Cavaleiro da Divisão Civil da Excelentíssima Ordem do Império Britânico,

⁴⁷⁷ LaPORTE, op. cit.

⁴⁷⁸ McBRIDE, op. cit, p. 468.

⁴⁷⁹ NATIONAL Endowment for the Humanities. National Humanities Medal. **National Endowment For the Humanities**, 2020. Disponível em: <<https://www.neh.gov/taxonomy/term/246?page=0>>. Acesso em: 13 dez. 2022.

permitindo que ele usasse a sigla KBE (*Knight of the British Empire*, ou “Cavaleiro do Império Britânico” em tradução livre), mas não o título de “Sir” por não ser um súdito britânico. Ao aceitar a honraria em uma cerimônia em Washington, o diretor comentou: “Este é o tipo de coisa de onde vêm todas as nossas fantasias de infância. Cortesia, civilidade e honra.”⁴⁸⁰ Já em 2004 o governo francês o condecorou com uma insígnia de cavaleiro da Légion d’honneur.⁴⁸¹

Para Joseph McBride, autor de *Steven Spielberg: a biography*, as honrarias governamentais e sua defesa dos veteranos da Segunda Guerra Mundial

tenderam a obscurecer os aspectos mais sombrios de *O Resgate do Soldado Ryan*, e exacerbaram a cisão entre a hostilidade muitas vezes demonstrada em relação a Spielberg nos estudos acadêmicos de cinema (muitos dos quais permanecem marxistas em sua orientação política) e a adulação do público em geral.⁴⁸²

Não concordamos com a frase de François Truffaut presente na epígrafe deste capítulo de que todo filme sobre guerra acaba sendo pró-guerra por, de maneira proposital ou não, glorificar o combate. No entanto, *O resgate do soldado Ryan* caminha pela tênue linha que separa os filmes pró e antibélicos, uma vez que a Segunda Guerra Mundial permanece sendo este evento que, se por um lado não pode ser tratado como uma boa guerra, por outro foi necessário para frear as ambições imperiais e genocidas de Adolf Hitler, derrubando seu odioso regime. Fazer um filme antiguerra e, ao mesmo tempo, defender a Segunda Guerra Mundial como justa é um desafio muito severo, que nem um dos melhores diretores de todos os tempos foi capaz de superar completamente.

7.3 Band of Brothers

No aniversário de 57 anos do Dia D, em 2001, por conta de uma ação do canal HBO e da American Airlines, os membros sobreviventes da Companhia Easy voaram para a Normandia. O objetivo da visita era mais do que apenas oferecer a estes veteranos destaque na comemoração do aniversário da invasão da qual eles participaram: eles

⁴⁸⁰ McBRIDE, op. cit, p. 468.

⁴⁸¹ Ibid., p. 468 (tradução nossa). No original: “This is the stuff that all of our childhood fantasies come from. Courtliness, civility, and honor”.

⁴⁸² Ibid., p. 468 (tradução nossa). No original: “tended to obscure the darker aspects of *Saving Private Ryan* and have exacerbated the schism between the hostility often shown toward Spielberg in academic film studies (much of which remains Marxist in its political orientation) and the adulation of the general public.”.

estavam lá para promover a minissérie *Band of Brothers*, uma co-produção de Steven Spielberg e Tom Hanks para a *HBO* que estrearia dois meses depois. A presença daqueles indivíduos no aniversário dava um maior ar de autenticidade a obra que, ao contrário de *O resgate do soldado Ryan*, contava com histórias de sujeitos reais.⁴⁸³

Como dito anteriormente neste trabalho, a minissérie de dez episódios foi inteiramente baseada no livro de mesmo nome de Stephen E. Ambrose. Para aqueles que nunca tinham lido o livro que inspirou a série, *Band of Brothers* era uma experiência significativa, e para os que o leram, o programa chamava a atenção pelo apego aos detalhes históricos. A série continha a maioria dos principais momentos presentes no livro, como o treinamento no Acampamento Toccoa, na Geórgia, as rusgas com o capitão Herbert Sobel, o salto no Dia D, o ataque à artilharia que mirava na Praia de Utah, a presença da Companhia Easy na Operação Market Garden e na Batalha das Ardenas, entre tantos outros momentos, culminando na conquista do “Ninho da Águia” de Hitler e o fim da guerra. Ainda que tenha seus momentos de quebra de idealização aqui e ali, em geral a série mantém o tom elogioso de Ambrose, que transforma estes sujeitos em guerreiros quase míticos.

Como a série cobre a trajetória da companhia desde o treinamento até o momento em que a guerra acaba, o Dia D acaba sendo apenas uma das passagens da série, especialmente no episódio 2, que começa com o salto dos paraquedistas na Normandia e demonstra a necessidade de Dick Winters tornar-se líder diante da morte do seu superior.

Richard “Dick” Winters é o principal nome da série e do livro. Após o sucesso de ambos, mas especialmente da série, o ex-combatente passou a ser muito assediado por espectadores agora transformados em fãs, e se tornou um símbolo de liderança, eficiência, ética e cumprimento do dever, imagem essa que o próprio abraçou com afinco.

Em seu livro de memórias *Beyond Band of Brothers*, Winters afirmou que a própria existência do livro era a única maneira que ele teria de responder a enorme quantidade de cartas que ele passou a receber de pessoas querendo saber mais histórias sobre ele e os homens que ele comandou. O livro de Winters exala uma falsa humildade quando tenta tratar os homens da Companhia Easy como meros sujeitos cumprindo seu dever e, ao mesmo tempo, reverbera todo o louvor quase sagrado que vem sendo imputado a estes sujeitos desde Ronald Reagan. Dois trechos de cartas recebidas por Winters que o autor decidiu reproduzir em seu livro—e a própria escolha de divulgar

⁴⁸³ BULLINGER, op. cit.

estes trechos em especial—demonstram isso. Na primeira delas, o remetente diz o seguinte:

Os generais Eisenhower, Patton e Montgomery, o presidente Roosevelt e o primeiro-ministro Churchill eram gigantes no cenário mundial. Você e seus homens eram diferentes para mim, no entanto. Você veio das cidades, origens e lugares de onde eu vim. Você teve alguns dos mesmos problemas e situações. Seu triunfo foi mais de caráter do que de habilidade e talento. Não pretendo insinuar que você ou seus homens carecem de talento e habilidade, mas posso me identificar com seus talentos e habilidades. Nunca poderei falar como Churchill ou ter a ambição de Patton, mas posso ter a determinação silenciosa da Companhia Easy. posso ser um líder; posso ser leal; eu posso ser um bom camarada. Essas são qualidades que você e seus homens demonstraram nas condições mais difíceis. Certamente posso fazer o mesmo na minha vida normal.⁴⁸⁴

Na outra carta, o conteúdo era o seguinte:

Qual é o meu apego a homens como você, que nunca conheci? É respeito porque você coloca sua própria vida em risco para garantir que pessoas mais jovens como eu tenham o mundo em que vivemos hoje? É espantoso que você possa viver dia após dia vendo amigos sendo baleados ou explodidos e ainda se levantar no dia seguinte preparado para enfrentar os mesmos horrores? Ou talvez, o fascínio de como você e seus camaradas foram capazes de retornar à relativa normalidade após a guerra, com os fantasmas dos mortos observando o que você fez com a vida que lhes foi negada?⁴⁸⁵

A seguir, Winters coloca de forma bastante evidente seu objetivo em escrever *Beyond Band of Brothers*. Segundo Winters:

⁴⁸⁴ WINTERS; KINGSEED, op. cit., n.p. (tradução nossa). No original: “Generals Eisenhower, Patton, and Montgomery, President Roosevelt, and Prime Minister Churchill were giants on a world stage. You and your men were different to me, though. You came from the cities, backgrounds, and places that I came from. You had some of the same problems and situations. Your triumph was one of character more than ability and talent. I do not mean to imply that you or your men lacked talent and ability, but I could identify with your talents and abilities. I will never be able to speak like Churchill or have the ambition of Patton, but I can have the quiet determination of Easy Company. I can be a leader; I can be loyal; I can be a good comrade. These are qualities that you and your men demonstrated under the harshest of conditions. Surely I can do the same in my normal life”.

⁴⁸⁵ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “What is my attachment to men such as yourself, whom I have never met? Is it respect because you put your own life on the line to ensure younger people like me have the world we live in today? Is it awe that you could live from day to day watching friends being gunned down or blown apart and still get up the next day prepared to face the same horrors? Or perhaps, fascination at how you and your comrades were able to return to relative normality after the war, with the ghosts of the dead watching what you made of the life they were denied?”.

Quero homenagear os homens com quem servi, contando da melhor forma que posso as “histórias não contadas”. Muitas dessas histórias são de homens que não estão mais conosco, e não consigo pensar em nenhum legado melhor para eles e suas famílias. Mais importante, *quero compartilhar minhas memórias pessoais na esperança de que minha experiência sirva de exemplo para os líderes atuais e para as gerações futuras que devem tomar decisões difíceis e colocar suas vidas em risco para preservar a liberdade* (grifo nosso).⁴⁸⁶

Não há nenhuma dúvida: Winters escreve para as futuras gerações, especialmente aquelas que podem vir a ter que pegar em armas e lutar pelos Estados Unidos, sob a premissa de “luta pela liberdade”. E, como tal, Winters escreve como alguém que já havia sido colocado na posição de exemplo, ainda em vida.

Winters não se pretende iconoclasta de si mesmo; ele reforça tudo o que já está escrito na obra de Ambrose e o que já está representado na série televisiva. Ele esmiúça mais detalhes a respeito de histórias que seus leitores, em geral, já conhecem, e mais do que isso, pontua de forma bastante específica como certos momentos de sua trajetória foram determinantes para que ele desenvolvesse suas habilidades de liderança. O público de Winters o vê como o líder ideal, e o livro não só reforça essa ideia como tenta explicar como ele teria se tornado esse sujeito.

Quanto a suas capacidades de liderança, Winters abraça a mitologia criada em torno de sua figura. Ele dá a entender que, desde o começo do seu serviço, gostaria de um posto de oficial, e inclusive argumenta que um dos motivos para tal é que ele “sabia que era um homem melhor do que os oficiais que [ele] tinha encontrado”,⁴⁸⁷ em um momento de crítica severa para com alguns dos oficiais com os quais tivera contato durante o período de treinamento, como quando ele fala de um oficial que teria dado uma orientação de quarenta e cinco minutos sobre o rifle semiautomático M1 Garand usando um rifle Springfield 1903.⁴⁸⁸

Temos que levar em conta que o livro de memórias de Winters foi lançado em 2006, cinco anos após a série que o tornou famoso. Quando este livro foi lançado, tudo o que analisamos neste trabalho até aqui e os jogos que analisaremos a seguir já haviam

⁴⁸⁶ WINTERS; KINGSEED, op. cit., n.p. (tradução nossa). No original: “I want to honor the men I served with by telling as best I can the “untold stories.” Many of these stories are from men who are no longer with us, and I can think of no better legacy for them and their families. Most important, I want to share my personal memories in the hope that my experience will serve as an example for present leaders and those of future generations who must make difficult decisions and put their lives on the line in the preservation of liberty”.

⁴⁸⁷ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “I knew that I was a better man than most of the officers whom I had met”.

⁴⁸⁸ Ibid.

tomado conta das narrativas sobre o Dia D, e é bastante perceptível na leitura da obra do ex-combatente que tanto o livro de Ambrose e a série derivada quanto a recepção destas obras afetaram a forma como Winters compartilha suas memórias. Elas acabam precisando se adequar à memória nacional em torno da Segunda Guerra Mundial e a do público que assistiu a série e viu um Dick Winters praticamente infalível e honrado, e esta idealização não é de forma alguma quebrada pela falsa modéstia das memórias de Winters. O capitão foi, de fato, um grande líder, e a unanimidade desta opinião entre seus outrora subordinados nos dá uma noção do seu caráter. Ainda assim, a forma como suas memórias são afetadas pela memória nacional e pelas memórias prostéticas do público não pode ser ignorada.

Um ponto presente tanto no livro de Ambrose quanto na série é a exaltação dos paraquedistas como uma tropa de elite do Exército dos Estados Unidos, e de como a dureza de seu treinamento criava um senso de comunidade exclusivista e orgulhosa. Mas nenhuma das obras apresenta essa característica de maneira negativa: ao contrário, isso é visto como símbolo de distinção. Winters afirmou em suas memórias que os paraquedistas

eram os mais bonitos e os mais saudáveis fisicamente. Depois de dez meses de treinamento de infantaria, percebi que minha sobrevivência dependeria dos homens ao meu redor. Os soldados aerotransportados se pareciam com o que eu sempre imaginei de um grupo de soldados: duros, esguios, bronzeados e resistentes. Quando andavam na rua, pareciam ser um bando orgulhoso e arrogante, exibindo um desprezo tolerante por qualquer um que não fosse um *Airborne*.⁴⁸⁹ Então eu coloquei na cabeça que gostaria de trabalhar com um bando de homens desse calibre. Os paraquedistas eram os melhores soldados da escola de infantaria e eu queria estar com os melhores, não com os sacos tristes⁴⁹⁰ que via com frequência no posto.⁴⁹¹

⁴⁸⁹ *Airborne* é o termo original para se referir aos soldados aerotransportados. O termo, inclusive, aparece por escrito na insígnia da 101ª Divisão Aerotransportada (*Airborne Division*). Nos casos em que o termo aparecer isolado, manteremos a grafia original.

⁴⁹⁰ Sacos tristes (“*sad sacks*”, no original) era uma gíria da época para se referir a soldados ineptos ou de pouca competência. Era uma versão mais curta da expressão *sad sack of shit* (saco triste de merda) usada comumente no meio militar.

⁴⁹¹ WINTERS; KINGSEED, op. cit., n.p. (tradução nossa). No original: “were the best looking and most physically fit. After ten months of infantry training, I realized my survival would depend on the men around me. Airborne troopers looked like I had always pictured a group of soldiers: hard, lean, bronzed, and tough. When they walked down the street, they appeared to be a proud and cocky bunch exhibiting a tolerant scorn for anyone who was not airborne. So I took it in my head that I’d like to work with a bunch of men of that caliber. The paratroopers were the best soldiers at the infantry school and I wanted to be with the best, not with the sad sacks that I had frequently seen on post”.

No episódio 2, onde vemos a ação da Companhia Easy durante o Dia D, vemos como Winters liderou o ataque a peças de artilharia de 105mm que ficou conhecido como o assalto a Brécourt Manor. Com uma base de fogo bem posicionada e após um reconhecimento eficiente do terreno, o grupo de Winters conseguiu derrotar um grupo maior de alemães e neutralizar a artilharia alemã, que estava posicionada para atirar na Praia de Utah. O desembarque nesta praia acabou sendo mais fácil, em grande medida por conta desta ação, uma vez que ela interrompeu o bombardeio à praia. Winters demonstra bastante orgulho por esta ação em suas memórias, relatando inclusive sobre cartas recebidas de veteranos que desembarcaram em Utah agradecendo pela ação.

Ao final do episódio, são mostrados quais integrantes da companhia foram condecorados pela ação em questão e quais suas condecorações. Em seguida, antes dos créditos, vemos o seguinte texto em tela: “A captura da bateria alemã pela Companhia Easy tornou-se um caso clássico de ataque a uma posição fixa e ainda hoje é demonstrada na Academia Militar dos Estados Unidos em West Point.”⁴⁹²

Embora não se refira ao Dia D, há um episódio em particular que consideramos digno de nota, mais precisamente o episódio 9. Sugestivamente intitulado *Why we fight*, nele a Companhia Easy encontra um campo de concentração nazista perto de Landsberg, e demonstra como os soldados comandados por Winters ficaram abalados e revoltados com a descoberta, que teria dado a eles ainda mais certeza sobre o quão justa era a causa pela qual lutavam. Em suas memórias, Dick Winters fala sobre esse evento.

Enquanto eu passava pela guerra, era natural me perguntar: *Por que estou aqui? Por que estou suportando o frio congelante, a chuva constante e a perda de tantos companheiros? Alguém se importa?* Um soldado enfrenta a morte diariamente e sua vida é de miséria e privação, ele passa frio. Ele sofre de fome, frequentemente beirando a inanição. O impacto de ver aquelas pessoas atrás daquela cerca me fez dizer, pelo menos para mim mesmo: *Agora sei por que estou aqui! Pela primeira vez entendo do que se trata esta guerra.*⁴⁹³

⁴⁹² DAY OF DAYS. In: **BAND of Brothers**. Criação de Steven Spielberg e Tom Hanks. Direção de Richard Loncraine. Estados Unidos, HBO, 2001. 51 min, son., color. Episódio 2. Série exibida pela HBO Max (tradução nossa). Acesso em: 15 dez. 2022. No original: “Easy Company’s capture of the German Battery became a textbook case of an assault on a fixed position, and is still demonstrated at the United States Military Academy at West Point, today”.

⁴⁹³ WINTERS; KINGSEED, op. cit., n.p. (tradução nossa). No original: “As I went through the war, it was natural to ask myself, Why am I here? Why am I putting up with the freezing cold, the constant rain, and the loss of so many comrades? Does anybody care? A soldier faces death on a daily basis and his life is one of misery and deprivation, He is cold. He suffers from hunger, frequently bordering on starvation. The impact of seeing those people behind that fence left me saying, if only to myself, Now I know why I am here! For the first time I understand what this war is all about.”.

David K. Webster, escrevendo sobre este mesmo incidente décadas antes de Winters, afirmou que a experiência de presenciar o campo de concentração, entre outras situações,

finalmente me convenceu da necessidade de expulsar os alemães da face da Europa. Como uma nação civilizada poderia administrar campos de concentração e matar milhões—e ainda lutar por esse modo de vida? Como um homem poderia lutar por uma nação que destruiu milhões de famílias, que pôs velhas e crianças pequenas para trabalhar em campos de trabalho escravo? O Terceiro Reich foi um câncer na face do homem ocidental. Agora eu estava feliz por ter desempenhado um papel, mesmo que pequeno, ajudando a remover aquele câncer. Herbert Hoover, com sua mente metódica de engenheiro, podia admirar os alemães como uma raça eficiente e trabalhadora, mas eu só lamentava não ter atirado em mais deles.⁴⁹⁴

Aqui a série faz uma declaração inequívoca sobre o porque estes homens lutavam. A dramaticidade da chegada a um campo desconhecido repleto de indivíduos famélicos e tantos mortos, além do conhecimento repentino sobre o que acontecia ali, coloca o espectador ao lado dos soldados, que observam o local incrédulos. Se por um lado o governo dos Estados Unidos já sabia sobre os campos há anos, isso não necessariamente significa que os soldados também soubessem. Se fosse o caso, não necessariamente teriam noção da escala da catástrofe por desconfiarem do suposto exagero dos boatos, como vimos anteriormente.

Um dos elementos mais importantes da série são os depoimentos de ex-combatentes da Companhia Easy, normalmente no começo ou no fim dos episódios. Eles dão um verniz de veracidade histórica para a série, especialmente quando, no final do último episódio, vemos os veteranos já idosos sendo identificados nominalmente. Até então, para o espectador, eles eram ex-combatentes sem nome. Agora, ao final do episódio, o público pode identifica-los com mais facilidade, uma vez que puderam acompanhar a trajetória destes sujeitos no decorrer dos dez episódios.

⁴⁹⁴ WEBSTER, op. cit., n.p. (tradução nossa). No original: “Had finally convinced me of the need to drive the Germans from the face of Europe. How could a civilized nation run concentration camps and murder millions—and still fight for that way of life? How could a man fight for a nation that broke up millions of families, that put old women and little children to work in slave-labor lagers? The Third Reich was a cancer on the face of Western man. I was glad now that I had played a part, however small, in helping to remove that cancer. Herbert Hoover, with his methodical, engineer’s mind, could admire the Germans as an efficient and industrious race, bit I was only sorry that I had not shot more of them”.

Band of Brothers foi um sucesso de crítica ainda maior que *O resgate do soldado Ryan*—e teve quase o dobro do seu orçamento.⁴⁹⁵ Paul Clinton, escrevendo para a CNN, resgata novamente a noção do Dia D como salvador do mundo e afirma que a série

é um testemunho notável daquela geração de cidadãos-soldados, que responderam quando chamados a salvar o mundo para a democracia e depois silenciosamente retornaram para construir a nação que agora todos nós desfrutamos, e muitas vezes tomamos como certo.⁴⁹⁶

Até Paul Fussell, ferrenho crítico de *O resgate do soldado Ryan* e do mito da boa guerra, como qualquer leitor do seu livro *Wartime* pode constatar, elogiou a série, afirmando que “*Band of Brothers* é *O resgate do soldado Ryan* para adultos”.

Não é uma fantasia adolescente, mas uma encenação que se acredita ter sido escrita, tão autêntica que nela se encontram características como um comandante de companhia clinicamente sádico, pessoas que não podem dizer nada sem a ajuda da palavra com F, oficiais que matam prisioneiros por diversão e também fogem em batalha, e saqueadores (praticamente todos), junto com covardes, antissemitas e bêbados.⁴⁹⁷

Já Caryn James, escrevendo para o *The New York Times*, afirmou que *Band of Brothers* é “uma extraordinária série de 10 partes que supera seu maior desafio: equilibra o ideal de heroísmo com a violência e o terror da batalha, refletindo o que há de civilizado

⁴⁹⁵ JAMES, Caryn. TV Weekend; an intricate tapestry of a heroic age. *The New York Times*, 2001. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2001/09/07/movies/tv-weekend-an-intricate-tapestry-of-a-heroic-age.html>>. Acesso em: 15 dez. 2022.

⁴⁹⁶ CLINTON, Paul. Enlist TV for 'Band of Brothers'. CNN, 2001, n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20080321052240/http://archives.cnn.com/2001/SHOWBIZ/TV/09/07/band.brothers/index.html>>. Acesso em: 15 dez. 2022. No original: “is a remarkable testament to that generation of citizen soldiers, who responded when called upon to save the world for democracy and then quietly returned to build the nation that we now all enjoy, and all too often take for granted”.

⁴⁹⁷ FUSSELL, op. cit., n.p. (tradução nossa). No original: “It is not an adolescent fantasy but a believably written re-enactment, so authentic that in it one encounters such features as a clinically sadistic company commander, people who can't say anything without the assistance of the f-word, officers who kill prisoners for the fun of it and also run away in battle, and looters (virtually everybody), together with cowards, anti-Semites, and drunks”.

e selvagem na guerra.”⁴⁹⁸ As principais críticas à série versam sobre a dificuldade de memorizar e identificar tantos soldados, uma vez que a série apresenta muitos deles.⁴⁹⁹

Dois dias após a estreia da série na HBO, ocorreram os atentados de 11 de setembro de 2001. Tendo realizado uma intensa campanha de marketing, a HBO decidiu interromper a divulgação da série após os ataques, mas apesar disso, a série continuou tendo bons números. Enquanto a estreia teve cerca de 10 milhões de espectadores, o episódio seguinte teve cerca de 7.3 milhões,⁵⁰⁰ e o episódio final aproximadamente 5.1 milhões.⁵⁰¹ Nossa pesquisa não nos dá subsídio para afirmar qual teria sido o impacto da série, por exemplo, na percepção do público sobre os militares ou sobre as guerras em geral, tampouco se ela teve algum papel significativo no recrutamento militar naquele momento traumático para os Estados Unidos. Mas certamente é possível inferir que o mito da boa guerra que a série carrega com maestria teve algum impacto na cabeça de jovens que, após assistirem aquele que possivelmente foi o mais televisionado ataque terrorista da história, sentiram que o alistamento lhes levaria para outra “boa guerra”, uma guerra justa contra um inimigo que teria covardemente atacado os Estados Unidos por fanatismo ou por amor à tirania. O tamanho desse impacto, foge do escopo dessa pesquisa.

Mas não foi apenas em seu território habitual do audiovisual que Spielberg decidiu que deveria atuar para trazer a atenção do público para a valorização dos ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial, fosse mediante sua atuação como diretor, fosse como produtor. O cineasta queria experimentar uma nova mídia como veículo para se contar histórias e, de quebra, alcançar uma faixa-etária mais jovem. Foi assim que Spielberg decidiu investir na seara dos jogos eletrônicos.

⁴⁹⁸ JAMES, Caryn. TV Weekend; an intricate tapestry of a heroic age. **The New York Times**, 2001, n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2001/09/07/movies/tv-weekend-an-intricate-tapestry-of-a-heroic-age.html>>. Acesso em: 15 dez. 2022. No original: “an extraordinary 10-part series that masters its greatest challenge: it balances the ideal of heroism with the violence and terror of battle, reflecting what is both civilized and savage about war”.

⁴⁹⁹ SHALES, Tom. 'Band of Brothers': ragged WWII saga off to a slow march. **The Washington Post**, 2001. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/archive/lifestyle/2001/09/08/band-of-brothers-ragged-wwii-saga-off-to-a-slow-march/4a25b6f3-14f7-49b4-96aa-d1b7fd1d9b86/?noredirect=on>>. Acesso em: 15 dez. 2022.

⁵⁰⁰ LYMAN, Rick. Fewer soldiers march on screen; after attacks, filmmakers weigh wisdom of military stories. **The New York Times**, 2001. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2001/10/16/movies/fewer-soldiers-march-onscreen-after-attacks-filmmakers-weigh-wisdom-military.html>>. Acesso em: 15 dez. 2022.

⁵⁰¹ HBO's 'Band of Brothers' draws series' smallest audience for finale. **The Wall Street Journal**, 2001. Disponível em: <<https://www.wsj.com/articles/SB1005087812651291880>>. Acesso em: 15 dez. 2022.

CAPÍTULO 8

DIA D INTERATIVO

“Americanos jogam pra ganhar o tempo todo. É por isso que os americanos nunca perderam e nunca perderão uma guerra. O mero pensamento de perder é odioso para americanos.”

George S. Patton⁵⁰²

O cabo Bill Taylor do 2º Batalhão de Rangers espera na sua barcaça de desembarque enquanto ela se choca com as ondas no caminho para um enorme desfiladeiro. Sua missão é fácil de explicar, mas difícil de executar: escalar o penhasco chamado Pointe du Hoc e destruir a artilharia alemã acima. Antes mesmo da embarcação atingir a areia, alguns dos seus companheiros são atingidos e morrem instantaneamente. Ganchos com cordas são disparados no topo e a rampa da embarcação desce, mas quando Bill resolve sair dela, uma explosão próxima o derruba e o desorienta. Enquanto observa os arredores e vê vários de seus colegas sendo derrubados pelo fogo alemão, é ajudado por um companheiro, até que tenha condições de andar e subir o desfiladeiro com a ajuda de uma das cordas. Pouco tempo depois de chegar ao topo, Bill é morto por um soldado alemão. Tudo escurece, e em questão de segundos o cabo está pronto para tentar de novo, quantas vezes for necessário, até que o objetivo seja cumprido.

A cena descrita é uma descrição plausível do que pode ocorrer no jogo *Call of Duty 2*, que fez um grande sucesso entre os entusiastas do gênero. Se aproveitando da febre das mídias sobre Segunda Guerra Mundial da primeira metade dos anos 2000, o jogo colocava os jogadores no papel de combatentes de três fronts: um soviético, um britânico e um estadunidense.

Neste último capítulo discutiremos como o Dia D ganhou ainda mais corações e mentes através de experiências virtuais que buscam o didatismo através da imersão: os jogos eletrônicos de tiro em primeira pessoa. Colocando o público dentro da ação de

⁵⁰² BRIGHTON, Terry. **Patton, Montgomery, Rommel: Masters of War**. Nova York: Crown Publishers, 2009, E-book, n.p. (tradução nossa). No original: “Americans play to win all the time. That’s why Americans have never lost and never will lose a war. The very thought of losing is hateful to Americans”.

maneira segura, estes jogos ajudaram a popularizar a mitificação do Dia D ao redor do mundo, para todas as idades.

8.1 Honrar soldados, educar jovens

Após o sucesso de *O resgate do soldado Ryan* e ainda empolgado com os efeitos sociais e didáticos de obras que buscassem valorizar as experiências dos ex-combatentes estadunidenses na Segunda Guerra Mundial, Steven Spielberg resolveu dar um passo além se enveredando para a área de jogos eletrônicos. Em uma época em que os estúdios cinematográficos e de jogos eletrônicos passavam a se aproximar cada vez mais, algumas oportunidades permaneciam inexploradas, e Spielberg, a despeito de não estar inserido ainda na indústria dos games, percebeu que jogos poderiam ser usados para contar histórias. A história de sua inserção na indústria como um agente, não apenas como um diretor de propriedades que seriam licenciadas para a indústria dos jogos, começa a ganhar corpo em 1994 com a já mencionada criação da DreamWorks SKG.

A indústria dos jogos crescia a olhos vistos graças, em grande medida, ao sucesso de consoles com o *Super Nintendo* e o *Mega Drive*, e mais adiante com o surgimento do *Playstation*, a popularidade—e lucratividade—dos jogos eletrônicos cresceu ainda mais. Poucos anos após a criação da DreamWorks SKG, o jogo *Crash Bandicoot 2* tornou-se o produto mais lucrativo do ano de 1997 entre todas as formas de entretenimento existentes,⁵⁰³ e quando um jogo eletrônico se torna o produto de entretenimento mais lucrativo do mundo, as tentativas de se capitalizar em cima deste tipo de mídia são apenas uma questão de tempo.

Hollywood sempre esteve ciente de que a indústria dos jogos poderia render bons frutos. No entanto, muitas tentativas de trânsito entre as duas indústrias falharam miseravelmente. Nos anos 80 alguns jogos inspirados em filmes foram lançados, em geral sem sucesso. Um deles, o jogo inspirado no filme *E.T.: O Extraterrestre* de Steven Spielberg, foi um fracasso tão grande que mais de mil cópias do jogo foram simplesmente enterradas no deserto de Alamogordo. A história, tratada durante anos como mito, foi

⁵⁰³ RUSSEL, op. cit.

comprovada há alguns anos quando o local de desova dos cartuchos foi encontrado no Novo México.⁵⁰⁴

Já nos anos 1990, o inverso ocorreu. Hollywood percebeu que realizar filmes inspirados em jogos famosos poderia ser tão ou mais lucrativo do que licenciar suas propriedades intelectuais para a indústria dos *games*. Foi assim que fracassos retumbantes do cinema ganharam vida, como *Super Mario Bros* e *Street Fighter*, mas ainda assim, apesar dos reveses, a tentativa de trânsito entre as mídias continuou, e diante de um cenário onde grandes estúdios buscaram a criação de divisões interativas para aproveitar o potencial financeiro do trânsito entre o cinema e os jogos eletrônicos, o anúncio por parte da DreamWorks SKG de uma divisão de jogos era inevitável.

Logo a empresa anunciou parcerias com a Sega e a Microsoft, ambas já consagradas no âmbito do conteúdo digital, ainda que a Microsoft não tivesse muita experiência com jogos, como viria a adquirir no futuro. No acordo com a Microsoft em particular, o co-fundador da Microsoft e amigo próximo de Bill Gates, Paul Allen, investiu quinhentos milhões de dólares na DreamWorks em março de 1995 em troca de 18 por cento do estúdio. Com mais quinze milhões de investimento por parte da própria Microsoft em uma parceria 50-50, o segmento de produtos interativos da DreamWorks foi fundado. Nascia a DreamWorks Interactive.⁵⁰⁵

Spielberg não queria que seu novo estúdio fosse apenas um veículo de produção de propriedades intelectuais alheias mediante licenciamento. De acordo com Jamie Russel, Spielberg não queria que a DWI atuasse apenas para produzir títulos licenciados; ao invés disso, ela seria “uma estufa da qual, esperava o diretor, algo melhor e maior floresceria. Não contente em apenas fazer jogos, Spielberg queria fazer jogos que importassem; jogos que poderiam ter a força de alto impacto de um filme de sucesso.”⁵⁰⁶

Apesar dos investimentos, incluindo aí uma parceria com a Microsoft de 50-50 por cento e um investimento de quinze milhões de dólares por parte da companhia de Bill Gates, o começo da empreitada da DWI não foi dos melhores, com iniciativas que fracassaram em conseguir a atenção dos jogadores costumazes. A principal delas naquele momento foi *That's Life*, uma tentativa de comédia romântica em torno da ideia de

⁵⁰⁴ SMITH, Aaron. New Mexico city finds buried treasure of Atari games. **CNN Business**, 2015. Disponível em: <<https://money.cnn.com/2015/09/01/technology/atari-et/index.html/>>. Acesso em: 15 jun 2022.

⁵⁰⁵ RUSSEL, op. cit.

⁵⁰⁶ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “a hothouse from which, the director hoped, something better and bigger would flourish. Not content with merely making games, Spielberg wanted to make games that mattered; games that could have the high-impact force of a blockbuster movie.”.

simulação de vida real. Curiosamente a ideia de um jogo de simulação viria a fazer sucesso futuramente com o lançamento da franquia *The Sims*.

Mas a concepção de *O resgate do soldado Ryan* influenciou Spielberg a levar adiante um desejo já existente de se criar um jogo de Segunda Guerra Mundial com grandes doses de interatividade e que tentasse ao máximo inserir os jogadores na pele dos soldados. Anos antes uma ideia do tipo já tinha sido apresentada pelo diretor à DKI a respeito de um jogo que se passasse na invasão da Normandia e seria chamado *Normandy Beach*, concebido por um designer de jogos amigo de Spielberg, Noah Falstein.

Discutindo o jogo *Normandy Beach*, Spielberg lançou uma ideia para uma reviravolta interativa na história: imagine se o jogador estivesse se movendo pelas sebes na Europa ocupada como um soldado dos EUA. Ele vê um brilho de luz, ouve um tiro e percebe que há um franco-atirador por perto. Com o tempo, o jogo treina o jogador para associar o brilho da luz de uma mira de arma com um *sniper*. Toda vez que você vê um brilho, você contra-ataca e mata um atirador nazista. “Eventualmente, você vê um brilho em uma torre alta de igreja e atira naquela também”, explica Kaufman, lembrando do tom. “Agora você luta para subir a torre—o campanário da igreja onde você viu o brilho. Você está matando nazistas e fazendo todas essas coisas boas. Você vai até o topo e lá você encontra uma garota em um vestidinho branco de comunhão com uma cruz de prata no pescoço e um buraco de bala bem na testa. Você percebe que aquilo era o brilho. Você atirou... Como seria esse momento? Quando Spielberg estava nos contando isso, ficamos arrepiados. Nós ficamos tipo ‘Oh meu Deus, as pessoas largariam o controle! Você não pode fazer isso!’ Mas esse é o próximo nível de entretenimento interativo; e, de certa forma, é mais poderoso do que vê-lo como um filme. Em um filme você vê isso e se sente um pouco manipulado, você investe no personagem e pensa: ‘Eu não faria isso’. Você fez a escolha.”⁵⁰⁷

A ideia não seguiu adiante, e o novo chefe executivo da DreamWorks, Glenn Entis, encerrou os planos para este jogo e levou sua verba para outro projeto da casa, o

⁵⁰⁷ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “Discussing the Normandy Beach game, Spielberg threw out an idea for an interactive plot twist: imagine if the player was moving through the hedgerows in occupied Europe as a US soldier. He sees a glint of light, hears a shot and realizes there’s a sniper nearby. Over time, the game trains the player to associate the glint of light from a gun sight with a sniper. Every time you see a glint, you fire back and kill a Nazi sharpshooter. “Eventually, you see a glint up in a high church tower and you shoot that one too,” explains Kaufman, recalling the pitch. ‘Now you fight your way up the tower - the church steeple where you saw the glint. You’re killing Nazis and doing all that good stuff. You go all the way up to the top and there you find a girl in a little white communion dress with a silver cross around her neck and a bullet hole right in her forehead. You realize that was the glint. You took the shot... What would that moment be like? When Spielberg was telling us this, we got goosebumps. We were like ‘Oh my God, people would drop the controller! You can’t do that!’ But that is the next level of interactive entertainment; and, in a way, it’s more powerful than seeing it as a movie. In a movie you see that and feel a little manipulated, you’re invested in the character and think: ‘I wouldn’t do that.’ In a game, you pulled the trigger. You made the call.”

jogo *Jurassic Park: Trespasser*, que apesar de carregar a lucrativa marca *Jurassic Park*, foi um fracasso retumbante. Mas a ideia de um jogo de Segunda Guerra voltou quando em novembro de 1997 Spielberg a retomou. Segundo Jamie Russel, autor do livro *Generation X-Box*:

Spielberg, que estava naquele momento na pós-produção de *O Resgate do Soldado Ryan* veio até os escritórios da DreamWorks Interactive e esboçou sua ideia. Ele viu *O Resgate do Soldado Ryan* como uma experiência educacional tanto quanto uma propriedade de entretenimento... Ele viu seu filho adolescente e seus amigos jogarem *Goldeneye* no Nintendo 64. Poderia a DreamWorks construir um jogo de tiro da Segunda Guerra Mundial, ele se perguntou, que os permitiria aprender sobre o conflito brincando?⁵⁰⁸

Spielberg apresentou a ideia de um jogo de tiro em primeira pessoa que se passaria no teatro europeu de combate e receberia o nome da maior honraria militar estadunidense, a Medalha de Honra, com o objetivo de ser historicamente preciso, divertido e um tributo aos soldados dos EUA mortos naquela guerra. A ideia foi recebida com desconfiança, segundo Russel,

por mais difícil que seja acreditar hoje, a Segunda Guerra Mundial foi considerada ultrapassada. “As pessoas duvidavam muito”, lembra o produtor Peter Hirschmann. “Eles disseram: ‘A Segunda Guerra Mundial é antiga, tem teias de aranha. As pessoas querem armas de raios, criaturas do inferno e rifles a laser’. A ideia de fazer algo com relevância histórica em um ambiente de jogo de baixa tecnologia foi difícil de vender.”⁵⁰⁹

Spielberg abordou o estúdio Eletronic Arts, mais conhecido como EA, com as principais ideias para o jogo durante a produção de seu filme sobre a invasão da Normandia. O estúdio, que já havia certa vez questionado se um computador poderia fazer chorar, estava alinhado com as ideias do diretor, e queria criar um jogo que situasse os jogadores ‘na pele’ de um soldado comum. Até aquele momento, a maioria

⁵⁰⁸ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “Spielberg, who was then in post-production on *Saving Private Ryan* came into the DreamWorks Interactive offices and outlined his idea. He saw *Saving Private Ryan* as an educational experience as much as an entertainment property...He’d watched his teenage son and his friends play *Goldeneye* on Nintendo 64. Could DreamWorks build a World War II shooter, he wondered, that would let them learn about the conflict through playing?”.

⁵⁰⁹ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “hard as it is to believe today, World War II was considered passé. “People were really dubious,” recalls producer Peter Hirschmann. “They said: ‘World War II is old, it’s got cobwebs on it. People want ray guns, hell-spawn and laser rifles’. The idea of doing something with historical relevance set in a low-tech game environment was a challenging sell.”.

esmagadora dos jogos de Segunda Guerra Mundial eram de estratégia, sendo o FPS *Wolfenstein 3D*, de 1992, uma notável exceção. Ainda assim, este jogo tinha um caráter bastante fantasioso e até certo ponto cômico, que nem de longe permitia aos jogadores uma imersão histórica aos moldes do que Spielberg propunha. E foi a partir daí que *Medal of Honor* foi ganhando forma.⁵¹⁰

Nos estágios iniciais de concepção do jogo, o diretor convidou Dale Dye—o mesmo capitão aposentado dos Fuzileiros Navais que prestou consultoria para *O resgate do soldado Ryan*—para orientar a equipe que criaria o jogo a partir de sua expertise militar. De início o capitão foi contra a realização do jogo, afirmando que ele seria um produto irresponsável, de mau gosto e que exploraria a guerra como entretenimento, até que foi convencido das intenções nobres por trás da empreitada e passou a assessorar a DWI.⁵¹¹

Contudo, as controvérsias não parariam por aí. Meses antes do lançamento do jogo ocorreu o conhecido Massacre de Columbine, onde dois estudantes armados entraram na Escola de Columbine e atiraram em estudantes e professores, matando alguns deles. Ainda que muitos outros atentados em escolas tenham ocorrido nos Estados Unidos desde então, ainda hoje Columbine é um caso paradigmático a respeito desse sério problema que assola o país.

Imediatamente a imprensa estadunidense passou a buscar culpados, e a indústria do entretenimento não ficou de fora disso. De músicos a jogos, todos estavam passíveis de ser culpabilizados, e jogos considerados violentos passaram a receber atenção negativa. Diante disso, a DWI decidiu excluir os elementos de violência mais gráficos do jogo. Se no protótipo era possível explodir inimigos e mutilá-los no processo, a versão que foi colocada à venda excluiu até mesmo a presença de sangue.⁵¹²

Uma polêmica ainda maior viria a seguir, quase resultando no cancelamento do jogo. Paul Bucha, presidente da *Congressional Medal of Honor Society*, escreveu uma carta a Spielberg com duras críticas ao jogo, quando ficou sabendo que ele estava sendo produzido. Para Bucha, o jogo simbolizava a desonra da Medalha de Honra e deveria ter seu nome alterado. Na esperança de resolver a situação, o veterano do Vietnã e recipiente da medalha em questão foi convidado para uma reunião onde estavam presentes Spielberg

⁵¹⁰ RAMSAY, Debra. Brutal Games: Call of Duty and the Cultural Narrative of World War II. **Cinema Journal**, Texas, v. 54, n. 2, p. 94-113. dez/fev. 2015, p. 96-97.

⁵¹¹ RUSSEL, op. cit.

⁵¹² Ibid.

com seu assessor de imprensa, Marvin Levy, além dos chefes executivos da DWI Glenn Entis e Peter Hirschmann. Bucha foi enfático na sua condenação dos jogos de guerra, afirmando que a Medalha de Honra era algo sagrado, o que faria um jogo de videogame sobre ela algo horrível.⁵¹³

Spielberg estava arrasado. *Medal of Honor* era um projeto pessoal bastante importante para o diretor, que queria usá-lo para educar os jovens sobre a Segunda Guerra Mundial a partir de uma perspectiva mais pessoal, colocando-os no controle de um soldado em situações de combate em primeira-pessoa. No entanto, o que mudou tudo foi o simples convite por parte de Hirschmann para que Bucha jogasse *Medal of Honor*. Ao observar o esmero da obra e verificar um demonstrativo do mesmo, detalhadamente explicado pelo chefe executivo da DWI, Bucha não apenas mudou de ideia: a *Congressional Medal of Honor Society* passou a endossar o jogo.⁵¹⁴

8.2 Medal of Honor

Medal of Honor começa com uma *cutscene* com diferentes ilustrações de batalhas pela história dotada de uma narração de Dale Dye que afirma que a “civilização sempre conheceu o conflito”, mas que apenas no século XX o escopo do conflito humano teria se ampliado para uma escala capaz de engolfar todo o mundo. O que se segue é uma breve explicação de como a Segunda Guerra Mundial derivou-se diretamente da guerra anterior, de como Hitler atacou o Reino Unido e de como este foi capaz de resistir, ressaltando a vitória na Batalha da Inglaterra, e, de acordo com o texto introdutório, “alimentaram o fogo da liberdade tempo o suficiente para permanecerem vivos e salvar o mundo”.⁵¹⁵

O texto logicamente implica na premissa de que uma derrota britânica contra os nazistas entre 1940 e 1941 teria sido o suficiente para que o mundo inteiro fosse derrotado, ignorando tanto o fato de que história contrafactual não é História quanto o papel da União Soviética na derrota nazista, uma narrativa bastante ocidentalizada e conveniente para as potências do Atlântico Norte do pós-guerra, algo que é ainda mais reforçado pelo que vem a seguir.

Na sequência o jogo aponta a entrada dos Estados Unidos após Pearl Harbor, ressaltando a participação do seu complexo industrial e militar. Após ressaltar a

⁵¹³ Ibid.

⁵¹⁴ Ibid.

⁵¹⁵ MEDAL of Honor. Redwood City, Estados Unidos. **Electronic Arts**, 1999. 1 jogo eletrônico.

participação dos estadunidenses na África, Itália e na Europa após o Dia D, a narração coloca o protagonismo no jogador, ao afirmar: “Você, soldado, é uma parte dessa grande cruzada. Você está pronto para ir além do chamado do dever?”.⁵¹⁶

A expressão *above and beyond the call of duty* é retirada diretamente do critério definidor para o recebimento da Medalha de Honra. De acordo com o Departamento de Defesa dos Estados Unidos:

A Medalha de Honra é a mais alta condecoração militar que pode ser concedida pelo governo dos Estados Unidos. É apresentado pelo Presidente dos Estados Unidos, em nome do Congresso, e é conferido apenas aos membros das Forças Armadas dos Estados Unidos que se distinguem por bravura e intrepidez conspícuas, com risco de vida além do chamado do dever: enquanto engajado em ação contra um inimigo dos Estados Unidos; enquanto estiver envolvido em operações militares envolvendo conflito com uma força estrangeira adversária; ou ao servir com forças estrangeiras amigas envolvidas em um conflito armado contra uma força armada adversária na qual os Estados Unidos não são uma parte beligerante.⁵¹⁷

Percebe-se também, sem muito esforço a completa ausência da União Soviética na narrativa, algo que, a despeito de uma série de estereótipos, sua futura franquia concorrente ao menos colocaria em consideração.

O protagonista da história, controlado pelos jogadores, é o tenente Jimmy Patterson. No dia 6 de junho de 1944, Patterson é convocado pelo Escritório de Serviços Estratégicos (*Office of Strategic Services*, ou OSS), um serviço de inteligência que é tomado como precursor da Agência Central de Inteligência (*Central Intelligence Agency*, ou CIA), e seus méritos como soldados são ressaltados para justificar porque ele é escolhido para atuar à serviço da OSS. Seu recrutador afirma que os instrutores de Patterson lhe deram as notas mais altas durante o treinamento tanto para o uso de armas ("Você é o melhor atirador da sua classe") quanto em habilidades de liderança e esperteza.

⁵¹⁶ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “You, soldier, are a part of this great crusade. Are you ready to rise above and beyond the call of duty?”.

⁵¹⁷ U.S. DEPARTMENT OF DEFENSE. Description of Medals. **U.S. Department of Defense**, s.d., n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://valor.defense.gov/description-of-awards/>>. Acesso em: 01 out. 2022. No original: “The Medal of Honor is the highest military decoration that may be awarded by the United States government. It is presented by the President of the United States, in the name of Congress, and is conferred only upon members of the United States Armed Forces who distinguish themselves through conspicuous gallantry and intrepidity at the risk of life above and beyond the call of duty: while engaged in action against an enemy of the United States; while engaged in military operations involving conflict with an opposing foreign force; or while serving with friendly foreign forces engaged in an armed conflict against an opposing armed force in which the United States is not a belligerent party”.

É apresentado também parte do histórico universitário do tenente, que estaria a apenas um semestre de se formar em Engenharia Aeroespacial antes do seu alistamento, com notas máximas em todas as disciplinas. Patterson precisa decidir imediatamente se aceita o serviço, e o jogo começa quando o tenente já aceitou atuar pela OSS, após receber instruções de Manon Batiste, integrante da Resistência Francesa e que viria a ser a protagonista da sequência, *Medal of Honor: Underground*.⁵¹⁸

A maior parte da ação em *Medal of Honor* se dá em ambientes lineares no período da noite ou em locais fechados, uma vez que o console para o qual foi lançado não tinha capacidade de processamento suficiente para ambientes mais abertos e com muita iluminação. Os limites do console, portanto, contribuíram para algumas escolhas narrativas do jogo, incluindo aí o fato de que o protagonista age sozinho—sem ignorar que isso coaduna com o clichê do herói cinematográfico estadunidense que, com pouca ou nenhuma ajuda, resolve os problemas, cumpre seus objetivos e realiza o salvamento, seja de uma donzela em perigo, seja do mundo inteiro.

Se para os parâmetros atuais *Medal of Honor* é extremamente datado, para a época de lançamento o jogo foi uma revolução no gênero FPS e nos games como um todo. Até aquele momento o único jogo FPS ambientado na Segunda Guerra Mundial que não tinha um componente de fantasia ou ficção científica (*Wolfenstein* e *Mortyr 2093-1944*, por exemplo) era *WWII: G.I.*, jogo completamente esquecido pelos jogadores que saiu apenas alguns meses antes de *Medal of Honor* e desde seu lançamento já foi considerado obsoleto.⁵¹⁹

Lançado exclusivamente para Playstation, *Medal of Honor* foi um dos jogos mais vendidos da história—sucesso esse que a DreamWorks Interactive não teve a oportunidade de usufruir após a venda do seu segmento de jogos, que se deu antes que o jogo passasse a ser imensamente lucrativo. Receosos com as perdas em seu setor de jogos, a DreamWorks SKG decidiu vender a DWI para a EA antes mesmo do lançamento de *Medal of Honor*, por valores nunca revelados. A esperança era que a venda diminuísse as perdas que as tentativas de criação de jogos de sucesso por parte da DWI tiveram, mas no fim das contas, de um ponto de vista financeiro, foi uma decisão equivocada. A

⁵¹⁸ MEDAL, op. cit.

⁵¹⁹ IGN Staff. WWII G.I. IGN, 1999. Disponível em: <<https://www.ign.com/articles/1999/08/10/wwii-gi>>. Acesso em: 15 dez. 2022.

franquia derivada desse jogo renderia mais de um bilhão de dólares para a Eletronic Arts.⁵²⁰

Spielberg, após o lançamento do primeiro jogo e a venda da DWI, decidiu não se envolver com os jogos seguintes, mas embora sua participação tenha se resumido apenas ao primeiro, sua ideia de um FPS de Segunda Guerra Mundial mudou o mundo dos jogos para sempre, e seu trabalho em *O resgate do soldado Ryan* e *Band of Brothers* continuaria influenciando os produtos com essa temática por muitos anos. Mais do que isso: o diretor atingiu seu objetivo de levar a história da Segunda Guerra Mundial e o louvor em torno dos soldados para gerações mais jovens. Peter Hirschmann, o produtor que convenceu Paul Bucha e viria a participar de muitas reuniões da Congressional Medal of Honor Society, afirmou a James Russel que muitos recipientes da Medalha de Honra o agradeceram pelo jogo:

Todos eles tinham netos que vivenciavam suas histórias através do jogo. Essa foi uma recompensa maravilhosa para a coisa toda. Todo aquele trabalho que colocamos na jogabilidade, os filmes históricos que passavam no final de cada nível—essa merda foi difícil, levou muito tempo. Foi ótimo, impactou.⁵²¹

O site *IGN* o colocou em 20º lugar no Top 100 de jogos de tiro de todos os tempos, sob a seguinte justificativa:

O impacto da Medal of Honor nos jogos de tiro é difícil de exagerar. Com uma história de Steven Spielberg e música de Michael Giacchino, o jogo deu início praticamente sozinho à loucura dos jogos de tiro da Segunda Guerra Mundial que duraria uma década inteira. Um enredo profundo e soberbamente atuado, longas missões cheias de reviravoltas que lembram *Goldeneye* e armamento realista permitiram que Medal of Honor ficasse acima de todos os outros FPS que agraciaram o PS1. Jogar as 20 missões longas e polidas do Medal of Honor ajuda a entender como o jogo geraria 13 sequências nos próximos 13 anos.⁵²²

⁵²⁰ RUSSEL, op. cit.

⁵²¹ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “They all had grandkids who were experiencing their stories through the game. That was a wonderful payoff to the whole thing. All that work we put into the gameplay, the historical movies that played at the end of every level - that shit was hard, it took a long time. It was great it had an impact”.

⁵²² IGN. Top 100 first-person shooters. *IGN*, s.d., n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://www.ign.com/lists/shooters/20>>. Acesso em: 1 out. 2022. No original: “Medal of Honor's impact on video game shooters is difficult to overstate. With a story from Steven Spielberg and music by Michael Giacchino, the game almost single-handedly kicked off the WWII shooter crazy that would last for a full decade. A deep, superbly-acted storyline, lengthy twist-filled missions reminiscent of *Goldeneye*, and

O mesmo site, ao listar os 25 melhores jogos da história do console Playstation em 2002, pouco antes do lançamento do Playstation 2, colocou *Medal of Honor* em 21º lugar, ressaltando que apesar de alguns problemas, não havia jogo do gênero FPS melhor para aquele console.⁵²³

A lista de jogos da franquia *Medal of Honor* é imensa, incluindo aí tanto as versões exclusivas para console ou computadores quanto as lançadas para ambos os tipos de plataformas, e analisar cada um desses jogos acabaria sendo redundante para este trabalho. Contudo, cremos ser importante ao menos mencionar *Medal of Honor: Allied Assault*, o primeiro lançado para computadores, e *Medal of Honor: Frontline*, lançado para consoles, uma vez que estes dois jogos trouxeram aos jogadores a experiência do desembarque em Omaha, começando a sedimentar a mitificação do Dia D no mundo dos jogos eletrônicos.

Medal of Honor: Frontline abre com filmagens da Segunda Guerra Mundial, mas ao invés de contar com um texto de narração original tentando resumir a guerra como no primeiro jogo, ele conta com uma versão resumida da Ordem do Dia 6 de junho de 1944 de Dwight Eisenhower, já apresentada neste trabalho. O jogo abre de maneira muito parecida com *O resgate do Soldado Ryan*, com o jogador uma vez mais controlando Jimmy Patterson dentro de uma das barcas de desembarque se encaminhando para a Praia de Omaha. No caminho, um avião de caça inimigo ataca a barca à esquerda do jogador, obtendo sucesso—algo pouco verossímil diante das precárias condições da *Luftwaffe* na região.⁵²⁴

Assim que a rampa de desembarque da barca desce, ela é atingida por uma explosão, que projeta os soldados—incluindo o protagonista—para o mar. O jogador afunda e consegue ver outros de seus colegas afundando, enquanto tentam se livrar dos equipamentos pesados para evitar o afogamento. Traços de balas atravessando a água podem ser vistos ceifando a vida das personagens ao redor, como ocorre no filme de Spielberg tal qual descrevemos no capítulo anterior. Quando o protagonista sai da água o

realistic weaponry allowed Medal of Honor stand above every other FPS that graced the PS1. Playing through Medal of Honor's 20 lengthy and polished missions makes it easy to see how the game would go on to spawn 13 sequels over the next 13 years”.

⁵²³ IGN. Top 25 games of all time: complete list. **IGN**, 2002. Disponível em: <<https://www.ign.com/articles/2002/01/23/top-25-games-of-all-time-complete-list>>. Acesso em: 01 out. 2022.

⁵²⁴ MEDAL of Honor: Frontline. Redwood City, Estados Unidos. **Electronic Arts**, 2002a. 1 jogo eletrônico.

jogo finalmente dá o controle ao jogador, que se encontra com seu capitão e recebe a ordem de seguir adiante, e assim como no filme, o jogador precisa buscar os torpedos Bangalore, usados para cortar o arame farpado e permitir o avanço aliado. Enquanto avança, o jogo oferece instruções ao jogador, de modo que ele cumpra os objetivos. Possivelmente por conta da capacidade de processamento dos consoles na época, a praia não conta com muitos soldados aliados.⁵²⁵

Em seguida, Patterson é enviado para tomar um dos *bunkers* de frente para a praia, e assim segue até finalizar as duas missões na Praia de Omaha. Na sequência, o jogo parece dar um salto temporal que cobriria a linha do tempo do primeiro jogo da franquia, e o avanço aliado segue pela Europa.

Em *Medal of Honor: Allied Assault* o personagem Mike Powell, parte do 2º Batalhão de Rangers (o mesmo grupo que protagoniza *O resgate do soldado Ryan*), passa por diversos momentos da guerra, atuando primeiro na Operação Tocha, no norte da África. Depois, participa de uma missão para se infiltrar em uma base da *Kriegsmarine* e finalmente temos a sequência mais famosa do jogo: a invasão da Praia de Omaha, que também ocorre de maneira muito parecida com o que é representado no filme de Spielberg e com a sequência do desembarque em *Frontline*. A maior diferença perceptível é que, ao invés da barcaça ser atingida por uma explosão e jogar o protagonista no mar, quando sua rampa desce ela é atingida por uma saraivada de balas, que mata as personagens ao redor do jogador, que recebe o controle do protagonista ainda dentro da barcaça, sendo difícil sair dela sem que receba alguns tiros. Ao invés de correr pela praia de um lado para o outro com certa liberdade, como ocorre em *Frontline*, aqui o jogador precisa alternar momentos de movimento com momentos de buscar cobertura atrás dos obstáculos colocados na praia pelos alemães, especialmente os ouriços tchecos que protegem a personagem das rajadas de metralhadora inimigas.⁵²⁶

De resto, a sequência ocorre de maneira bastante parecida com a abertura de *Frontline*, incluindo o objetivo de buscar os torpedos Bangalore e o de limpar um *bunker* alemão. Assim que esta missão é concluída, uma nova missão se apresenta, já no dia 7 de junho em Bocage.

Sempre ficou evidente nos jogos da franquia, a julgar pelos próprios objetivos de Spielberg, que a ideia era criar um ambiente imersivo onde os jogadores pudessem sentir

⁵²⁵ MEDAL, 2002a.

⁵²⁶ MEDAL of Honor: Allied Assault. Redwood City, Estados Unidos. **Electronic Arts**, 2002b. 1 jogo eletrônico.

que estavam experienciando, ao menos parcialmente, o que os soldados aliados desembarcando na Normandia viveram naquele dia 6 de junho. E a julgar por algumas reações do público, podemos dizer que o jogo conseguiu gerar este sentimento. Em um dos vídeos presentes no *YouTube* sobre *Frontline*, mais precisamente um que mostra a jogabilidade e a progressão da história do jogo, vemos comentários que endossam essa afirmação. Um dos jogadores afirma: “Lembro-me de ter ficado tão impressionado na primeira vez que vi esse jogo quando você estava indo para a praia. Eu pensei que parecia tão real como se fosse a vida real.”⁵²⁷ Outro vai mais além, afirmando que *Frontline* lhe apresentou a Segunda Guerra Mundial e o tornou obcecado por ela: “Este é o jogo que me levou para a Segunda Guerra Mundial. Anos e anos de jogos, filmes, pesquisas e obsessão por história e viagens começaram aqui. Louco.”⁵²⁸ Um terceiro comentarista aponta como *O resgate do soldado Ryan* e *Medal of Honor: Frontline* agiram em sinergia para capturar a atenção dele e dar a ele um senso de imersão. “Este jogo... foi tão incrível para mim. Eu tinha acabado de assistir *O Resgate do Soldado Ryan*... então entrei nesse jogo e foi tão incrivelmente imersivo...”⁵²⁹

A franquia ia de vento em popa quando parte da equipe que trabalhava nela resolveu montar sua própria empresa, a *Infinity Ward*, e através dela, eles não apenas criariam a principal franquia rival de *Medal of Honor*: ela se tornaria uma das mais bem sucedidas e mais longas franquias da história dos jogos: *Call of Duty*.

8.3 Call of Duty

Call of Duty foi lançado em 2003, tendo sido desenvolvido pela produtora *Infinity Ward* e distribuído pela *Activision*. Tendo sido criado por uma equipe que trazia alguns desenvolvedores da sua franquia concorrente, *Medal of Honor*, o jogo apresentava algumas inovações em relação à franquia anterior, sendo que duas chamavam mais a atenção dos jogadores. A primeira delas era que, ao contrário de *Medal of Honor*, o jogador não atuava sozinho. Outros soldados, controlados pela inteligência artificial do

⁵²⁷ AFGuidesHD. Medal of Honor Frontline Gameplay Walkthrough Part 1 - Normandy Landings. *Youtube*, 11 dez. 2016 (tradução nossa). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=G7QwIMH1slk>>. Acesso em: 01 out. 2022. No original: “I remember being so blown away the first time I saw this game when you're heading onto the beach. I thought it looked so real like it was real life”.

⁵²⁸ Ibid., (tradução nossa). No original: “This is the game that got me into ww2. Years and years of gaming, movies, research and obsession with history and traveling all started here. Crazy”.

⁵²⁹ Ibid., (tradução nossa). No original: “This game... was so damn amazing for me. I had just watched *Saving Private Ryan*... then went into this game and it was so incredibly immersive...”.

jogo acompanham o jogador na maioria das missões, permitindo a este uma sensação de um combate empreendido de maneira coletiva, como normalmente ocorre em conflitos armados, em oposição a uma perspectiva tipicamente hollywoodiana do lobo solitário que, sozinho, é capaz de realizar feitos impressionantes, algo pouco comum em guerras.

No entanto, a principal e mais interessante mudança que o jogo trazia era a possibilidade de jogar com personagens das três principais potências aliadas da Segunda Guerra Mundial. Enquanto em *Medal of Honor* você jogava apenas com um personagem estadunidense, em *Call of Duty* você tinha a possibilidade de jogar também com um personagem britânico e um soviético. No entanto, apesar de reconhecer o esforço soviético no enfrentamento dos nazistas, a campanha soviética—especialmente nas primeiras missões—carrega uma série de estereótipos negativos que são constantemente reiterados em mídias ocidentais. No caso de *Call of Duty*, é perceptível a qualquer jogador mais atento que estas primeiras missões são claramente inspiradas no filme *Círculo de Fogo* (no original, *Enemy at the Gates*), parcialmente inspirado nas memórias do atirador de elite soviético Vassili Zaitsev.

A campanha estadunidense começa com uma missão-tutorial, que tem como objetivo ensinar ao jogador os comandos mais básicos do jogo. Ela é ambientada no Acampamento Toccoa, na Geórgia, onde eram treinados os integrantes da 101ª Divisão Aerotransportada, incluindo aí o 506º Regimento de Infantaria Paraquedista, da qual faz parte o protagonista do jogo, o soldado Martin, membro da Companhia *Baker*. Vale lembrar que se trata do mesmo acampamento representado no primeiro episódio de *Band of Brothers* onde treina a Companhia *Easy*.

Sendo Martin um paraquedista da 101ª Divisão Aerotransportada, ele salta de paraquedas atrás das linhas inimigas, como de fato ocorreu no Dia D. A maioria das fases deste jogo se iniciam com uma imagem do diário do personagem que o jogador controla, descrevendo sua situação ou a missão que vem pela frente. Na primeira missão após o treinamento, o diário de Martin diz o seguinte:

Dia D 0020 Horas

Ninguém parece ter caído onde deveria. Ainda não vi ninguém da minha unidade, mas felizmente me encontrei com alguns dos caras da Companhia Baker. Também temos homens das Companhias Able, Dog e Fox conosco... que bagunça.

Estamos nos preparando para capturar a vila de Ste. Mère Eglise, a cerca de 8 km de Utah Beach. Estamos nos aproximando por um campo estreito com campos minados em cada lado.

O capitão Foley diz que há dois pelotões de paraquedistas alemães naquela aldeia. Eu diria que temos uma luta séria pela frente. As estradas de Ste. Mère Eglise ligam a praia de Utah à principal rodovia da península, o que deve nos colocar no caminho do mais provável contra-ataque alemão.⁵³⁰

Nessa primeira missão o soldado Martin tem como principal objetivo posicionar um marcador que indique aos paraquedistas onde pousar, e na sequência o soldado e seus colegas têm como principal objetivo destruir *Flakpanzers* (tanques adaptados com armas antiaéreas) e libertar Ste. Mère Eglise da presença alemã. Após um combate noturno que se arrasta até a manhã seguinte, somos levados à missão seguinte, destinada a defender a então conquistada vila. Na entrada do diário referente à defesa de Ste. Mère Eglise, o soldado Martin escreve:

Dia D, 05:00 horas

Os garotos nas praias já devem ter desembarcado. Eles estão a apenas alguns quilômetros de distância, mas agora parece um milhão. Não temos rádio e estamos completamente sem comunicação. Capitão Foley estava certo. Enfrentamos um pelotão ou mais de paraquedistas alemães quando tomamos esta vila ontem à noite. Hoje a defendemos contra o contra-ataque alemão. Nossas defesas são todas roubadas: MG42s inimigos, Panzerfausts para defesa antitanque e a própria vila.

A Força Aérea e a Marinha deram um show e tanto esta manhã arrasando naquelas praias. Uma coisa é certa, os alemães sabem que estamos aqui. Se isso significa que eles viram as costas e correm ou aparecem de repente que nem um enxame, estamos prestes a descobrir.⁵³¹

⁵³⁰ No original: "D-Day 0020 Hours. Nobody seems to have dropped where they were supposed to. I haven't seen anyone from my unit yet, but luckily I've hooked up with some of the guys from Baker Company. We also have men from Able, Dog, and Fox Companies with us... what a mess. We're getting ready to capture the village of Ste. Mère Eglise, about 5 miles from Utah Beach. We're approaching through a narrow field with minefields on each side. Captain Foley says there's two platoons of German paratroopers in that village. I'd say we've got a serious fight ahead of us. The roads of Ste. Mère Eglise connect Utah beach to the main highway of the península, which should put us right in the path of the most likely German counterattack." (tradução nossa)

⁵³¹ No original: "D-Day, 0500 Hours. The boys on the beaches must have landed by now. They are only a few miles away, but right now that seems like a million. We don't have a radio and are completely cut off. Cpt Foley was right. We did face a platoon or more of German paratroopers when we took this village last night. Today we hold it against German counterattack. Our defenses are all stolen: enemy MG42s, Panzerfausts for anti tank defense and the village itself. The Air Force and Navy put on quite a show this morning pounding the hell out of those beaches. One thing is certain, the Germans know we are here. Whether that means they turn tail and run or come swarming out of the wood work, we are about to find out." (tradução nossa).

Figura 13 - Uma das telas de transição de Call of Duty, simulando o diário do personagem controlado pelo jogador



Fonte: Call of Duty.

Outra missão que remete ao Dia D é claramente inspirada na missão da Companhia Easy de destruição da artilharia que atacava a Praia de Utah, comandada por Dick Winters, que vemos no episódio 2 de *Band of Brothers*.

Dois anos depois a *Infinity Ward* lançava *Call of Duty 2*. Nele, a ordem das campanhas se invertia: o jogador começava com a campanha soviética, sendo a primeira missão mesclada com o tutorial, representando a Batalha de Moscou, e o resto da campanha se dava na Batalha de Stalingrado. A campanha britânica, por outro lado, ocorria majoritariamente no teatro norte-africano, com batalhas no Egito, Líbia e Tunísia. A exceção é uma única fase representando a Batalha de Caen em 1944 durante a Operação Overlord.

Figura 14 - Missão de Call of Duty onde o jogador precisa destruir peças de artilharia entre trincheiras



Fonte: Call of Duty

A campanha estadunidense, sendo a última, ganha ares de clímax, e começa justamente no desembarque em Pointe du Hoc, onde o jogador controla o cabo Bill Taylor. Antes que o jogador tenha a oportunidade de subir ele mesmo o desfiladeiro a sua frente, o personagem fica desorientado por uma explosão próxima, algo parecido com o que acontece com o capitão Miller em *O resgate do soldado Ryan*, até que outro soldado lhe ajuda. Embora o jogador esteja no controle a maior parte do tempo, há alguns poucos momentos onde situações roteirizadas como essa ocorrem para contribuir com a imersão dos jogadores, fundamental para os interesses didáticos do jogo em ‘ensinar história’.

A tomada completa de Pointe du Hoc ocorreu apenas no dia 8 de junho, quando os Rangers finalmente receberam reforços. Até então, eles tiveram que defender sua posição dos diversos contra-ataques alemães, que causaram a maioria das baixas daquele grupo. Mas a ação frenética nas duas missões de *Call of Duty 2* que representam esta batalha passam ao jogador a impressão de que tudo ocorreu em questão de algumas poucas horas, por uma questão de agilidade. Afinal, ainda que se pretenda imersivo e comprometido com a história, *Call of Duty 2* permanece sendo um jogo de ação de ritmo rápido. Os diálogos e contextualizações históricas estão mais a serviço da ação e do entretenimento do que o contrário.

Figura 15 - Rangers escalando o penhasco de Pointe du Hoc



Fonte: Call of Duty 2

Uma característica comum em ambos os jogos—*Medal of Honor* e *Call of Duty*—é que os civis são inexistentes. Não temos baixas entre não-combatentes porque eles simplesmente não aparecem em nenhum contexto, e dessa forma não há qualquer questionamento sobre os danos colaterais, menos ainda há possibilidade de o jogador cometer crimes de guerra. Não que isso seja algo desejável, especialmente se tratando de um produto para um público jovem, mas dado o fato de que os jogadores dessas obras costumemente se sentem imersos na ação e discutem sobre como aprendem história através dos jogos, essa característica sanitiza as percepções civis sobre a guerra real.

No caso de Pointe du Hoc, por exemplo, sabemos que toda a tensão, medo e estresse causado pelos dois dias de ação colocaram os soldados em um estado mental propício a deixar quaisquer regras e convenções de lado. Alguns prisioneiros alemães que se moviam de maneira brusca acabaram também executados, pelo medo de que tentassem reagir após sua rendição. E alguns soldados estadunidenses que atuaram nesta batalha estavam convencidos de que civis franceses de ambos os sexos lutaram ao lado dos alemães, tendo um deles comentado logo depois da batalha: “Encontramos civis que

estavam atirando em nós com fuzis alemães e servindo de observadores para artilharia. Nós os matamos”.⁵³²

De acordo com Ben Clarke, Christian Rouffaer e François Sénéchaud, estes jogos de tiro em primeira pessoa oferecem poucas reflexões sobre os dilemas morais enfrentados por soldados.⁵³³ No caso da franquia *Call of Duty*, o mais próximo de uma punição por atos ilegais que você recebe é ter que recomeçar o jogo no último checkpoint caso você mate seus próprios colegas com fogo amigo, enquanto a única recompensa por atos condizentes com as leis de guerra é alguma mensagem elogiosa em tela (como ocorre em *Call of Duty: WW2*), que não afeta a história ou a jogabilidade de nenhuma maneira.

A campanha estadunidense do jogo segue pela Normandia para além do 6 de junho, e se encerra com um salto temporal para 24 de março de 1945, mais precisamente para a Batalha de Wallendar, durante a travessia do Rio Reno rumo ao território alemão, parte da Operação Plunder.

8.4 Guerra imersiva: romantismo e propaganda

Call of Duty 2 foi colocado na lista da IGN dos cem maiores jogos FPS de todos os tempos na 47ª posição—a mesma lista onde *Medal of Honor* estava posicionado em 25º lugar. De acordo com o texto que acompanha o jogo no site:

Houve um tempo em que *Call of Duty* era o novo rosto dos jogos de tiro militares, tirando o gênero de uma monotonia de longa data. Ria se você quisesse, mas a intensidade de *Call of Duty 2* e o respeito pelas muitas nações que deram vidas para vencer a Segunda Guerra Mundial foi uma mudança de ritmo bem-vinda em comparação com os jogos de tiro centrados no ocidente que estavam inundando as prateleiras das lojas e salões. A mecânica de tiro era notavelmente fluida, mesmo em um controlador analógico duplo, e as batalhas lineares prolongadas por centímetros de solo testavam sua mira e sua habilidade tática. Como o principal título de lançamento do Xbox 360, ele definiu o que se tornaria o tom da plataforma nos próximos anos.⁵³⁴

⁵³² BEEVOR, Antony. *O Dia D*. São Paulo: Planeta, 2019, p. 118.

⁵³³ CLARKE, B., ROUFFAER, C., SÉNÉCHAUD, F. Beyond the *Call of Duty*: why shouldn't video game players face the same dilemmas as real soldiers? *International Review of the Red Cross*, Genebra, v. 94, n. 886, p. 711-737. 2012, p. 737.

⁵³⁴ IGN. Top 100 first-person shooters. *IGN*, s.d., n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://www.ign.com/lists/shooters/20>>. Acesso em: 1 out. 2022. No original: “There was a time when *Call of Duty* was the fresh new face of military shooters, bootstrapping the genre out of a long-standing monotony. Chuckle if you must, but *Call of Duty 2*'s intensity, and respect for the many nations that gave lives to win World War II was a welcome change of pace compared to the over-glorified, Western-centric

A franquia *Call of Duty* foi um fenômeno de vendas, e para entender o grau de seu sucesso, apelamos para os relatórios anuais *Essential facts about the computer and video game industry*, documentos estes elaborados pela *Entertainment Software Association*. A ESA foi fundada em 1994 como uma associação dedicada exclusivamente para que as empresas produtoras de jogos e consoles tivessem melhores dados mercadológicos. Entre seus membros em 2004—ano do primeiro relatório que usamos—estavam a Acclaim Entertainment, Activision, Atari, Buena Vista Games, Capcom USA, Eidos Interactive, Electronic Arts, Konami, LucasArts, Microsoft, Nintendo, Sega, Sony, Square Enix, entre outros nomes conhecidos pelo público dos jogos eletrônicos.⁵³⁵

De acordo com o relatório de 2005 da ESA, *Call of Duty* foi o oitavo jogo mais vendido entre 2003 e 2004 para computadores,⁵³⁶ posição que se repetiria no relatório do ano seguinte.⁵³⁷ Já o relatório de 2006 colocava *Call of Duty 2* em décimo lugar no ranking dos mais vendidos para a mesma plataforma.⁵³⁸

Conforme o relatório de 2004, a idade média do jogador de jogos eletrônicos era de 29 anos; 34 por cento dos jogadores teria menos de 18 anos, 46 por cento teria entre 18 e 50 anos e 17 por cento teria mais de 50 anos. Destes, 59 por cento se identificavam como homens e 39 por cento como mulheres (os 2 por cento restantes não foram especificados no relatório).⁵³⁹

Segundo o relatório daquele ano, entre os jogos de computador, os jogos de tiro—não é especificado se são em primeira pessoa ou terceira pessoa—abocanharam uma fatia de 13.5 por cento das vendas totais de jogos daquele período, sendo o segundo gênero de jogos mais vendido, atrás apenas dos jogos de estratégia (27.2 por cento). Nos consoles,

shooters that were flooding over store shelves and bargain bins at the time. The shooting mechanics were remarkably fluid, even on a dual analog controller, and the protracted line battles over inches of soil tested both your aim, and your tactical savvy. As the premier launch title for the Xbox 360, it set what would become the tone of the platform in years to come”.

⁵³⁵ ESA. Essential Facts about the computer and video game industry: 2004 sales, demographics and usage data. **Entertainment Software Association**, 2004, p. 12. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/125494009/ESA-Essential-Facts-2004>>. Acesso em: 22 set. 2022.

⁵³⁶ Ibid., p. 5. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/125494009/ESA-Essential-Facts-2004>>. Acesso em: 22 set. 2022.

⁵³⁷ ESA. Essential Facts about the computer and video game industry: 2004 sales, demographics and usage data. **Entertainment Software Association**, 2005, p. 5. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/125495226/ESA-Essential-Facts-2005>>. Acesso em: 22 set. 2022.

⁵³⁸ ESA. Essential Facts about the computer and video game industry: 2005 sales, demographics and usage data. **Entertainment Software Association**, 2006, p. 5. Disponível em: <<https://library.princeton.edu/sites/default/files/2006.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2022.

⁵³⁹ ESA, 2004, p. 2. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/125494009/ESA-Essential-Facts-2004>>. Acesso em: 22 set. 2022.

os *first-person shooters* foram apenas 8.6 por cento das vendas, uma vez que na época os FPS não eram tão populares entre jogadores de consoles quanto para os de computadores—algo que viria a mudar com o passar dos anos e o advento de novos *joysticks* e jogos mais adaptados para seu uso sem a ajuda de um teclado e um mouse.⁵⁴⁰

Por fim, é interessante notar que o relatório traz citações de diferentes sujeitos retiradas de diferentes lugares reforçando a importância e a consolidação da indústria dos games. Uma delas, que abre o documento, é atribuída a Heather Newman e Jim Schaffer da empresa Knight Ridder, que afirmariam:

Este é o ano em que os videogames avançam ao lado de filmes, música, livros e teatro para se tornarem uma parte legítima, penetrante e persuasiva do tecido da América. Os jogos estão se movendo para o centro de nossas salas de estar... Eles estão se tornando uma força em outros tipos de entretenimento, gerando livros e filmes—e não o contrário. E os prós e contras dos jogos—seus assuntos, recursos e datas de lançamento—estão cada vez mais tirando a mídia tradicional das manchetes de entretenimento.⁵⁴¹

Outra citação, atribuída ao editorial do jornal *Arizona Republic* de 9 de julho de 2003, ressalta o caráter social do consumo de jogos e de como eles já se solidificaram no cotidiano dos jovens.

Jogar videogame é tão normal para a geração mais jovem quanto sair para um *Malt Shop* era para seus avós. Quase todos os estudantes universitários já jogaram videogame e dois terços dos entrevistados ainda jogam pelo menos ocasionalmente. É apenas uma parte de sua atividade diária. E é social.⁵⁴²

⁵⁴⁰ Ibid., p. 3. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/125494009/ESA-Essential-Facts-2004>>. Acesso em: 22 set. 2022.

⁵⁴¹ Ibid. (tradução nossa). Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/125494009/ESA-Essential-Facts-2004>>. Acesso em: 22 set. 2022. No original: “This is the year that video games step up alongside movies, music, books and theater to become a legitimate, pervasive and persuasive part of the fabric of America. Games are moving to the center of our living rooms... They’re becoming a force in other types of entertainment, spawning books and movies — not the other way around. And the ins and outs of games — their subjects, features and release dates — are increasingly pushing traditional media out of the entertainment headlines”.

⁵⁴² Ibid., p. 6 (tradução nossa). Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/125494009/ESA-Essential-Facts-2004>>. Acesso em: 22 set. 2022. No original: “Playing video games is as normal to the younger generation as hanging out at the malt shop was to their grandparents. Nearly every college student has played a video game and two-thirds of those surveyed still play at least occasionally. It’s just a part of their daily activity. And it’s social”.

Por fim, é citado também um artigo do *New York Times Magazine* de 21 de dezembro de 2003 escrito por Jonathan Dee que afirma:

Já houve uma mudança cultural tão furtiva quanto a representada pela ascensão do entretenimento interativo? Para qualquer um que atingiu a maioria após, digamos, o lançamento do primeiro Sony Playstation em 1995, os videogames são tão centrais para o universo do entretenimento pop quanto filmes ou música... Ninguém pensaria em negar que os videogames são grandes, mas poucos adultos fora do negócio têm uma compreensão de quão grandes eles se tornaram.⁵⁴³

De acordo com Johannes Breuer, Ruth Festk e Thorsten Quandt em artigo apresentado em 2011—pouco mais de uma década após o lançamento de *Medal of Honor*—, a Segunda Guerra Mundial era o conflito real mais representado nos jogos eletrônicos, especialmente nos FPS entre 1992 e o início de 2011, abocanhando 62 por cento do mercado contra 16 por cento da Guerra do Vietnã, a segunda mais comum.⁵⁴⁴

É importante lembrar que esta avaliação foi feita em 2011. De lá para cá muitos novos jogos FPS foram lançados e as porcentagens seriam diferentes. No artigo em questão, por exemplo, constava apenas um jogo representando a Primeira Guerra Mundial. De lá para cá muitos jogos sobre a Grande Guerra foram lançados, como *Battlefield 1*, *Verdun*, *Tannenberg*, *Isonzo*, *Beyond the Wire*, entre outros. Ainda assim, a proeminência de jogos de Segunda Guerra parece persistir, em grande medida pelo enorme impacto que os jogos aqui avaliados tiveram na indústria. A própria franquia *Call of Duty* veria outros jogos na Segunda Guerra como *Call of Duty: World At War*, de 2008, *Call of Duty: WW2*, de 2017 (que tinha a volta da invasão da Praia de Omaha ao enredo de um jogo da franquia), e *Call of Duty: Vanguard*, de 2021. Apesar destes, a partir de *Call of Duty 4: Modern Warfare* (2007) a franquia preferiu focar em histórias fictícias passadas no presente, com alguns poucos jogos fugindo à regra—vide *Call of Duty: Black Ops*, que se passa durante a Guerra Fria.

⁵⁴³ Ibid., p. 10 (tradução nossa). Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/125494009/ESA-Essential-Facts-2004>>. Acesso em: 22 set. 2022. No original: “Has there ever been a cultural sea change as stealthy as the one represented by the rise of interactive entertainment? To anyone who came of age after, say, the introduction of the first Sony Playstation in 1995, video gaming is every bit as central to the pop-entertainment universe as movies or music... No one would think of denying that video games are big, but few grown-ups outside the business have an understanding of just how big they’ve become”.

⁵⁴⁴ BREUER Johannes; FRANK, Ruth; QUANDT, Thorsten. In the army now: narrative elements and realism in military first-person shooters. **DIGRA**, 2011. Disponível em: <<http://www.digra.org/digital-library/publications/in-the-army-now-narrative-elements-and-realism-in-military-first-person-shooters/>>. Acesso em: 01 nov. 2022.

Essa movimentação de migrar para o presente e visitar apenas pontualmente a Segunda Guerra Mundial aconteceu também com *Medal of Honor*. No entanto, esta franquia acabou sendo deixada de lado pelo caminho, sendo superada em fama, vendas e importância para o universo dos games pela franquia concorrente. Ainda assim, vale mencionar que em 2020 foi lançado *Medal of Honor: Above and Beyond*, jogo que não teve o mesmo impacto que outros destas duas franquias, haja vista que se trata de um jogo desenvolvido para ser apreciado com óculos de realidade virtual e, portanto, necessita que o jogador tenha o custoso dispositivo para poder jogar, o que acaba invariavelmente diminuindo a base de jogadores.

Em tempos recentes foi revelado através de documentos liberados pelo *Freedom of Information Act* e obtidos pelo jornalista Tom Secker que o Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos (USMC) esteve envolvido na produção de *Call of Duty: Modern Warfare 3* e *Call of Duty 5*. Os produtores dos jogos abordaram os fuzileiros navais na E3 de 2010 em Los Angeles, a maior feira de jogos do mundo, e esse contato se deu pelo interesse dos produtores de ter acesso a veículos específicos do exército para que eles pudessem ser usados nos jogos e feitos da maneira mais realista possível nos mesmos. A colaboração continuou em 2012 com o lançamento de *Modern Warfare 4*, onde os produtores solicitaram acesso a todos os tipos de veículos aéreos e terrestres. De acordo com Secker, para parte dos jogadores os jogos são um portal de recrutamento, mesmo quando ele não contém anúncios explícitos: “jogos como *Call of Duty* fazem a guerra parecer divertida, excitante, uma escapatória da labuta das suas vidas normais.”⁵⁴⁵

Não só isso: entre os quadros de lideranças da Activision Blizzard (atual proprietária da marca *Call of Duty*) estão Frances Townsend, conselheira sênior da empresa. Antes de se juntar à empresa, Townsend foi chefe de inteligência da Guarda Costeira e trabalhou com Condoleezza Rice, Secretária de Estado de George W. Bush, sendo uma das faces da autoproclamada “Guerra ao Terror”. Segundo o tenente-coronel Steven L. Jordan, oficial encarregado da infame prisão de Abu Ghraib, alegou que Townsend o pressionou para intensificar o programa de tortura contra os prisioneiros, lembrando-o “muitas, muitas vezes” de que precisava melhorar a eficiência da coleta de informações para a inteligência dentro da prisão. E embora tenha negado as acusações, defendeu os torturadores afirmando que estes “profissionais” sofreram represália quando

⁵⁴⁵ MACLEOD, Alan. Call of Duty is a government psyop: these documents prove it. **Mint Press News**, 2022, n.p. (tradução nossa). Disponível em: <<https://www.mintpressnews.com/call-of-duty-is-a-government-psyop-these-documents-prove-it/282781/>>. Acesso em: 14 dez. 2022. No original: “games like Call of Duty make warfare seem fun, exciting, an escape from the drudgery of their normal lives”.

as torturas na prisão foram publicamente denunciadas, e que isso faria com que as futuras administrações ficassem de mãos atadas por medo de má publicidade. Townsend foi sondada pela administração Trump para assumir a diretoria do FBI, mas acabou se enveredando na indústria dos games.⁵⁴⁶

Ela também atua no *Atlantic Council*, um *think tank* de relações internacionais que conteém entre seus membros nomes como Henry Kissinger, Condoleezza Rice, sete ex-diretores da CIA e diversos generais. Neste grupo se encontra também Chance Glasco, um dos co-fundadores da Infinity Ward, a mesma companhia que criou *Call of Duty*. Já Brian Bulatao, ex-capitão do exército que atuou na administração Trump trabalhando para o ex-secretário de Estado Mike Pompeo, também migrou para o alto escalão da *Activision Blizzard*, mesmo sem ter experiência prévia na indústria de jogos.⁵⁴⁷

Embora a franquia não tenha sido, desde o começo, cooptada pelos interesses dos militares estadunidenses, *Call of Duty* atuou desde o começo para reverberar a memória nacional em torno da Segunda Guerra Mundial, ainda que desse espaço para outras nações—algo até hoje raro nos jogos do gênero. Que isso teve um impacto importante na percepção pública a respeito do Dia D, especialmente entre os jovens, cremos que é inegável. Contudo, é impossível mensurar a escala desse impacto. Falamos de uma franquia que, financeiramente, já ultrapassou um bilhão de dólares em lucro, fora os jogadores que adquirem os jogos de maneira ilegal, o que faz com que saber o número exato de jogadores de cada jogo seja muito difícil, e saber quantos foram impactados pelas representações do Dia D a ponto de abraçar a memória nacional estadunidense sobre o evento, e o tamanho desse impacto, beira o impossível. Mas seria ingênuo acreditar que ele foi pequeno.

Algumas pistas nos são dadas por Joel Penney, professor de comunicação e mídia da Montclair State University, que realizou uma pesquisa com o objetivo de entender como as narrativas de heroísmo dos soldados aliados são interpretadas pela audiência, formada por sujeitos com diferentes visões e ideologias. Em sua pesquisa, Penney entrevistou 49 jogadores adultos de *Medal of Honor* e *Call of Duty* e 46 adultos de jogos de tiro em primeira e terceira pessoa de temas não relacionados à História, especialmente *Halo* e *Gears of War*. A busca por estes entrevistados se deu principalmente em fóruns online dedicados a estes jogos, o que acaba permitindo a junção de pessoas de diferentes lugares (inclusive de fora dos Estados Unidos), além de que o público destes fóruns é o

⁵⁴⁶ Ibid.

⁵⁴⁷ Ibid.

principal público-alvo destes jogos. Os sujeitos foram encorajados a escrever sobre seus sentimentos em relação à política, à Guerra no Iraque e às forças armadas dos Estados Unidos, e para o grupo dos jogos de Segunda Guerra Mundial, foram feitas perguntas sobre seu interesse pelo assunto e sobre se suas percepções sobre este conflito mudaram depois de experimentar os jogos, e o mesmo para as forças armadas.

Ao comparar os dois grupos, Penney pôde constatar que entre o grupo de jogadores dos jogos de Segunda Guerra o número de sujeitos que se identificavam como conservadores e apoiavam a guerra no Iraque era maior. Apenas uma parcela destes viam os jogos como mero escapismo, enquanto a vasta maioria apontava a importância histórica do conteúdo do jogo. Alguns dos participantes afirmavam que jogar *Medal of Honor: Allied Assault* fazia com que eles se sentissem parte da batalha, como se estivessem eles mesmos na Praia de Omaha. Entre este grupo, 61% definiram a temática de Segunda Guerra Mundial como o fator mais importante para sua preferência pelo jogo, enquanto no outro grupo as temáticas dos jogos eram o mais importante para apenas 17 por cento dos participantes.⁵⁴⁸

Entre o grupo de fãs de *Medal of Honor* e *Call of Duty*, 63 por cento dos jogadores afirmavam aprender sobre história nos jogos, com alguns apontando detalhes mais específicos como armas, locais e datas, e outros apontando a experiência como um todo, de maneira menos específica. Sobre aprender com os jogos, um dos entrevistados teria afirmado o seguinte:

Realmente foi meu filho que aprendeu. Antes de *Call of Duty*, eu não conseguia fazer com que ele se interessasse pela Segunda Guerra Mundial. Agora ele é um aluno nota A em História na escola e adora ler e ouvir minhas histórias sobre a Segunda Guerra Mundial. Para mim, ele pega as páginas impressas em preto e branco de um livro e as traduz em um ambiente tridimensional interativo. Não há melhor maneira de “experimentar” a Segunda Guerra Mundial.⁵⁴⁹

⁵⁴⁸ PENNEY, Joel. "No better way to 'Experience' World War II". In: HUNTEMANN, Nina B.; PAYNE, Matthew T. (ed) **Joystick soldiers: the politics of play in military video games**. Nova York: Routledge, 2010. Ebook.

⁵⁴⁹ Ibid., n.p. (tradução nossa). No original: “Really it is my son who has learned. Before *Call of Duty*, I couldn't get him interested in World War II at all. Now he is a grade A student in History at school, and loves reading and hearing stories from me about World War II. For me, it takes the black and white printed pages of a book and translates it into an interactive 3-dimensional environment. There is no better way to ‘experience’ World War II”.

Figura 16 - Invasão da Praia de Omaha em Medal of Honor: Allied Assault, de 2002



Fonte: Medal of Honor: Allied Assault.

Figura 17 - Invasão da Praia de Omaha em Call of Duty: WW2, de 2017



Fonte: Call of Duty: WW2.

A imersão é importante para os jogadores, e o crescente realismo gráfico dos jogos contribui para fazer com que eles sintam como se estivessem ‘experimentando’ o combate real, ainda que do conforto de suas poltronas.

Nos últimos anos os avanços tecnológicos no que concerne às capacidades de processamento dos componentes de computadores e consoles conferem aos jogos certo grau de fidelidade visual que os jogos tridimensionais de quinze ou vinte anos atrás podiam apenas sonhar. Acima temos duas imagens que comparam as representações da invasão da Praia de Omaha de dois jogos diferentes: *Medal of Honor: Allied Assault*, de 2002, e *Call of Duty: WW2*, lançado quinze anos depois. É possível perceber o quanto o realismo gráfico dos jogos da franquia evoluiu, o que contribuiu com a imersão das cenas de combate dos jogos de guerra.

Em geral, os jogadores apontam que seu respeito pelos soldados da Segunda Guerra aumentou após os jogos, e a maioria destes jogadores fazem parte dos autoproclamados conservadores. Se por um lado ter um olhar positivo sobre os militares não é uma adesão automática ao conservadorismo, as últimas décadas fizeram com que as coisas seguissem esse caminho, especialmente depois de guerras que causaram fissuras tão evidentes na sociedade como a do Vietnã e a do Iraque. E ainda que os dados sejam poucos, essa pesquisa nos dá algumas noções qualitativas de como estes jogos impactam seus jogadores, ou ao menos aqueles que mais se interessam por sua temática.

Tradicionalmente, as percepções a respeito das guerras por parte do público civil não-combatente costumam ser moldadas por filmes, músicas, séries de TV e memórias. Contudo, com a crescente busca por imersão e realismo no mundo dos jogos, especialmente em casos como estes onde há participação militar real com consultoria ou incentivo a propaganda escancarada, estas percepções ganharam um subsídio de outro patamar. Ao contrário das outras mídias citadas onde o espectador é um sujeito passivo, no caso dos jogos ele se torna o responsável pelas decisões tomadas dentro das situações que lhe são apresentadas, um sujeito ativo.

CONCLUSÃO

“Quem controla a narrativa, controla a história. Essa é uma mensagem poderosa. Os que a ignoram permanecerão cegos para a manipulação dos outros, mas os que a aceitarem [...] serão capazes de questionar o abuso da autoridade e assumir o controle do seu destino.”

Ray Raphael⁵⁵⁰

“Apenas os mortos viram o fim da guerra.”

George Santayana⁵⁵¹

Do conforto de nossas poltronas em tempos de paz quase oitenta anos após a invasão da Normandia, não é possível imaginar com a menor exatidão o horror de ser enviado no amanhecer de um dia de verão nublado sobre um mar agitado para encarar o fogo de metralhadoras e rifles alemães lutando pela ideologia mais perversa que a humanidade gerou, sabendo que seria possível morrer antes mesmo de conseguir entrar em ação, em um terreno plano com pouquíssimas oportunidades de proteção. Nem o mais realista dos filmes, nem o mais imersivo dos jogos, nem o mais detalhado relato de um ex-combatente pode nos dar uma noção realista do absoluto terror que é estar sob uma situação como essa. Quando George A. Taylor disse aos seus subordinados em plena invasão da Praia de Omaha que existiam apenas “dois tipos de pessoas que ficam nesta praia: os que estão mortos e os que vão morrer” como incentivo para que seus homens não ficassem parados na praia como alvos, a frase certamente não era uma hipérbole.

A tática aliada para o estabelecimento de uma cabeça de praia na Normandia não era nem de longe o que se pode chamar de inovadora, e foi usada pelos mais diversos líderes militares durante incontáveis gerações: enviar mais soldados do que o inimigo seria supostamente capaz de derrotar. Em alguns casos, como a da carga de infantaria de Pickett no terceiro dia da Batalha de Gettysburg, esta tática resultou em derrotas decisivas. Em outros, como no Dia D, foi bem sucedida. Mas não podemos deixar de mencionar que, quando esta tática era empregada pelo Exército Vermelho para dividir a

⁵⁵⁰ RAPHAEL, op. cit., p. 299.

⁵⁵¹ SANTAYANA, George. **Soliloquies in England and later soliloquies**. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1922. E-book, n.p. (tradução nossa). No original: “Only the dead have seen the end of war”.

linha de frente adversária e permitir ataques pelos flancos, era entendida como demonstração de incompetência militar e desdém pela vida humana que seriam supostamente típicos do socialismo. Quando empregada pelas forças aliadas ocidentais na Segunda Guerra Mundial, foi lida com o ato supremo de bravura que salvou o mundo da tirania.

A operação, ainda que possa ter acelerado o fim da guerra na Europa e tenha resultado na libertação da França, tratou os cidadãos da Normandia como meros efeitos colaterais em potencial. Cidades inteiras como Le Mans, Rennes, Saint-Lô, Flers, Le Havre, lotadas de civis, foram aniquiladas por bombardeios aliados que precederam a invasão terrestre, mas que tiveram baixíssima eficiência em seu objetivo de eliminar as linhas defensivas. Estima-se que algo entre onze e dezenove mil normandos morreram apenas nesses bombardeios, enquanto outros cerca de oitocentos morreram apenas nos dois primeiros dias da invasão.⁵⁵²

E temos que levar em conta, ainda que essa discussão já tenha sido feita muitas vezes através dos anos tanto pela historiografia quanto nas disputas públicas pelas memórias da Segunda Guerra Mundial, a demora na abertura do segundo front, tão requisitado por Stalin. Os críticos aos aliados ocidentais argumentam que a demora foi proposital para que nazistas e comunistas se destruíssem (vide capítulo 2) e que a abertura só aconteceu de fato quando os aliados ocidentais entenderam que a derrota alemã era questão de tempo, e que deixar que essa vitória em terra fosse reivindicada apenas pelos soviéticos seria terrível para seus interesses geopolíticos do pós-guerra. Já os defensores dos aliados argumentam que a invasão era muito complicada, e fazê-la às pressas possivelmente acarretaria em uma derrota humilhante, como o desastre da invasão de Dieppe em 1942, quando tropas da Commonwealth majoritariamente canadenses tentaram tomar a cidade portuária de Dieppe, na França, em uma invasão anfíbia que foi derrotada de maneira arrasadora.

Nos parece que tanto os apologistas quanto os críticos dos aliados têm razão, uma vez que os argumentos não são exatamente excludentes entre si. Era, de fato, uma invasão muito arriscada que necessitaria de planejamento, e era de fato conveniente aos Estados Unidos e Reino Unido que a Alemanha e a União Soviética se destruíssem o máximo possível e que os louros da vitória não ficassem apenas com o Exército Vermelho e Stalin.

⁵⁵² WORTMAN, Marc. Romanticizing D-Day ignores thousands of civilian deaths. **Daily Beast**, 2019. Disponível em: <<https://www.thedailybeast.com/romanticizing-d-day-ignores-thousands-of-civilian-deaths>>. Acesso em: 12 dez. 2022.

Se para o público estadunidense o líder soviético era vendido como o *Uncle Joe* (Tio Joe) durante a guerra, dentro do governo não haviam ilusões de que a relação entre os países seria muito melhor após a guerra do que foi anteriormente. O comunismo era e continuaria sendo visto como um dos maiores inimigos do modelo de democracia representativa liberal estadunidense, possivelmente o maior, ainda que as contingências históricas daquele momento e a *Realpolitik* tenham forçado os Estados Unidos e a União Soviética a se aliarem.

A mitificação do Dia D foi tão bem sucedida que grande parte do mundo—ao menos entre aqueles que sequer sabem o que foi a Segunda Guerra Mundial—esquece ou simplesmente nunca foi informada que a Batalha de Stalingrado ou a campanha de Kursk, normalmente representada pelos embates em Prokhorovka no dia 12 de julho de 1943, foram pontos de virada muito mais significativos na derrota alemã do que a campanha da Normandia. E poucos dias depois do Dia D, mais precisamente em 22 de junho (para coincidir com o aniversário de três anos da Operação Barbarossa, a invasão do leste pelo eixo de 1941), os soviéticos dariam início à Operação Bagration, que seria responsável por esfaquear a linha de frente alemã no leste, destruindo vinte e oito das trinta e quatro divisões do Grupo de Exércitos Centro. É possível questionar se esta operação teria sido tão bem sucedida se os alemães não tivessem que lutar em duas frentes, mas se levarmos em conta que o sucesso estrondoso da operação se deu em apenas dois meses e que ela causou a maior derrota militar da história da Alemanha em uma única operação, é difícil crer que os resultados seriam radicalmente diferentes caso o segundo front não tivesse sido aberto.

História contrafactual não é história, e discutir sobre o que poderia ter sido não muda o que de fato foi. Mas se os estadunidenses afirmam que a derrota do Dia D teria afundado toda a Europa sob algum tipo de tirania autoritária alemã ou soviética, é justo que os defensores do lado soviético tenham o direito de especular o que poderia ter sido e decretar que a vitória era inevitável, mesmo sem o segundo front. Além do fato de os soviéticos terem derrotado as três maiores ofensivas alemãs da guerra, incluindo a maior invasão da história, o historiador militar estadunidense David M. Glantz afirma que aproximadamente 80 por cento de todos os soldados alemães mortos, desaparecidos ou tornados inválidos durante a Segunda Guerra Mundial foram baixas de enfrentamentos contra o Exército Vermelho, dado que dá ainda mais estofamento para historiadores que

defendem ter sido o papel da União Soviética o mais relevante na derrota alemã.⁵⁵³ Mas diante do *soft power* estadunidense, a narrativa do Dia D salvador se consolidou sem resistências mais significativas, especialmente após o fim da União Soviética.

É por essas e outras que este trabalho existe. Entendemos que a mitificação do Dia D transformou este evento em um ás na manga de governos que buscam instrumentalizar o passado militar dos Estados Unidos todas as vezes em que o cenário nacional ou internacional exige.

O Dia D sempre foi entendido como muito importante no esforço de guerra estadunidense, mas como tentamos demonstrar neste trabalho, nunca teve o ar mitológico que viria a ter futuramente, que foi construído através da escalada de eventos diversos, começando por aniversários de pequeno porte, o lançamento do livro *O mais longo dos dias* seguido do filme derivado de mesmo nome, a visita de Eisenhower nos anos 1960 e tendo seu ponto de virada no aniversário de quarenta anos onde Ronald Reagan se torna o primeiro presidente estadunidense a comemorar um aniversário do evento in loco. O precedente histórico aberto pela administração Reagan inspirou outros sujeitos, todos filhos da suposta “maior das gerações” buscando agradar e reconhecer a geração de seus pais sob uma visão idealizada e idílica do mundo e do tempo em que eles viveram. Após o trabalho de Reagan em estabelecer as fundações sólidas da construção do mito, foram principalmente Stephen E. Ambrose, Bill Clinton, Tom Brokaw e Steven Spielberg que o construíram e consolidaram, com a participação de outras figuras proeminentes como Tom Hanks e George W. Bush, ainda que neste último caso a participação se dá mais pela contingência histórica—ser um presidente estadunidense em um mundo pós-Reagan—do que por um senso de devoção pelo tema, algo que conseguimos identificar no ator protagonista de *O resgate do soldado Ryan*.

O número de veteranos do Dia D vivos despenca a cada dia. Em questão de alguns anos, quando os poucos sobreviventes se forem, restarão apenas seus filhos, netos e bisnetos, e toda uma população carregada de memórias prostéticas construídas coletivamente sob o jugo implacável de uma memória nacional. Não sabemos se o Dia D ainda terá tanto apelo público quanto teve nas últimas décadas, ou se a indústria cultural voltará a se debruçar sobre ele com a intensidade dos trabalhos que vimos até aqui. Se isso acontecer, arriscaríamos dizer que isso possivelmente acontecerá no centenário do evento em 2044. E se acontecer, temos como afirmar sem medo de errar que a fórmula

⁵⁵³ GLANTZ, David. M. The Soviet-German War 1941-1945: myths and realities: a survey essay. **Tiger Prints**, 2001. Disponível em: <https://tigerprints.clemson.edu/sti_pubs/217/>. Acesso em: 13 Dez. 2022.

da apropriação política desse evento permanecerá a mesma. Ele continuará sendo um evento salvador na construção da religião civil estadunidense, que mostra as virtudes do povo dos Estados Unidos diante da necessidade do sacrifício. O soldado que desembarca na Normandia continuará sendo o exemplo derradeiro do soldado-messias e seus aniversários continuarão sendo usados para estreitar relações com a OTAN e amortizar quaisquer conflitos entre suas principais potências. Já os sacrifícios russos, os maiores de toda a guerra com folga, serão brevemente mencionados ou completamente ignorados, a depender das relações entre Estados Unidos e seus aliados europeus com a Rússia. No momento em que esse texto foi escrito, estas relações estão em seu pior momento desde o fim da Guerra Fria.

A nós resta o trabalho de continuar lidando com esforços políticos de mitificação e apropriação do passado de maneira crítica. Afinal, manter viva a noção de um passado militar nacional através de uma memória construída de um mundo ideal que jamais existiu é uma das formas mais eficientes de se convencer uma nação a caminhar para a catástrofe de uma nova guerra, e o Dia D é um passado com enorme potencial de realizar esse feito. Afinal, para os Estados Unidos, o Dia D não termina.

REFERÊNCIAS

Discursos

BUSH, George W. Remarks by the President at Dedication of the National D-Day Memorial. The White House - President George W. Bush, 2001. Disponível em: <<https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2001/06/20010606-2.html>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

_____. Announcing the Death of Ronald Reagan. **The White House - President George W. Bush**, 2004a. Disponível em: <<https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2004/06/20040606-1.html>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

_____. Remarks on the 60th Anniversary of D-Day in Colleville-sur-Mer. The White House - President George W. Bush, 2004b. Disponível em: <<https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2004/06/20040606.html>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

CARTER, Jimmy. Normandy, France remarks of the President and President Giscard d'Estaing on visiting the site of the D-Day Landings. **The American Presidency Project**, 1978. Disponível em: <<https://www.presidency.ucsb.edu/documents/normandy-france-remarks-the-president-and-president-giscard-destaing-visiting-the-site-the>>. Acesso em: 21 set. 2022.

CLINTON, Bill. Remarks on the 50th Anniversary of D-Day at Pointe du Hoc in Normandy, France. **The American Presidency Project**, 1994. Disponível em: <<https://www.presidency.ucsb.edu/documents/remarks-the-50th-anniversary-d-day-pointe-du-hoc-normandy-france>>. Acesso em: 6 dez. 2022.

_____. Remarks on the 50th Anniversary of D-Day at the United States Cemetery in Colleville-sur-Mer, France, 1944. **GovInfo**. Disponível em: <<https://www.govinfo.gov/content/pkg/PPP-1994-book1/html/PPP-1994-book1-doc-pg1044.htm>>. Acesso em: 6 dez. 2022.

LINCOLN, A. The Gettysburg Address. **Cornell University**. 2013. Disponível em: <https://rmc.library.cornell.edu/gettysburg/good_cause/transcript.htm#:~:text=President%20Lincoln%20delivered%20the%202272,all%20men%20are%20created%20equal.>>. Acesso em: 29 jun. 2020.

REAGAN, Ronald. Peace: Restoring the Margin of Safety. **Ronald Reagan Presidential Library & Museum**, 1980. Disponível em: <<https://www.reaganlibrary.gov/archives/speech/peace-restoring-margin-safety>>. Acesso em: 22 set. 2022.

_____. Radio Address to the Nation of the Trip to Europe. **Ronald Reagan Presidential Library & Museum**, 1982a. Disponível em: <<https://www.reaganlibrary.gov/archives/speech/radio-address-nation-trip-europe>>. Acesso em: 21 set. 2022.

_____. Remarks Commemorating the 38th Anniversary of the Normandy Invasion, D-Day. **Ronald Reagan Presidential Library & Museum**, 1982b. Disponível em: <<https://www.reaganlibrary.gov/archives/speech/remarks-commemorating-38th-anniversary-normandy-invasion-d-day>>. Acesso em: 21 set. 2022.

_____. Address Before a Joint Session of the Congress Reporting on the State of the Union. **Ronald Reagan Presidential Library & Museum**, 1982c. Disponível em: <<https://www.reaganlibrary.gov/archives/speech/address-joint-session-congress-reporting-state-union>>. Acesso em: 30 set. 2022.

_____. Remarks at a Ceremony Commemorating the 40th Anniversary of the Normandy Invasion, D-Day. **Ronald Reagan Presidential Library & Museum**, 1984. Disponível em: <<https://www.reaganlibrary.gov/archives/speech/remarks-ceremony-commemorating-40th-anniversary-normandy-invasion-d-day>>. Acesso em: 29 set. 2022.

_____. Remarks at a United States-France Ceremony Commemorating the 40th Anniversary of the Normandy Invasion, D-Day. **Ronald Reagan Presidential Library & Museum**, 1984. Disponível em: <<https://www.reaganlibrary.gov/archives/speech/remarks-united-states-france-ceremony-commemorating-40th-anniversary-normandy>>. Acesso em: 25 out. 2022.

ROOSEVELT, Franklin D. The Four Freedoms. **American Rethoric**, 2021. Disponível em: <<https://www.americanrhetoric.com/speeches/fdrthefourfreedoms.htm>>. Acesso em: 06 out 2022.

_____. A “Mighty Endeavor.” D-Day. **Franklin D. Roosevelt Presidential Library and Museum**. Disponível em: <<https://www.fdrlibrary.org/d-day#:~:text=Almighty%20God%3A%20Our%20sons%2C%20pride,hearts%2C%20steadfastness%20in%20their%20faith.>>. Acesso em: 20 out. 2022.

Revistas impressas

FRIEDRICH, Otto. “Every man was a hero”. **Time**, v. 123, n. 22, p. 12-27, mai. 1984.

MORROW, Lance. June 6, 1944. **Time**, v. 123, n. 22, p. 10-11, mai. 1984.

Documentos online

ARMY Information Branch, A.S.F. **A pocket guide to France**. 1944. Disponível em: <<https://lib.digitalnc.org/record/26304>>. Acesso em: 14 out. 2022.

EISENHOWER, Dwight D. General Dwight D. Eisenhower's Order of the Day (1944). **National Archives**, 2022. Disponível em: <<https://www.archives.gov/milestone-documents/general-eisenhowers-order-of-the-day>>. Acesso em: 23 set. 2022.

ESA. Essential Facts about the computer and video game industry: 2004 sales, demographics and usage data. **Entertainment Software Association**, 2004. Disponível

em: <<https://pt.scribd.com/document/125494009/ESA-Essential-Facts-2004>>. Acesso em: 22 set. 2022.

_____. Essential Facts about the computer and video game industry: 2004 sales, demographics and usage data. **Entertainment Software Association**, 2005. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/125495226/ESA-Essential-Facts-2005>>. Acesso em: 22 set. 2022.

_____. Essential Facts about the computer and video game industry: 2005 sales, demographics and usage data. **Entertainment Software Association**, 2006. Disponível em: <<https://library.princeton.edu/sites/default/files/2006.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2022.

NATIONAL Security Archive. President's Foreign Intelligence Advisory Board. The Soviet "War Scare". **National Security Archive**, 2015. Disponível em: <<https://nsarchive.gwu.edu/document/21038-4-pfiab-report-2012-0238-mr>>. Acesso em: 21 set. 2022.

Filmes e séries

BAND of Brothers. Criação de Steven Spielberg e Tom Hanks. Estados Unidos, HBO, 2001. 51 min, son., color. Série exibida pela HBO Max.

O MAIS longo dos dias. Direção: Ken Annakin, Andrew Marton e Bernhard Wicki. Produção: Darryl F. Zanuck. Estados Unidos: 20th Century-Fox, 1962.

O RESGATE do soldado Ryan. Direção: Steven Spielberg. Produção: Steven Spielberg, Ian Bryce, Mark Gordon e Gary Levinsohn. Estados Unidos: DreamWorks SKG e Paramount Pictures, 1998.

Jogos eletrônicos

CALL of Duty. Los Angeles, Estados Unidos. **Infinity Ward**, 2003. 1 jogo eletrônico.

CALL of Duty 2. Santa Mônica, Estados Unidos. **Activision**, 2005. 1 jogo eletrônico.

CALL of Duty: WW2. Santa Mônica, Estados Unidos. **Activision**, 2017. 1 jogo eletrônico.

MEDAL of Honor. Redwood City, Estados Unidos. **Electronic Arts**, 1999. 1 jogo eletrônico.

MEDAL of Honor: Allied Assault. Redwood City, Estados Unidos. **Electronic Arts**, 2002. 1 jogo eletrônico.

MEDAL of Honor: Frontline. Redwood City, Estados Unidos. **Electronic Arts**, 2002. 1 jogo eletrônico.

Memórias

BAUMGARTEN, Harold. **D-Day Survivor**: an autobiography. Gretna: Pelican Publishing Company, 2006. Ebook.

SLEDGE, E. B. **With the Old Breed at Peleliu and Okinawa**. Nova York: Ballantine Books, 2007. Ebook.

WEBSTER, David K. **Parachute infantry**: an American paratrooper's memoir of D-Day and the fall of the Third Reich. Nova York: Bentam Dell, 2008. E-book.

WINTERS, Dick; KINGSEED, Cole. **Beyond Band of Brothers**: the war memoirs of Major Dick Winters. Nova York: Penguin, 2006. E-book.

Bibliografia

AMBROSE, Stephen E. **D Day: June 6, 1944**: The Climatic Battle of World War II. Nova York: Simon & Schuster, 1995. Ebook.

_____. **Band of Brothers**: Companhia de Heróis. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. Ebook.

_____. **Pegasus Bridge**: June 6, 1944. Nova York: Simon & Schuster, 2013.

_____. **Crazy Horse and Custer**: The Parallel Lives of Two American Warriors. Nova York: Open Road Media, 2014.

_____. **Eisenhower Volume 1**: Soldier, General of the Army, President-Elect, 1890-1952. Nova York: Simon & Schuster, 2014.

_____. **Eisenhower Volume 2**: The President. Nova York: Simon & Schuster, 2014.

_____. **Nixon**: The Education of a Politician, 1913-1962. Nova York: Simon & Schuster, 2014.

_____. **Nixon**: The Triumph of a Politician, 1962-1972. Nova York: Simon & Schuster, 2014.

_____. **Nixon**: Ruin and Recovery, 1973-1990. Nova York: Simon & Schuster, 2014.

ARMSTRONG, Karen. **Breve história do mito**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ATWOOD, Paul L. **War and Empire**: The American Way of Life. Londres: Pluto Press, 2010.

BEEVOR, Antony. **A Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

_____. **O Dia D**. São Paulo: Planeta, 2019.

BLACK, Edwin. **IBM and the Holocaust**: the strategic alliance between Nazi Germany and America's most powerful corporation. Nova York: Crown Publishers, 2001.

BODNAR, John. **The “good war” in American Memory**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2010.

BOWDEN, Lurlene. **The Replica of the WWII Ration Cook Book**: A Cook Book From The Greatest Generation. Austin: White Bird Publication, 2015.

BRIGHTON, Terry. **Patton, Montgomery, Rommel**: Masters of War. Nova York: Crown Publishers, 2009. E-book.

BRINKLEY, Douglas. **The boys of Pointe Du Hoc**: Ronald Reagan, D-Day and the U.S. Army 2nd Ranger Battalion. Nova York: Harper Perennial, 2005.

BROKAW, Tom. **The Greatest Generation**. Nova York: Random House, 2000, Ebook.

_____. **The Greatest Generation speaks**. Nova York: Random House, 2000.

_____. **An album of memories**: personal histories from the greatest Generation. Nova York: Random House, 2002.

BULLINGER, Johnathan M. **Reagan’s “Boys” and the Children of the Greatest Generation**: U.S. World War II Memory, 1984 and Beyond. Nova York: Routledge, 2020. Ebook.

CANNON, Lou. **President Reagan**: the role of a lifetime. Nova York: PublicAffairs, 2000.

CARLSON, Elwood. **The Lucky Few**: Between the Greatest Generation and the Baby Boom. Tallahassee: Springer, 2008.

CHANG, Iris. **The Rape of Nanking**: The Forgotten Holocaust of World War II. Nova York: Basic Books, 2011.

CHOMSKY, Noam. **Controle da mídia**: os espetaculares feitos da propaganda. Rio de Janeiro: Graphia, 2003.

_____. **O que o Tio Sam realmente quer**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

CLAUSEWITZ, Carl von. **Da Guerra**. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

COGGIOLA, Osvaldo. **A revolução iraniana**. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

DOLSKI, Michael; EDWARDS, Sam; BUCKLEY, John (ed). **D-Day in History and Memory**: The Normandy landings in international remembrance and commemoration. Denton: University of North Texas Press, 2014. Ebook.

DOWER, John. W. **War without Mercy**: race and power in the Pacific War. Nova York: Pantheon Books, 1986.

DOWNING, Taylor. **1983**: Reagan, Andropov and a World on the Brink. Nova York: Di Capo Press, 2018. Ebook.

DWYER, Philip. G. (ed). **War Stories**: The war memoir in History and Literature. Nova York e Oxford: Berghahn Books, 2017. Ebook.

EBEL, Jonathan H. **G.I. Messiahs**: soldiering, war and American civil religion. New Haven: Yale University Press, 2015.

FANTINA, Robert. **Desertion and the American soldier, 1776-2006**. Nova York: Algora Publishing, 2006.

FERRAZ, Francisco C. **A Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Contexto, 2022.

FUKUYAMA, Francis. **O fim da história e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

FUSSEL, Paul. **Wartime**: understand and behavior in the Second World War. Nova York: Oxford University Press, 1989. E-book.

GAMBONE, Michael D. **The Greatest Generation Comes Home**: The Veteran in American Society. College Station: Texas A&M University Press, 2005.

GILBERT, Martin. **A segunda Guerra Mundial**: os 2.174 dias que mudaram o mundo. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GRAY, J. Glenn. **The warriors**: reflections of men in battle. **EDIÇÃO, CIDADE, ETC.**

GROSSMAN, Dave. **Matar!**: um estudo sobre o ato de matar e o preço cobrado do combatente e da sociedade. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2007.

HABERSKI Jr., Raymond. **God and War**: American civil religion since 1945. New Brunswick, New Jersey e Londres: Rutgers University Press, 2012.

HARARI, Yuval N. **The ultimate experience**: battlefield revelations and the making of modern war culture, 1450-2000. Nova York: Palgrave Macmillan, 2008.

HARRIS, Sheldon H. **Factories of Death**: Japanese Biological Warfare, 1932-1945, and the American Cover-Up. 2. ed. Nova York e Londres: Routledge, 2002.

HASTINGS, Max. **Inferno**: o mundo em guerra 1939-1945. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

HOLLAND, James. **Normandy '44: D-Day and the Battle for France: a new history.** Londres: Bantam Press, 2019. E-book.

HOLMES, Richard. **D-Day Remembered: from the invasion to the liberation of Paris.** Londres: Andre Deutsch Books, 2014.

HUNTEMANN, Nina B.; PAYNE, Matthew T. (ed) **Joystick soldiers: the politics of play in military video games.** Nova York: Routledge, 2010. Ebook.

HUNTINGTON, Samuel. **O Choque das Civilizações e a Recomposição da Nova Ordem Mundial.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

HVAL, Cindy. **War Bonds: Love Stories from the Greatest Generation.** Havertown: Casemate Publishers, 2015.

HYNES, Samuel. **The soldier's tale: bearing witness to modern war.** Nova York: Penguin Books, 1997.

JOHNSON, Chalmers. **As aflições do império.** Rio de Janeiro: Record, 2007.

KARNAL, Leandro et al. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

KEEGAN, John. **A face da batalha.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2000.

_____. **Uma história da guerra.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno.** Bauru: EDUSC, 2001.

LANDSBERG, Alison. **Prosthetic Memory: The transformation of American remembrance in the age of mass culture.** Nova York: Columbia University Press, 2004.

LaPORTE, Nicole. **The men who would be king: an almost epic tale of moguls, movies, and a company called DreamWorks.** Nova York: Houghton Mifflin Harocurt, 2010. Ebook.

LEWIS, Adrian. **The American culture of war: the history of U.S. Military Force from World War II to Operation Iraqi Freedom.** Nova York: Routledge, 2007.

LINENTHAL, Edward T. **Sacred ground: the Americans and their battlefields.** Chicago: University of Illinois Press, 1993.

LOWE, Keith. **Prisoners of History: what monuments to the Second World War tell us about our history and ourselves.** Londres: William Collins, 2020. Ebook.

MASSON, Philippe. **A Segunda Guerra Mundial: história e estratégias.** São Paulo: Contexto, 2010.

McBRIDE, Joseph. **Steven Spielberg**: a biography. 2 ed. Jackson: University Press of Mississippi, 2010.

McMANUS, John. **The Deadly Brotherhood**: The American combat soldier in World War II. Nova York: Ballantine Books, 2003. Ebook.

METTLER, Suzanne. **Soldiers to Citizens**: The G.I. Bill and the Making of the Greatest Generation. Oxford: Oxford University Press, 2007.

MOSSE, George L. **Fallen soldiers**: reshaping the memory of the World Wars. Nova York: Oxford University Press, 1991.

NEITZEL, Sönke; WELZER, Harald. **Soldados**: sobre lutar, matar e morrer. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

NOONAN, Peggy. **What I saw at the revolution**: a political life in the Reagan era. Nova York: Random House, 1990.

NORMA, Caroline. **The Japanese Comfort Women and Sexual Slavery during the China and Pacific Wars**. Londres: Bloomsbury Academic, 2016.

OLIVEIRA, Dennison de. **Para entender a Segunda Guerra Mundial**: síntese histórica. Curitiba: Juruá, 2020.

PAULWELS, Jacques R. **The myth of the good war**: America in the Second World War. 2 ed. Toronto: James Lorimer & Company LTD., 2015.

PECKHAM, Howard H., SNYDER, Shirley A. **Letters from the Greatest Generation**: writing home in WWII. Bloomington: Indiana University Press, 2016.

RAPHAEL, Ray. **Mitos sobre a fundação dos Estados Unidos**: a verdadeira história da independência norte-americana. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

REMARQUE, Erich Maria. **Nada de novo no front**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2004. Ebook.

ROSE, Kenneth D. **Myth and the Greatest Generation**: a social history of Americans in World War II. Nova York: Routledge, 2008.

ROUSSEAU, J. J. **O contrato social**: princípios do direito político. 3 ed. Martins Fontes: São Paulo, 1999.

RUSSEL, James. **Generation X-Box**: how videogames invaded Hollywood. East Sussex: Yellow Ant, 2012.

RYAN, Cornelius. **O mais longo dos dias**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

SANTAYANA, George. **Soliloquies in England and later soliloquies**. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1922. E-book.

SQUIERS, Anthony. **The politics of the sacred in America**: the role of civil religion in political practice. New York: Springer, 2018.

TANAKA, Yuki. **Japan's Comfort Women**: Sexual Slavery and Prostitution during World War II and the US Occupation. Nova York e Londres: Routledge, 2002.

TOOZE, Adam. **O preço da destruição**: construção e ruína da economia alemã. Rio de Janeiro: Record, 2013.

WINTER, Jay. **Remembering War**: The Great War between Memory and History in the twentieth century. New Haven e Londres: Yale University Press, 2006.

YOSHIKI, Yoshimi. **Comfort Women**: Sexual Slavery in the Japanese Military During World War II. 2 ed. Nova York: Columbia University Press, 2002.

Artigos de revistas acadêmicas

BREUER Johannes, FRANK, Ruth e QUANDT, Thorsten. In the army now: narrative elements and realism in military first-person shooters. **DIGRA**, 2011. Disponível em: <<http://www.digra.org/digital-library/publications/in-the-army-now-narrative-elements-and-realism-in-military-first-person-shooters/>>. Acesso em: 01 nov. 2022.

CLARKE, B., ROUFFAER, C., SÉNÉCHAUD, F. Beyond the Call of Duty: why shouldn't video game players face the same dilemmas as real soldiers? **International Review of the Red Cross**, Genebra, v. 94, n. 886, p. 711-737. 2012.

DELANEY, Kate. The Many Meanings of D-Day. **European journal of American studies**, p. 1-9, 7 fev. 2012. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/ejas/9544>>. Acesso em: 9 dez. 2022.

HARLOW, Rachel M. Souvenir Battlefields: how presidents use rhetoric of place to shape the American ethos. **American Communication Journal**, Odessa, v. 18, n. 1, p. 45-62. 2016.

MENESES, U. T. B. de. A História, Cativa da Memória? Para um Mapeamento da Memória no Campo das Ciências Sociais. **Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 34, p. 9-23. dez. 1992.

RAMSAY, Debra. Brutal Games: Call of Duty and the Cultural Narrative of World War II. **Cinema Journal**, Texas, v. 54, n. 2, p. 94-113. dez/fev. 2015, p. 96-97.

Online

AFGuidesHD. Medal of Honor Frontline Gameplay Walkthrough Part 1 - Normandy Landings. **Youtube**, 11 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=G7QwLMH1slk>>. Acesso em: 01 out. 2022.

AMERICAN Battlefield Trust. Civil War Casualties. **American Battlefield Trust**, s.d. Disponível em: <<https://www.battlefields.org/learn/articles/civil-war-casualties>>. Acesso em: 12 nov. 2020.

APPELO, Tim. Bill Clinton on "Schindler's List". **Entertainment Weekly**, 1993. Disponível em: <<https://ew.com/article/1993/12/17/bill-clinton-schindlers-list/>>. Acesso em: 09 jun. 2022.

APPLE JR., R.W. New stirrings of patriotism. **The New York Times Magazine**, 1983. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1983/12/11/magazine/new-stirrings-of-patriotism.html>>. Acesso em: 21 set. 2022.

ASSOCIATED PRESS. Leaders honor D-Day veterans in Normandy. **NBC News**, 2001. Disponível em: <<https://www.nbcnews.com/id/wbna5144550>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

ATLAS of U.S. Presidential Elections. 1984 Presidential General Election Results. **Atlas of U.S. Presidential Elections**, 1984. Disponível em: <<https://uselectionatlas.org/RESULTS/index.html>>. Acesso em: 30 set. 2022.

BEATTY, Sally. HBO's 'Band of Brothers' draws series' smallest audience for finale. **The Wall Street Journal**, 2001. Disponível em: <<https://www.wsj.com/articles/SB1005087812651291880>>. Acesso em: 15 dez. 2022.

BELLAH, Robert N. Civil religion in America. **Robert N. Bellah**. 2013. Disponível em: <http://www.robertbellah.com/articles_5.htm>. Acesso em: 29 jun. 2020.

BETZ, Bradford. President Biden issues end-of-day statement honoring 78th anniversary of D-Day. **Fox News**, 2022. Disponível em: <<https://www.foxnews.com/politics/biden-white-house-anniversary-d-day-normandy>>. Acesso em: 22 set. 2022.

BRODER, John M. 'They Gave Us Our World,' Clinton Says of D-Day GIs: Europe: He speaks at U.S. cemetery in Normandy on 50th anniversary of landings. But veterans are true stars of tableau; he asks them to stand and he applauds them. **Los Angeles Times**, 1994. Disponível em: <<https://www.latimes.com/archives/la-xpm-1994-06-07-mn-3478-story.html>>. Acesso em: 06 dez. 2022.

CBS News. His grandfather's war: David Eisenhower on the general and D-Day. **CBS News**, 2019. Disponível em: <<https://www.cbsnews.com/news/general-dwight-david-eisenhower-and-d-day/>>. Acesso em: 21 set. 2022.

CLINTON, Paul. Enlist TV for 'Band of Brothers'. **CNN**, 2001. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20080321052240/http://archives.cnn.com/2001/SHOWBI Z/TV/09/07/band.brothers/index.html>>. Acesso em: 15 dez. 2022.

C-SPAN. Booknotes. D-Day: June 6, 1944. **C-SPAN**, 1994. Disponível em: <<https://www.c-span.org/video/?57267-1/historian-stephen-ambrose-discusses-d-day-june-6-1944>>. Acesso em: 06 dez. 2022.

DEVROY, Ann. Clinton Honors D-Day Sacrifice. **The Washington Post**, 1994. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/archive/politics/1994/06/07/clinton-honors-d-day-sacrifice/de2aa6cf-0016-4487-b730-fd54203ac05e/>>. Acesso em: 6 dez. 2022.

EBERT, Roger. Empire of the Sun. **RogerEbert.com**, 1987. Disponível em: <<https://www.rogerebert.com/reviews/empire-of-the-sun-1987>>. Acesso em: 22 ago. 2022.

_____. Saving Private Ryan. **RogerEbert.com**, 1998. Disponível em: <<https://www.rogerebert.com/reviews/saving-private-ryan-1998>>. Acesso em: 13 dez. 2022.

ENCICLOPÉDIA do Holocausto. United States Holocaust Memorial Museum. A viagem do “St. Louis”. **Enciclopédia do Holocausto**. Disponível em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/voyage-of-the-st-louis-1>>. Acesso em: 10 out. 2022.

FEUERHEAD, Peter. Jimmy Carter and the Meaning of Malaise. **JSTOR Daily**, 2018. Disponível em: <<https://daily.jstor.org/jimmy-carter-and-the-meaning-of-malaise/>>. Acesso em: 29 set. 2022.

FILMSISNOW Movie Bloopers & Extras. Saving Private Ryan (1998) Behind the scenes of Steven Spielberg WWII Movie. **YouTube**, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=c-M1klmXjql>>. Acesso em: 14 dez. 2022.

FORDHAM, Evie. Biden snubs D-Day’s 77th anniversary, angering veterans. **Fox News**, 2021. Disponível em: <<https://www.foxnews.com/politics/president-biden-d-day-77th-anniversary-veterans-angry>>. Acesso em: 22 set. 2022.

FORSBERG, Myra. Spielberg at 40: the man and the child. **New York Times Books**, 1988. Disponível em: <<https://archive.nytimes.com/www.nytimes.com/books/97/06/15/reviews/spielberg-turns40.html>>. Acesso em: 22 ago. 2022.

FRIENDLY, David T. Academy hist racism accusation. **The Times**, 1986. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20210905111245/https://www.latimes.com/archives/la-xpm-1986-03-27-ca-1097-story.html>>. Acesso em: 09 jun. 2022.

FUSSEL, Paul. Uneasy Company. **Slate**, 2001. Disponível em: <<https://slate.com/culture/2001/09/uneasy-company.html>>. Acesso em: 12 dez. 2022.

GIPSON, Johnell. Tom Hanks says 'Saving Private Ryan' was an 'Uncomfortable movie to make' -- 'It was a very, very tactile experience'. **Cheatsheet**, 2020. Disponível em: <<https://www.cheatsheet.com/entertainment/tom-hanks-says-saving-private-ryan-was-an-uncomfortable-movie-to-make-it-was-a-very-very-tactile-experience.html/>>. Acesso em: 23 ago. 2022.

GLANTZ, David. M. The Soviet-German War 1941-1945: myths and realities: a survey essay. **Tiger Prints**, 2001. Disponível em: <https://tigerprints.clemson.edu/sti_pubs/217/>. Acesso em: 13 dez. 2022.

HINSON, Hal. Empire of the Sun. **Washington Post**, 1987. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/wp-srv/style/longterm/movies/videos/empireofthesunpghinson_a0a8cf.htm>. Acesso em: 22 ago. 2022.

HUNTER, Stephen. Spielberg's War: It's Hell. **The Washington Post**, 1998. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/wp-srv/style/movies/reviews/savingprivateryanhunter.htm>>. Acesso em: 13 dez. 2022.

IGN. Top 25 games of all time: complete list. **IGN**, 2002. Disponível em: <<https://www.ign.com/articles/2002/01/23/top-25-games-of-all-time-complete-list>>. Acesso em: 01 out. 2022.

_____. Top 100 first-person shooters. **IGN**, s.d. Disponível em: <<https://www.ign.com/lists/shooters/20>>. Acesso em: 1 out. 2022.

IGN Staff. WWII G.I. **IGN**, 1999. Disponível em: <<https://www.ign.com/articles/1999/08/10/wwii-gi>>. Acesso em: 15 dez. 2022.

ILSE, Jess. Milestones of a Monarch: The Queen marks the 50th anniversary of D-Day. **Royal Central**, 2022. Disponível em: <<https://royalcentral.co.uk/uk/milestones-of-a-monarch-the-queen-marks-the-50th-anniversary-of-d-day-174187/>>. Acesso em: 8 dez. 2022.

IMDB. The Longest Day. **IMDB**, s.d. Disponível em: <<https://www.imdb.com/title/tt0056197/>>. Acesso em: 26 nov. 2022.

JAMES, Caryn. TV Weekend; an intricate tapestry of a heroic age. **The New York Times**, 2001. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2001/09/07/movies/tv-weekend-an-intricate-tapestry-of-a-heroic-age.html>>. Acesso em: 15 dez. 2022.

JEFFERSON, Thomas. Thomas Jefferson to James Monroe, 19 June 1813. **Founders Online**. Disponível em: <<https://founders.archives.gov/documents/Jefferson/03-06-02-0188>>. Acesso em: 3 jul. 2018.

KAPLAN, Fred. Apocalypse averted: the world came much closer to a nuclear war than we realized in 1983. **Slate**, 2021. Disponível em: <<https://slate.com/news-and-politics/2021/02/able-archer-nuclear-war-reagan.html>>. Acesso em: 21 set. 2022.

LABRECQUE, Jeff. D-Day: Saving Private Ryan sent me overseas. What film's done the same for you? **Entertainment Weekly**, 2011. Disponível em: <<https://ew.com/article/2011/06/06/saving-private-ryan-dday/>>. Acesso em: 8 dez. 2022.

LEE, Eloise. Here's The Chilling Letter General Eisenhower Drafted In Case The Nazis Won On D-Day. **Insider**, 2012. Disponível em: <<https://www.businessinsider.com/d-day-in-case-of-failure-letter-by-general-eisenhower-2012-6>>. Acesso em: 20 out. 2022.

LIBRARY of Congress. Today in History: May 30. **Library of Congress**, s.d. Disponível em: <<https://www.loc.gov/item/today-in-history/may-30/>>. Acesso em: 20 out. 2022.

LIU, Eric. The Message of D-Day. **The Atlantic**, 2014. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/politics/archive/2014/06/d-dayforever/371993/>>. Acesso em: 6 dez. 2022.

LYMAN, Rick. Fewer soldiers march on screen; after attacks, filmmakers weigh wisdom of military stories. **The New York Times**, 2001. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2001/10/16/movies/fewer-soldiers-march-onscreen-after-attacks-filmmakers-weigh-wisdom-military.html>>. Acesso em: 15 dez. 2022.

LYNCH, Angela. D-Day through the decades: 1954 commemoration. **The National D-Day Memorial**, 2014. Disponível em: <<https://www.dday.org/2014/01/14/d-day-through-the-decades-1954-commemoration/>>. Acesso em: 20 out. 2022.

MACLEOD, Alan. Call of Duty is a government psyop: these documents prove it. **Mint Press News**, 2022. Disponível em: <<https://www.mintpressnews.com/call-of-duty-is-a-government-psyop-these-documents-prove-it/282781/>>. Acesso em: 14 dez. 2022.

MARANISS, David. Clinton's life shaped by early turmoil. **The Washington Post**, 1992. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/archive/politics/1992/01/26/clintons-life-shaped-by-early-turmoil/a013a130-f462-4266-824d-2de0e9dbf7cb/>>. Acesso em: 9 dez. 2022.

MASLIN, Janet. Panoramic and personal visions of war's anguish. **The New York Times**, 1998. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1998/07/24/movies/film-review-panoramic-and-personal-visions-of-war-s-anguish.html>>. Acesso em: 13 dez. 2022.

NATIONAL D-Day Memorial. D-Day through the decades: 1974 commemoration. **The National D-Day Memorial**, 2014. Disponível em: <<https://www.dday.org/2014/01/14/d-day-through-the-decades-1954-commemoration/>>. Acesso em: 20 out. 2022.

NATIONAL Endowment for the Humanities. National Humanities Medal. **National Endowment for the Humanities**, 2020. Disponível em: <<https://www.neh.gov/taxonomy/term/246?page=0>>. Acesso em: 13 dez. 2022.

NAYMAN, Adam. '1917' and the Trouble with War Movies. **The Ringer**, 2020. Disponível em: <<https://www.theringer.com/movies/2020/1/29/21112768/war-movies-1917-dunkirk-saving-private-ryan-apocalypse-now>>. Acesso em: 14 dez. 2022.

NELAN, Bruce W. Ike's Invasion. **Time**, 1994. Disponível em: <<https://content.time.com/time/subscriber/article/0,33009,980837-1,00.html>>. Acesso em: 8 dez. 2022.

NEUMAN, Johanna. Former President Reagan Dies at 93. **Los Angeles Times**, 2004. Disponível em:

<<https://web.archive.org/web/20131027024205/https://latimes.com/news/obituaries/la-reagan,0,2289200.story>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

NOLA. A war story: The history of the National World War II Museum in New Orleans. **Nola**, 2019. Disponível em: <https://www.nola.com/300/article_8dadb6df-bcfe-56ce-ba8f-ff92c0551a8a.html>. Acesso em: 9 dez. 2022.

PHELPS, Jordyn. With Normandy visit, Trump continues presidential pilgrimage begun by Reagan. **ABC News**, 2019. Disponível em: <<https://abcnews.go.com/Politics/normandy-visit-trump-continues-presidential-pilgrimage-begun-reagan/story?id=63323590>>. Acesso em: 22 set. 2022.

PRUITT, Sarah. 8 Most Contentious US Presidential Elections. **History**, 2020. Disponível em: <<https://www.history.com/news/most-contentious-u-s-presidential-elections>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

ROGERS, Kyle. D-Day 75th Anniversary – The Bedford Boys. **The Uncommon Wealth**, 2019. Disponível em: <<https://uncommonwealth.virginiamemory.com/blog/2019/06/05/d-day-75th-anniversary-the-bedford-boys/>>. Acesso em: 20 out. 2022.

RONALD Reagan Presidential Library & Museum. Public Papers of Ronald Reagan, June 1983. **Ronald Reagan Presidential Library & Museum**. Disponível em: <<https://www.reaganlibrary.gov/archives/speech/public-papers-ronald-reagan-june-1983>>. Acesso em: 21 set. 2022.

SANGER, David E. Bush honors D-Day troops at dedication of memorial. **The New York Times**, 2001. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2001/06/07/us/bush-honors-d-day-troops-at-dedication-of-memorial.html>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

SANTAYANA, George. **Soliloquies in England and later soliloquies**. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1922. E-book.

SARRIS, Andrew. Who is Spielberg to claim his is the real war? **Observer**, 1998. Disponível em: <<https://observer.com/1998/07/who-is-spielberg-to-claim-his-is-the-real-war/>>. Acesso em: 13 dez. 2022.

SCHMICH, Mary. Spielberg movie helps us save part of ourselves. **Chicago Tribune**, 1998. Disponível em: <<https://www.chicagotribune.com/news/ct-xpm-1998-08-02-9808020188-story.html>>. Acesso em: 08 dez. 2022.

SMITH, Aaron. New Mexico city finds buried treasure of Atari games. **CNN Business**, 2015. Disponível em: <<https://money.cnn.com/2015/09/01/technology/atari-et/index.html/>>. Acesso em: 15 jun. 2022.

SPIELBERG, Steven. Steven Spielberg Wins Best Directing: 1994 Oscars. **YouTube**, 2008. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7bRNEZVNVSS>>. Acesso em: 09 jun. 2022.

STONE, Andrea. 'These men saved the world': Veterans cry for dead and themselves. **USA Today**, 1994. Disponível em: <<https://www.usatoday.com/story/news/nation/2022/09/07/d-day-50th-anniversary-veterans/7939418001/?gnt-cfr=1>>. Acesso em: 8 dez. 2022.

TAYLOR, Drew. The Disney Renaissance Didn't Happen Because of Jeffrey Katzenberg; It Happened In Spite of Him. **Collider**, 2020. Disponível em: <<https://collider.com/jeffrey-katzenberg-disney-renaissance-impact-influence-explained/>>. Acesso em: 20 ago. 2022.

THE AMERICAN Presidency Project. 1980. **The American Presidency Project**. Disponível em: <<https://www.presidency.ucsb.edu/statistics/elections/1980>>. Acesso em: 22 set. 2022.

THE NEW YORK Times Magazine. Eisenhower recalls the ordeal of D-Day assault 20 years ago. **The New York Times Magazine**, 1964. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1964/06/06/archives/eisenhower-recalls-the-ordeal-of-dday-assault-20-years-ago.html>>. Acesso em: 21 set. 2022.

THOMAS, William. Saving Private Ryan review. **Empire**, 2000. Disponível em: <<https://www.empireonline.com/movies/reviews/saving-private-ryan-review/>>. Acesso em: 13 dez. 2022.

TIME. Cinema: Operation Overblown. **Time**, 1962. Disponível em: <<https://content.time.com/time/subscriber/article/0,33009,827910-1,00.html>>. Acesso em: 26 nov. 2022.

TOPEL, Fred. Tom Hanks once said the 'Saving Private Ryan' cast would sleep in the grass between takes. **Cheat Sheet**, 2021. Disponível em: <<https://www.cheatsheet.com/entertainment/tom-hanks-saving-private-ryan-cast-sleep-in-the-grass.html/>>. Acesso em: 23 ago. 2022.

U.S. DEPARTMENT OF DEFENSE. Description of Medals. **U.S. Department of Defense**, s.d. Disponível em: <<https://valor.defense.gov/description-of-awards/>>. Acesso em: 01 out. 2022.

VETERANS of Foreign Wars. About Us. **Veterans of Foreign Wars**. Disponível em: <<https://vfw.org/about-us>>. Acesso em: 22 set. 2022.

VOGEL, Steve. 'You have raised a fitting memorial'. **The Washington Post**, 2001. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/archive/politics/2001/06/07/you-have-raised-a-fitting-memorial/3771f751-a3fe-4979-912a-449e9eb17f45/>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

WEI, Tian; YANI, Yang. Interview with Thomas Keneally, author of 'Schindler's Ark'. **CGTN**, 2017. Disponível em: <<https://news.cgtn.com/news/3d497a4e3541444e/index.html>>. Acesso em: 09 jun. 2022.

WEINRAUB, Bernard. Film: Steven Spielberg Faces the Holocaust. **The New York Times**, 1993. Disponível em:

<<https://archive.nytimes.com/www.nytimes.com/books/97/06/15/reviews/spielberg-holocaust.html>>. Acesso em: 09 jun 2022.

WORTMAN, Marc. Romanticizing D-Day ignores thousands of civilian deaths. **Daily Beast**, 2019. Disponível em: <<https://www.thedailybeast.com/romanticizing-d-day-ignores-thousands-of-civilian-deaths>>. Acesso em: 12 dez. 2022.

Imagens

CALL of Duty. Los Angeles, Estados Unidos. **Infinity Ward**, 2003. 1 jogo eletrônico.

CALL of Duty 2. Santa Mônica, Estados Unidos. **Activision**, 2005. 1 jogo eletrônico.

CALL of Duty: WW2. Santa Mônica, Estados Unidos. **Activision**, 2017. 1 jogo eletrônico.

COLERMAN, Taylor. National D-Day Memorial to hold 3 days of commemoration for 77th anniversary. **ABC13 News**, 2021. Disponível em: <<https://wset.com/news/local/national-d-day-memorial-to-hold-3-days-of-commemoration-for-77th-anniversary>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

EISENHOWER, Dwight D. Order of the Day. **Supreme Headquarters of the Allied Expeditionary Force**, 1944. Disponível em: <<https://www.archives.gov/milestone-documents/general-eisenhowers-order-of-the-day#:~:text=I%20have%20full%20confidence%20in,this%20great%20and%20noble%20undertaking>>. Acesso em: 20 out. 2022.

GALANTE, Alexandre. US Navy nomeia porta-aviões em homenagem a Doris Miller, herói da Segunda Guerra Mundial. **Poder Naval**, 2020. Disponível em: <<https://www.naval.com.br/blog/2020/01/21/us-navy-nomeia-porta-avioes-em-homenagem-a-doris-miller-heroi-da-segunda-guerra-mundial/>>. Acesso em: 13 out. 2022.

LEE, Eloise. Here's The Chilling Letter General Eisenhower Drafted In Case The Nazis Won On D-Day. **Insider**, 2012. Disponível em: <<https://www.businessinsider.com/d-day-in-case-of-failure-letter-by-general-eisenhower-2012-6>>. Acesso em: 23 set. 2022.

LIBRARY of Congress. General Dwight D. Eisenhower gives the order of the day, “Full victory--nothing else” to paratroopers somewhere in England, just before they board their airplanes to participate in the first assault in the invasion of the continent of Europe. **Library of Congress**, 1944. Disponível em: <<https://www.loc.gov/resource/cph.3a26521/>>. Acesso em: 20 out. 2022.

PHOTOS.COM. Walter Cronkite and Dwight D. Eisenhower. **Photos.com**, s.d. Disponível em: <<https://photos.com/featured/walter-cronkite-and-dwight-eisenhower-bettmann.html>>. Acesso em: 20 out. 2022.

RARE historical Photos. When New Yorkers heard about the D-Day invasion, 1944. **Rare historical fotos.** s.d. Disponível em: <<https://rarehistoricalphotos.com/new-york-city-d-day-pictures/>>. Acesso em: 20 out. 2022.

ROGERS, Kyle. D-Day 75th Anniversary – The Bedford Boys. **The Uncommon Wealth,** 2019. Disponível em: <<https://uncommonwealth.virginiamemory.com/blog/2019/06/05/d-day-75th-anniversary-the-bedford-boys/>>. Acesso em: 20 out. 2022.

STERN, Scott W. America's Forgotten Mass Imprisonment of Women Believed to Be Sexually Immoral. **History,** 2019. Disponível em: <<https://www.history.com/news/chamberlain-kahn-act-std-venereal-disease-imprisonment-women>>. Acesso em: 13 out. 2022.

WALTERS, Michael. These Photos Capture the Poignancy of Past D-Day Commemorations. **Smithsonian Maganize,** 2019. Disponível em: <<https://www.smithsonianmag.com/history/d-day-anniversary-commemorations-over-time-180972348/>>. Acesso em: 20 out. 2022.